

MOCIDADE E EXILIO

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

Sob a direcção de
Fernando de Azevedo

SERIE V
BRASILEIANA



VOLUMES
PUBLICADOS :

- I — Baptista Pereira: FIGURAS DO IMPERIO E OUTROS ENSAIOS (2.ª edição).
- II — Pandiá Calogeras: O MARQUEZ DE BARBACENA (na prelo e 2.ª edição).
- III — Alcides Gentil: AS IDEIAS DE ALBERTO TORRES (avulso com indice remissivo).
- IV — Oliveira Vianna: RACA E ASSIMILAÇÃO (2.ª edição) — augmentada.
- V — Augusto de Saint-Hilaire: SEGUNDA VIAGEM DO RIO DE JANEIRO a MINAS GERAES e a S. PAULO (1822) — Traducção e prefacio de Affonso de E. Taunay.
- VI — Baptista Pereira: VULTOS E EPISODIOS DO BRASIL.
- VII — Baptista Pereira: DIRECTRIZES DE ROY HARRISSA (Segundo texto actualizado).
- VIII — Oliveira Vianna: POPULAÇÕES MERIDIONALES DO BRASIL (3.ª edição).
- IX — Nina Rodrigues: OS AFRICANOS NO BRASIL (Revisão e prefacio de Homero Figue) Profusamente illustrado.
- X — Oliveira Vianna: EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO (2.ª edição illustrada).
- XI — Luis da Cunha Casco: O CONDE D'EU (edição illustrada).
- XII — Woudeloy Pinho: CARTAS DO IMPERADOR PEDRO II AO BARÃO DE COEGLIFE (vol. illustrado).
- XIII — Virante Lelito Caldas: A' MARGEM DA HISTORIA DO BRASIL.
- XIV — Pedro Calmon: HISTORIA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA.
- XV — Pandiá Calogeras: DA REGENCIA A' QUEDA DE ROZAS (3.º volume da serie: Relações Exteriores do Brazil).
- XVI — Affonso Torres: O PROBLEMA NACIONAL BRASILEIRO.
- XVII — Affonso Torres: ORGANIZAÇÃO NACIONAL.
- XVIII — Visconde de Taunay: PEDRO II.
- XIX — Affonso de E. Taunay: VISITANTES DO BRASIL COLONIAL — (Series XVI XVIII).
- XX — Alberto de Faria: MAUA (com tres illustrações fin do livro).
- XXI — Baptista Pereira: PELO BRASIL MAIOR.
- XXII — E. Boquette-Pinto: ENSAIOS DE ANTIPODIA LOGIA BRASILEIANA.
- XXIII — Evrasto de Moraes: A ESCRAVIDÃO AFRICANA NO BRASIL.
- XXIV — Pandiá Calogeras: PROBLEMAS DE ADMINISTRAÇÃO.
- XXV — Mario Marquetti: A LINGUA DO NORDESTE.
- XXVI — Alberto Hugel: RUMOS E PERSPECTIVAS (2.ª ed. vol).
- XXVII — Affonso de E. Taunay: POPULAÇÕES PAULISTAS.
- XXVIII — Gel. Courto de Miguilhões: VIAGEM AO ARACUAYA (1.ª edição).
- XXIX — José de Castro: O PROBLEMA DA ALIMENTAÇÃO NO BRASIL.
- XXX — Cap. Frederic ou A. Roodon: PELO BRASIL CENTRAL (edição illustrada).
- XXXI — Accedido Amoral: O BRASIL NA CRISE ACTUAL.
- XXXII — C. de Mello Leão: VISITANTES DO PRIMEIRO IMPERIO (Ed. illust. com 19 grav.).
- XXXIII — Saugasso Ferraz: METERE LOGIA BRASILEIRA.
- XXXIV — Accedido Amoral: INTRODUCCÃO (ARCHEOLOGIA BRASILEIRA) (Folheto illustrado).
- XXXV — A. J. de Saugasso: PHYTOGEOGRAPHIA DO BRASIL (Ed. illustrada).
- XXXVI — Affonso de E. Taunay: O BANDERISMO PAULISTA OU O BLOCÓ DO MERIDIANO (2.ª ed.).
- XXXVII — J. F. de Almeida Prado: PRIMEIROS PIONEIROS DO BRASIL (Edição illustrada).

RUY BARBOSA

Mocidade e Exílio

CARTAS

ao Conselheiro Alvaro José Barbosa de Oliveira
e ao Dr. Antônio D'Ávila Ferreira Jacobina

ANOTADAS E PREFACIADAS POR
AMÉRICO JACOBINA LACOMBE



1934

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
Rua dos Gusmões, 21 A-30 - São Paulo

INDICE

Prefácio	7
Introdução	9
Os Barbosas de Oliveira na Baía	20
O Cons ^o . Albino José Barbosa de Oliveira	28
João Barbosa e o Cons ^o . Albino — O Dr. Jacobina	36
Formatura de Ruy — Morte de João Barbosa	50
Início da carreira	75
Primeiras vitórias	89
1881	108
1882	127
1883 - 1889	141
A República	151
A Revolução da Armada	157
Buenos Aires	177
O Exílio	205
Cartas de Inglaterra (1894)	231
Cartas de Inglaterra (1895)	281

PREFÁCIO

Este livro é uma simples coletânea de cartas de Ruy Barbosa aos primos Albino José Barbosa de Oliveira e Antônio d'Araujo Ferreira Jacobina. Juntaram-se, também, algumas cartas de seu pai, João Barbosa, de grande interêsse para o estudo de sua formação. Visa sómente contribuir com documentos, que nos parecem uteis, para o estudo da figura de Ruy.

A nossa literatura não é rica no gênero epistolar. São raras entre nós as obras nos moldes das "Memoirs" e as "Life and Letters" tão pesadas quanto uteis dos homens públicos ingleses. Dir-se-ia termos horror a guardar papéis velhos. São raros os homens que deixaram um arquivo apreciavel. Depois falta-nos o amor ao trabalho de pesquisa; de tal sorte uma publicação nesse gênero a não ser de vulto muito alto, está destinada certamente a não ter bom êxito de livraria, salvo se contiver outro interêsse além da simples documentação. Correspondência de figuras de nossa história, publicada sem comentários, não conhecemos nenhuma.

No caso de Ruy Barbosa, essa publicação tem importancia primacial. Sem o conhecimento intimo do seu caráter e de sua sensibilidade não se poderá compreen-

der exatamente e sua atuação e encontrar a unidade subjetiva da sua obra, pois é sem dúvida "no seu espírito eminentemente combativo, nesse demônio da advocacia, taxado de deturpador dos trabalhos jurídicos e políticos, que reside o traço característico de seu caráter e dá a toda a sua obra o ritmo de epopéia" (1).

Na inquebrantável lealdade aos ideais do direito e de justiça, pelos quais vibrava como um místico medieval, está a chave das oscilações da sua ideologia. Se esta algumas vezes não se manteve em absoluta coerência, a sua fé nunca falhou; e dos bancos acadêmicos às derradeiras manifestações políticas, forma uma trajetória luminosa.

É este o traço dominante nesta correspondência, escrita "à pureza" aos parentes íntimos — lealdade absoluta e sincera convicção dos princípios.

(1) "Mocidade Heróica de Ruy Barbosa" Rev. de Estudos Jurídicos, 1931, v. II.

INTRODUÇÃO

Cresci e formei-me num ambiente embebido de admiração pela figura de Ruy. Ligado a êle pelos laços do sangue e da mais profunda e sólida amizade, minha família ensinou-me a ver nêle uma figura sublime e foi-me dito que o ter-lhe gozado a intimidade, brincando ao seu côlo, e com êle discutido os contos do *João Felpudo* seria para mim uma das maiores honras que poderia atingir na vida. Ouvia embevecido dos labios da minha avó, as narrativas que empolgavam, da mocidade combativa e heroica do "primo Ruy"; meu pai me narrava os dias tenebrosos da perseguição floriantista em que êle proprio fôra perseguido e em que meu tio penara muitos meses de detenção por solidariedade ao parente no ostracismo; e lia com meus olhos de criança, na imprensa que começava a conhecer, e assistia nas ruas e na aclamação das multidões, a glorificação em vida desse homem que eu conhecia de perto e que me parecia ter atingido ao máximo a que pôde aspirar um homem público. Nenhuma verdade me parecia mais estabelecida que a supremacia de Ruy no ambiente brasileiro.

Quando ouvi a primeira flexada, partida de um extranho em quem eu julgava invulneravel, estremei como um cremita que ouvisse uma blasfêmia. E ati-

rei-me ao estudo de um problema que eu não supu-
sêra nem mesmo existir, e que me apaixonou como
poucos o fizeram.

Não creio ter traído ao espírito quando após repu-
diar sinceramente ao liberalismo, recompuz lentamen-
te a admiração da minha infância. Ela está agora apoi-
ada nos fundamentos que tentarei resumir e aqueci-
da por um sentimento que se retemperou com o achado
dos documentos que se seguem, encontrados esparsos
no arquivo de minha família que felizmente foi pre-
servado quasi intacto, por quatro gerações.

Ruy Barbosa representou no Brasil o apogeu da
mentalidade liberal. E quando o liberalismo começou
a ceder no embate de idéas em que está destinado a
perecer, não faltou quem predissesse o declínio de seu
prestígio do nosso céu intellectual.

Na verdade, entretanto seu nome está cercado de
um halo de natureza diversa dos que costumam envol-
ver a glória dos doutrinadores. Os funerais da doutrina
parece nada terem para ver com a imortalidade do após-
tolo. Ha qualquer coisa na sua obra acima da sua épo-
ca e de seu partido; que orientou a sua intelligência e
que a fez — envolvida na atmosphéra respirada nas
academias e absorvidas em sua primeiras leituras — tocar
os pontos mais sensiveis da nossa alma.

Por isso, os estudos ruísticos continuam em ordem
do dia e nada faz prever a diminuição. Antes o interêsse
por êles se aviva, em surpreendente contraste com tudo
quanto se afirma do malogro da sua obra.

Do acervo descontínuo de sua imensa produção já se tem dito que encerra todas as opiniões concebíveis, permitindo a qualquer pesquisador paciente encontrar o trecho favorável ou infenso á idéa para expôr. A accusação é inepta. Contra ela brada uma realidade viva e ainda próxima, de nós que é a história da república. Ruy encarnou entre nós de maneira tão forte quanto brilhante, o liberalismo democrático no seu sentido mais lato. Todas as variantes, ás quais nenhuma politico escapou, passaram-se dentro desse quadro. O *crêdo* politico, como base doutrinária, a constituição de 24 de Fevereiro e as plataformas politicas como programas de ação, são traçados com o mesmo compasso. Ruy recuou, aqui e ali, de excessos de mocidade; avançou mais ádiante, com a experiência da idade; mas permaneceu fiel em toda a jornada aos sagrados princípios em que vasou os primeiros discursos politicos. Mostrou-se indiferente ás formas de govêrno, na carta ao Conde de Afonso Celso. Mas as fórmãs eram de importancia secundária para a maior parte dos doutrinadores de sua escola. Renunciou ao maçonismo do "Papa e o Concílio" — mas a sua discutida conversão religiosa processou-se dentro do mais ortodoxo liberalismo, e para admitir o ensino religioso e defender a embaixada no Vaticano, jamais abjurou dos mestres da democracia, antes, pelo contrário, argumentou com o exemplo dos Estados Unidos. O fato de ter mostrado simpatias pelo parlamentarismo após ter sido o implantador de presidencialismo, não me parece ter a significação que se

pretende dar; ainda nesta discussão estamos no terreno das fórmulas, e os defensores dos dois sistemas competem na realização do mesmo ideal supremo.

É certo não haver rompido o círculo em que a cultura de sua geração o encerrou. Mas essa formação não lhe embaçou o senso político e não lhe impediu de dar-dejar ás futuras gerações, lições destinadas a permanecerem no arsenal político do Brasil.

O abandono de sua doutrina pela nova geração, não corresponde, pois, á cessação de seu magistério. Qualquer que tenha sido a sua escola, ha em sua obra páginas imorredouras sobre o carater nacional, partidas de uma intelligência honesta.

O anti-ruismo, que de vez em quando costuma aparecer em nosso meio, seria pois um movimento ridículo se não fôra principalmente injustiça. Odia-lo, porque, numa geração que se deixou levar delirante pelos ideais democráticos, brilhou com extraordinário fulgor, é uma inconsequência. No momento em que sua figura enchia o cenário nacional, poucos se lembraram de ataca-lo em nome da revisão de princípios já em elaboração do velho mundo. Os antirruistas eram na maioria, literatos ávidos de chamar a atenção pública para a sua attitude excêntrica.

Causa espanto nos estudiosos atuais, que uma obra tão acimada de vasia e artificial, tenha abalado tão fundamentalmente o ambiente nacional, deixando um éco, cujos rebôos ainda percebemos. Nesse fato, julgado com tanta superficialidade esconde-se um dos fenômenos

mais interessantes de nossa psicologia e merecedor de acurado estudo.

Herdámos do velho Portugal, e mantivemos em toda a nossa evolução política um forte e profundo respeito pela justiça. A pécha que frequentemente nos atiram de sermos um povo de bacharéis, é a constatação incompleta de uma verdade digna de ser mais claramente evidenciada. Somos o povo do "não póde". Como este sentimento transparece na nossa história é um capítulo ainda não escrito.

Descendemos de uma nação em que a preocupação do direito sempre emparelhou com a bravura e a lealdade. Portugal é o primeiro povo da Europa cujas leis foram codificadas. Em todos os grandes movimentos da sua história, nunca faltou a figura do jurista, a projetar no campo das leis, o espírito que vencia no das armas.

O trono dos Avizes estabeleceu-se apoiado na espada do Santo Condestabre e nas leis do Mestre João das Regras. A invasão dos Felipes e a restauração bragantina não se passam unicamente no meio do alaridõ dos combates. Processam-se tambem nos autos de um infindavel pleito judiciário. Sentindo-se "carregado de anos e de muitas enfermidades", determinou o velho Cardeal-Rei, decidir em sua vida a quem pertencia a sucessão (1). Para esse fim fez citar a todos os des-

(1) Velasco de Gouvêa — "Justa Acclamação do Serenissimo Rey de Portugal Dom João o IV". — Lisboa - 1846.

cedentes d'el Rei D. Manuel. Introduzida assim a causa judicialmente, veio o Rei a falecer antes de haverem decidido os magistrados a quem caberia o reino. Felipe II, já de posse da corôa pela violência, teve especial cuidado em obter dos governadores deixados pelo antecessor, a terminação da causa em seu favor. A restauração nacionalista empenha-se em obter das tropas a reconquista do território, e ao mesmo tempo consegue dos juristas a revisão do processo justificativo da usurpação. A vitória do liberalismo de D. Pedro IV, é antes de tudo a vitória de um pensamento jurídico. O cerco do Porto decidiu não só da sucessão da corôa, como fez vingar a legislação de Mousinho da Silveira.

A história do Brasil não desafina neste ponto da portuguesa. Por uma ironia do destino, um bacharel habitava a nossa terra antes da descoberta. No início da colônia, recebemos juntamente com os donatários, as primeiras leis escritas regulando-lhes as atribuições, — os forais das capitanias. Por êles estavam os capitães môres incumbidos de provêr á justiça de primeira instância em suas terras, designando magistrados e ser-ventuários. O fracasso administrativo do sistema obriga a côrte a mudar de rumo. Vem o governador Geral. Estava findo o curtíssimo período da justiça privada no Brasil. A secular luta do Estado, no afan de integrar em seu mecanismo a justiça, fragmentada pelos senhorios, se resume no Brasil, numa viagem do Ouvidor Pero Borges em 1549. Percorreu êle todas as capitanias em correição. Pelos próprios termos do rela-

tório do Ouvidor, vê-se que em todas as capitanias já se esboçava um aparelho judiciário. O seu trabalho foi principalmente o de simplifica-lo porque "pela propria experiência sabia como as demandas eram em tanto maior número quantos mais juizes e escrivães havia" (1).

É interessante contrapor esse fato á observação de Fiske, analisando o governo de algumas colônias da nova Inglaterra já em meados de século XVII (2). Os colonos ingleses, com o alto senso de justiça dos anglo-saxões, não dispunham de aparelhamento judiciário conveniente. De modo que a idéa do govêrno e de justiça não se ligaram intimamente como logo de início se deu no Brasil. Toda a autoridade se concentrava em um único sheriff para toda a colônia, diz aquêle autor. O braço da justiça difficilmente alcançava os criminosos das montanhas. Para punir um ladrão de cavalos; ou perseguir um devedor, era preciso ás vezes percorrer distâncias de centenas de léguas, arriscando-se a todos os perigos de um paiz selvagem. De tal modo, para manter a ordem, os colonos viam-se forçados a organizar por si mesmos a policia e a justiça applicando a pena de morte. Constituiram-se grupos armados, com o nome de *regulators* (semelhantes aos *comités de vigilancia*, surgidos na Califórnia no

(1) Varnhagen — "Hist. do Brasil", 3.^a ed. pg. 311.

(2) "Civil Government in the United States", pg. 72.
Cambridge - 1891.

sec. XIX), que applicavam sumariamente a pena de enforcamento aos ladrões e assassinos.

Ao lado do bacharel, o Brasil do primeiro século só conheceu o padre como representante da cultura européa. Dêle também aprendeu a preocupação dos textos e das prescrições. Ficou-nos para sempre um respeito profundo pela fórmula, pelo processo, pelo aspeto exterior da justiça.

E' preciso ler as representações dos póvos ao Rei para comprehender como se aclimatou facilmente em nosso sólo o espirito judiciário lusitano. As intermináveis demandas perante o soberano sobre a escravidão do gentio, sobre o monopólio das companhias, estão recheiadas de expressões jurídicas. Apêla-se para o rei como o supremo juiz das causas de seus súditos. Já se pensou o que significava o funcionamento afinal regular da magistratura colonial, num ambiente ténue e bárbaro como era o da nossa terra? Haverá um paralelo para o fato espantoso dos bandeirantes, em plena selva americana, e no calor dos combates abrirem inventários e lavrarem testamentos com as formas tabeliões prescritas nas ordenações?

Terá havido escola de argumentação jurídica e de direito mais brilhante e famosa que o púlpito de Vieira?

Os primeiros passos da nação independente provam como ella assimilou e conservou o rumo destas lições. A primeira constituinte (longe estou de querer

defende-la) causa pasmo a quem lê seus anais. Aquela centena de homens discutia gravemente os problemas constitucionais, perante um publico atento e uma imprensa bulhenta, numa terra onde não havia um único instituto de ensino superior a não ser dois cursos médico-cirúrgicos. Os bachareis de Coimbra, falavam mais claro, mas o extraordinario era haver éco para seus discursos e discussão acerca dos seus argumentos.

A magistratura imperial, com falta de pessoal habilitado, mal remunerada e sem garantias, inexistentes na constituição de 25 de Março, parece destinada a desagregar-se. No entanto, a figura do magistrado da monarquia passa para as paginas da historia, como digna e respeitavel. A tradição e o respeito atávico pelas funções da justiça, deram-lhe a segurança que a lei não oferecia.

A confiança no recurso á autoridade superior revela-se em pequenas expressões populares. Oliveira Viana ouviu em pleno Estado do Rio no século XX, um popular, depois de um conflito entre facções locais, exclamar confiante que havia de "apelar para a Baía". É a antiga confiança na séde do govêrno e da justiça. Vale a expressão nossa, a germânica: "ainda ha juizes em Berlim". A nossa linguagem familiar está cheia de expressões forenses e tabeliôas. A rabulice e o malsinado "espírito bacharelesco" são caricaturas desse nosso profundo sentimento formal e um pouco técnico da justiça.

Apelando para esses recônditos de nossa formação, dando á justiça a primazia de suas preocupações, Ruy mostrava-se mais realista que muitos dos que hoje o acusam de ôco e artificial. Tocava em ponto sensível e o povo correspondia ao apêlo com entusiasmo até hoje não repetido.

Ponha-se ao lado disso, esse acontecimento incrível em nossa terra — que fiel aos seus princípios, jamais deixou de agir quando se apelou para a sua atuação; jamais recuou deante de qualquer perigo desde que estivesse em jogo o que êle reputava dogma do govêrno das nações; que traçou o sua vida rigorosamente orientado pelos princípios que a sua inteligência adotára; que pôs ao serviço de suas convicções o mais espantoso poder verbal visto sob os trópicos desde Vieira; e não se poderá, em bôa fé, deixar de ver nêle um dos mais puros e autênticos valores nacionais, ao qual se deve um interêsse e um estudo profundos.

Assim orientado, venho trazer minha contribuição para o estudo de Ruy Barbosa. O leitor ha de perdoar o tempo que lhe vou tomar antes de apresentar-lhe os documentos. Parecem-me essenciaes certas observações sem as quais não se poderá apreender toda a força de suas expressões. E' preciso explicar o gráo das relações entre os correspondentes e os fatos, ás vezes íntimos, a que êles se referem. Para isso é preciso retroceder além da época em que a correspondência se inicia e conhecer a origem da família e sua história até

os protagonistas. Não é tarefa muito difícil. O conselheiro Albino José Barbosa de Oliveira, cujo vulto estudaremos abaixo, altamente imbuido do espírito de família, preocupou-se em deixar aos filhos, longamente narrada, a história de sua prosápia no Brasil. E' seguindo-lhe as "Memórias", que procuraremos reconstituir a história dos *Barbosas* na Baía.

OS BARBOSAS DE OLIVEIRA NA BAÍA

O Sargento-Mór de Ordenanças Antônio Barbosa de Oliveira, natural do Pôrto, arribou no sec. XVII à Baía e foi o tronco da família no Brasil. Era êle filho do Capitão de Mar e Guerra João Barbosa de Oliveira e sua mulher D. Maria de Oliveira, descendente de antiga e nobre família com serviços prestados ao Rei, principalmente no mar. De fato, da velha quinta dos *Barbosas*, de onde tomou a família o nome, saíram varios navegadores illustres (1) e na primeira viagem de circumnavegação, um Duarte Barbosa comandou uma das náus (2). As armas da família ("em campo de prata sua banda azul, carregada de tres crescentes de ouro, entre dois leões em góles batalhantes") é a consagração de um feito heroico de um Barbosa, que, sósinho, submeteu em combate tres galéras mouras.

Dos motivos que fizeram o filho do Capitão de Mar e Guerra passar ao novo mundo, nada se sabe.

(1) Visconde de Sanches de Borna -- Arquivo Heraldico-Genealógico, 1872.

(2) G. de Reparaz -- La Era de los descubrimientos, pg. 191 - 1931.

Mas o certo, diz o Conselheiro Albino, cujas "Memórias" vamos acompanhando, é que desceu em terra "já com sua casaca" e trouxe boas cartas de recomendação. Casou-se com D. Ana Maria, filha de Manuel de Souza e Castro "pessoa estabelecida e bem conceituada na Baía". Realmente desse illustre personagem descendem figuras notáveis na história da Baía, como Madre Joana Angélica, abadesa da Lapa, mártir da Independência na Baía em 1822, e Dom Rodrigo de São José, monge beneditino, abade do Rio de Janeiro.

Era homem abastado esse sr. Antônio Barbosa de Oliveira. Possuía uma fazenda em Itaparica e um prédio na cidade, defronte do Aljube, comprado por seis contos de réis, no leilão dos bens dos jesuitas. Era ainda proprietário de um cartório judicial e de notas, que comprou no reinado de D. Maria I, por vinte e seis mil cruzados, quantia assás avultada na época. Permaneceu esse ofício na posse da família por duas gerações ainda, e seu neto Luiz Antônio vendeu-o por seis contos de réis em 1838.

Teve Antônio Barbosa de Oliveira dez filhos, quasi todos com descendência. Dêles sómente seguiremos o mais velho, José; o quarto, Antônio e o oitavo, Rodrigo.

O espírito militar da família, comtudo, quasi desaparece no continente americano. Do Capitão de Mar e Guerra, descendem bem poucos homens d'armas. Em quasi todos os ramos da sua próle, porém, ha representantes da nova atividade em que a família se distin-

gue — a magistratura. Em França, um linhagista diria que a família passara da “noblesse de l'épée” para a “noblesse de robe”. Dos seus descendentes próximos, sete foram magistrados e quatro chegaram ao Supremo Tribunal de Justiça.

I. — O DR. JOSÉ BARBOSA DE OLIVEIRA

Como filho mais velho, foi destinado pela família para a carreira eclesiástica. Nasceu provavelmente em 1755. Com 17 anos seguiu para Coimbra afim de se bacharelar em canones, e já cursava o segundo ano de sua Faculdade quando acontecimentos extraordinários vieram interromper-lhe os estudos. Em 22 de Setembro de 1772, entrava pomposamente na Cidade, seguido de brilhante cortejo de nobreza e clero, o poderoso Sr. Marquês de Pombal, que agregara aos seus numerosos títulos o de reformador da Universidade, com poderes especiais conferidos pelo soberano. Uma semana após dirigiu-se imponente procissão para a sala dos capêlos. Alunos e professores, com hábitos talares, abriam o cortejo, que terminava, na forma eclesiástica com os personagens, principais, o Bispo-Reitor e o Marquês-Reformador. Foram então lidos solenemente os novos Estatutos, com os quais estava certo o Ministro que havia de reerguer a Universidade ao nível de sua antiga fama.

Ao joven estudante, contudo, toda esta pompa

dissipada, resultou uma triste realidade: a reforma considerava nulos e de nenhum proveito os seus dois primeiros anos de estudo. Era preciso voltar ao princípio.

Só em 1776 recebia êle a carta de Bacharel-formado. Logo em seguida, justificava a sua nobreza, perante o Desembargador Corregedor do Cível da Côrte e Casa da Suplicação, e obtinha uma imponente "Carta de Fôro, Nobreza e Cota d'Armas". Depois foi nomeado Juiz de Fôra de Angóla, cargo que não aceitou. Carregado com estes tres títulos, voltou a Baía onde graves dificuldades domésticas o esperavam. Todo o bom exito que obteve no reino, não podia consolar seu velho pai da desobediência ao plano de vida que lhe traçára. O Bacharel não sómente abandonára os projéto de carreira eclesiástica, como impossibilitára esse ideal da família, casando-se, ainda estudante, com D. Felícia Maria da Penha de França de Moraes, natural de Coímbra, e irmã de José Maria de Moraes, consul de Portugal em Cadix. Foi com dificuldade que conseguiu pacificar os animos e fazer aceitar pela família o novo estado de cousas. Só em 1782, mais ou menos, chegava a Baía sua mulher, que por tantos anos o esperara no reino. Nasceram-lhe então tres filhos: o mais velho Luiz Antônio, havia de suceder ao pai na carreira das leis que êle inaugurara na família, e duas filhas, uma das quais se casou com o Dr. João Carneiro da Silva Rego, que tomou parte saliente na *Sabinada*.

Dedicava-se o Dr. José Barbosa de Oliveira á advocacia, onde fez consideravel fortuna, rendendo a sua banca cerca de 14.000 cruzados num anno. Era mesmo dos mais famosos advogados do tempo. Encontra-se seu nome em muitas causas importantes da Baía (1).

Mas, morrendo-lhe a mulher em 1790, voltou aos planos da mocidade, e sendo Arcebispo da Baía seu amigo Dom Fr. José de St.^a Escolástica, Monge Benedictino, recebeu ordens sacras, foi cônego da Sé, Desembargador da Relação Eclesiástica, Vigario Capitulár e Governador do Arcebispado, Séde Vacante, por ocasião da entrada das forças brasileiras na Baía. Em 1824 adoeceu gravemente, quando se esperava a sua confirmação no sólio arquiépiscopal. Foram inúteis os recursos da Medicina, e transportado da Soledade, onde se achava, para a casa de seu filho (a Casa dos "Sete Candieiros") aí veio a falecer em 20 de Novembro. Cantou-lhe o Cabido pomposo officio de finados e, no meio de grandes manifestações de pesar por parte da população, de quem era geralmente estimado, foi sepultado na Cathedral do Colégio, onde jaz.

Seu filho mais velho, Luiz Antônio Barbosa de Oliveira, succedeu-lhe no estudo das leis e na carreira da Magistratúra. Seguiu para Coimbra sem os prepa-

(1) Braz do Amaral — Esclarecimentos sobre o modo pelo qual se preparou a Independência — Rev. Inst. T. 101, pg. 385. — Foi elle tambem o patrono dos mártires da "Inconfidência Baiana", como advogado que era, da Misericórdia — *Anais da Bibl. Nac.* vol. 43, 44 e 45.

ratórios. Só em 1806 se matriculou no curso de direito. Seus estudos foram atribulados. Em 1809 teve de abandonar os livros e pegar em armas, combatendo no "Batalhão Acadêmico" ao lado de José Clemente Pereira e sob o comando de José Bonifácio de Andrada, contra as tropas francesas, invasoras do reino. Em 1810, contudo, tomou o grão de bacharel e voltou á Baía. Seguiu a tradição paterna até em chegar casado. Realmente ainda estudante, desposara D. Maria Rosemunda de Matos Ferreira, viúva de um lente de medicina da Universidade.

Iniciou a carreira em 1813, como "Juiz do Crime, Provedor de Capélas e Resíduos e Auditor da Gente de Guerra", na Baía. Foi depois Juiz de Fóra em Penedo, nas Alagoas, Desembargador da Relação da Baía, onde entrou em plena guerra de independência. Exerceu aí a Procuradoria da Corôa e a Ouvidoria Geral do Cível. Mais tarde foi transferido para a Relação da Côrte e em 1853 foi aposentado, com honras de Ministro do Supremo Tribunal, com o titulo de Conselheiro e tratamento de Excelência. Faleceu a 18 de Setembro de 1854.

II. — ANTÔNIO BARBOSA DE OLIVEIRA

O quarto filho do Sargento-Mór de Ordenanças Antônio Barbosa de Oliveira, teve o seu nome, e manteve as tradições militares da família. E' como *Alferes Porta Bandeira*, que assina a representação dos ha-

bitantes da Baía contra a posse de Madeira (1). Foi casado com D. Inácia Soares Serpa, de quem teve tres filhos: Antônio, Ildefonso e Luiza. Foi sempre muito amigo dos seus primos José e Luiz Antônio, sendo serventuário do cartorio que a estes pertencia.

Seus filhos não deixaram descendência. Mas a filha, Luiza, casou-se com o Dr. Caetano Vicente d'Almeida e teve nove filhos, entre os quais, Maria Adélia, que se casou com o primo Dr. João José Barbosa de Oliveira. São os pais de Ruy. Os tios maternos de Ruy distinguiram-se na magistratura. Dois foram desembargadores e mais tarde Ministros do Supremo Tribunal. O primeiro, Conselheiro Caetano Vicente d'Almeida, foi Barão de Mucuri. O segundo, Conselheiro Luiz Antônio Barbosa de Almeida, foi além de magistrado, político importante em sua terra, deputado em várias legislaturas, mas não morria de amores pelo sobrinho, como se verá pela correspondência. O Chefe de Divisão Hermenegildo Barbosa d'Almeida, honrou as tradições militares de sua gente.

III. — RODRIGO ANTÔNIO BARBOSA DE OLIVEIRA

O oitavo filho do Sargento Mór, Rodrigo Antônio Barbosa de Oliveira, casou-se com D. Maria Luiza Soa-

(1) Braz do Amaral — História da Independência na Baía, 1923. pg. 74.

res Simas e teve oito filhos, que deixou órfãos, falecendo ainda em plena maturidade. Deixou á família apenas um prédio na capital. A viúva comtudo não se deixou abater pelos acontecimentos e educou com supremo esforço os seus filhos. Havia de passar aos descendentes a fibra combativa. Morava no sobrado, á custa do aluguel da loja. Seu filho mais vélho João José estudou medicina. É este que se casou com a prima Maria Adélia e foi pai de Ruy.

O CONSELHEIRO ALBINO JOSE' BARBOSA DE OLIVEIRA

O filho mais velho do Conselheiro Luiz Antônio Barbosa de Oliveira, Albino, nasceu em Coimbra, em 1809, estando o pai ainda na universidade e, ao que parece, teve esse nome, porque o estudante, preocupado na ocasião com exames, entendeu que facilitava os futuros estudos do filho, dando-lhe um nome principiado em *A*. Com dois anos de idade veio para a Baía. Aos cinco anos entrou para a aula do mestre Felipe Carlos Madeira, mulato inteligente e bom latinista, que depois da independência mudou o nome para Baíense. Aos sete anos iniciava o estudo do latim e aos oito fazia com brilho o exame de arinha, traduzindo Eutrópio. Foi um ato solene e muito concorrido e o mestre declarou que no seu tirocínio de dezoito anos, era a segunda vez que um aluno prestava tal exame em tão tenra idade. Com quatorze anos o Padre Mestre Antônio da Conceição começou a dar-lhe lições de Lógica. Em 1824 frequentou as aulas de Grego, Lógica e Retórica ao mesmo tempo que avô paterno lhe ensinava o francês. Por mais incrível que pareça, estudou Geometria, "os quatro primeiros livros de Euclides", antes



CONS.º ALBINO JOSÉ BARBOSA DE OLIVEIRA

de aritmética, matéria de que só prestou exame em Coimbra, para onde partiu em 1825, matriculando-se no primeiro ano da Faculdade de Direito, a 6 de Julho de 1826.

Fez com brilho todo o curso e principalmente desenvolveu-se e poliu-se na sociedade. Viajou todo Portugal, conheceu o Pôrto e Lisboa, cuja sociedade assiduamente frequentou, apresentado pela família materna, de excelente posição. Frequentou os teatros, aprendeu a apreciar boa musica e tomou lições de inglês e italiano. E quando em 1831, voltava á casa paterna, já no Rio de Janeiro, com a *carta* a tiracólo, era um perfeito cavalheiro, muito cioso de seu nome e de sua gente. Já por essa época o joven bacharel apresentava os traços que havia de manter até o final da vida. Demonstra-o até a documentação fotográfica.

"Albino, diz Baptista Pereira (1), era um tipo fidalgo. Desde solteiro, quando encetou a carreira da magistratura, era todo gravidade, compostura, estilo, etiçueta. Nunca viajou sem a sua baixéla de prata e os seus escravos. Educado em Lisboa, no convívio da fidalguia portuguesa, esmerára maneiras e sentimentos. Realista até a medúla, não era menos linhagista, e *parenteiro*, como diziam as vélhas paulistas".

Apresentado ao Ministro da Justiça, o Padre Diogo Antônio Feijó, pôs este a sua disposição os cargos então vagos na magistratura, que se elevavam a ses-

(1) "Ruy Estudante", S. Paulo, 1927.

senta Escolheu São João d'El Rei e para lá partiu, tomando posse a 30 de Abril de 1832, do lugar de Juiz de Fóra. Estando ausente, porém, o Ouvidor, passou a vara ao Presidente da Camara e, na fórma das leis, proferiu os seus primeiros despachos como Ouvidor da Comarca do Rio das Mortes. A cidade, porém, por esses tormentosos tempos, fervilhava de politica. Em pouco tempo estava o novo magistrado incompatibilizado com as duas facções. Honório Hermeto Carneiro Leão, amigo de sua família, Ministro da Justiça, transferiu-o para Cachoeira, na Baía, lugar rico e muito desejado.

Lá chegou em Janeiro de 1833. Com que satisfação, em suas memórias o baiano descreve as festas do Bomfim, que não via desde 1825! Todo esse mês passou em festas e em visitas a parentes e amigos. Procurou-os todos, um por um, e os enumera em suas *memórias*.

No entanto, seguiu sua carreira. Passou a juiz de Direito de Cachoeira, com a execução do novo Código do Processo. Foi em seguida para Caravélas. Tomou parte por algum tempo na Assembléa Provincial. A "Sabinada" colocou-o em difficil situação. Monarquista convicto e intransigente, não duvidou em perseguir com rigôr os revolucionários da sua comarca, apesar de ver seu tio e seu primo irmão (1) como Presidente e Ministro da Justiça da efêmera Re-

(1) João Carneiro da Silva Rêgo, pai e filho.

pública. Contudo afastou-se da Assembléia, onde não suportaria ouvir insultar os seus parentes, apesar de os ter como adversários políticos.

Transferido ainda para Nazaré, veio ao Rio, assistiu ás festas da coroação e chorou ao ver o Imperador, de corôa, manto e ceptro, apresentado ao povo pelo Rei d'Armas para ser aclamado. Voltou para a Baía, onde passou a Semana Santa visitando igrejas, acompanhando uma prima então muito joven e muito béla. Era Maria Adélia, que viria a ser a mãe de Ruy Barbosa.

Em 1842, porém, foi nomeado Chefe de Polícia no Pará, e para lá seguiu. Mas indispoz-se com o presidente, Rodrigo de Souza da Silva Pontes, por motivo de política e, a 22 de Novembro foi nomeado Desembargador da Relação do Maranhão, cargo que assumiu immediatamente, exercendo-o até Março de 1846, quando veio de licença á Côrte.

Aqui, porém, esperavam o joven magistrado grandes acontecimentos. A sua carreira rápida e esperançosa, sua excelente linhagem e bôa posição na sociedade, faziam dêle, o que se costuma chamar, um bom partido. E durante um baile que ofereceu o marquês de Valença, no seu palacete da rua dos Inválidos, hoje demolido, e em cujo terreno se construiu a "Vila Ruy Barbosa", seu pae teve graves conferências com o fidalgo anfitrião. No dia seguinte era Albino posto ao par das negociações. O Marquês propunha-lhe o casamento de uma sobrinha sua tutelada. Foi então pro-

curar o titular para "agradecer a honra da escolha e o bom conceito que d'ele fazia". Em Fevereiro seguinte partia para São Paulo a fim de ser apresentado á sua noiva. Em Março recebia em casamento D. Isabel Augusta de Souza Queiroz, órfã do Coronel Francisco Inácio de Souza Queiroz, o autor da famosa "bernarda" contra os Andradas, falecido em Portugal, e que deixára aos herdeiros, reduzidos então a duas filhas, parte da fabulosa fortuna do brigadeiro Luiz Antônio de Souza, seu tio e sôgro.

O Desembargador Albino passou em São Paulo a sua lua de mel, em seguida deu andamento ao inventário de seu falecido sôgro, promoveu a partilha dos bens, tomou posse das terras que lhe couberam, constituídas principalmente por fazendas em Campiñas, das quais, a do "Rio das Pedras", elegeu em principal, fazendo construir casa condigna. Entrou tambem em relações com a vasta e importante família de sua mulher que, filha de primos irmãos Souza-Queiroz, descendia por sua avó materna, D. Genebra de Barros Leite, da antiga e poderosa família dos Barros-Penteado. Com vários desses parentes creou amizades que sempre se mantiveram, dado o seu gênio sociavel e *parenteiro*. Frequentou as casas do Marquês de Valença, tio a fim de sua mulher, e cujo filho mais velho veio ainda a ser seu cunhado; do Marquês de Monte Alegre (José da Costa Carvalho), ex-regente do Império, casado com a viúva do Brigadeiro Luiz Antônio em primeiras núpcias, e em segun-

das com uma prima d'ela; dos irmãos da Marquesa de Valença, Barão de Souza Queiroz, senador do Império, comendador Luiz Antônio de Souza Barros e o Barão de Limeira. Conheceu depois todos os primos em segundo e terceiro gráo e os afins que abrangiam quasi todo São Paulo: Pais de Barros, Vergueiros, Whitaker, Form, Rezendes, Souza-Queiroz, Penteados, Paula-Souzas, Prados.

Tendo no ministério da Justiça o seu amigo Eusébio de Queiroz, conseguiu depois, ser removido para a Relação da Côrte. Estava agora em suas sete quintas. O Pai deixou-lhe uma casa na então aristocrática rua dos Inválidos. O Desembargador Albino reformou-a, completamente. Deu-lhe ares fidalgos e o tom que na época denotava nobrêsa (1). Grande saguão, corredores enormes e vastos salões para bailes. Não esqueceu uma galeria de retratos, onde colocou imensos quadros a óleo representando os seus antepassados e os de sua mulher. E cuidou de, no entresólo, destinar quartos para hóspedes, que poucas vezes haviam de estar vãos. Poude então dar expansão ao seu temperamento e receber com extraordinário prazer suas numerosas relações. Restam ainda listas de convidados para seus bailes e partidas. É pois facil reconstituir a sociedade que frequentava seus salões. Era toda a política e a magistratura que ali vinha dansar quadri-lhas, valsas e lanceiros. O Desembargador Albino dan-

(1) É o edificio onde hoje funciona o *Pretório*.

sava com correção. Num baile do "Cassino" foi designado para uma contradansa com a Imperatriz e essa honra lhe valeu vários dias de alegria. Nas suas memórias faz referência ao fato com muito orgulho. Além disso era apreciador de boa musica e não perdia temporada lírica.

Em 1882 aposentou-se, com cincoenta anos de serviço, sendo Presidente do Supremo Tribunal de Justiça. Foi-lhe oferecido então o Viscondado, que coube a quasi todos os que atingiram tão alto cargo. Não aceitou o titulo, e preferiu a Grão-Cruz da Ordem de Cristo, honra que muito o desvaneceu. Não poudo contudo gozar o descanso que aspirava para o fim de seus dias. Após um período de repouso em sua fazenda do Rio das Pedras, agravaram-se gradualmente os seus incômodos nos olhos que acabaram por deixa-lo na mais completa cegueira. Faleceu em 7 de Dezembro de 1889, poucos dias após a proclamação da República. Poudo contudo terminar as "Memórias", documento precioso para o estudo do seu caráter e do seu meio. A formação em Coimbra; a primeira banca, como então se designava o primeiro posto na magistratura; os primeiros embates da política, com riscos de desvia-lo da carreira; sua resistência mais tarde, ás ameaças dos ministros aos desembargadores, submetidos ao govêrno pela possibilidade da transferência ou da aposentadoria forçada; a influência pessoal do Imperador, garantindo a justiça e procurando conter os excessos partidários, mas falhando algumas vezes; fi-

nalmente, no proprio Supremo Tribunal, a luta com Silveira Martins, Ministro da Fazenda, querendo forçar as decisões do Tribunal; sua impassibilidade deante destas imposições, em que aliás a justiça se dignificou; sua independência na questão dos Bispos, em que votou sósinho, vencido, pela absolvição de D. Antônio de Macedo Costa; tudo isto é narrado singélamente, quasi ingênuamente, numa linguagem digna e sóbria, sem afetação. Uma correspondência ativa e longa, completa este trabalho.

Vejamos a que se refére ao Pai de Ruy.

JOÃO BARBOSA E O CÔNSELHEIRO ALBINO — O DR. JACOBINA

Como já vimos, quando em 1832 o então Juiz Albino Barbosa de Oliveira passou pela Baía, os órfãos do primo Rodrigo Barbosa de Oliveira viviam em grandes apúros em companhia de D. Maria Simas, desvelada mãe. O mais vélho, João Barbosa, iniciava seus estudos secundários. A êle se ligou o primo Albino por uma amizade maior do que a simplesmente resultante dos laços de sangue. O pequeno estudante, dotado de um talento devéras notavel, impressionou vivamente o parente. Daí por deante estabeleceu-se entre os dois ativa correspondência. Albino não dispunha de grandes recursos, nem eram remunerados com largueza os magistrados imperiais. Mas sabia exercer sua assistência, diz Batista Pereira “com a delicadeza dos que a sabem praticar sem humilhar os que a recebem” (1). No caso, esta delicadeza era essencial. João Barbosa conservou sempre um grande orgulho de seu valor e de seu sangue e por isto teve vários atritos com os parentes. Com Albino, porém, nunca a mais léve

(1) *Op. cit.*



DR. JOÃO JOSÉ BARBOSA DE OLIVEIRA
pai de Ruy Barbosa

sombra perturbou suas relações. E' que este nunca lhe regateou: o reconhecimento do talento e do caráter, e o punha á vontade para com êle se exprimir "á puridade".

João Barbosa seguiu o curso de medicina, o que constituiu uma exceção na família. Talvez tenha influido nessa decisão a preocupação da economia. O curso de direito em Recife, exigia certamente maiores despesas. Albino não deve ter apreciado esta escolha de profissão. Durante muito tempo conservou o antigo preconceito da nobreza portuguesa, de considerar inferior a carreira médica, pouco acima da dos barbeiros. Mas nem por isso deixou de acompanhar com interesse o seu curso.

Estava ainda no Maranhão, como desembargador, quando recebeu a comunicação do primo de que terminára o curso e preparava-se para a defesa de tésse. Surgiam grandes dificuldades econômicas e êle recorria novamente ao parente amigo:

Bahia, 25 de Agosto de 1843.

Meu primo e Sr.

Não pretendia escrever-lhe agora senão para participar-lhe que na minha these, que sustentarei d'aqui á menos, talvez, de 2 meses, seu nome apparecerá como o de um de meus poucos parentes, que me tem feito favores para nunca serem es-

quecidos; mas enfim, não só lhe faço esta participação, que terá por força mais exactidão do que a outra anterior, quando quiz imprimir uma composição minha para ter mais meios pecuniarios — composição, porém, que a esterilidade do ar que me cerca, matou ao nascer — é de necessidade importunal-o com outras coisas.

...
 ... errei meus calculos de uma modo que não pensava, sem que todavia desbaratasse o dinheiro... como se pôde ver de uma conta corrente que de cá meu padrinho (1) poderia fornecer a quem se quizesse dar ao trabalho de examinal-a; porém, comtudo, eu não pedirei mais nenhum socorro a nenhum dos meus bons parentes além d'aquelle que está de ha muito promettido — seja lá qual fôr o resultado.

Faça-me o obsequio de recommendar-me a sua Familia, e em nome tambem da minha, que, como eu, é a Vincê. muito obrigada.

Seu primo amigo agradecido.

João.

Quando em Março de 1846 Albino passou pela Baía, em caminho da Côrte, João Barbosa empenhava-se em um concurso para uma vaga na Faculdade. Albino assistiu a algumas das provas e observa em

(1) Dr. Caetano Vicente d'Almeida, seu futuro sôgro.

suas *Memórias* que João José não tirou o lugar "não por falta de talento".

Durante esta estadia como em outras, é interessante como Albino se aproxima especialmente dos dois primos que haveriam de unir-se mais tarde pelo matrimônio: João José e Maria Adélia. Teria êle influído para a realização dessa união? O fato é que ela se realiza pouco tempo depois de sua vinda para o Rio. E em 1849 João José lhe participava o nascimento de Ruy, em carta cujo original se encontra atualmente na *Casa Ruy Barbosa*:

Bahia, 12 de Novembro de 1849.

Meu primo e Amigo.

Tem V. mais um primo — porque, como lh'o participo, minha mulher, sua prima, em 5 deste mez, deu á luz felizmente a um menino — e ella pede a V. o favor de o communicar á sua Sra., Nossa Prima, a quem nos recommendamos.

Adeus, todos os meus lhe mandam muitas lembranças —

Seu primo, amigo obrigado,

João.

Mas sua carreira continuava cheia de difficuldades. Quando o Ministro do Império, Luiz Pedreira do Couto Ferraz, depois Visconde do Bom Retiro, expediu o decreto reformando as Faculdades de Me-

dicina, em 28 de Abril de 1854, João Barbosa, alúno laureado, julgou-se com direito a esperar uma nomeação para um dos cargos creados. A sua atuação na política, porém, em campo oposto ao do Govêrno, perturbou as suas pretensões e não foi aproveitado. Desgostoso com a injusta preterição, fez ao venerando político ásperas e duras acusações em carta ao primo, aliás amigo do Ministro. Mas nesse mesmo documento, confia em que, no futuro, hade se encontrar face á face com seu perseguidor no "teatro do parlamento". A profecia não se cumpriu. Pedreira não entrou na camara em 1864, ano em que pela primeira vez néla compareceu o médico baiano, e em 1867 foi nomeado para o Senado, onde não o acompanhou João José. Eis a carta, tão significativa e tão importante para comprehensão do seu caráter:

B^a. 11 de Julho de 1855.

Meu primo e amigo do C.

Já sei que V. minha Prima e Yayá (1) estão todos mal comigo; visto que nem por Zuza, (2) que me deu o prazer de passar connosco a noite da vespera de sua partida, accetando o nosso cordial agazalho, V. nem ellas me mandarão uma lembrança.

(1) Maria Luiza Barbosa de Oliveira, irmã do Cons^o. Albino.

(2) Dr. José Barbosa de Oliveira, irmão do Cons^o. Albino.

Eu calculei que seria sómente porque não querião já e já tocar-me no *roubo do meu relógio*, que me fez o *pobre Pedr.^a*. Mas não é assim, meo bom amigo — eu não senti isso; pois que isso poz-me 5 palmos acima da terra — visto que, amigos e inimigos, todos dizem que eu, que merecia aquella nomeação, não a tive porque sou o Dr. J. J. B. d'O, entretanto que o pobre Pedreirinha é o pobre Pedreirinha.

Elle teve a baixeza de não perdoar-me as minhas idéas politicas, elle que amnistiou o moedeiro falso Candido Ribeiro: ha maior gloria para mim? Elle preteriu-me para dar 1 logar de substituto ao Domingos Rodrigues Seixas, que levou R. R. na Escola, onde eu fui laureado; mas o publico aqui diz que essa nomeação foi POR DINHEIRO... que maior grandeza para o *pobre Pedreira!*

Eu receberia pois, parabens, — pois fui corôado.

Dees collocou a minha independencia no fundo da minha alma, e não (em 4 vintens) na algibeira: pobre, bem pobre! estou legoas acima desse pobre Pedreira.

E como ha sempre um dia depois do outro, se elle nem eu morrermos já, espero ainda encontrar-me com elle nesse grande theatro do parlamento... e elle ha de abaixar a testa pequenina, e apagar o riso falso, na presença de um ho-

mem de bem, que tem mais intelligencia e fé do que elle.

Perdoe-me haver digredido tanto. O snr., meu compadre, que carrega mãe, mulher e filhos, desarranjou-se, por haver fallido a casa ingleza a que pertencia. Urgido pela necessidade, pretende ali na Côrte, qualquer meio de vida, qualquer emprego, seja lá onde fôr. E como ajudal-o é acção nobre, caridoza, e favor particular a seu parente amigo, eu não hesito em recommendal-o muito em particular ao seo coração, esforços e amizades.

Adeos. Abraço-me com V., e muito me recommendo á Prima, aos filhinhos e a Iaiá de quem sou sempre tão agradecido e lembrado. O mesmo fazem todos os meos.

O Seo Primo Amigo agradecido
João

Quando em 1864 João José veio deputado pela primeira vez, hospedou-se na casa do primo Albino, á rua dos Inválidos. Na intimidade da família, João Barbosa, que assim passou a se assinar, forçado pelo hábito parlamentar de encurtar os nomes, (com grande indignação do primo que não admitia a separação dos dois apelidos), conquistou immediatamente a simpatia de todos os parentes. Os serões da rua dos Inválidos consistiam em jógos e charadas em que João Barbosa brilhava, bom poeta e conhecedor profundo

da língua. Albino dava o exemplo e também, versando com facilidade, compunha acrósticos e sonetos de que ainda resta um bom número.

Por essa época era também deputado, pelo Rio de Janeiro, um moço que iniciava a carreira com brilho não vulgar. Aproximou-se d'ele João Barbosa e fez uma excelente amizade. Pouco tempo depois teve o prazer de tratar-lhe de primo, pois que éle veio a casar-se com a filha mais velha do Desembargador Albino: Francisca. Era o Dr. Antônio d'Araújo Ferreira Jacobina. João Barbosa interessou-se pelo romance que se iniciava e viu com prazer essa união, apreciando o caráter e a intelligência do jovem deputado. A sua amizade a Jacobina manteve-se por toda a vida e ainda a legou ao filho que o teve por um dos seus maiores amigos.

Quando João Barbosa conheceu Jacobina na Câmara dos Deputados, este apesar de moço já trazia uma longa experiência da vida. Nascido em Pernambuco, filho de um severo e íntegro magistrado, seguiu para Coimbra, onde tinha parentes pelo lado materno. (Por uma interessante coincidência, também seu pai se casara em Portugal, ainda estudante). Seguiu o curso de matemáticas e, premiado em todos os anos, recebeu em 1819 o gráu de "Doutor em Ciências Físicas e Matemáticas", *nemine discrepante*. Foi em seguida para Paris onde bacharelou-se em Filosofia e aperfeiçoou-se na Escola de Pontes e Calçadas e na de Manufaturas e Bêlas Artes.



DR. ANTONIO D'ARAUJO FERREIRA JACOBINA

Aproximou-se nêssa época do Conselheiro Paulo Barbosa da Silva, Mordomo do Imperador, então incumbido de várias missões diplomáticas na Európa. Com êle voltou ao Brasil, tratado como filho do vello Conselheiro a quem se dedicou para toda a vida. Nomeado Ajudantê de Mordomo da Casa Imperial, Moço Fidalgo, comendador de várias ordens e Opositor da Escola Central, acompanhou a viagem ao norte de Dom Pedro II, como Mordomo da comitiva, e em 1862 foi á Europa em missão de confiança do Imperador. Seu genio ativo e franco, o seu temperamento intransigente, tornavam-no impróprio á carreira palaciana.

“Homem dum só parecer,
dum só rosto, uma só fé,
dantes quebrar que torcer,
êle tudo pôde ser,
mas de côrte homem não é”,

dissera Sá Miranda. Em 1867, depois de um bulhento incidente com importante figura da magistratura e da política, muito chegada ao Imperador, (O Senador Firmino Rodrigues Silva) abandonou os cargos na côrte e dedicou-se á agricultura e ao commercio. Como político, militara sempre no partido liberal a que Paulo Barbosa pertencêra. Amigo intimo de Francisco Otaviano de Almeida Rosa, aproximou-se do seu grupo político, sendo eleito deputado pelo Rio de Janeiro em 1864. Pouco a pouco, porem, foram as suas ideias se extremando e em 1870 tomou parte na convenção republicana de São Paulo.

Era uma inteligência sólida, servida por uma cultura notável e extensa. A sua conversa agradável e erudita, deixou funda impressão em todos os que o ouviram. Foi esse o grande amigo de João e de Ruy Barbosa. A correspondência daqui por diante de um e de outro, dirige-se alternadamente ao Conselheiro Albino e ao Dr. Jacobina.

Alguns fatos, ainda que rapidamente devem ser narrados para compreensão das cartas que se seguem.

Em 1868 casou-se o Dr. Jacobina com D. Francisca Ilidia Barbosa de Oliveira, na Fazenda do Rio das Pedras. Aí se fixou por vários anos e deu grande impulso às lavouras de seu sôgro. Por seus esforços foram desenvolvidos os cafezais e montadas as máquinas de beneficiamento do café. Veiu depois para o Rio, onde se fixou á rua dos Inválidos, visinho ao sôgro, dedicando-se sempre á lavoura e ao comércio, dirigindo várias companhias e emprêsas.

João José foi deputado até 1868, quando foi dissolvida a camara para se sustentar o ministério conservador. Déve ter vindo á côrte na sua estadia, a filha Brites, porque ha muitas cartas desta, datadas da Baía e de Itaparica em 1867 e 1868, nas quais se mostra muito saudosa, e dirigidas á prima Francisca. Como esta ultima não foi á Baía senão muito tarde, segue-se que Brites deve ter estado no Rio durante a estadia do Pai. No ano de 1867 faleceu Maria Adélia na ausência de ambos os filhos estando Ruy no Recife, e Brites na



D. MARIA ADÉLIA BARBOSA DE OLIVEIRA
mãe de Ruy Barbosa

côrte. João Barbosa, pelo que parece, foi com a filha á Baía em 1867, mas voltou a Côrte em princípios de 1868.

A carta de Brites de 11 de Janeiro deste ano esclarece muita cousa sobre a vida da família depois da morte de sua mãe:

Itaparica, 11 de Janeiro de 1868.

Minha querida Prima Chiquinha (1).

V. já deve estar admirada da minha demôra em responder-lhe. Vou explicar-lhe a razão. Esperei que Meo Pae me dissesse a occasião oportuna para escrever-lhe, mas não o tendo elle feito logo, por se achar muito occupado, e andando nós sempre atrapalhados desde a nossa chegada, deixei por este motivo de responder immediatamente á sua estimavel cartinha. Depois, quando meo Pae se lembrou, já tínhamos encontrado casa, e começou a mudança. Foi-me impossivel escrever-lhe n'aquelles dias, por causa dos trabalhos que sempre ha em taes occasiões. Afinal meo Pae formou uma viagem para Itaparica, onde me veio ás mãos a carta de Maricotta (2), na qual V. me mandava um recado,

(1) D. Francisco Barbosa de Oliveira, filha mais velha do Cons. Albino. Casou-se com o dr. Jacobina.

(2) D. M^l. Amelia Barbosa de Oliveira, segunda filha do Cons. Albino. Casou-se com seu primo Barão Geraldo de Rezende.

q. eu não esperava receber da minha prima Chiquinha, que tão bem devia conhecer a amizade que lhe tenho, e prever como não ficaria eu alegre com a participação do seu proximo casamento.

.....

Estimo de coração que já esteja definitivamente resolvido o seo casamento, cuja noticia já eu adivinhava que me viria pela primeira carta sua. V. já devia conhecer os meus sentimentos a este respeito. Dezejo-lhe as maiores felicidades, e que a sua alegria seja sempre a mesma

Não deixei de estudar piano, nem na casa de tia Leopoldina (1), nem na casa nôva. Ainda não se chamou mestre, porque só agora é que estamos de assento. Já tóco o *Sino do Mosteiro*, *Barbe Bleu*, e *Faust* e estou muito mais adiantada nos exercicios.

Ruy está com nosco desde o meiado de Novembro. Chegou perfeitamente bom. Creio que este anno irá para S. Paulo.

.....

A nossa casa da cidade é bonitinha, porém, muito pequena, apesar de ter trez pavimentos. Só o meu piano quasi que tomou metade de uma sala. Temos portanto uma sallinha de vizitas

(1) D. Leopoldina Barbosa d'Almeida, irmã de Maria Adelia.

e uma salla chamada *salla do Piano*. Apesar disso não estou desgostosa com a casa.

V. já vê que não fomos passar a festa em Nazareth, pois estou desde o dia 28 de Dezembro em Itaparica e parece que não voltaremos senão no fim do mez.

.....

Adeos, Primiinha. Vou agora escrever a Maricóta. Receba muitas lembranças de Tia Nanó (1) e um apertado abraço de sua prima, que sente muito e muito não poder assistir ao seu casamento.

BRITTES.

João Barbosa já se encontrava na Côrte em Abril de 1868, porque uma carta de Brites, datada de 1 de Junho, assim começa: "Recebi uma carta de meu pai, na qual me deu a noticia de que V. se tinha casado no dia 21 de Abril etc."

Ruy que tivéra em Recife uma especie de congestão, seguiu, depois do descanço em Itaparica, para São Paulo, passando pelo Rio. Pela primeira vez então viu o Conselheiro Albino.

Em Julho ou Agosto de 1868 voltava João Barbosa á Baía. Nunca mais voltou á Côrte. Na forma do costume a camara segunte, veio carregada de conserva-

(1) D. Maria Leonor Barbosa de Oliveira, irmã de João Barbosa.

dores fiéis ao Ministério. Brites noticia a chegada do Pai sem precisar a data em carta de 9 de Agosto: "Chegou meu Pai, sem novidade, trouxe cartas de todas as primas, as quais me deram grande prazer". E comentava ingenuamente os acontecimentos políticos: "O que lhe hei de dizer, Prima que estou triste com esta historia de partidos esperando o que tiver de vir. Deus é grande, prima. E' nelle que eu ponho toda minha esperanza".

FORMATURA DE RUY — MORTE DE JOÃO BARBOSA

A primeira carta de Ruy é datada de São Paulo, em pleno estudo:

S. Paulo, 14 de Outubro de 1868

Meu primo

Rogo-lhe encarecidamente que me desculpe a grave falta que tenho comettido para com Vmcê. deixando de escrever-lhe por tanto tempo. A sua bondade que é tamanha, não lhe consentirá esquecer a vida insípida e atrabalhada, os dias sempre cheios de aborrecimento e de consumições que passa o estudante, sósinho, longe de seus Paes e de tudo o que estima, sem poder ás vezes pensar em nada senão no espaço desanimador que o separa do termo dos seus trabalhos. Se essa desculpa, aliás tão verdadeira, lhe parecer fraca, então péço-lhe que a esqueça e consulte sómente ao seu coração, que por certo me perdoará.

Já Vmcê. ha de estar informado da molestia que me atacou em Agosto. Felizmente, graças a Deus, já me acho perfeitamente bom.



RUY BARBOSA quando estudante de direito.

Ainda não tenho certeza sobre o dia em que devo partir para ali. Isto depende do meu acto, cuja época não está ainda também determinada. Espero, porém, estar na Côrte até o meiado de Novembro.

Adeus, meu primo. Recommen-de-me muito á Prima Izabel e a todos os seus.

Disponha sempre em tudo o que lhe parecer do seu

primo am^o. e cr^o. obr^o.

RUY

Ruy passou as férias deste ano na Baía, porque sua irmã, em carta sem data, mas que pôde ser fixada em princípios de 1869, diz á sua prima Francisca: "A prima tem razão de dizer que a nossa maior felicidade é estarmos rodeados dos nossos parentes, eu estou bem satisfeita agora que meu irmão chegou e a nossa família está portanto toda reunida, mas a minha alegria não pôde ser completa, a pessoa que mais bem eu quêria, que era minha mãe, só a vejo em sonhos, emquanto V. tem a felicidade de estar com a sua, e vel-a todas as horas que quer". "Todos nós estamos bons".

Nesta mesma carta notícia que o pai estava "arranjando uma olaria". De fáto, tentando, por algum modo, obter maiores recursos para sua família, João Barbosa entregou-se a esta indústria onde havia de fracassar, faltando-lhe como lhe faltavam as qualidades e principalmente os defeitos próprios do comerciante.

A próxima carta de Ruy já é de São Paulo, em pleno quarto ano:

S. Paulo, 17 de Março de 1869.

Primo Albino

No dia 12, pelas 9 horas da manhã, chegamos a Santos, depois de uma viagem de rosas. No mesmo dia parti para esta cidade, onde felizmente não me foi difficil encontrar bons companheiros e moradia conveniente para estabelecer-me. Aqui me acho, pois, matriculado e engolfado n'esta vida academica, que Deus aparte de mim quanto antes.

Parece-me superfluo dizer-lhe que a maior satisfação que o Primo me poderia dar, seria dispor sempre de mim como do mais solícito creado.

Adeus, primo. Peço-lhe especialmente o obsequio de recommendar-me á Prima Izabel, assim como a todos os seus.

Accite um abraço do pr^o. e am^o. e obrm^o.

RUY

Em fins de 1870 recebe Ruy o gráo de Bacharel. Segue para a Baía, onde inicia a carreira de advogado. A doença, porém, que o perseguia desde os ultimos anos da academia, impediu-lhe, de trabalhar por quasi um ano. Consegue enfim levar a cabo seus primeiros trabalhos forenses e alcança brilhante vitória no

júri, conforme relatam as cartas seguintes. A primeira é de João Barbosa. Como se vê, a indústria ia mal, e era preciso recorrer a procuradorias e pequenos trabalhos forenses.

Bahia, 19 d'Agosto de 1871

Albino

Meu bom parente e am^o. Nunca me vi tão invergonhado, tendo consciência de uma acção má, como com V. e Zuza — presentemente. Nem tenho o direito de queixar-me de remoques seus, nas 2, a que respondo, quando aggravei meu delicto, retardando as respostas ao mesmo passo que aquellas, ainda apimentadas, e até por isso mesmo, mais me provam sua bondade, sua amizade, seu interesse por mim — tão verdadeiros, tão constantes, tão delicados. É certo que nem tento escuzar-me do silencio grosseiro, que guardei para com V., desde que, formado Ruy, não tive mais de pedir-lhe novos favores — quando era ensejo, era dever, *repetir* os meus agradecimentos, já manifestados em resposta minha, no principio do anno, quando V. me communicou que tinha já pago a primeira prestação das despesas de meu filho em S. Paulo. Só desejo que a meu filho absolva; pois que eu fui quem lhe prohibio leitura e escripta, visto o seu estado de pezo na cabeça e vertigens — diariamente — pelo que tem andado e con-

tinúa, nas mãos da grande “medicina” d’aqui. Seu estado parece não melhorar — ainda prosegue em uzos de remedios, que não sei quando cessarão. Seu estado intellectual ou cerebral é muito delicado; elle, por isto, vive desesperado por não poder encetar os seus trabalhos. E eu como estarei? Reúna a este estado serio de meu filho, de cuja saúde e forças carecemos todos — a morte de meu pobre irmão Antonio (1), deixando numeroza familia, pobreza e dividas; assassinado pelo torpe Barão de S. Lourenço (2) — e isto quando eu não posso dar-lhes a mão na menor couza, apesar dos meus dezejós, do meu coração e de mea dever. Mas isto são apenas episodios, no meio do drama de minha penosissima vida actual, a qual não sei como tenho atravessado, do que dou muitas graças a Deus — porque minha familia ainda precisa muito de mim. Meu estado é assim — porque comquanto lan-

(1) Antônio Américo Barbosa de Oliveira. Faleceu neste ano no meio de uma carreira que prometia ser brilhante. Foi Director da Instrução Pública na Baía. Deixou órfãos seis filhos varões e tres filhas. Cinco deles se formaram e tres atingiram o magistério superior: José Félix, foi professor da Escola Militar, Américo Leonides, da Escola Naval e Luiz Carlos, da Escola Central.

(2) Francisco Gonçalves Martins, Visconde de São Lourenço, era importantissimo chefe politico conservador. João José attribue a morte do irmão, que, como elle militava no partido liberal, a desgostos politicos.

çasse mão de uma industria para viver, ou para não pezar sequer, eu pezo sobre muitos, — e vivo amargurado. Calculei sempre com revistas, que, na minha primeira demissão, me aguentarão bem pelo anno que ella durou. Porém, agora, quando mais amigos devia ter na Côrte para obtel-as, é certo que, em todo o anno passado e n'este nenhuma tenho tido! Estou dispendendo annualmente muitos contos de réis, posto que morando no matto ... como, porém, não heide viver inerte, apathico — visto que a mim mesmo me aborreço, e, apesar de meu animo forte, quizi esmoreço, do que Deus me livre.

Vendo-me assim é natural que vá ficando bravo, insociavel — porquanto nunca foi animal tractavel quem vive calixto, duramente calixto. Eis aqui a fonte unica de minhas grosserias para com V., para com todos os seus — para com essas excellentes creaturas, que tenho dentro d'alma como não tenho a ninguem mais. Brittes mesma não tem culpa, coitada! do silencio que parece ter guardado com suas filhas, conforme V. poderá ver das datas de cartas della, que aqui vão para as meninas, ella ha muitos mezes lhes escreveu — e eu fui deixando em cima de minha meza, addiando para irem com as minhas — e as minhas só hoje *começam a principiar*. Não — não creia que nesta caza V., D. Izabel, as meni-

nas, sejam esquecidas de ninguem,— quanto mais de mim que tenho de cór quanta fineza delicadíssima devo a uma por uma, na minha convivência com vocês ahí, nas minhas doenças, em tudo meu. E como esquecer, se ainda ultimamente V. fazia-me favores, relativamente á meu filho, com tanta gallardia, com tanta amizade e promptidão? Meu bom parente, amo-o muito, adoro a Srna. D. Izabel, tão boa, tão — mãe com minha filha, e quero muito bem ás filhas tão dignas e tão obsequiosas. Espero por isto tudo, quando V. sabe que sou sincero, a minha amnistia e dos meus inculpados filhos.

Agradeço-lhe sumamente haver-me escripto a sua 2.^a (que já eu não merecia, desde que não respondi logo a de 12 de Maio (!), data do natalicio da minha Brittes, e dar-me noticia do seu novo neto, cujo parabens lhe dou, como ao Jacobina a quem escrevo, assim como já o communiquei ao Gravatá (1), conforme V. me incumbio.

Muito e muito me incomoda a certeza da preterição do Zuza (2); nem animo tive de lhe fallar nisto ! Comtudo continúo a pensar que elle

(1) Dr. Antônio Gonçalves Gravatá; casado com Luiza, irmã de Maria Adélia

(2) Dr. José Barbosa de Oliveira, irmão do Cons. Albino, funcionário do Ministério da Marinha.

deve resignar-se, pois tem filho (1), e ir servindo a espera de novos tempos — para então aposentar-se; essa experiencia ao menos deve fazer, como pai bom que é. Diga-me se lhe appareceu o seu Crispim (2) e como vae a safra — este anno.

Rogo-lhe o favor de dar-me noticias do João de Siqueira Queiroz. — Desde Junho do anno p. p., nunca mais me respondeu a mais de 7 cartas, todas relativas ao ultimo negocio, de que me encarregou — os inventarios Belens, que todos estão terminados ha muito restando fazer uma subpartilha comprehensiva só da divida do Barão de S. Francisco. Parece coiza que está mal comigo — ou mal sentido de minha gerencia, quando aliás os meus clientes forão tão zelados como os outros herdeiros, e nenhuma lezão soffrerão. Não intendo esse silencio tenaz — sendo o assumpto da nossa correspondencia de grande interesse por ser de terceiro — ao menos V. diga-me alguma coiza sobre isto.

E enfim o nosso Gravatá todo e todo tabaqueado? Viva o Timandro (3). Adeos.

(1) O engenheiro Eugênio Barbosa de Oliveira, que depois se fixou em Campinas, onde se casou, deixando numerosa descendência.

(2) Escravo fugido.

(3) Pseudônimo de Salles Torres Homem, autor de célebre panfleto contra a monarquia, então já convertido ao partido conservador, ex-ministro em 1870 e Visconde de Inhomirim.

Todos os meus muito se lhe recommendão, e a todos os seus.

E eu, o grande criminozo, que ainda não sei se aqui me tenho bem penitenciado, envio as minhas muitas lembranças, saudades e o coração amigo e agradecido a toda essa gente da rua dos Invalidos (o Zuza tambem é d'ahi) — quaze unicos parentes meus restantes, e certamente dos meus poucos e excellentes amigos.

Seu primo amigo obrigm^o.

JOÃO JOSÉ

Logo depois é o proprio Ruy quem da notícias dos seus:

S. Salvador, 21 de Agosto de 1871

Primo Albino

Recebi ha dias a sua carta de 14 de mez pasado, á qual, por achar-me fóra de casa ha algum tempo, só agora tenho occasião de responder. Li, ao mesmo tempo agradecido e pezaroso: agradecido por essa nova demonstração da sua amisade, que, apesar das apparencias de ingratição em que as circumstancias me tem feito involuntariamente incorrer, não sabe occultar o interesse com que sempre me tem distinguido; pezaroso, por ver as suspeitas de indifferente, de desconhecido, a

que me tem condemnado o meu longo silencio, silencio talvez imperdoavel, que eu deploro amargamente, mas cuja causa não é outra senão a mortificação do espirito em que me tem trazido a implacavel doença que ha mais de um anno me persegue.

Não é desculpa; é a verdade que lhe digo com o coração nas mãos. Imagine o meu desalento, quasi desespero em que vivo ao ver mallogra-rem-se invariavelmente todas as tentativas de cura que se têm empregado, a despeito da immensa resignação com que me tenho submettido aos mais difficeis tratamentos. Deseja o Primo saber qual o emprego ou genero de vida que já adoptei, e eu não lhe posso responder senão que — nenhum! — porque a molestia não m'o tem consentido. Calcule por aqui a afflicção com que me acabrunha esta insupportavel inercia. Imagine o soffrimento em que vivo, com a idade que tenho, com o brio que Deus me deu e com a sêde de trabalho que de dia para dia sinto crescer dentro de mim. Para mostrar-lhe a incredulidade com que já encaro todas as esperanças de cura, e o horror que me causa a vida de ocioso e parasita, julgo sufficiente dizer-lhe que estou resolvido, apezar da doença, a começar a minha advocacia no principio de setembro. Eis aqui, meu Primo, as minhas circumstancias actuaes: ora, a

vista d'ellas não merecerei eu sequer alguma desculpa pela desatenção que voluntariamente eu nunca seria capaz de cometer? Parece-me que sim, e por certo não será o Primo quem m'o negará.

Quanto a Brittes, porém, é que já não ha necessidade de justificações semelhantes, pois, — coitada! — ha oito mezes seguramente que já escreveu a todas as Primas, a quem ella não cede na amizade com que a distinguem; e se as cartas não foram até agora ao seu destino, é porque meu Paé, que as recebera para envial-as, não o fez até agora.

Sinto no fundo d'alma os contratempos que continuam a prejudicar os seus interesses, e espero em Deus que essa ameaça que se lhe afigura imminente sobre o futuro de seus filhos não terá nunca os resultados cujo receio tanto o amargura (1).

Rogo-lhe que me recomende ao Primo Zuza para com o qual estou incurso tambem na maior das faltas, mas a quem brevemente escreverei explicando o meu procedimento.

Muitas recomendações tambem á Prima D.

(1) Note-se a referência discreta á divergência quanto ao problema da *abolição*, apavorando o Conselheiro Albino.

Izabel, ás primas Chiquinha, Luíziinha e Maricóta e aos dois Priminhos (1).

Adeus —. Primo receba um abraço do
pr^o. am^o. obrm^o.

RUY

A carta seguinte de João Barbosa, relata fielmente as dificuldades com que lutou até o fim de sua existência. Preocupado em garantir o futuro dos filhos, fez quanto pôde para se livrar da penosa situação econômica em que se encontrava. Mas a angustiosa crise financeira em que se debatia a província, o ostracismo do seu grupo político, embaraçando-lhe o crédito, tudo isto aliado ao que êle denominava o *calixtismo* da família — tornaram improficuos os seus esforços.

Jacobina fôra ao norte, a negócio em 1872. Hospedou-se em casa de João Barbosa, em cuja intimidade viveu. Ruy começava então o tirocínio de advogado e esboçava um romance que não agradava ao pai. E' o seguimento destes fatos, de que Jacobina fôra testemunha, que João Barbosa lhe relata. Jacobina estava então, como já foi dito, na Fazenda do Rio das Pedras, em Campinas, muito chegado aos seus amigos republicanos. Como se vê, João Barbosa, apesar de dar um "viva o Timandro", numa carta anterior, não adêre ás idéas extremadas do primo. Faz até pilheria com o partido

(1) Francisco, Luiza, Maria Amélia, Albino e Luiz Albino, filhos do Conselheiro Albino.

republicano dizendo-se correligionário da prima. Mas estão juntos em attribuir todos os males ao Ministério. Apesar de todas as dificuldades, a correspondência não perde o tom humorístico. O tom íntimo das cartas a Jacobina, permite-lhe tratar de certos assúntos que não cabem na correspondência sempre um tanto ceremoniosa com o Primo Albino. Assim é que João Barbosa se gloria de haver impedido um casamento do filho que não lhe agradava.

Bahia, 16 d' Agosto de 1872 — Plataforma

Meu caro Jacobina do C.

Recebi, em Junho, com o maior alvoroço a sua carta, de Campinas, com data de ultimo de Maio. Por ella vejo que v. não recebeu a que lhe escrevi, logo depois de sua partida, explicando-lhe a razão porque, indo á Cidade para seu bôta-fôra, não me achei no seu bôta-fôra.

Mas a sua encheu-me de muita satisfação; porque vi por ella que V. apreciou a intimidade (de que eu tanto gosto) — e que lhe pude offerecer. Com effeito tanto em mim, como em toda esta sua caza, deixou v. vivas saudades e estreitou laços que por V. e pela excellente família a que se ligou, é nesse desejo e ventura que cada vez mais apertados sejião. Eu já estava desencontrado — porque nem de V. recibia letras, nem por isto, sabia que responder ao Comr. Alves, ao Glice-

rio etc. quando me perguntavão noticias suas. Graças a Ds — sei que está bom — com a minha *correligionaria* Chiquinha e o *doce penhor*. Sei já tambem, que vai ser paulista — senhor d'engenho e *refinador*. OPTIME'!

Deus permittã que — n'essa boa terra de S. Paulo — bemfadada como todo o Sul — V. incontre as prosperidades industriaes (acompanhadas das outras) que esse torrão tem dado a tantos: desejo-os muito abastados.

Ainda queria V. internar-se mais com raiua do Rio! Não tem razão contra o Rio: o *crocodilo* que o senhorêa é que é cauza de tudo; mas V. sabe-lhe o remedio da bixa — dê-lhe com a bixa. Não me opponho; mas serei coooperador na preparação.

Estimo que esta Plataforma o ajudasse a sarar de alguns males d'alma: tanta é a sua bondade. Mas saiba que dentro em 60 dias quando muito, já aqui não estaremos. Havendo o Balthazar vendido a Fazenda ao negociante riquissimo — Manuel Francisco d'Almeida Brandão — me vi forçado a vender (queimei) á elle mesmo as minhas beneficitorias por 10:000\$ rs — perdendo 7:000\$000. Quiz evitar perda maior atravez de demandas. Lá vou, pois, de novo para a cidade — Deus sabe a viver de que, já que nossos correligionarios d'ahi, que me ajudaram a viver bem na minha 1.^a demissão, desta vez, ha 4 annos,

(fez hontem que fui demittido) nunca me mandaram ao menos 1 revista!

Levo, tambem, saudades d'esta vida innocente ao menos, bem que para mim não podesse ser tão tranquillã, como minha indole e meus desenganos a necessitão.

Intremos em coizas mais agradaveis. As moças não se esquecerem de V. Não sei que feitiço V. lhes poz, que vivem cá a perguntar por V. Não me apparecem mais, é verdade; porém isto mesmo me significa eloquentemente que todo o valor d'isto estava no *doce Jacobina*. Lá se avenha V. com ellas. Mas eu, que não quero abdicar só pelas carantonhas da sua republica, Sr. Dr., lá vou, de vez em quando, vel-as. Incumbiram-me de lhe mandar muitos recados, em resposta ao trecho da sua, que lhes li.

O Ruy já não acha tão doce o Itapagipe. Não sei bem o que foi; mas sei que hoje elle até evita de vir aqui para não ser forçado a visitar por lá. Atribúo isso aos meios indirectos, imperceptiveis aliás a elle, que empreguei, afim sómente de que elle visse q. a tal Brazilia é *tola* e mais que namoradaira. Meu desejo, meu primo, era sómente que elle a conhecesse; porque sei que elle tem brio e dignidade. Mas como seu genio, bem como o meu é teimozo e resistente, era preciso fazel-o convencer-se por si — e isto é sempre difficil em tal idade e com tão pouco conhecimento do mundo;

visto como é acanhado, e por tanto muito reconcentrado. Vai trabalhando muito, no escriptorio, do Dantas e Vellozo. (1) E já no Jury — n'uma celebre causa, estreou fazendo uma brilhatura que V. não pôde calcular; porque amigos, inimigos entendidos e povo, tudo isto — uma voce — victoriou-o. Firmou uma bonita reputação litteraria. Fallo-lhe sem paixão, com toda a verdade. D'elle só sinto a doença, que o não deixa — é o calixtismo da familia Barbosa — de que só o Albino se não contaminou e estimo muito.

Nanô e Brittes respondem que não carece que se faça lembrado, porque ellas o estimão muito e o tem sempre em memoria. A Brittes só é que se queixa de V. ou da Xiquinha — porquanto, levando v. para esta uma cartinha d'ella, ou não intregou; ou, intregando, Xiquinha não respondeu. Eu, porem, que sou mais antigo amigo da Xiquinha que V. por que ella é de meu partido — tenho mitigado as coizas, recordando que minha prima já é uma Matrona, não pôde ter lá muito tempo para dar á meninas solteiras — vaidias.

Participo-lhe que é morto o Azevedo, dono da Fabrica de Cabrito; e que, por isto, provavelmente ella se venderá ao mesmo negociante que comprou a Plataforma, o qual, já antes d'isto,

(1) Os futuros senadores Souza Dantas e Leão Veloso.



D. BRITES BARBOSA, irmã de Ruy

pretendia (e realizou) fundar uma sociedade para assentar por aqui uma refinação d'assucar, uma serraria de madeiras, e uma fabrica de tecidos d'algodão: é um negocio da India, Sr. Jacobina, que se extrae deste torrão, que me fez tanto damno pecuniario.

Adeus ponha-me aos pés de Xiquinha, e receba um abraço

De seu primo att^o p^o. C.

JOÃO JOSE'

As ultimas cartas de João Barbosa são datadas de 16 d'Agosto de 1872 e 6 de Agosto de 1874. Note-se na ultima, a visão do futuro do filho antegosada pelo pai.

B.º 16 d'Agosto de 1872

Meu bom parente e amigo Albino

V. poz-me á margem; mas eu com hei de tiral-o do coração?

Vou, pois, saber noticias suas, da boa D. Iza-bel e d'essas excellentes meninas, ás quais todas queria tanto bem. O Jacobina, depois que aqui esteve comnosco, dando-nos a todos muito prazer, e fazendo excellentes companhia, escreveu-me só em dezembro carta que só o mez passado recebi. Sei, porem, que está em S. Paulo, e que por lá imprehende ficar. Deus o felicite ao menos em

compensação da dor, do vazio, que Chiquinha deixa em roda da Snra. D. Izabel.

Diga-me de si como vai de saúde e de tudo.

Participo-lhe que vendendo o Dr. Balhazar a Plataforma, vi-me obrigado a vender o meu estabelecimento e caza por 10:000, perdendo ... 7:000; afim de não perder mais.

Vou pois por todo o Setembro morar de novo na cidade, Deus sabe para viver de que. Tenho sido tão calixto, que em 4 annos, nenhuma revista tive d'ahi, se não a que me veio por V., que nunca se esquece de mim. Nem Octaviano, nem Justiniano, nem Saldanha (1)! Se não fosse isto, o Martins (2) me teria feito menos damno: mas Deus é grande!

Meu filho vai trabalhando com bom nome no escriptorio do Dantas e Vellozo. Já estreou no Jury, onde teve tal felicidade, foi tão victoriado por intendidos e pelo povo, como lhe não posso dizer: firmou logo uma optima reputação.

Diga-me dos seus se vai mais tranquillo, ou mais esperançozo. Adeus. Ponha-me aos pés de D. Izabel e abrace-me essas meninas. Todos os

(1) Francisco Otaviano de Almeida Rosa, Justiniano Madureira e Joaquim Saldanha Marinho, políticos liberais.

(2) Francisco Gonçalves Martins, Visconde de S. Lourenço, chefe conservador.

meus a todos mandão muitas saudades, assim como a V.

Escreva-me para eu saber que não está mal comigo.

Seu primo amigo obrg^o.

J. J.

B^a. 6 de Agosto de 1874

Meu bom e caro amigo e parente

Respondo a sua muito presada de 31 de Maio, que acabo de rler com o mesmo gosto com que sempre leio tudo quanto me escreve. Agradeço muito as amabilidades que me diz respeito de levar quasi um anno sem escrever-me. E confesso que tem razão: seu silencio não justificava o meu.

Não me diga que está velho, moroso, irresoluto; quaisquer que sejam as suas contrariedades, tem muito que agradecer a Deus. E, portanto, — sursum corda — e rejuvenesça n'alma ao menos — pelo prazer de quantos, — e são muitos — o amão. Diga-me como vae de sua colica de estomago e do mais, minuciosamente. Folgo de saber que D. Isabelinha melhora; Deus lhe dê a resignação a coragem necessaria; afim de que não se ponhão em risco dias que nos são tão preciosos. Espero que dê-me boas noticias da sua safra e do seu café, porque estou impressionado do que então

me referiu; assina como dos seus meninos ausentes, um em S. Paulo, o outro na Belgica. (1) Bem sinto que essas excellentes meninas, conforme V. pondera, cresção na idade sem lhes chegarem partidos dignos d'ellas; mas Deus é grande, e ellas merecem muito; portanto, se tarda Deus, Deus vem em caminho. Succede-me o mesmo por cá, e a minha anciedade devera ser maior; porque eu não tenho que lhe deixar. Mas como a Providencia divina tem sempre me amparado, continuo a esperar melhores e proximos dias: a esperanza tem sido sempre o meu bordão na vida tão cortada de soffrimentos como V. sabe.

Não sei de Zuza -- está morando com V. ?

Alegrou-me muito as excellentes noticias que deu-me do Eugenio: sempre esperei isso mesmo, porque via-lhe uma intelligencia notavel e o bom pai o impellia sempre no bom caminho. Deus ajude a ambos.

(1) Refere-se aos filhos do Conselheiro Albino. O mais velho, Albino José Barbosa de Oliveira, estudou agricultura em Cembloux, na Belgica. O 2.º dr. Luiz Albino Barbosa de Oliveira, formou-se em direito na academia de São Paulo. Casaram-se ambos na familia do Barão de Ataliba Nogueira. Dedicaram-se ambos á agricultura, sendo fazendeiros em Campinas, onde deixaram numerosa descendência. A elles se referirá muitas vezes Ruy, em cartas posteriores. Na Fazenda do *Rio das Pedras*, dirigida finalmente pelo Dr. Luiz Albino, passou Ruy muitos períodos de descanso.

Sim, Snr — já sabia que mais um neto lhe déra Xiquinha — o marido fez-me o favor de escrever — uma coisa rarissima n'elle: e por signal que ainda lhe não respondi.

Acceito o seu abraço de satisfação pelo restabelecimento de meu querido Ruy. Conheço sua alma, sei como é bom com todos, e muito comnosco. Dei-lhe o seu recado que elle agradece tambem muito.

Com effeito, devo ao Ruy muitos dias de vida, pelo quase orgulho que me vem de seu procedimento, e do seu bonito talento, que é tão incontestado, que V. não me levará a mal reconhecer-o. — Em 23 annos poucos o egualão; porque, muito applicado, e com os dotes intellectuaes que tem, meu filho propõe-se a escriptor notavel e a Orador de 1.^a ordem. Agora mesmo n'um meeting, que houve no Theatro, sobre a eleição directa, elle, fallando aqui em publico pela 4.^a vez, foi applaudido de um modo que me commoveu. O Dantas e outros dizem-me que o Ruy é superior a José Bonifacio, e sustentão que certamente hoje não se falla melhor do que elle. Severo na dicção, que sempre o fiz cultivar, muito dialectico, já com algum cabedal, boa voz e imaginação bastante, com mais anno e o amor ao estudo que sempre o caracterizou, elle será de alguma nome, se Deus quizer e a saúde, que hoje tem, lhe não faltar. Não será milagre, pelas sympathias

que o rodeão e pelo bom nome, que é muito generalizado, que V. o veja ahí na Camara consigo, si a politica liberal vier a governar. Provavelmente por alguma providencia estranha; mas isto, meu amigo, que não passa de uma probabilidade, digo-lh'o á puridade, pois que nem a elle mesmo o tenho reflectido.

Como escriptor, remette-lhe elle, pelo correio, 1 folheto que escreveu, como advogado com o Dantas, em um celebre negocio d'aqui. E' uma verdadeira ladroeira — alardeada pela rua — mas abençoada unanimemente pela Relação, sendo Juiz relator o Luiz Antônio (1), compadre de um dos corcos. O advogado adverso foi o vadio do Euzebio (2), sobrinho d'elle. Sustentão que o Codigo não cogitou do assumpto. Faça V. o favor, qualquer que seja a sua opinião, de ler o papel de meu filho e dar-me o seu juizo (3).

(1) Refere-se ao cunhado. Desembargador Luiz Antônio Barbosa d'Almeida, com quem não se dava, como já dissemos.

(2) Antônio Euzébio Gonçalves de Almeida, primo de Ruy, futuro vice-presidente da Primeira Constituinte Republicana. Como lider conservador na Assembléa Provincial foi adversário importante de Ruy que se iniciava no Partido Liberal. O discurso de Ruy nesta Assembléa em 27 de junho de 1878, publicado por seus amigos, é um debate com o primo onde algumas vezes surge o nome do Desembargador Luiz Antônio.

(3) Deve ser o trabalho enumerado na Pag. :6 do "Ca-

Sou muito sensível ao seu obsequioso offerimento do Hotel Barbosa de Oliveira. Bem desejo aproveitá-lo, pois tenho as mais vivas saudades de V., de toda a sua boa e agasalhadora Família, e de meu morosissimo Zusa. Não carece que a Camara me chame; qualquer ensejo que haja, não perderei, para vel-os, abraçá-los e repetir-lhe de viva voz o agradecimento meu e dos meus.

Adeos — Lembranças á Maricóta, á Luizinha e aos seus filhos ausentes, a Zusa, ao Eugenio (1); e ponha-me aos pés da Snra. D. Isabel a quem visito com mt^a. particularidade.

Receba um abraço do

Seu mt^o. obr^o. am^o. e Primo

J. Jé.

E' a ultima carta de João Barbosa.

E' de 1874 a carta que se segue, narrando o triste acontecimento de sua morte:

tálogo das Obras de Ruy Barbosa" — por Baptista Pereira: — *Crime contra a propriedade industrial* — Meuron & Cia. e a Justiça Pública contra Moreira & Cia. 110 pgs. Tip. do "Diario da Baía".

(1) Maria Amélia, casada com o Barão Geraldo de Rezende; Luiza, casada com o Prof. Oscar Bilhões. Zusa é o apelido do irmão do Cons. Albino — Dr. José Barbosa de Oliveira. Seu filho Eugênio Barbosa de Oliveira, engenheiro notavel, estabeleceu-se mais tarde em Campinas.

Bahia, 30 de Novembro de 1874

Primo Albino

Despedaçado pelo mais profundo soffrimento, cumpro o penoso dever de participar-lhe que, no dia 28 do corrente, ás 4 horas da tarde, chamou Deus a seu seio a meu muito querido e extremoso pae, seu sincero amigo. Começando no dia 25, ás 7 horas da noite, á cruel enfermidade que o acometeteu bastaram-lhe trez dias para matá-lo. Dois accessos successivos de uma cólica terrível, que, no segundo, esteve em termos de dar-lhe a morte, foram seguidos de uma retenção de ventre, rebelde aos mais heroicos esforços da medicina, e accarretaram conforme uns uma perytorate, ou, conforme outros, uma inflammação intestinal, terminando por uma perniciosa, a cujo segundo acesso faltaram ao doente as forças necessarias para vencel-a.

Morreu como verdadeiro christão reconciliado com todos e perdendo aos seus maiores inimigos.

Sobre o peso do onerosissimo encargo que a Providencia deixou agora sobre os meus hombros, escusado é fallar-lhe; péço apenas a Deus que me dê tantas forças e meios quanto é profunda a minha boa vontade de cumprir esses deveres penosos, mas sagrados.

Peço-lhe o favor de communicar esta carta

a Exma. Prima D. Isabel e ao Primo Zuza, a quem as incalculaveis tribulações de minha situação não me permitem escrever especialmente, rogando-lhes que não me levem a conta de desatenção aquillo que não é senão consequencia do estado afflictivo de meu espirito.

Queira ter a bondade de recommendar-me a todas as Primas e Primos e de accitar um abraço do

prmº. obrmº. amº., do C.

Ruy

INICIO DE CARREIRA

E' após a morte do pai que Ruy tomou a nobre resolução que importava no sacrifício de sua mocidade. Podia renunciar á sucessão e iniciar vida nóva. Quiz, porém, succeder ao Pai na chefia da família, com todos os onus que o cargo representava. Fez substituir nos bancos a firma do Pai pela sua e pagou as dívidas todas, pontualmente, sem a falta de um vintem. Batis-ta Pereira encontrou no seu arquivo os cadernos de notas em que Ruy assentava as despezas nessa época terrivel. Estão agora na "Casa de Ruy Barbosa." É uma odisséa da honestidade e do trabalho. A êsses cadernos alúde o proprio Ruy na carta de 1.º de Março de 1876.

As cartas seguintes, endereçadas ao Conselheiro Albino, são documentos importantíssimos para a história dessa face heróica da sua mocidade. Por élas se tem uma idéa viva do que representou para o joven advogado a vida de privações que curtiu por tanto tempo:

Bahia, 19 de Dezembro de 1875

Primo Albino

A falta de resposta até hoje á minha carta

de 9 de Junho, suscitada pela sua de 18 de maio, ambas d'este anno, leva-me a escrever-lhe de novo, para resolver as minhas duvidas quanto á causa deste facto. Habitudo a ver o interesse nunca desmentido com que, desde que me entendo, vi sempre acompanhar o Primo tudo quanto nos diz respeito, vendo pelas suas missivas posteriores ao fallecimento de meu Pae, que esse interesse perdurava; sabendo até que, ainda não ha muito, pessoas de nossa casa receberam letras suas: — tenho debalde dado tractos ao espirito sobre a explicação d'este silencio de que tudo me induz a pensar que a culpa, bem que involuntaria e inconsciente, seja minha, e não de quem considerei e considero como verdadeiro amigo meu, tanto quanto de meus paes o foi.

Cheguei a reccar (não a crer) que a minha solução ás suas interrogações e conselhos acerca da noticia, que lhe chegara aos ouvidos, de pretender casar-me, houvesse-o magoado. Na minha carta de junho (1), confessando, como com a mais intima satisfação confesso, as obrigações de respeito que lhe devo, e os titulos que como cabeça e conselheiro da familia, tem ás attensões minhas, como de todos os membros d'ella, respondi-lhe eu, todavia, que forças muito superiores á minha vontade obrigaram-me a não annuir aos

(1) Não se encontra esta carta.

conselhos desinteressados e affectuosos que me enviava o meu bom parente. Teria essa negativa minha de algum modo levantado contra mim a suspeita de uma resistencia pertinaz e infundada, que tenha diminuido com desabono meu uma estima de que tanto apreço fiz sempre? Esta hypothese, não n'a pude acceitar. As minhas justificativas parecem-me bastantes para remover esse pensamento. Na carta alludida expuz eu ao primo os successos relativos a isso, taes quaes se deram, e essa narrativa acho eu que constituia uma defesa completa. Fiz-lhe ver como esse casamento era deliberação anterior á morte de meu Pae; como empenhos de honra, a minha palavra obrigada muito notoriamente, afóra a energia de um sentimento mais forte que os calculos communs de conveniencia, impunham essa resolução, hoje fatalmente cortada pela morte de minha querida noiva a 8 do corrente; como as informações de ser má essa alliança nenhuma base tinham, salvo a pouca fortuna da pessoa com quem eu havia de alliar-me; como uma deserção minha, em tal altura, seria além de uma vileza, um attentado contra a minha desposada e provavelmente o assassinio d'ella; como, emfim, quando a situação aliás não era ainda tão séria como depois, a pressão de meu charo Pae, exercida com a maior energia e com toda especie de recursos foi inefficaz em demover-me. A' vista de todas todas essas pondera-

ções não acceitar a inspiração que me dirigia o Primo era apenas ceder a uma necessidade inevitavel. Persuado-me, pois, de que as minhas conjecturas neste sentido não tinham base.

Procurei, portanto, outras explicações; mas ignoro ainda qual d'ellas corresponda á realidade. Talvez um extravio no correio (facto entre nós trivialissimo, e de que por diversas vezes tenho sido victima), cortando o caminho a carta, houvesse-o deixado crer até agora numa injustificavel indifferença de minha parte. Por isto vae esta, como cautéla, registrada, e, porque não sei se o Primo ainda estará na Côrte, confiada a uma amigo meu que d'alli fal-a-ha seguir seu destino.

Outras idéas tambem me assaltam. O fallecimento de meu Pae não extinguiu os odios que lhe amarguraram a derradeira quadra da existencia. Todos esses rancores herdei-os eu gratuitamente, e assaz já os tenho experimentado em dolorosas revelações. Quem sabe, pois, se d'ahi em presença do Primo se não terá derramado já contra mim a fertilissima veia dos que, por me arruinaarem de toda maneira e em toda parte, não têm recuado perante nenhuma hypocrisia, nenhuma crueldade, nenhuma vergonha? Seja como fôr devo prevenir, quanto a mim, o meu bom parente contra os artificios d'esses que foram os acceleradores da morte de minha Mãe, e que en-

venenaram dos mais acerbos desgostos, os ultimos annos de meu pae.

Em todo o caso, uma vez por todas, peço-lhe escusa pela minha falta de assiduidade em escrever-lhe. A minha vida é de um labor e agônias muito acima das minhas forças, não moraes, mas physicas. O meu emprego na Misericordia, a advocacia, para mim aqui trabalhosissima, bem que quasi esteril, e a imprensa politica, de que me é impossivel separar-me, visto como sou um dos redactores do *Diario da Bahia*, constituem tres sérios deveres cada um dos quaes seria sufficiente para occupar um homem são, e que, entretanto, vejo-me forçado a reunir em mim só. Demais, a inopinada morte de meu Pae deixou-me pai de familia, e sobrecarregado com uma divida superior a doze contos de réis, quasi toda em letras bancarias, além de outras obrigações pecuniarias muito graves. Tenho letras em *todos* os mezes do anno, duas em cada um dentre oito e trez nos restantes. Os meus vencimentos na Santa Casa (Rr. 3:000\$000) não me chegam nem para amortização desses debitos, quanto mais para o mais, que excede a outro tanto d'aquella quantia. A advocacia desta provincia, *mendiga*, e dia a dia decae desanimadamente como tudo nesta desgraçada Bahia. Vejo-me, portanto continuamente nos maiores apuros; e se d'elles me tenho sahido, sabe Deus á custa de quanta seiva

de uma vida que neste anno só se tem esgotado como em dez vou arrastando este fardo. Parece, por consequente, que as minhas commissões merecem certa indulgencia especial, porque não exprimem senão fadiga, extenuação ou falta absoluta de espaço para o cumprimento d'esses deveres.

Paro aqui, por crer que tenho dicto já quanto basta para explicar-me e obter do Primo esclarecimentos que vivamente desejo.

Peço-lhe agora que de minha parte visite a Prima D. Isabel, a Chiquinha, Luizinha, Maricota e aos Primos Luiz e Albino, recommendando-me tambem muito especialmente aos Primos Zuza e Jacobina.

É despenha sempre illimitadamente
do pr.^o obm. e am.^o do C.
RUY

Bahia, 1 de Março de 1876.

Primo Albino.

Ao voltar de uma viagem de cerca de um mez, que me obrigaram a fazer pelo reconcavo umas intermitentes rebeldes á medicina, das quaes agora, graças a Deus, parece estou curado, — recebi a sua prezada carta de 13 do mez proximo findo.

Fico sciente da razão que explica a falta de

letras suas a mim durante tanto tempo. Antes, em todo caso, esse motivo do que os outros, de que me receiava. Não me admira a infidelidade do correio; porque mais de um lógro d'esses, e ás vezes em occasiões ainda mais graves, já me tem succedido. De agora em diante, porém, adoptarei a resolução de lhe não dirigir as minhas cartas senão registradas.

Não tinha razão o Primo de temer que conselhos seus me fossen mal accetos. De tão bom, antigo e provado amigo d'esta família, actos desses nunca os recchi, nem posso receber, nem receberei senão como finezas do coração. Pódem não me persuadir os argumentos; posso, pois, não seguir a indicação; mas o obsequio, o serviço, e, portanto, o meu reconhecimento serão sempre os mesmos.

Agora, de passagem apenas, uma observação acerca de um topico da sua carta. Entende o Primo que foi a Providencia quem se incumbiu de acabar o que nem a sua valia nem a de meu Pae conseguiram. Consinta-me dizer-lhe que não penso assim. Nem acho que os interesses do meu futuro merecessem á Providencia isso que o meu bom parente e amigo reputa grande mercê, nem ainda quando tivesse a presumpção de me julgar digno d'ella, admitiria que aquelle que deve ser ao mesmo tempo a justiça e a bondade immolasse uma vida innocente aos meus commodos ou aos

votos de afeiçoados meus. Esta ponderação, que o Primo desculpar-me-ha, será talvez de quem ainda se não curou de uma ferida naturalmente difficiltosa de fechar; mas, em todo o caso, é o que, no estado actual dos meus sentimentos e do meu espirito, actua com demasiada força em minha alma para que eu tivesse a falta de franqueza de esconder-lh'o.

Quanto ao casamento de Brittes, foi a doença de que já lhe fallei e a excursão, consequencia d'ella, que me fizeram não lh'o ter já comunicado, segundo era meu dever, e espontaneamente havia já de cumprir. Annui á alliança de minha Irmã, porque não tinha motivos de contrariá-la. Tudo, quanto, pelos meios possiveis, pude colher acerca do noivo, já da sua pessoa, já da sua vida quer de portas a dentro, quer de portas a fóra, induz-me a crel-o capaz de merecer a mão de Brittes, e a prever nelle um bom pae de familia. Pelo que toca a meios de subsistencia, tem-n'os até hoje quantos bastem para viver independente. E' negociante, em começo ainda, é verdade, mas que permittindo Deus, pôde vir a ser muito feliz. E' até onde humanamente me era licito a mim calcular. Quanto ao mais, está nas mãos de Deus, que é de quem todos afinal dependemos.

O acto espero que effectuar-se-ha em 22 do mez vindouro; e, como Brittes cuida que não se aparta de minha tia, sua companheira, irmã, e

quasi segunda mãe, virei eu a ficar sósinho com os meus deveres, que em bem pouco, relativamente, com esse facto se alliviam.

Já, na minha anterior, lhe descrevi a historia e o peso das dividas de meu Paç, aggravadas, não obstante os pequenos recursos que eu tinha junctos, com outras, effeito d'aquellas. Os meus vencimentos na Misericordia, que se reduzem a Rs. 3:000\$000 escassamente dão-me para o juro. A advocacia, que, nos dois primeiros annos, rendeu-me annualmente 4:000\$000, agora, por força das minhas circumstancias actuaes, do emprego que a urgencia de necessidades fataes obriga-me a exercer, da miseria crescente e incalculavel da terra, esgotou-se littera'mente p.^o mim, apezar de certa reputação que mt.^o. inmerecidamente gozo aqui. Portanto, não ganho nem metade do que me é imprescindivel para despesas cada uma das quaes, descumprida, viria a ser para mim uma vergonha intoleravel; porque, em primeiro lugar, antes de chefe de familia, puz sempre timbre em não dever, e nunca devi nada a ninguem; e depois, agora que tenho esse encargo aos hombros, não devo senão o passivo que hêrdei, ou a que as obrigações d'esse me têm violentado. Isso sabem-n'o os meus amigos d'aqui, e demonstra-se com uma escripturação mercantilmente exacta e miúda. O resultado — bem póde calcular o Primo — é contrahir muitas vezes novos debitos, para nos

vencimentos, honrar o nome de meu Pae, salvar, pelo menos, os trastes da casa e o meu brio, e não sacrificar os meus abonadores, que são homens de bem e desinteressadissimos amigos.

Tenho até hoje conseguido esse prodigio, á custa de privações que eu estava quasi chamando heroicas, com o direito que me confere a minha vida prematuramente estragada em trabalhos superiores ás minhas forças, — que eu, repito, poderia chamar heroicas, se não as considerasse apenas como o desempenho de um rigoroso dever filial. Alguns mezes mais, porém, e estarei tolhido absolutamente; porque todas as fontes estão a estancar-se. Já ultimamente vi-me forçado a supplicar aos estabelecimentos uma dispensa de amortização por certo tempo. Submetti-me a essa humilhação, da qual nem eu sou culpado nem ninguém, senão sómente a desfortuna da minha casa. Mas isso não melhora a minha condição, não só porque esse favor abrange apenas as obrigações firmadas com a assignatura de meu Pae, ficando, portanto, excluidas as que elle contrahira sob nome alheio, e as que as despezas occasionadas pelo fallecimento d'elle me obrigaram a contrahir, como tambem porque, em todo o caso, basta-me o desconto implacavel para por si só absorver todos os meus minguaDOS rendimentos, não me restando mais nada nem para as amortizações in-

vitaveis, nem para a manutenção da família, ou, sequer, minha.

D'esta maneira, toda a minha vida, toda a minha profissão por assim dizer, de ora em diante, o meu futuro, tudo vem a cifrar-se em trabalhar para extinguir interminavelmente gotta a gotta, com um suor de sangue, esta divida acobranhadora. Nem a minha carreira natural, a advocacia, me será mais licito exercitar, e verdadeiro ganhador, servo, escravo dos credores, nada mais me resta esperar que algum desdouro publico, certo, sem duvida nenhuma, e provavelmente não remoto.

Em circumstancias taes o conselho dos meus mais experientes e melhores amigos é que eu deixe por algum tempo a minha provincia, para procurar noutra, na Côrte, meios, ao menos, de saldar o meu debito, e assim habilitar-me a poder, neste mundo, ser util em alguma coisa. Fallam-me na grandeza d'esse outro theatro; nos exemplos de tantos, engeitados, como eu, na sua terra, e que tanta prosperidade tem obtido ahi; em certo nome que eu sei ter ahi entre pessoas valiosas para auxiliar-me; na urgencia, enfim, imperiosa, indeclinavel, de, seja como fôr, deixar eu quanto antes esta situação, que, a continuar d'este modo, não tem horizonte possivel.

A' vista d'isto estou deliberado a aceitar o plano, sobre o qual peço tambem o seu parecer.

Realmente, não descortino outro salvamento; é, penso, a solução unica de minhas actuaes difficuldades. A realizar-se este projecto, em maio ou junho pedirei aqui uma licença, para ir ahí, na Côrte, verificar se Deus consente que eu seja propheta em algum ponto do mundo.

Alegram-me profundamente as noticias do Luiz, do Albino e do Eugenio. Dou-lhe os meus parabens mt.^o cordeaes, assim como ao Primo Zuza, a quem peço-lhe m'os transmitta.

Muitas recommendações e saudades ás Exmas. Primas D. Isabel, Chiquinha, Maricóta e Luizinha de quem todas me lembro sempre com as mais gratas recordações.

Não o acompanho nas suas apprehensões quanto ao "fim proximo de sua vida". Essas relações de paes a filhos, neste ponto, são a coisa mais fallivel d'este mundo. Creio que ahí as *excepções* são mais numerosas que a *regra*. O que apenas ha nesse genero de factos é que as coincidencias, como em geral succede, fixam mais particularmente a attenção, e assumem, portanto, assim indevidamente uma importancia que não têm. A Providencia tenho fé que ha-de permittir-lhe ainda muitos annos de vida, para felicidade intima da familia a que se desvanece de pertencer este seu pr. am.^o do C. obrm.^o.

RUY

Venceu, contudo nessa luta titanica contra tantos empecilhos. E quando, mais tarde, alguem aludiu ao início trabalhoso da carreira, poude replicar: "Nasci, é verdade, na pobreza; e de tal me honro; porque essa pobreza era a corôa de uma vida, que o amargor dos sacrificios não deixou fructificar em prosperidade. Mas, se disso me desvanço, não é menor a honra, para mim de ter sabido com o suor de muitas agonias transformar espinhos em fructos de benção, fazendo do meu trabalho um manto de respeito para a memoria de meu pae. E por isso bem é que a memoria do pae venha trazer hoje o testemunho incorruptivel dos mortos em soccorro do filho indignamente diffamado. Não é a primeira vez Senhores, que me vejo obrigado a invocal-o contra a calunnia politica, de que elle tantas vezes triumphou.

Mal se haviam inteirado tres annos que eu deixara a academia quando meu pae fechou os olhos. Era elle, na minha provincia, a maior cabeça de sua época, o orador mais perfeito que já conheci, distinguindo-se ao mesmo tempo, como um caracter de limpidez e inflexibilidade adamantinas. Com taes qualidades não podia ser feliz na politica, madrastra sempre, entre nós, aos espiritos de escola e ás consciencias inflexiveis. Severamente açoitada por ella sob a situação conservadora de 16 de Julho, os seus ultimos annos foram de privações, não obstante a austera modestia de seu viver; e falleceu onerado de encargos.

Eu herdara, pois, o trabalho e a lucta, mas a lucta

como quem nasceu para a menear com a energia de uma arma, e o trabalho como quem fora talhado para vencer nelle como num campo de batalha. Facilimo era evitar o peso dessa herança: bastava renunciar a successão a beneficio de inventario.

Mas me pareceu que o dever m'ò vedava. Renunciei, pois, nos autos, em favor de minha irmã, o activo do casal: os moveis, as alfaias, todos os valores encontrados em casa, e substitui, nos bancos sem reserva de condições, a firma de meu pae pela minha. Não pedi misericórdia, e não a tiveram conmigo. O morto continuou a viver em mim nas suas responsabilidades, pelas quaes nunca encontrei quartel. Era assim que eu queria: foi assim que me trataram os estabelecimentos. E foi assim que eu venci" (1).

(1) Discurso no Senado (resposta ao dep. Cesar Zama), em 13 de Outubro de 1896.

PRIMEIRAS VITÓRIAS

O ano de 1876 foi, sem dúvida o mais importante da primeira fase da vida de Ruy. Desde o seu início até o final, mudaram os ventos. Se em Março escrevia Ruy neste estado de desânimo, falando até em abandonar a Província já no fim do ano via aliviar-se a atmosphera e sentia a vitória mais proxima. A correspondência denota a mudança de animo. A' última carta, pesada de negros presentimentos, segue-se outra que, desde o aspeto material, denota uma revolução no estado d'alma. E' em papel de pequeno formato, elegante, margado de ouro, com iniciais impressas ao alto. E' dirigida ao Dr. Jacobina e nêla se lê, em letra miúda, proporcionada ao quadro:

Rio, 25 de dezembro de 1876.

Caro Primo Jacobina.

A intimidade *expansiva* com que V., *maliçiosamente*, ao despedir-nos, desejou que eu lhe escrevesse, falta-me, já agóra, occasião de tel-a; porque a desta carta já é sem mérito. Se alguma póde ter, será apenas o de dirigir-me, não a V., a

quem resentimentos de antiga amizade não dão licença de ser *bom* comigo, mas á Prima Chiquinha, a quem participo (e só por intermedio della, se me permite esta liberdade, a V.) o meu casamento com Maria Augusta Vianna Bandeira, hoje minha adorada mulher, que se juncta a mim cordialmente nesta comunicação.

Agora, só me resta pedir-lhe noticias suas, da Prima e dos pequenitos, com a esperança de que me considerarão sempre e apesar de todas as queixas,

seu primo e am^o.

RUY

Como se vê, Ruy veio ao Rio, em viagem de núpcias. Hospedou-se, como de costume, na casa do primo, á rua dos Inválidos (na péça hoje ocupada pela sexta pretoria civil — Cartório Pinto de Mendonça). Volta logo á Baía onde a carreira política se iniciava brilhantemente. Em 1877 é eleito deputado provincial e toma papel saliente nos debates. Com o acúmulo de serviço, porém, cessa a correspondência, e disso se queixa o velho primo.

Em fins de 1878 corre na côrte que Ruy estava incluído na chapa do partido liberal para a nóva camara. Albino, ainda que não fosse político militante, sempre tivéra simpatias pelos conservadores. Nem por isso deixa de se alegrar com a notícia e apressou-se em

comunica-la ao Dr. Jacobina, então em Paris, onde passou o ano de 1878.

Em carta de 27 de Outubro diz êle:

“O Ruy está deputado; teve hua filha e não m’o participou”.

Mas ao mesmo tempo que isso chegavam os rumores de uma violenta polêmica entre Ruy e o tio deste, o Desembargador Luiz Antônio Barbosa d’Almeida. A briga entre dois parentes entristeceu muitissimo o decano da família que comentou, ainda em carta ao genro:

“O peor foi a triste polemica pela imprensa, onde Ruy maltratou horriavelmente o Luiz Antonio, seu tio. O Octaviano (1) conversou muito comigo e reprovou muito o procedimento do Ruy; mas Ruy não é dócil e é mais orgulhoso que o pai”.

Logo depois, porém, recebia a seguinte carta que o punha oficialmente ao par dos acontecimentos:

B'. 20 de Novembro de 1878.

Primo Albino.

O meu vicio, inveterado, creio já que incorrigivel, e digno das mais severas penas no tribunal da amizade, o meu vicio de imponctualidade nas relações epistolares com as pessoas que mais pre-

(1) Francisco Otaviano de Almeida Rosa.

so, levou-me a deixar de escrever-lhe toda esta longa série de mezes. Não lhe quero pedir absolvição, porque eu mesmo me condemno, nem attenuantes proponho, porque não as vejo. Posso-lhe, porém, affirmar que no intimo de meu coração estou castigado pelas asperas reprehensões delle, tanto mais asperas quanto exterioridades desta ordem pôdem auctorizar a respeito dos meus sentimentos moraes uma idéa falsa.

Não pense, porém, que, ainda assim esteja desanimado, nem tenha medo á austeridade do seu juizo; porque ali vai comigo quem de maiores pecados me obteria a graça, perante o mais carrancudo Minos: um anjinho, minha filha Maria Adelia, que vae receber a benção do antigo chefe da familia e do velho amigo de seus avós e paes.

Dignaram-se os meus correligionarios politicos, sem nenhuma solicitação minha (porque nunca requestarei cargos de tal melindre), fazer-me deputado geral, como já deve saber. Ali estarei, pois, querendo Deus, até o dia 8 ou 9 de dezembro p. vindouro. Como desta vez não posso deixar de levar, além de Maria Augusta, minha sogra, a quem vivamente preso, mandei alugar casa, que já está contractada, e com a qual estou mui satisfeito. E' a que occupara o Pinto Lima, no Largo do Valdetaro.

Temos, portanto, muito tempo de conversar.

Maria Augusta se abraça com Primo, a Prima Luizinha e a Prima D. Isabel, a quem peço o favor de recommendar-me.

Até breve.

Seu primo obrmo. e amigo do C.

RUY

Albino apressou-se em transmitir as notícias a Jacobina. Eis o que se lê na carta de 29 de Novembro:

“Ruy finalmente escreveu-me da Bahia, participou-me que he Dep^o., que tem uma filha, que vem agora, que traz a sogra, que alugou a casa do Pinto Lima, no Largo do Valdetaro, o que tudo eu já sabia, mas nada era official e tanto que eu já notava o silencio do Snr. Ruy, que nem ás minhas cartas respondia, pelo que fui obrigado a recolher-me ao silencio. Finalmente fallou com muita civilidade, muito respeito, muita gratidão, e vem quando nos retiramos para roça.”

Como se vê, as expressões da carta de Ruy conseguiram tocar o coração do velho parente, que esqueceu toda a demora da correspondência.

Em 1879 chega realmente ao Rio o novo deputado e toma parte immediatamente nos trabalhos preparatórios da camara. O primeiro discurso é um defeza do diploma de um adversário, mas que Ruy reputava indiscutivel. O fáto causou grande sensação nos meios políticos. Era extraordinário que um estreante

iniciasse a carreira defendendo um inimigo do partido e atacando o diploma de um correligionário. (Gavião Peixoto) O cons.^o. Albino assim relata os fatos a Jacobina, em carta de 20 de Janeiro de 1879:

“João Mendes foi posto para fóra da Camara, que ficou unanime: O Ruy propoz a incompatibilidade do Gavião por causa dos engenhos centraes de Capivary e Porto Feliz e sustentou brilhantemente a sua emenda: erão os mesmos argumentos com que o Martinho Campos sustentara outr’óra a incompatibilidade dos Deputados conservadores: mas o mesmo Martinho Campos, os Ministros e outros, no total de 59 votarão contra a emenda, que teve a favor de Ruy, os Bahianos, e outros no total de 34. Eis a justiça política! Sou amigo do Gavião e não gosto do João Mendes; e o Dep.^o era o João Mendes. A votação foi nominal, a requerimento de Ruy. O A. Celso, (1) o L. Barroso (2) e o V. de Medeiros (3) que aliás estão em listas p.^a. senadores, votarão com Ruy; honra lhe seja!”

No correr do ano chega da Europa Jacobina. Terminada a sessão parlamentar volta Ruy á Baía, de onde escreve a seguinte carta:

(1) Afonso Celso de Assis Figueiredo, futuro Visconde de Ouro Preto.

(2) José Liberato Barroso, deputado pelo Ceará.

(3) João Ernesto Viriato de Medeiros, idem, futuro senador.

Bahia, 19 de Janeiro de 1880

Primo Jacobina

O portador deste será o Manuel Jorge (1), que volta restabelecido. Parece que esta vez a cura foi mais radical. V. não me escreveu, como ficara de fazel-o, acerca do negocio de sua irmã (2), que eu tão sincero desejo tinha que fosse satisfeito. Será porque eu tambem, pela minha parte, faltei, egualmente á promessa que lhe fizera, de dar-lhe, logo em chegando, noticias minhas?

Dê-me noticias de sua saúde e da Prima Chiquinha, a quem eu e Maria Augusta nos recomendamos, assim como aos seus filhinhos; a quem mt^o. affectuosamente affagamos; e disponha sem reserva, dos poucos prestimos deste.

Seu primo e amigo

Ruy

Foi nessa ocasião que, estando Saraiva tambem na Baía, recebeu convite para organizar o gabinete, incumbido-se de elaborar a reforma eleitoral, fracassada no gabinete Sinimbú. Não quiz Saraiva partir para a Côrte sem trazer um projeto. Redigiu-o Ruy, rapidamente e apresentado ás camaras, foi convertido em lei.

(1) Manuel Jorge Xavier de Campos, administrador das fazendas de Jacobina em S. Paulo.

(2) D. Maria Jacobina, era professora da escola anexa ás oficinas da E. de F. D. Pedro II.

O ano de 1880, passa-se portanto em grande atividade parlamentar na discussão e aprovação da chamada "Lei Saraiva". Mas como todos os personagens da nossa correspondência estão no Rio, não ha nenhuma carta longa, mas sómente inúmeros bilhetes, desses que revelam uma grande intimidade e que hoje foram tornados inúteis pelo telefone.

Jacobina

Quando ler o projecto de reforma das Faculdades de Medicina, peço-lhe o favor de tomar as suas notas, afim de indicar-me por escripto, se lhe for possível fazer-me mais este obsequio, as alterações que lhe pareçam convenientes.

Visitas nossas á Prima e affagos aos meninos. Maria Augusta sempre com a maligna dôr de dentes!

Seu primo e am. do C.

RUY

S. C. 15, setôr^o, 1880.

Primo Jacobina

Agradeço-lhe os dois obsequios da occasião, que me proporciona, de conhecer a efficacia e a pratica do methodo João de Deus e do bom conselho, que me dá, de ouvir o Lício sobre a reforma da polytechnica. Não faço a carta desde já, por estar escrevendo a toda pressão de vapor

um trabalho que devo entregar hoje para o Dantas. Amanhã ao meio dia e á tarde, para jantar, lá estaremos.

Nossas visitas á prima e carinhos á sua interessante *ninhadinha*.

Primo do C.

RUY

S. C. 30 outubro 1880

Jacobina

Não quizeram os meus peccados que pudéssemos passar hoje uma noite agradável na Rua dos Invalidos. Maria Augusta passou bem doente esta madrugada, e, conquanto já tenha cessado o soffrimento que a mortificou, deixou-a extenuada, de modo que acabo de escrever ao Couto (1), avisando-o para que não venha.

Recommendações á Prima e a todos.

Seu do C.

RUY

S. C. 14 de novbr^o. 1880

Meu caro Jacobina

Como creio que v. não é freguez do *Cruzeiro*, ahí lhe remetto os 3 artigos do Ramos de

(1) Deve ser o Cons. José Luiz de Almeida Couto, professor da Faculdade da Baía, deputada, e que foi o último presidente de sua provincia no Império.

Queiroz, que dessa gazetta cortei para V.. acerca do grande banco (1).

Terá o primo o dictionario anglo-portuguez de Lacerda, ou coisa que o valha, que me possa emprestar? Seria favor; porque, não sei como, esqueci os meus na Bahia.

Seu
amigo do C. obm.º
RUY

— S.C. 20, dez., 80

Primo Jacobina

A falta de inglez-portuguez, tambem me serve o inglez-francez, cujo emprestimo lhe agradeço.

Primo e amigo do C.
RUY

C. 20 dezbrº.

Primo Jacobina

Estou á espera do Alfredo (2), que deve trazer, feito, esta manhã o trabalho de que o incumbi; e, em chegando, lh'o remetterei, com a carta modelada na exposição que V. acaba de fazer o favor de enviar-me.

(1) Trata-se de uma série de artigos combatendo a criação de um grande "Banco Hipotecário do Império do Brasil", então proposta ao Ministério.

(2) Seu cunhado, Alfredo Bandeira.

Só divergimos em que eu ainda não considero "perdida a sua demanda".

Meus respeitos a Prima e affagos á pequenada.

Seu do C.

S. C. 21 dezbr^o. 1880

RUY

Jacobina

Ahi vaç o trabalho (1). Não sei se entendi bem o seu pensamento. Parece-me que sim. Desculpe-me a demóra.

Não pude hontem verificar a hora da ida do Saraiva ao Thesouro. E' facil, porém, saber-o hoje.

Seu amigo e compe.

RUY

S. C. 22 dezbr^o. 1880

(1) Está junto a seguinte minuta de memorial com uma nota a lapis do punho de Jacobina: "Banco Hypothecario — Carta ao Saraiva". E' toda de letra de Ruy. O Banco, porém não passou de projecto. A êle se referirão ainda varias cartas subsequentes de Ruy:

"Pondo nas mãos de V. Ex.^a o requerimento em que me proponho a encorporar uma Companhia para a fundação de um banco de credito real e commercial em São Paulo e Paraná, para o que conto com o concurso certo dos primeiros proprietarios agricolas dessa região, parece-me opportuno fazer a V. Ex.^a algumas ponderações especialmente acerca de um ponto saliente na organização desse estabelecimento.

Antes, porém, de chegar a essa particularidade, permitta-

Jacobina

Acabo de ler o discurso com que o Labiche entrou e com que o John Lemoine o recebeu na Academia franceza, — ambos mui notaveis, mas o primeiro, sobretudo, admiravel pela graça, o espirito e o sentimento, que o tornam uma deliciosa joia. O bom gosto com que elle reune o riso e a emoção! Parecia impossivel que se pudesse fallar assim de Silvestre de Sacy, e perante a Academia. Entretanto não ha exemplo, nessa corporação, dos applausos com que foi acolhida essa novidade, que rompe com os estylos graves da casa. Como supponho que V. terá gosto em conhecer esse pri-

me V. Exa., chamar a sua attenção para dois caracteristicos que definem o valor excepcional do meu projecto. O primeiro é a ampla base do capital em que elle, circumscrevendo-se aliás a duas provincias, tem de assentar: *vinte mil contos* para essa circumscripção limitada. O segundo, ainda mais notavel, é que elle *dispensa toda a garantia do governo*, iniciando assim, por um sério exemplo practico, a solução do problema do credito real e agricola no Imperio, mediante sacrificios da iniciativa particular unicamente, sem a cooperação da responsabilidade do estado, que os nossos planejadores de estabelecimentos analogos tem vivido até hoje na falsa preocupação de ser indispensavel.

Encetando agora o ponto especial desta missiva referir-me-hei á commissão de 3 %, que, segundo o artº. 66, § 1 e § 2 dos Estatutos, se comprehenderá nas annuidades. Devo, para cortar equiveocos, esclarecer a V. Exª. a esse respeito.

Primeiro que tudo, a redacção desse § é: — “A porcentagem da administração, *que nunca excederá de 3 % ao*

mor d'arte, ali lhe envio o *Temps*, onde encontrará os dois discursos.

Visitas á Prima e affagos aos pequenos.

Seu amigo e compadre.

RUY

S. C. 28, dezembro, 1880

Jacobina

Conversei com o Dantas acerca do Marques (1).

Elle não o mandou processar. Remetteu, sim, os papeis á promotoria, "para que procedesse na

(1) O Dr. Cesar Augusto Marques, médico e historiador, amigo intimo de Jacobina, foi denunciado em Juizo por desídia no serviço público. Foi condenado em 1.ª instancia. A Relação, porém absolveu-o. A este pedido ao ministro Dantas se refere o proprio Marques na seguinte carta:

"Jacobina... O Asão de Mello (Barão Homem de Mélo, Ministro da Justiça) mandou ao Dantas o inventario e o relatório da Comissão para que eu seja compellido a pagar tudo... Já viste um estúpido maior... Elle podia mandar directamente responsabilisar-me. Para que buscar o auxilio do Dantas? O que fará o Dantas? Eu o reputo sensato e homem de bem, e por isso não se prestará a ser espoleta d'este..."

Adeus do teu amigo.

17 de Dezembro.

Dr. CESAR".

anno sobre o valor emprestado". Logo não é um lucro invariavel o que ali se firma em proveito do banco, mas um meio de

fôrma do direito", a saber, para que o processasse, ou não, conforme lhe parecesse que o direito exige. Isto quer dizer que o ministerio da justiça *não emittiu juizo, nem expediu ordem nenhuma*: é um simples intermediario, sem parte activa, responsabilidade, nem opinião sua, de uma requisição formulada pela pasta do Imperio.

Accresce, até, esta circumstancia. A secretaria redigira o aviso com esta phrase: — "*proceder criminalmente*". O Dantas, porém, lendo-o, e reflectindo, eliminou o adverbio, tornando perfeitamente incolor o seu acto, que, desta sorte, se reduz a uma méra comunicação de documentos

acompanhar as oscillações do valor do dinheiro, estabelecido pelas condições fluctuantes do mercado. Note V. Ex.^a que, segundo o art. 66 § 1.^o 1, o juro do dinheiro emprestado para no maximo de 8%; base esta que, combinada com o maximo da porcentagem da administração, permittirá ao estabelecimento graduar a taxa dos empréstimos segundo as exigencias da praça, sem exceder jamais o limite fatal de 11% ao todo. E' o que se dá em *todos* os estabelecimentos de credito na França, onde a lei a um juro fixo prefere a variabilidade d'elle, moderado apenas pela fixação de um maximo.

Adoptando o de 11% (inclusive a comissão), teria eu exorbitado? Evidentemente não. Na provincia de S. Paulo o juro é de 12 a 24%. Seria, portanto, futil a esperança de grangear capitães pelo de 8%. Queira V. Exa. advertir, antes de mais nada, que a imposição de um limite impossivel como esse é absurdo, e em caso nenhum poderá beneficiar o mutuario, que, *infallivel e necessariamente*, pela mais absoluta das leis economicas, ha-de ser sempre quem pague a differença entre o juro

ao promotor, a quem fica tocando então o apprecial-os livremente.

Visitas á Prima e carinhos aos pequenos.

Seu amigo do C.

RUY

S. C. 29, dezembro 1880

Meu caro Jacobina

Peço-lhe que V. recomende intima e muito empenhadamente a seu irmão, presidente de Alagoas (1), o estudante Augusto de Assiz Cardoso, que vae prestar lá exame de inglez, francez, philosophia, geographia e rhetorica.

(1) Dr. José Eustaquio Ferreira Jacobina, foi presidente das Alagoas de 1880 a 1882, e foi eleito deputado por Pernambuco, na 21.^a legislatura que não se reuniu. Foi, mais tarde, grande amigo e compadre de Ruy.

realisavel na praça e o juro apparente da letra. O mechanismo dos descontos e transacções encarrega-se, nesses casos, de restabelecer *fatalmente* o equilibrio; e da algibeira do mutuante sahirá por força a *quebra*; porque o credito e o capital não se rendem noutras condições.

Haverá bréchia, porém, nos meus estatutos, para que essa commissão de 3 % seja um meio de especulação? Não, tambem.

Além do fiscal do governo, q. tem o seu papel util, além do proprio interesse do banco, que não ganhará senão em alargar o circulo de suas transacções na lavoura, accresce a disposição do art. 102 dos Estatutos, — que tem a maior importancia para o caso. Enquanto o artigo 1.^o § 7 do decr. de 6 de Nov. de 1875 admite que os dividendos vão além de

E' coisa por que me interesso mui particularmente. Póde entregar a carta ao portador, que é um filho do nosso amigo Dr. João Dantas.

Seu amigo do C. obr. parente

RUY

Jacobina

A pedido meu, enviou-me o Feijó (1) a nota das visitas feitas á Cota, deixando á minha discricção o apreciar-lhes o valor. Não tenho experiencia destas avaliações, e muito menos conheço os preços correntes aqui. V., que tantas imperitencias minhas já tem aturado, poderá talvez

(1) Dr. Luiz Feijó Filho, medico e prof. da Faculdade de Medicina.

12 %, attenta principalmente a clausula, sem restricções, de reservas facultativas accumuladas ás obrigatorias, — o art. 102 do meu projecto fixa uma distribuição de 10 %, determina que o excesso, se o houver, será empregado, de uma parte em crear e custear escolas primarias, da outra em levantar a carta cadastral da circumscripção — dois relevantes serviços aos interesses do estado. Reduzido assim a metade todo o excesso possível sobre o dividendo ordinario, em que a percentagem da administração póde convidar mais a ambição de especular?

Então, tenha V. Exa. ainda a bondade de observar o seguinte:

1.º — O governo concedeu á via ferrea Paulista, *favorecida com a garantia do thesouro nacional*, dividendo de 12 %, sob a clausula de ser repartido com o estado o excesso eventual. Aqui *renuncia-se a garantia de juros*; fixa-se um dividendo

auxiliar-me, informando-me a esse respeito, e aconselhando-me. Bem sabe V. que, se as minhas circumstancias m'ò permitissem, corresponderia á fineza do medico, retribuindo-o com larga generosidade. Não me sendo dado, porem, proceder assim o que quero é cumprir o meu dever sem mesquinheza nem ostentação.

Guie-me. Veja a nota.

Seu primo e am.

RUY

S. C., 4 de jan. 1881

Primo Jacobina

Não ha ainda *lei* do Lafayette (1) acerca de sociedades anonymas, mas simplesmente um proje-

(1) Cons.^o Lafayette Rodrigues Pereira, senador por Minas Geraes, mais tarde Presidente do Conselho.

maximo de 10%, mandando-se dividir tambem o excesso com o estado; porque tanto vale o empregalo na organisação do cadastro e na creação de escolas populares.

2.^o — Enquanto o meu projecto subordina-se a esse onus na hypothese de um dividendo superior a 10%, o Banco do Brasil, cujo dividendo é tambem esse, e que gosa de uma larga emissão de papel, não tem nenhum encargo equivalente a essa compensação.

3.^o — Ao Banco Predial (art. 21 dos estatutos) concedeu-se recentemente uma porcentagem de 2% sobre o juro de 8%, sem o mesmo freio quanto ao dividendo. A differença reduz-se, pois, a 1% menos que o do meu projecto, nas provincias de cuja circumscripção aliás o juro é notoriamente, muito alto;

cto delle approvedo com alterações na camara temporaria e ainda sujeito á deliberação do Senado. Estou na persuasão de que este ainda não acabou de discutir-a; e, se o fez, foi recentissimamente, — o que verificarei, para certificar-l'ho hoje mesmo.

Visitas nossas á Prima e affagos aos priminhos.

Seu primo amigo e compadre
RUY

S. C. 4 de jan. 1881

Jacobina

Agradeço-lhe a sua resposta, que já me esclarece.

Confirmo agora a m.^a informação desta manhã — A reforma da legislação das Sociedades anonymas encallhou no Senado, como outras seis ou sete propostas da camara.

Vamos agora ao fim do mundo eu e Cota: ao Engenho Novo!

Seu primo e am.^o do C.

RUY

S. C. 4, jan. 1881

cumprindo não esquecer que, quanto ao meu projecto, não se tracta senão de um maximo, que o proprio interesse do banco, de harmonia com a clausula do art. 102, fará descer a 2 ½, 2, 1 ½, e 1 %, quando o mercado o permitta.

Entretanto, se V. Exa. considerar absolutamente indispensavel, não será de todo impossivel alguma alteração em certos termos”.

Primo Jacobina

Hontem á noite soube que V. estava incommodado. Mandamos lá o Alfredo (1), e já estava feichada a sua porta. Como vae hoje? Se o incommodo passou, e V. por accaso não fer almoçar em Todos os Santos, venha passar a manhã comosco. Terá carangueijos ao almoço.

Visitas á Prima.

Seu primo e amigo do C.

SC. 6 jan. 1881

RUY

P. S. já não vou a 9, sim provavelmente a 12

(1) Alfredo Bandeira, seu cunhado.

1881

Realmente a reforma eleitoral só foi sancionada no dia 9 de Janeiro. Saraiva, cumprida a missão de que fora incumbido, quiz retirar-se do ministério. O Imperador, porém, instou para que presidisse a primeira experiência da eleição directa. Ruy estava radiante com a aprovação do seu projecto. Dava-se com a reforma eleitoral o que costuma acontecer com toda reforma em torno da qual se faz uma grande expectativa. Não havia quem não estivesse certo de que ella traria uma transformação completa nos nossos habitos políticos. No ultimo discurso da camara sobre a lei, Ruy havia declarado que o paiz havia de ficar conhecendo a reforma Saraiva como "a carta do sistema representativo e da liberdade religiosa no Brasil".

Bahia, 28 de janeiro 1881

Meu charo Jacobina

Não contando o paquete que d'aqui sahio duas ou tres horas depois da minha chegada, e que, portanto, não podia ser portador de letras minhas, os primeiros vapores que se me offereceram para escrever-lhe, foram os dois que hon-

tem d'aqui partiram para o Sul. A balburdia, porém, da minha mudança, que então começara, e ainda não terminou, inhibiu-me de aproveitá-los, deixando-me assim com um ou dois dias de atrazo.

Recebi a sua prezada cartinha, que nos veio avivar gratas saudades. Lembramo-nos continuamente dos bons primos, que este anno, na côrte, se nos revelaram tão preciosos e dedicados amigos. Maria Augusta não cansa de dizer: que Chiquinha lhe servia de Mãe, e Dedelia, dizia a bordo no segundo dia de viagem: "Jacobina foi-se embora, e me deixou". Infelizmente para o nosso coração, como continuo a crer na dissolução da camara, a ausencia será bem longa. Procurarei aligeirar-lhe o pezar, corrigindo-me do meu máu vesio de remisso correspondente.

Tivemos magnifica viagem; as pequenitas procederam perfeitamente, e Cota não enjoou. Achei bons os da familia, menos meu filhinho, que vim encontrar abatido por uma peste de tumores, dos quaes tem mais de vinte, alguns curados cirurgicamente. Felizmente esse incommodo, que não era perigoso, está passando. Quanto á creancinha, não eram exaggeradas as informações: é um cabeçoira, que falla absolutamente tudo, apenas não tão explicado como Dedelia.

Não acredito no boato da tal nomeação para Pernambuco, nem desejo que elle se verifique.

Preciso de um anno de advocacia, afim de ver se reparo algumas avarias deste casco, tão arrombado pelos sacrificios que a politica impoz. Mas, enfim, estarei por tudo.

Logo que assente a minha nova vivenda (estrada da Victoria n. 224), darei principio aos meus trabalhos, a cujo respeito lhe irei escrevendo o que a occasião suggerir, e pedindo os seus conselhos, de que tanto careço nessa tarefa.

Vou incumbil-o agora de uma massada, porque o Alfredo (1), atrapalhado como anda, pôde não ter tempo para tractar-me disso com a urgencia que o caso pede. Envio-lhe inclusa, uma carta para o sr. Manuel Fernandez, que v. encontrará á rua Uruguayana, 1. Pelo conteúdo della que vae aberta, verá v. o favor de que espero v. se incumba. O numero de exemplares do "*Papa e o Concilio*" de que disponho na Côrte, e ficam ás suas ordens em poder do Alfredo, é de 400, e cerca de 300 na Bahia. O preço minimo por que os cederei é de 2\$000 a 1\$800 (em ultimo caso) o exemplar. Se elle acceitar o negocio, está convencionado já entre nós que será feito de mão a mão, sem documento. V. me fará o obsequio de receber o dinheiro, e remetter-m'o para aqui.

Vi que falleceu o Amaral, da secretaria dos estrangeiros. Como se arranjará v., para que vão

(1) Alfredo Bandeira.

ter ás suas mãos os programmaes da escola de pontes e calçadas, que elle mandou buscar para nós?

Não posso acreditar na annuencia do Saraiva ao tal Banco Menstro. Muito me terei enganado, na apreciação que faço da lucidez de seu bom senso, se elle cair nessa esparrella.

Adeus, escreva-me sempre, e eu não lhe escreverei menos. Cota, por este ainda na dobradoira da mudança, não escreve por este correio á Prima Chiquinha com quem se abraça muitas vezes cheia de saudades. Tambem não lhe esqueça a D. Marócas (1), de quem é muito amiga, e a quem manda lembranças e abraços, assim como á Prima D. Isabel e ao Primo Albino, que ao receber desta já devem estar ali. Affagos aos filhinhos.

Queira sempre bem a este seu
primo e compadre do C.

RUY

Como se vê, falava-se na sua nomeação para a presidência de Pernambuco. O ministro, de facto, com o intuito de preparar uma estrêa condigna da lei eleitoral, estava nomeando figuras do mais alto relevo do partido para as presidências provinciais. Foram incumbidos de manter a moralidade eleitoral até mesmo senadores como Petranagui, Meira e Vasconcelos, e Leão Veloso; deputados como Martinho Campos. O

(1) D. Maria Jacolina, irmã de Jerônimo.

proprio redator da lei, fôra assim muito naturalmente lembrado para uma província de primeira categoria.

Ruy continuava a preparar o seu parecer sobre o ensino público. O falecimento de João Carneiro do Amaral, *funcionario do Ministério dos Estrangeiros*, irmão do Barão, depois Visconde do Cabo Frio, incumbido de obter várias informações na Europa assustou-o, pensando have-las perdido. E' o que se vê pelas cartas seguintes.

Meu caro Jacobina.

Tenho hoje a satisfação de enviar-lhe os programmas q. me pediu: com elles lhe mando a carta que V-M me dirigiu fazendo aquelle pedido. Estimarei que os desejos do seu amigo fiquem *assim satisfeitos*.

Mande as ordens do seu serviço ao
Seu velho amigo

J. C. DO AMARAL

14 Março
1881

Foi assassinado hontem o Imperador da Russia.

Amº. Snr. João Carneiro
Rio 6 de Janeiro de 1881.

Como lhe disse um deputado encarregado de estudar a nossa instrucção publica, me pediu para lhe obter os seguintes programmas.

1. Programma detalhado das materias exigidas como preparatorios para a escola Polytechnica de Paris e a maneira de fazer os exames.

2. Programmas (detalhados se houver) das materias que se estudão na Escola Polytechnica: e tambem as tabellas da distribuição das materias, do tempo e aulas.

3. O mesmo para a escola de Minas.

4. O mesmo para a escola de Pontes e Calçadas.

5. O mesmo para o curso de construcções navaes. Como este curso, creio que não é feito em Paris, pôde vir depois. á medida que chegar.

6. Programma detalhado dos cursos da Sorbonne.

E' isto que lhe peço para ter a bondade de mandar pedir com toda urgencia, por que o trabalho deve ser impresso para se entregar no principio de Maio, e por tanto haver tempo de preparar e estudar.

No meo tempo isto tudo havia impresso e se dava na escola aos rapazes. Esquecia-me ainda

7. Programmas dos preparatórios e cursos da Escola de Artes e Manufaturas.

Tenha paciencia com esta massada. Sou sempre com estima seu

am^o. mt^o. e mt^o. obr^o

JACOBINA

A carta seguinte já é de Abril. Está datada de 1880. Mas pelo seu contexto verifica-se haver evidentemente um equívoco. Até o documento que vem incluso e a que se refere a carta está datado de 1881.

Bahia, 13 de Abril 1880 (1881)

Meu charo Jacobina

Não devo defender-me. Reiatarei apenas, e V. que me julgue, em presença dos factos.

Não lhe é desconhecida a minha idéa fixa de obter, mediante o trabalho da minha pena, os recursos de que vitalmente necessito, para me libertar desta servidão de galé, em que as minhas dividas me tem captivo. Chegando á Bahia, vi que a recentissima reforma do ensino, q. aliás não presta para nada, accrescentara ás escolas normaes um curso de *lições de coisas*. A' vista d'este facto, deliberei logo realizar o meu pensamento de traduzir a obra de Calkins. Metti mãos ao trabalho, empenhando-me ao mesmo tempo em concluir-o pichosamente e depressa. O meu calculo era, e é, depois de o ter approvedo pelo Conselho Superior da Instrucção publica, de que hoje sou membro, requerer á Assembléa Provincial a compra para logo depois de publicado o livro, de quatro mil exemplares a 3\$500 cada um: Com essa garantia de 14 contos procederéi a impressão, que será de 15 mil exemplares. En-

tão, alcançando que as outras provincias me comprem os 11 mil restantes, o que me parece perfeitamente exequivel, terei um producto liquido que me habilitará a descartar-me de todos os meus compromissos, deixando-me ainda um saldo apreciavel. Eis hoje a minha taboa de salvação; e V. calculará o esforço com que lucto por não vela mallograda, quando lhe eu disser que em cincoenta dias venci de cabo a cabo a traducção do Calkins. Chamando-a traducção, não a chamo bem; porquanto uma boa parte do livro é um espinhoso trabalho de *adaptação*, que me obrigou a extremos de paciencia e estudo. Assim, tive que accommodar ao systema metrico decimal as lições que o texto consagra ao systema irregular de medidas inglezas e americanas. Assim, ainda, toda a parte concernente aos — Sons de linguagem — é de lavra minha, apenas sob a direcção geral e a inspiração do methodo do autor; pois evidentemente nada podia eu aproveitar para o nosso idioma do que elle escreveu para o inglez. V. pôde calcular as difficuldades que ahi me detinham a cada instante. Não obstante esses e outros embaraços, porém, a tarefa enectada a 16 de fevereiro estava finda a 8 do corrente. Acrescente a isso as obrigações de redactor do *Diario*, que pesam principalmente sobre mim, e me constangem a escrever quasi todo o dia, os deveres da minha profissão de advogado e as labutações do alista-

mento eleitoral, de cujos trabalhos o centro aqui somos eu e o Rodolpho (1), e veja se não é quasi um milagre que o tempo e a saude chegem para tanto. Depois, o fôro este anno tem sido miseravel e, apezar de termos causas, algumas das quaes nos promettem resultado, ainda não começou a pingar para o nosso escriptorio. Juncte tudo isso e calcule o que não deve ter sido aqui a vida, deste seu pobre amigo. Depois diga-me se me faltam justificativas para a impontualidade de minha correspondencia epistolar.

Ha poucos dias, recebi o seu folheto, cuja dedicatoria me commoveu até quasi ás lagrymas, não pelos elogios, que tenho toda a consciencia de não merecer, mas pela extrema affeição que elles revelam. Fez muito bem em não esperar auctorização minha para isso. Que auctorização precisava V., que conhece intimamente o meu modo de pensar e o meu genio? A publicação do seu folheto era realmente a resposta que convinha á incompetencia do ministro ignorante, que não foi capaz (de comprehender) a importancia e exequibilidade das idéas tão concludentemente defendidas por V.

Vivo desgosto me causou a decisão concernente ao banco hypothecario de S. Paulo e Paraná. Até quando viveremos sob o dominio des-

(1) Rodolpho Dantas, futuro ministro do Império.

ses medalhões, em cuja honra e mediocridade e a insciencia geral descobriu o appellido imponente de *espiritos praticos* (1) ?

V. e o Primo Albino tem-me pedido noticias do horizonte que se me pinta quanto ás futuras eleições. A linguagem geral dos amigos, demasiado lisongeira para mim, que a não repito senão constrangido, é que a minha candidatura é a questão de honra do partido. Segundo todas as probabilidades, pois a minha eleição pode-se ter por certa. Hoje, creia-me, se alguma coisa me alvoroça ao pensar nella é a esperança da boa companhia sua e dos seus e a idéa de viver alguns mezes uma vida menos vegetativa e mesquinha que a desta aldeia grande. Quanto ao mais, quanto á politica, bem poucas são hoje as illusões que me restam, e, se me puzessem no olho da rua, não teria mais saudades que o moido Sancho, quando se despedia da sua Barataria, dizendo como eu posso tambem dizer: "Desnudo nací, desnudo me hallo, ni pierdo ni gano".

O Rodolpho Dantas, que ahi vae demorar-se apenas seis dias, é portador de um exemplar de Calkins. Isso é uma ameaça de massada para V. Careço de saber as condições em que posso fazer a edição do meu livro, e onde convirá tiral-a, se no Rio, se na Belgica. A principio propendia pa-

(1) Vide proposta da lavra de Ruy ao Cons.^o Saraiva

ra esta, cogitando na barateza desse trabalho naquella paiz. Informam-me que ha, na Côrte, casas que se incumbem de fazer esses contratos, e se responsabilizam á perfeição da impressão, mediante pagamento em prestações estipuladas por escripto. Ultimamente, porém, inclino-me para o Rio, 1.º porque temo na Belgica as contrafeições, de que já ha exemplos graves com livros brasileiros impressos alli; 2.º porque eu não prescindiria de rever as provas e essa revisão, sendo o trabalho feito na Europa, me demandaria muito, quando necessito da maior brevidade. Desejo, pois, que V. verifique ali quaes os termos mais commodos em que será possível realizar esse commitmentto sobre os seguintes dados: edição de 15 mil exemplares; impressão nitida como a americana e papel igualmente bom; capa cartonada (creio que essa convirá mandar então vir da Belgica, onde seria muito mais barata, melhor o trabalho do que o do Rio); remessa de uma prova a mim, para a rever segunda vez, depois de effectuada lá a primeira revisão; maxima brevidade, nunca inferior ao prazo de tres mezes. Peço-lhe que me faça quanto caiba nas suas mãos por dar-me informações seguras a esse respeito. Aguarde com essa impertinencia minha quem tão costumado já está a ellas.

Cota vae dar a Chiquinha noticias della e da gentinha miúda de casa. Coitada! E' creio que a

quarta carta que escreve á Prima, não tendo feito seguir as primeiras, unicamente para não me deixar ficar mal mostrando-se melhor do que eu.

Como vão os priminhos? Em que collegio ficaram? E a prima Belinha (1)? Continúa a fazer os mesmos progressos, sem dúvida, mas de forças physicas e saúde vae melhor? Ainda hoje, conversando com o Jeronymo Sodré (2) acerca do ensino da geographia nas escolas, mostrei-lhe os mapas della e das condiscipulas, traçados á minha vista.

E adeus. Basta de palrar por hoje. Tenham sempre na conta de um dos seus mais sinceros amigos V. e a Prima Chiquinha ao

primo obm.^o
RUY

14 de Abril

Recbro esta carta para responder á sua de 10, que acabo de receber. Afflige-me muito a grave molestia por que passou em São Paulo, e que não me diz qual foi. Mas, enfim, está de todo bom? E o primo Albino? Muito sentimos a doença, que o tem feito passar por tantos soffrimentos. Já

(1) Isabel Jacobina Lacombe, filha mais velha de Jacobina.

(2) Jerônimo Sodré Pereira, lente de medicina, foi deputado pela Baía.

estará restabelecido? Diga-lhe que pretendia es-
crever-lhe hoje; mas o embarque de Manuelzi-
nho (1) para o Norte e do Rodolpho para o Sul
não m'o permitem. Fal-o-hei pelo proximo pa-
quete.

Não guardei rascunho do requerimento ao
ministro da fazenda. Mas não lhe será facil obter
copia delle na Secretaria?

Recommende-nos á Prima Chiquinha, á
Prima D. Isabel, Luizinha e seu marido, assim
como o D. Marócas. Affagos aos priminhos. Seu
do C.

RUY.

Ahi vae uma resposta minha á sua dedicato-
ria, de que V. fará o devido uso, publicando-a, ou
dando-lhe o destino que entender.

Bahia, 10 de abril de 1881

Exmo. Sr. Dr. Antonio de Araujo Ferreira
Jacobina

Honrado com a dedicatoria do seu notavel
opusculo sobre a conversão do papel moeda, per-
mitta V. Exa. que só á conta da amizade lance as
expressões tão singularmente lisongeiras com que
me obsequiou.

(1) Manuel Dantas, filho do Cons^o. Dantas, nomeado
presidente do Pará.

Adhiro convencidissimo á these que V. Exa. a meu ver, no seu folheto, levou á evidencia. Dessa idéa depende, na minha humilde opinião, todo o futuro economico do paiz. Depois de reforma eleitoral, a que attribuo a importancia de uma verdadeira revolução entre nós, e a par da reforma do ensino publico, que espero será obra oiro é o mais imperioso e o mais proximo problema do primeiro parlamento reformado, a volta ao ma dentre os que envolvem os destinos da nossa patria. Não creio noutra especie de auxilio racional e efficaz á lavoura, nem imagino reformas financeiras capazes de contribuir para a nossa prosperidade, se não fizerem dessa solução o seu ponto de partida.

Acredito, pois, que V. Exa. com a sua publicação illustrou o seu nome, e fez á causa dos bons principios um serviço consideravel.

Sou, com a maior consideração,

de V. Exa.

annº. obrmº. e crº.

RUY BARBOSA

Os seus planos financeiros, comtudo, baseados no livro de Calkins, parece que não produziram o resultado esperado. Infelizmente não ha nesta correspondencia mais nenhuma linha sobre o assunto, mas só em 1886 appareceu a obra, impressa na Tipographia Nacional.

Por essa longa carta vê-se também a intimidade com Jacobina e a unidade de vistas.

Ruy se interessava vivamente pelo estudo da filha mais velha de Jacobina que cursava então as aulas de um estabelecimento famoso, o "Colégio Progresso" superiormente dirigido por Mrs Eleanor Leslie Hentz, americana culta e inteligente. Déia guardo muitas cartas em primorosa linguagem portugueza, consultando o Dr. Jacobina sobre assuntos de pedagogia. Ruy acompanhava o estudo da prima com o maior interêsse. Oferecia-lhe continuamente livros com extensas dedicatórias. Tenho á vista um bello exemplar do livro "Les Pourquoi de Mademoiselle Suzanne" de Emile Desbeaux, editado em 1881. E' um livro para jovens, illustrado, pondo ao alcance de inteligências moças alguns problemas de ciência. Ha nele a seguinte dedicatória:

A minha intelligente prima Belinha,
gentil esperança de seus paes.

Cada coisa, neste mundo, tem o seu *porque*. O de muitas ainda é desconhecido aos homens; mas já é innumeravel o numero dos q. a sciencia tem descoberto. Para os conhecer é que serve o estudo, cujo dedo faz-nos brotar do seio da natureza encantos mais formosos, surpresas mais lindas que as de todos os nossos sonhos e as dos mais risonhos contos de fadas.

Belinha mais tarde me dirá se seu primo não tem razão.

Rio, 24 de dezembro, 1881.

RUY BARBOSA

Ruy chegou mesmo a ir assistir aulas do Colégio Progresso e, de uma feita, levou consigo o amigo Rodolpho Dantas, então Ministro. Da frequência a esse modelar colégio e do trato com sua directora, hauriu êle grande parte das idéas que defendeu no famoso parecer sobre o ensino público. Os mapas a que se refere na carta estão publicados anexos a esse parecer.

O trabalho de Jacobina que Ruy agradece, é um folheto por aquêle publicado em 1881 com o título "Esboço de estudo para a volta dos pagamentos em ouro no Brasil ou conversão do papel moeda". São dezoito paginas datadas de 10 de Abril de 1880, e têm a seguinte dedicatória:

Rio, 2 de março de 1881.

Exmo. Sr. Ruy Barbosa

Este pequeno estudo lhe pertence. Nasceu das conversas illustradas com que me tem honrado. Dedicando-l'ho, peço-lhe sómente desculpe não ser um estudo profundo, como o exigia a matéria, e o sabio deputado que o inspirou, e que espero mostrará um dia ser um estadista sem

igual pelo saber e notáveis qualidades que o adornão.

Sou com a maior consideração

De V. Exa.

Amigo obrigado, e Criado

Antonio de Araujo Ferreira Jacobina

Em meados de 1881, porém, adoeceu gravemente um filho de Jacobina, Antônio. Os médicos recomendaram mudança de ares. Jacobina empreendeu então uma viagem ao norte, com o filho. Foi até Pernambuco, passando tempos com a família. De volta, parou na Baía onde foi hóspede de Ruy. As notícias deste e dos preparativos para a eleição passam a vir na sua correspondência para a família.

Em 10 de Setembro escreve Jacobina á mulher:

“Chegamos aqui na noite de 7, desembarcando a 8, ás 7 ½ da manhã. Ruy foi na lancha a vapor do Guarda-mór a bordo... Ruy tinha muitos amigos para almoçar commigo”...

Em carta de 11 de outubro é o Conselheiro Albino que escreve a Jacobina:

“Na carta que escrevi a Ruy, pedia-lhe notícias de sua candidatura, se contava com dados etc. Se fôr por bem, venha; mas se elle, pela advocacia pôde levantar-se melhor e ganhar dinheiro, e cuidar do futuro dos seus filhos, então Deus faça o melhor”.

A campanha eleitoral corria cheia de aborrecimentos. Eis o que revêla a carta de Jacobina de 27 de Outu-

bro: "Ruy vive na sua mortificação eleitoral, e o tio Luiz Antonio manda-o insultar por todas as maneiras. Hei de mandar uns jornaes a teu pae para elle ver como são amaveis aqui na grande imprensa, e ver como é o tal parente".

Além da campanha pela imprensa, Ruy creara um sério obstaculo ao seu trabalho, incompatibilisando-se com o Presidente da Província que era então Paranguá. E' o que comenta o Conselheiro Albino, na carta a Jacobina de 24 de Outubro:

"Fiquei sabendo que Ruy está desavindo com o Presidente, e senti muito até mesmo porque não sei como augurar bem da sua candidatura, se fôr por aquelle guerreado".

E em 3 de Novembro:

"Lamento esses procedimentos entre Ruy e o tio Luiz Antonio e assisto a esse pugilato como testemunha envergonhada. . . O anno passado o Octaviano censurava o sobrinho por ter escripto contra o tio cousas inconvenientes: isso foi em conversação commigo. Agora é o tio que atassalha o sobrinho! Conhecendo-me impotente para sustar essas loucuras, recolho-me ao silencio e. . . nada mais direi acerca desse triste assumpto".

A eleição se procedeu a 31 de Outubro de 1881. As primeiras notícias chegadas davam resultados favoraveis a Ruy. Tudo correra esplendidamente, com uma lisura e uma calma nunca vista até então. Até ministros foram derrotados. E' o que comenta o Conselheiro Albino.

“Vejo que Ruy irá a 2.º escrutínio! Deus o ajude! Aqui o Pedro Luiz (1) foi derrotado e o Homem de Mello (2) vac a 2.º escrutínio. Dous ministros! Vá lendo as novidades eleitoraes no J. do Commercio; as reflexões cá as faremos. O Godoy já foi derrotado em Pernambuco. Só desejo ver eleito o Ruy; o mais me é indifferente. Só olho para os homens e não me importo com as cores políticas.”

A apuração, porém, corria lenta. A oito de novembro D. Francisca Jacobina ainda escrevia ao marido:

“Queres partir trazendo já a decisão sobre a vinda de Ruy, não é verdade? pois se não me engano o 2.º escrutínio deve ser a 20: é isso? Papai está com mt.º medo desde que vio o Ruy em 2.º lugar... eu pouco entendo dessas cousas, mas tambem tenho medo, por isso mesmo que tanto e tanto o desejo! Emfim, esperemos!”

Em 2 de Dezembro ainda Jacobina informava:

“Estamos esperançados com a victoria do Ruy; que deve ser depois de amanhã, tanto mais segura se hoje vencer o Barão do Gualhy; a cuja eleição se está procedendo”.

Realmente, victorioso o parente, partiu immediatamente Jacobina para o Rio; com elle, ou pouco depois chegou o deputado Ruy.

(1) Pedro Luiz Pereira de Souza, ministro dos Estrangeiros.

(2) Barão Homem de Mélo, ministro do Império.

1882

A 13 de Janeiro era Ruy quem escrevia a Jacobina, então em São Paulo, a caminho de Poços de Caldas, para onde seguia afim de consolidar a cura de seu filho:

Rio, 13 de Janeiro de 1882

Meu caro Jacobina

Pretendia já escrever-lhe, quando a Prima Chiquinha me tornou ainda mais grata a satisfação desse proposito, fazendo-me por hoje seu amanuense.

A constipação, de que V. já a deixou sofrendo, produziu-lhe uma inflamação na face esquerda; e o Dr. Oscar (1), que aqui esteve, achou indícios de intermittencia nos incommodos, de que ella tem padecido. Receitou-lhe uma leve dóse de quinino. Nesse estado, que aliás nada tem absolutamente de inquietador, não poude, como desejava, escrever á Prima D. Isabel (2), de cujo

(1) Dr. Oscar Adolfo Bulhões Ribeiro, professor da Faculdade de Medicina, concunhado do dr. Jacobina.

(2) D^{ra}. Isabel Augusta de Souza Queiroz Barbosa de Oliveira, sogra de Jacobina.

anniversario não cessou de lembrar-se. Incumbi-me, pois, de dizer-lhe que a abraça por ella.

Eu e Maria Augusta nos associamos de todo o coração aos sentimentos affectuosos que a data de hoje aviva na sua familia, fazendo votos para que Deus lhe permitta uma longa e feliz existencia de que tão digna é.

Ao primo Albino os nossos cumprimentos e abraços, tanto mais satisfeitos, quanto mais animadoras são as noticias das suas melhoras e a nossa confiança no seu restabelecimento.

Quanto a V., muitas e muitissimas saudades, assim como todos os votos da nossa amizade pela cura de Totom (1).

Teu do C.

RUY

A política na côrte, porém, tomava novos rumos. O Gabinete Saraiva se enfraquecera logo após o cumprimento da sua missão. Dois ministros haviam sido derrotados nas eleições, inclusive o que referendara a nova lei e assinára as instruções para sua execução. Buarque de Macedo, ministro da Agricultura, falecera repentinamente em S. João d'El Rei. Todo o início do mez de Janeiro se passa na composição do novo gabinete, de cuja organização fôra incumbido Martinho Campos. Dêle faria parte Rodolfo Dantas.

(3) Antônio, filho mais velho de Jacobina.

Eis como Jacobina teve conhecimento destes fatos por carta de sua mulher datada de 17 de janeiro:

...“durante o dia, tivemos um convidado para o jantar, um *futuro ministro*, já vês que foi o Rodolfo. Ruy avisou-me felizmente, hontem á noite, pedindo-me que o recebesse sem cerimonia; disse-lhe *que sim*, está claro, mas sempre tive algum trabalho; felizmente creio que não me sahi mal, e o meu hospede prometteu voltar quando tu chegares etc. etc. Apenas sahimos da mesa (quasi ás 8 hs.) o Rodolfo sahiu para ir á casa do Martinho onde era esperado: Ruy tambem sahiu. Do nosso jantar político as unicas noticias que te posso dar são que hoje abriram-se as Camaras e depois d’amanhã pede o Ministério vélho a sua demissão; a organização do novo ainda se conserva *no segredo*, mas me parece certa a entrada do Rodolfo... E a ti — o que te parece? Ruy está encantado! Coitado! Apesar de saber q. tem de carregar com todo o trabalho! Enfim, elle lá sabe de si!”.

E a 19 de Janeiro: “Ruy recebeu a tua carta. Elle e Maria Augusta sahiram ha pouco para a casa do Dantas; ha tres dias que ensaiavão esta visita! hoje afinal Ruy quiz saber noticias da quéda, digo da *descida* do Ministério. (Ruy não quer que elle tenha *cahido*)! De que modo se levantará elle? — até eu estou com curiosidade de saber os nomes dos nossos novos *governadores!*”.

O início da sua atividade política, porém, não agradou muito ao vélho Conselheiro Albino. E’ o que este

confessa numa carta escrita ainda da sua fazenda em 22 de Fevereiro de 1882:

“Escrevi ao Ruy no Rio. Daqui tenho visto por um óculo as cousas políticas, e confesso, que me contristou a decisão da camara na questão entre o Basson e o Pires Ferreira. Quando vi o parecer da comissão tive compaixão; mas quando o vi approvedo, oh! escondi-me de vergonha. Fosse elle approvedo cem vezes, mas não figurasse como vencedor, o voto de Ruy Barbosa. Estamos na mesma, fação quantas leis quizerem tudo será baldado: os costumes são os mesmos”...

Em Março volta á Côrte o Conselheiro Albino. Jacobina já estava tambem no Rio. Ruy, residia em casa do Conselheiro Albino, mas fazia as refeições na casa de Jacobina, porque o primeiro conservava o antigo costume de jantar ás 4 horas da tarde, o que era assás incômodo para os homiens que queriam aproveitar o dia. Jacobina desde a volta da Európa, adotára a novidade de jantar ás 7 horas da noite. Logo depois mudou-se Ruy para uma casa muito próxima de seus parentes, á rua do Rezende, casa que fôra do Presidente do Conselho Martinho Campos, que acabara de se mudar.

O novo gabinete pouco durou. Em 3 de Julho, o então Visconde, depois Marquês de Paranaguá substituíu Martinho Campos, que confessou não ter vocação para o govêrno. A opposição fôra violenta. A 30 de Junho o ministério viêra abaixo numa votação nominal de 63 votos contra 45.

Ruy trabalhara de um modo incrível, como todos haviam previsto. Não só no parlamento, onde esteve sempre ao lado de seu amigo Rodolfo, mas também na administração, em que, por traz da cortina, se desdobrou com espantosa atividade. Rodolfo não poudo fazer mais do que expedir dois decretos: um sobre concursos no Colégio Pedro II, outro sobre o ensino da farmácia, ambos sobre instrução pública, a sua especialidade. Mas os seus planos eram vastos e tinha muito trabalho preparado. Ruy passava noites em claro elaborando planos e escrevendo regimentos. A's vezes, de volta do teatro, encontrava á porta da casa a ordenança do Ministro. Era um trabalho urgente para o dia seguinte. E quando todos se iam deitar, êle se punha á mesa e varava a noite debruçado sobre papeis. Em meio de toda essa tarefa, escreveu o discurso sobre o *Marquês de Pombal*. A parte referente á Instrução Pública do Relatório do Ministro é de sua lavra. A sua saúde alterou-se e os parentes se preocuparam com visíveis traços de *surménage*. É dessa época o seguinte bilhete:

Primo Jacobina

Peço-lhe o favor de ler o regulamento juncto, e dar-me por escripto a sua opinião sobre as alterações que lhe parecerem convenientes.

Desculpe mais esta impertinencia.

de seu amigo de C.

RUY

S. C., 18 fev, 82.

O Ministério Paranaguá deu-lhe um pouco mais de calma e êle atirou-se novamente ao parecer sobre a reforma do ensino que devia apresentar nesse ano.

Por essa época, acompanhando o estudo dos filhos, Jacobina dedicou-se ao ensino primário, com tanto interêsse que chegou a escrever um método de ensinar a ler que denominou "Silabário Nacional". Saíu á luz em 1883 na livraria Laemmert. A este trabalho, pelo qual tambem se interessou Ruy Barbosa, se referem as cartas transcritas a seguir:

Meu charo Jacobina

Ahi vac, com o meu agradecimento ao seu favor, o meu consciencioso juizo acerca do seu livro (1).

Depois de escripta a carta, vi q. o papel, pe-

(1) Está publicado á pg. 5 do "Silabário" e é o seguinte:
"Rio 15 de Setembro de 1882

Exm. Sr. Dr. Antonio de Araujo Ferreira Jacobina

A sua modestia sollicita, como distincção para o seu livro, o que eu reputo uma verdadeira honra para o meu humilde nome. Com hei-de eu, pois, recusar uma fineza, que me é tão grata? Em torno da minha individualidade não vejo outra sombra, senão a da minha obscuridade mesma, que é toda a minha protecção e defeza. Outros são, portanto, os dignos dessa posição, em que o seu obsequio me colloca. Felizmente o seu trabalho é dos que não carecem amparo de autoridades. O seu merecimento escusa padrinhos, e deve assegurar-lhe o mais prospero destino entre as publicações desta ordem. Se a devoção, quasi religiosa, com que, ha annos, me tenho con-

las costas, está nodado de tinta. Desculpe-me. Tel-o-ia tirado a limpo, se o manuscrito não se destinasse á typographia, e se não me achasse tão incommodado como estou, pela cauza do defluxo q. apanhei ante-hontem, e que esta noite se agravou muitissimo.

Por esse motivo demoro até amanhã a pagina acerca da — “patria” (1). Como é apenas uma pagina, e tem de ser a ultima do livro, póde V. leval-o hoje mesmo ao edictor, prevenindo-o disto.

Visitas á Prima e carinhos aos pequenos.

Seu do C.

RUY

S. C. 15 de setembro

(1) Não consta na publicação.

sagrado ao estudo das misérias, dos interesses e das necessidades do ensino entre nós não me revestisse, perante minha consciencia, de certa independencia moral nestes assumptos, para, em tudo o que lhe tóca, elevar sempre o meu juizo acima de considerações pessoais, não ousaria, penhorado como tenho o coração pela sua inmerecida gentileza, enunciar a minha opinião intima acerca do *Syllabario Nacional*. Na minha estimativa, que presumo rigorosamente justa, o seu opusculo representa um assignalado progresso sobre as tentativas que, no idioma vernaculo, existem a esse respeito. Elle parece-me resolver de um modo tão engenhoso quanto pratico, simples, facil, natural, a maior difficuldade sentida no ensino primario da leitura, encaminhando a intelligencia balbuciante da pue-

Rio, 29 de Março 1883

Meu caro Affonso Penna (1)

Estou ancioso por ver-te, e conversarmos acerca da triste situação politica, que atravessamos. Dizem por aqui que não virás, senão tarde. Será certo? Seria incalculavel a falta; porque poderia contribuir para a mantença de um governo, que desmoraliza o nome do nosso partido, e que não sobreviverá ao primeiro dia de sessão, se estiverem presentes os elementos com que felizmente já hoje contamos, para varrer um ministério tão funesto ao paiz.

Como quer que seja, porém, devo dizer-te que o fim especial desta carta é fallar-te noutro

(1) Possui o original.

ria a vencer pelo proprio esforço, intelligentemente dirigido o embaraço fundamental da associação das consoantes com as vogaes na formação da palavra.

Conheço, ha muito, a sua paixão pelas cousas do ensino publico, tão desestimado entre nós por cidadãos e governos, assim como os seus estudos solidos nesta especialidade, que tão uteis me têm sido; e, deplorando esse retrahimento tão prejudicial a essa grande causa, que até hoje os tem escondido ao paiz, faço votos para que este notavel trabalho, acolhido como merece, o estimore a novos commettimentos em beneficio da instrucção publica popular.

De V. Ex.

Amigo e Criado Obrigado
RUY BARBOSA

assumpto. Apresento-te o "Syllabario Nacional" do meu muito particular amigo e parente o Dr. Antonio de A. F. Jacobina. Asseguro-te com a competencia, ainda que pouca, que hoje possa ter o meu juizo nestes assumptos, que esse modesto livrinho é, no seu genero, uma obra prima, e constitúe um serviço de grande alcance ao ensino publico. Elle deseja submettel-o á approvação das auctoridades escolares da tua grande provincia, para ser adoptado ali nos cursos de primeiras lettras. Ora, não vejo ninguem, na tua Minas, a que me possa dirigir neste sentido como a ti, cujas relações, credito e influencia, tão dignamente obtidos, te asseguram hoje tão alto logar entre os teus comprovincianos. Rogo-te, pois, com o mais vivo interesse, que acolhas á tua sombra este negocio, encaminhando-o, como supponho que o farias, se se tractasse de mim mesmo, apesar dos meus nenhuns titulos, senão os da amizade antiga para os teus serviços.

Acceita as saudades do
teu amigo do C.

RUY

Em uma das frequentes viagens ás suas fazendas de Mogí, Jacobina passou fóra da côrte em 1882 o dia 5 de Novembro, aniversario de Ruy. Por isso sua mulher lhe escreveu a 6, descrevendo os festejos íntimos da grande data:

“Maria Augusta fez-me prometter que viria jantar com elles; na vespera eu já me tinha desculpado, por que sabia que elles esperavão os Dantas, e então vi que a mesa estaria completa; mas insistindo Maria Augusta entendi que não valia a pena recusar; com effeito lá fui ás 5 hs. tendo as crianças jantado em casa de Mãe. Em casa de Ruy estavão o Alfredo (1) e o tio Chico (2) e logo depois de mim chegou o Rodolpho; jantamos, e quando acabavamos o café, entrarão o Dantas velho e o Manuelzinho: não tinham podido vir jantar, mas vinham felicitar o Ruy e dar-lhe *os abraços* do estilo. Todos perguntarão muito por ti, e devo dizer-te que a primeira saúde que bebemos ao jantar foi a tua! foi Ruy que levantou o brinde. Rodolpho tambem fez uma saúde especial ao seu amiguinho Totom (3). Emfim, o Conselheiro Dantas e o Manoelzinho pouco se demorarão; Rodolpho ainda ficou; conversamos sobre a Companhia Lyrica etc. e lamentamos a falta de um piano para que eu ao menos pudesse cantar... eu então disse-lhes q. essa falta era muito facil de remediar, e convidei-os para virmos todos aqui para casa. A idéa foi acceta, eu mandei Judith adeante prevenir Marócas (4) e mandar Isabel illuminar a sala e viemos todos para cá em *procissão*:

(1) Alfredo Bandeira, cunhado de Ruy.

(2) Francisco Bandeira.

(3) Filho mais velho de Jacobina (Antônio).

(4) D. Maria, irmã de Jacobina.

Ruy, Maria Augusta, D. Maria Luiza (1) Rodolpho, Alfredo e Carlito (2); erão quasi 9 horas; Marócas appareceu-nos logo. Aqui estivemos até depois de 10 hs; conversamos e eu cantei; enfim parece-me que as minhas visitas não se aborrecerão; despedirão-se agradecendo muito a minha lembrança. Ruy esteve de muito bom humor e Maria Augusta muito contente”.

O proprio Ruy lhe descreveu a festa na seguinte carta, ao mesmo tempo que lhe dá noticias do parecer sobre instrução pública:

Rio, 6 de novembro de 1882

Meu caro Jacobina

“Quem se dispõe a amar, dispõe-se a padecer”. Lembrei-me desta verdade, recordada a mim por V., ha poucos dias, pensando em não n’o termos conosco num dia como o de hontem, em que seria tão grato estarmos juntos. Entretanto, o seu nome foi o primeiro lembrado e saudado á nossa meza, com a estremecida amizade que eu e Cóta lhe dedicamos; e, graças a uma fineza da Prima Chiquinha, a noite acabou em sua casa, onde a ouvimos cantar das 8 ás 11 horas. De pessoas extranhas á familia só fez parte da nossa reuniãosinha o Rodolfo.

Avaliou V. um dia que seria caso de endoi-

(1) Sógra de Ruy.

(2) Carlos Bandeira, cunhado de Ruy.

decer eu, a perda de um capitulo do meu trabalho parecer sobre o ensino primario. Imagine que a hypothese se realisou: os portadores da Typ. Nacional puzeram-me fóra *sessenta e seis* grandes paginas do autógrapho unico que eu possuia. Não enlouqueci, é certo; mas o meu primeiro impeto foi renunciar em beneficio do diabo toda a obra feita, e não pensar mais nella. Infelizmente, o alvitre é impossivel, attendendo a que o parecer já figura nas actas da camara como concluido e apresentado. Estou condemnado, portanto, como um verdadeiro galé, a recompor, não sei como, uma grande parte do meu malfadado escripto, parte que abrange a secção terminal do capitulo sobre o ensino da geographia, a secção inicial acerca do desenho e quatro capitulos inteiros sobre: a grammatica, e lingua vernacula, a historia, a economia politica e a cultura moral nas escolas. Já estou conformado com a sentença; mas ainda não tive animo de começar a cumprir a pena. De modo que o parecer do qual já estão compostas e paginadas 134 paginas typographicas, e que estaria já ultimado, se não fóra esse desastre, acha-se, ha cerca de quinze dias, com uma pedra em cima, á espera de q. o meu espirito recupere a pachorra indispensavel para essa fastidiosa e intoleravel penitencia, q. o meu caiporismo me impôz.

V. póde ajuizar a satisfação com que temos

acompanhado as noticias das melhoras progressivas do Totom e do Alberto (1). Ella compensa bem o desgosto da ausencia, e faz-nos esperar com os olhos no caminho o dia da volta, em que os contamos abraçar já restabelecidos.

Da Prima Chiquinha e de sua casa não lhe poderei dizer novidade, informado como é V. diariamente das minimas particularidades que dizem respeito aos seus. A Prima tem frequentado regularmente, com as duas meninas, M. Augusta e Dedele, os banhos de mar.

Cota vaé muito bem. Com effeito, a saúde volta a olhos vistos, restando-me agora sómente pedir a Deus q. não torne a molestia e que essa melhora se fixe definitivamente.

Da politica não ha que noticiar. O ministerio impagavel do Paranaguá, firma de dia em dia mais o seu direito á alcunha de *introuvable*. Affirmam que se prepara para distribuir pelas provincias os 10% recusados para esse fim, e concedidas pelo parlamt^o. para o deficit do orçamento geral. Vaé deste modo verificar-se o caso de *improbidade pessoal dos ministros*, cuja hypothese eu, com assentimento delles, dei por inadmissivel. Quanto ás reformas, iniciou um systema digno de privilegio de invenção: confiou-as a commissões, sem ao menos lhes dizer palavra sobre

(1) Antônio e Alberto Jacobina.

o pensamento do Governo! Que troça de pãdegos!

Agora, meu Jacobina, uma impertinencia das minhas. Ha mais de duas semanas q. a preparo; mas, aborrecido com os meus contratempos, só agora me delibero a fallar-lhe em tal. O Rodolfo, espontaneamente, me disse terem combinado elle e o Pae entenderem-se com o Velloso (1) acerca do requerimento encantado. Affirmam elles que o ministro tem meios para fazer, e que fará. Vá, por descargo de consciencia. Para isso, porém, convem nova petição com data de agora. Ah! lh'a, remetto, já feita, esperando q. V. me fará o obsequio de assignal-a, e devolvei-a pelo correio.

Não me esqueci da sua encommenda para o novo Syllabario. Tenho, porém, demorado a execução, por estar informado pelo Gustavo (2) que o trabalho da typographia ainda não deu começo, nem dará emquanto não vierem as chapas encommendadas para as estampas. Quando volta V.?

Muitas festas ao Totom e Alberto. E accite abraços e saudades de Maria Augusta e do seu

do C.

RUY

(1) Pedro Leão Velloso, ministro do Império.

(2) Gustavo Massow, sócio da Tipografia Lacmner.

1883 - 1889

Nos anos de 1883 a 1889 estão de novo na côrte todos os correspondentes: por isso não ha cartas longas, mas sómente os bilhetes de recados:

Meu caro Jacobina

Tenho muita conveniencia em partir p. Minas, e os meus constituintes muito o desejam. Isso, porém, não me parece muito possível. Entretanto, as providencias e passes q. devo dar, p^o. tentalo, é provavel q. não me deixem desembaraçado senão tarde, lá pelas 6 horas. Em tal caso não poderei ter o prazer da sua companhia ao jantar, q. peço, pois, não demorem um instante á minha espera. Communico-lhe, p^o. q. v. me faça o favor de prevenir á Prima D. Isabel.

A's 7 horas irei fazer as minhas despedidas ahí, e buscar Maria Augusta.

Seu primo e am.

RUY

Meu caro Jacobina

Peço-lhe o favor de deixar-me ver, por alguns dias, o Buisson (*Rapport de Philadelphie*)

(1), de que o Rodolpho precisa para verificar uma questão. Depois devolver-lh'o-hei. —

Muitas recommendações á Prima Chiquinha e affagos aos meninos.

Seu primo e amigo do C.

RUY

S. C. 9 de setembro. 84

Meu caro Jacobina

O tempo de hoje não me permittiu ir abraçal-o hoje, com bem pezar meu. V. sabe quanto nesta casa lhe queremos, e que nenhum amigo é mais caro ao nosso coração. Aceite, pois, de longe o abraço que eu e Maria Augusta lhe não podemos dar pessoalmente, assim como a Prima Chiquinha os nossos parabens. Muitos e muitos anniversarios mais felizes e alegres do que este lhe desejamos todos. Affagos aos meninos.

Seu primo e am^o. do C.

RUY

S. C., 8 de dezbr.^o (2), 1884

A' prima Chiquinha visita RUY BARBOSA e envia-lhe as *dez linhas*. E' obra feita escrupulosamente *pela medida*. Pode desculpa, se o traba-

(1) É este trabalho que Ruy teria aproveitado demasiadamente, segundo se afirma, no seu célebre "Parceer" sobre o ensino público.

(2) Aniversario de Jacobina.

lho não tiver outro merecimento mais q. a exactidão do cordel (1).

II de dezbr^o. de 84

RUY BARBOSA

Côrte

84 — Rosario — 84

—”—

As vossas discipulas queriam saber exprimir-vos o seu reconhecimento pelos beneficios que este anno lhes dispensastes, vós e miss Evelyn, cujos carinhos nos suavizaram as saudades nos quatro mezes da vossa longa separação. Se os sentimentos do coração se podessem converter em flores, seria um lindo ramalhete o que vos viriamos hoje depor no seio, — maravilhosamente debuxado como esses com que a tapeçaria da horticultura, na Italia, enfeitiça os olhos aos amadores. Mas vós, as jardineiras de almas, estaes habituadas a descobrir, pelo aroma que as trae, a presença dessas violetas invisiveis. Para o anno, ao recommençardes em nós a vossa cultura bemfazeja, esperamos que nenhuma de nós vos faltará; e então, quando nos abraçardes, haveis de sentir que a ausencia e o tempo não amorteceram o doce perfume das affeições que semeastes em nós, queridas mestras!

(1) Trata-se, como se vê, de uma saudação á directora do collegio Progreso, pelas suas alumnas. O original tem exactamente 10 linhas.

Meu caro Jacobina

Manda-me pelo portador o livro sobre equitação. Muitas recommendações nossas á Prima Chiquinha e affagos aos pequenos.

Seu do C.

RUY

S. C. 19, *maio* 85

Jacobina

Lembramo-nos esta manhã de que estamos em julho; e Maria Augusta, para não ficar atraz de mamãe em bahianismo, entendeu commemoral-o aprazando para hoje, o jantar em que Maria Luiza e Manuelzinho (1) deviam estar connosco,

Sabendo que a Prima Chiquinha desejava encontrar-se com ella, Cota e eu esperamos que nos vão fazer companhia V. e ella.

Se a prima Maricóta (2) quizer tambem honrar a nossa meza, teremos com isso summo prazer. Peço-lhe que lhe faça por nós este convite.

Affagos aos priminhos.

Seu amº. do C.

RUY

S. C. 2 de *julho*, 85

(1) Manuel de Souza Dantas, filho do Consº. Dantas.

(2) Mª. Amelia Barbosa de Oliveira, casada com o Barão Geraldo de Rezende.

Jacobina

No nosso camarote (2.^o ordem, n.^o 8) ha hoje logar para a Prima e V. ouvirem os Huguenotes. Esperamos que nos dêem a satisfação da sua companhia, se não lhes for incommodo depois do espectáculo de hontem.

Seu primo am.^o do C.

RUY

S. C., 29 de julho, 85

Meu caro Jacobina

Acho-me hoje bem incommodado, e Maria Augusta não quer ir sem mim; pelo que, muito contra o meu gosto, sou a causa da ausencia de ambos nós na festa do seu anniversario.

Tenho disto extremo desgosto, acredite. Peço-lhe que nos releve, e accete, com a Prima Chiquinha as nossas mais sinceras felicitações. Todos os nossos votos são pela sua vida, saúde e felicidade.

Um abraço de seu
primo e amigo do C.

RUY

S. C., 8 dezembro 85

Meu primo

Cota, depois de penteada e meio vestida, acaba de sentir-se incommodada de uma dôr semelhante á que teve outro dia em sua casa, e que nos

ocasiona o duplo desgosto de faltar-nos hoje a sua companhia e de ver inutilisados os bilhetes com que V. podia ter proporcionado a outros amigos esse prazer.

Ainda uma vez, esperando que nos desculpe. Agradecemos-lhe e á Prima o delicado obsequio.

Seu amigo do C. e primo obr,
RUY

P. S. Em todo caso, devolvo-lhe as entradas; porque V. póde ter ainda alguém a quem offerrecel-as.

S. C, 26 agosto 1886

Rio, 13 de novbr^o., 88

Meu caro Jacobina

Agradeço-lhe a lembrança com que v. nos saudou no dia 5 (1). Bem nos lembramos tambem nessa data, do bom parente e amigo, que não nos falta nunca, nos bons ou nos máus dias.

Hontem recebi a sua de 10 do corrente, e entendi-me logo com o Amaral (2).

Na opinião delle, que me parece acertada, deve V. ter o seu dinheiro aqui a mão, em conta corrente, nalgum banco, para ir empregando, á maneira que apparecerem negocios de vantagem

(1) Anniversario de Ruy.

(2) José Antônio do Amaral, solicitador do escritório de advocacia de Ruy.

consideravel. Convem que essas transações se façam, não á pressa e *d'emblée*, mas paulatinamente, aguardando as boas occasiões, que, agora, neste genero de especulação, costumam ser frequentes. Por emquanto ha apenas uma aquisição proveitosa que fazer, e para a qual pode V. dar as suas ordens, se lhe parecer bem: um prédio, que se vende por 5:000\$000, e que rende 840\$000 annuaes, ou perto de 18%.

Por aqui vamos sem novidade, a não ser o andaço das papeiras, que, depois de Maria Augusta e Carlito, tocou ultimamente a Chiquita, felizmente mui benigno.

O dia 5 foi-nos este anno bem pouco festivo: da rua dos Invalidos a doença do Primo não deixou vir ninguem, e da propria familia Dobbert (1) apenas tivemos á meza a Helenita (2), porque os mais ficaram retidos em casa por um incommodo da irmã.

Que V. torne em breve, é melhor, é o que desejamos, e esperamos com anciedade.

Maria Augusta, Mamãe e os meninos recommendam-se com a maior saudade a V.

Seu primo e amigo do C.

RUY

(1) Familia de seu concunhado Fernando Dobbert.

(2) Casou-se com o Dr. Manuel Carvalho Leite.

Rio, 28 de outubro, 1888

Exm^o. Sr. Dr. Luiz Gorceix (1)

A recordação que tenho da gentileza de V. Ex^a. para comigo, aqui e em Ouro Preto, nas ocasiões em que me foi dada a satisfação de admirar-o, anima-me a apresentar-lhe o meu parente e amigo Dr. Antonio de Araujo Ferreira Jacobina, fazendeiro em S. Paulo e residente nesta Capital.

Formado na Escola de Pontes e Calçadas de Paris, a orientação que lhe dá a sua educação científica, leva-o a querer imprimir ao trabalho, na sua propriedade agricola, uma direcção que só a competencia de um profissional dos que as nossas escolas ainda raramente, produzem, poderá habilitar-o a obter.

Elle acredita que V. Ex^a., pela sua situação no estabelecimento scientifico que tão sabiamente superintende, terá talvez meio de auxiliá-lo com indicações aproveitáveis.

Rogo-lhe a benevolencia de ouvil-o e por esse precioso obsequio lhe ficará penhorado
seu admirador cr^o. affs^o. e obr^o.

RUY BARBOSA

Não ha a menor referênciã, como se vê, a fatos importantissimos acontecidos nesse período. O Gabinete Dantas, a fundação d "O Paiz", a derrota cici-

(1) Possui o original.

toral de 85, a viagem á terra natal, e finalmente o advento da república.

Sôbre o tão debatido ponto de não ter Ruy sido feito ministro por ocasião da subida de Dantas á Presidência do Conselho — nem uma simples frase em qualquer bilhete. E, no entanto, Jacobina estava ao par de tudo o que se passava. A sua amizade com os Dantas era antiga e estreita. De todo o incidente resta sómente um apontamento de Jacobina que é o seguinte.

Querendo escrever suas memórias começou êle por fazer um dia, uma espécie de sumário. Os primeiros capítulos estão esboçados. São os que se referem ás tradições sobre a família real e imperial, que recolheu quando trabalhou no Paço. Tobias Monteiro citou-os na sua monumental "História do Império". Os últimos porém, nada mais têm senão o título, ás vezes lacônico, outras explicito. Sôbre o Gabinete Martinho, por exemplo, diz sómente: "Quêda do Ministério Martinho Campos — parte que néla teve o Saraiva." Mas logo em seguida deixa escapar alguma coisa sobre o Gabinete Dantas: "Dantas reconhecendo o talento de Ruy, e dizendo-o incapaz para o govêrno". É só. O texto do capítulo nunca foi escrito. É um depoimento telegráfico perante a história. Nem por isso deixa de ser altamente importante.

Sobre a viagem á Baía sómente um trecho de uma carta de D. Francisca Jacobina ao marido, em 4 de Agosto de 1888: "Tu pensas que Ruy foi tratar da clei-

ção? Não é isso que me diz Maria Augusta, que me afiança que elle julga a eleição perdida e diz que a viagem tem ainda por fim uma questão de advocacia. Emfim, póde ser que uma vez chegado já, lhe volte a esperança.”

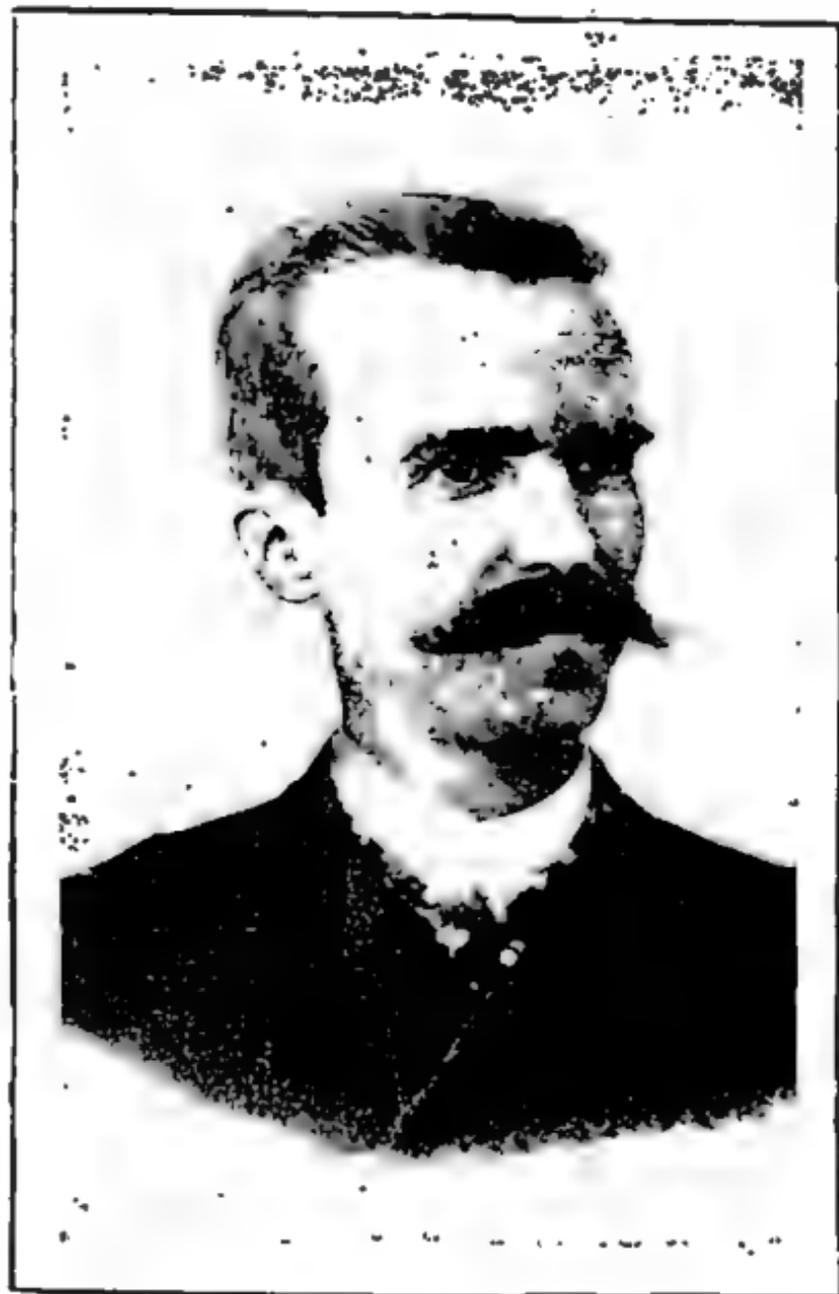
Nos ultimos meses, cessam por completo os bilhetes. O telefone já iniciara a sua ação nefasta para os historiadores, não deixando vestigios das conversas entre amigos.

A REPUBLICA

Feita a república e nomeado Ruy Ministro da Fazenda, cessam completamente os bilhetes. É que a convivência diária entre êle e Jacobina dispensava recados. Jacobina foi nomeado logo em seguida, Fiscal da Emissão do Banco do Brasil e pouco depois, dos empréstimos á lavoura nesse banco e no dos Estados Unidos do Brasil. Trabalhou muito tambem, particularmente, auxiliando o amigo na organização bancária. Em breve, porém, divergiram na orientação. Em Janeiro de 1890, Ruy elaborou os célebres decretos sobre bancos emissores. Jacobina, intimo de Campos Salles e de Glicério, soube da tempestade que êles produziriam no govêrno provisório. Foi nessa ocasião que escreveu ao primo a seguinte carta:

Meu caro Ruy

Do que li hoje vejo que o primo não quer voltar atraz do seu passo sobre bancos. Desde que está collocada a questão neste terreno os seus amigos que não concordão devem callar-se; entretanto um, que sempre o tem acompanhado, toma a liberdade de lhe pedir que considere, que isto nos leva a separação, ou desmembração do Bra-



RUY BARBOSA ministro da Fazenda

sil ou á Guerra civil. Os interesses dos Estados são differentes dos do Rio. A situação é mais grave do que parece. Estes pronunciamentos já o mostram. Não é exato que haja accordo no Ministerio. Não haja illusões, pelo contrario actualmente a maioria é desfavoravel ao plano seu.

Dizem que os seus amigos contão com o Deodoro; não sei até q. ponto podem ter certeza disso: e o Deodoro pôde contar com toda a sua gente? Vejo tanta incerteza que receio uma serie de desgraças e fallo-lhe nisso em cumprimento do dever de amigo dedicado. Estimarei muito que eu me engane e que tudo sejam prosperidades mas creia que não é essa a convicção mais geral. Obedecendo á m^a. consciencia, sinto desgostalo tratando daquillo que talvez não devera. Deste seu primo e am^o. obr^o.

J.

Rio 29 de Janeiro de 1890

Jacobina estava bem informado acerca da opposição do Ministério. Duvidou, contudo demais do prestigio de Deodoro. No dia seguinte estourou o conflito em plena reunião do Governo Provisório. Nas "Atas e atos do Governo Provisório", publicadas por Dunshc de Abranches, pg 79 e segs. está toda a discussão sobre os decretos de Ruy, de que resultou a queda de Demétrio Ribeiro.

No seu Relatório como Ministro da Fazenda, apre-

10 de mayo - 1941

When can I return

Como a comissão de legi. e de
campos, todo esse trabalho não pode
ter um direitor, uma vez que a
ideia proposta é a comissão estivesse
por si só, - pois - ela que tem
tudo a comissão, desde que por
ambos os lados, e a. d. e. a
por exemplo, e quando o que
está de acordo com

Recomendo que a Comissão Estive

gratuito-

Seu nome e campo

Rey

sentando em 1891, Ruy historía tambem o incidente (pg. 17) resumindo o que longamente defendeu perante os colégas de govêrno.

Em seguida, cessa novamente a correspondência. No entanto, em 1891, Ruy Barbosa e Jacobina trabalharam juntos numa companhia de seguros por êles organizada. Tenho á vista vários prospectos de propaganda. Chamava-se "Banco Vitalício do Brasil". A Diretoria era composta de Ruy Barbosa, presidente; Jacobina, director-tesoureiro, e Angelo Ramirez, director. Conselho Fiscal: Dr. José de Barros Pimentel, Dr. Silvio Romero e Major Carlos Nunes, de Aguiar.

Deve ser a uma reunião da diretoria desse banco que se refere a carta seguinte:

10 de Novembro de 1891

Meu caro Jacobina

Como a reunião de hoje é de amigos, sobre cujo voto não pôde haver duvida, uma vez que a idéa proposta é a unica solução possível, — peço-lhe que me releve a ausencia, forçada por embaraços imperiosos, e dê-me por presente, approvando o que V. V. deliberarem.

Recomendações á Prima Chiquinha.

Seu primo e amigo

Ruy

Jacobina ha muito que tentava a introdução do negócio de seguros entre nós. Como presidente do

Banco das Classes Laboriosas experimentou, sem resultado a organização de uma grande empresa nacional de seguros de vida.

Não foi mais feliz na nova tentativa. O Banco Vitalicio findou-se em pouco tempo. Durou apenas cinco meses.

Uma carta do Barão Geraldo de Rezende, datada de Campinas em Setembro de 1891, indicando nomes para agentes da companhia, esclarece algumas das dificuldades com que tiveram de lutar os directores do Banco e o gênero de aborrecimentos que lhes deve ter perseguido:

... "As colonias portugueza e italiana sendo mt^o. importantes . . . indicamos dois nomes de 2 que, accetando, poderão prestar bons serviços, pois como V. sabe isto de seguros de vida ainda não entra nos nossos habitos, a *New-York* tem chamado a si já algumas pessoas mas com difficuldades, e quasi que a pedido, como por favor . . . tudo depende do agente a ser encarregado.

. . . . desde já previno que o nome do Presidente é muito antipathico. O Ruy teve a habilidade de sahir talvez pobre do Ministerio, mas com a fama de possuir muitos mil contos!! e para muita gente — *hoje* — o nome d'elle á testa de uma empresa pestêa-a! Apesar de me julgar com muitos motivos de queixa por causa dos ultimos acontecimentos, sempre que se trata de sua honra tenho-o defendido . . . mas V. bem sabe como tem sido educado o nosso povo. Os republicanos hoje estão pagando o máu systema de propaganda que fi-

zeram, acostumando a fazer crer que todos que iam para o poder roubavam, etc. e aqui muitos, a maioria mesmo, acreditam que Ruy, Quintino e outros estão riquissimos e não inspiram confiança. Ainda o Quintino tem entre os seus antigos correligionarios amigos que o defendem, mas o Ruy abandonado pelos seus antigos amigos e companheiros é sacrificado pelos taes que já se utilisaram d'elle. Julguei ter em reserva, esta franqueza para que V. saiba nada menos com o que possa contar e só desejo ardentemente que desapareçam, os meus receios e essa empreza tenha a acceitação que merece" . . .

Em principios de 1892, alugou Ruy uma casa na Tijuca para se refazer de uma doença (1) que o atacara no fim de 1891. É d'aí que escreve o seguinte cartão á filha mais velha de Jacobina:

Á sua presada Prima Belinha (2) visita

RUY BARBOSA

avisando-a de q. tem, na Tijuca, um quarto bom p.^o o Jacobina. Sua vinda será muito agradável a

(1) A carta da directoria do Banco Vitalício ao agente em Campinas, datada de 7 de Outubro de 1891, assim começa: "Accusamos o recibo de suas duas cartas de . . . a contestação as quaes temos ainda que demorar pela causa do máu estado da saude do nosso presidente, o Conselheiro Ruy Barbosa".

(2) D. Isabel Jacobina Lacombe.

todos os desta casa. Espera-se alli q. elle não deixe de utilizar-se desse meio de recobrar a saúde. Si elle vier, como contamos, Belinha mande-me uma palavra ao escriptorio, ou pelo telephone, afim de q. o commodo esteja conveniente preparado. Lembranças ao Domingos (1).

25-1-92

(1) Domingos Lourenço Lacombe, casara-se com D. Isabel Jacobina em 1890.

A REVOLUÇÃO DA ARMADA

A atitude de Ruy na revolta de 6 de Setembro foi relatada minuciosamente por êle próprio na celebre carta a "La Nacion". A correspondência que se vai lêr comtudo, é o relato diário, quasi, de sua vida, desde a deflagração do movimento até a terminação e a volta de Ruy ao Brasil.

Prevenido na véspera do movimento do perigo que passaria a correr sua pessoa, despediu-se da familia que foi para casa dos primos Jacobina, á rua dos Inválidos, e abrigou-se em casa de seu particular amigo Dr. Francisco de Castro. Daí passou para a Legação do Chile, onde o asilou D. Máximo Ramon de Lira, Ministro Plenipotenciário. É da Legação que dirige as primeiras cartas á esposa (1).

7 de 7bro. 93

Minha Maria Augusta

Estou experimentando pela primeira vez as *delicias* de ser preso, e preso innocente. Não obs-

(1) Publicadas com autorização da Exma. Viuva Ruy Barbosa.

tante a fidalguia, com que sou tractado, a boa camaradagem, em que vivemos com o dono da casa, typo de qualidades sympathicas e distinctas, minha situação de espirito, pela ausencia tua e de nossos filhinhos, é infinitamente dolorosa, a tal ponto q. ás vezes se apodera de mim a vontade insensata de expor-me a todos os perigos, para te ir abraçar a ti e a elles.

Ainda bem que tens em roda de ti tão bons amigos, e que te achas abrigada numa protecção affectuosa e segura como a da casa em que estás. A todos elles agradece por mim o serviço que me prestam, confortando-me com o sentimento da tranquillidade relativa que desses factos me resulta.

Dá-me pelo portador (1), em algumas linhas noticias minuciosa do Joãozinho (2) e de nossas filhas. Teria elle ficado inteiramente bom? Que dia, que festa a daquelle, em que nos tornaremos a abraçar, minha Cota.

Procurarei escrever-te diariamente. O portador dar-te-ha certas noticias que não posso escrever-te. Sigillo absoluto sobre o logar, onde me acho!

Preciso de roupa e outros objectos. Mas não

(1) Francisco de Castro, filho do prof. Francisco de Castro.

(2) Seu filho João Ruy Barbosa.

deves mandar buscal-a em casa; porque sei que em frente á nossa porta ha guarda. Carlito (1), com o Amaral (2) que se incumbam de compra-m'a, e mettel-a numa malinha de viagens, que comprarão tambem, mas não em meu nome. Depois o portador encarregar-se-ha da fazel-a chegar até aqui.

Adeus, minha adorada Cota. Não te sei dizer as saudades do teu

R.

Convem metter a carta para Ruysinho (3) em um envelope um pouco maior com este endereço

Monsieur
Mr. Gustave Wiget
Institut Wiget
Rorschach
Suisse

E regista-a.

Reccio que o correio, si elle levasse no envoltorio o nome do meu filho, a abrisse.

Oiço agora fallar em bombardeio. Si houver, e for necessario, podes ir para a Tijuca com os parentes e amigos da Rua dos Invalidos.

(1) Seu cunhado Carlos Vianna Bandeira.

(2) José Antônio do Amaral, solicitador de seu escritório.

(3) Seu filho Alfredo Ruy, então estudante na Suissa.

Carlito e Juca (1) que vigiem a nossa casa.

8 set.

Minha Maria Augusta.

Li, e reli, não sei quantas vezes, a tua cartinha e as nossas filhas, que aqui envolvo no mesmo abraço e na mesma resposta. Talvez valessem a pena todos os aborrecimentos da privação da liberdade unicamente para se experimentar a sua vida, bem que um pouco amarga, dessa compensação. Sinto-me bem, estou forte, quasi alegre. Não te entristeças, pois, não desanimes, nem chores. A estrella dos maus, empallidece, e os seus dias devem estar contados. Como quer que seja, porém, no lugar, onde me acho, não pode penetrar a violencia e a vingança. Creio q. vamos ter um companheiro (2). Infelizmente é um inimigo meu, e dos peiores a todos os respeitos. Fui consultado sobre o seu acolhimento pelo dono da casa, que me disse só o receberia, se eu consentisse, ou não achasse inconveniente. Dei-lhe a opinião de que devia recebê-lo, porque a sua pessoa podia correr perigo, e eu proprio em minha casa, num caso destes, lhe daria hospitalidade. Vou, portanto, já hoje, almoçar e jantar com elle á

(1) João Luiz Viana primo de sua mulher, e cunhado de Carlos V. Bandeira.

(2) Anibal Falcão.

mesma meza pequenina, onde comemos, joelho contra joelho. E' a sorte dos presos: serem todos irmãos e intimos. Eu acho prazer nesta expressão de fraternidade humana, por isso mesmo que se estabelece entre homens separados por sentimentos, ideaes e agravos profundos.

Beija as mãos, por mim, á prima Chiquinha, pelos carinhos, com que te conforta, e ao Jacobina, como a todos os outros amigos e parentes, pelos serviços inestimaveis, que te prestam. Não esqueças especialmente o Cazusa.

Insisto na minha lembrança de hontem: devem ir todos para a Tijuca. Hontem uma grana-da penetrou numa casa á rua dos Invalidos muito exposta, pela sua proximidade ao Campo de Sant'Anna, que deve ser um dos alvos mais procurados pelo fogo da esquadra (1).

Como vae o nosso Joãozinho? Acaso elle falla em mim? Dize a nossas filhinhas q. me escrevam sempre. Eu as abraço e acaricio com amor. Que ellas aprendam em tudo isto a amar aquillo, por que seu pae soffre: a justiça e o bem de nossos semelhantes.

Dize a Carlito, a quem agradeço o trabalho

(1) Realmente, tendo caído granadas nas proximidades da rua dos Inválidos, mudou-se a família Jacobina e seus hóspedes para o Meyer, residência de uma irmã do dr. Jacobina, professora da escola das Oficinas da Estrada de Ferro, D. Maria Jacobina.

q. comigo tem tido, que lhe peço com toda a instancia o favor de entender-se com o Carlos (1) e o cunhado sobre o meu *duplo* negocio. Si for preciso, mandar-te-hei a chavinha da caixa, para tirares o papel correspondente a isso.

Creio q. o meu projeto, de q. hontem te fallou o portador, é inexequivel, ao menos por enquanto. Elle te dirá por que. Mas não faz mal. Acho-me muito bem, onde estou.

Recommendo-te o maior cuidado em providenciar sobre a guarda da nossa casa.

Recebe, minha santa Cota, o coração.
de teu R.

9, set.

Minha boa Cota

Não te deixes sossobrar com a situação, que absolutamente não nos deve metter medo. Comprehendo bem, meu querido anjo, a dolorosa novidade das impressões, por que passas. Eu não as experimento menos do que tu, e em ti, com tua delicada sensibilidade, calculo que devem ser incomparavelmente mais vivas.

Mas appello para essa tua coragem, de que tantas provas tens dado em occasiões de grave perigo. Reveste-te de energia, e enche-te de espe-

(1) Major Carlos Aguiar.

rança; porque tudo nos annuncia um futuro melhor de que os negros e lamacentos dias, que atravessamos, sem o menor signal bom no horizonte. Do meu canto acompanho com a mais assídua curiosidade os acontecimentos, recebo as noticias, e sou levado a concluir que Deus está comnosco. Socega, pois, o teu coração, e procura o contentamento na expectativa, que não deve ser remota, da nossa volta aos braços um do outro. Uma linha tua sempre me será um balsamo mui agradável neste encerro.

Beijos as nossas duas boas filhinhas pelas suas cartas, que leio e torno a ler com avidéz e o gozo de quem saboreasse os mais bellos trechos da mais aprazível litteratura. Dize a Dedelia (1) q. a decifração da charada é o proprio nome della, e felicita a charadista, a poetisa pelo seu talento (2). Tive desejos de responder-lhe com outra; mas o preso ainda não está bastante affeito á sua condição, p^z. se poder entregar a taes exercicios. Aconselha á nossa Chiquita (3) q. não deseje o inferno ao meu homem, cujos crimes nos opprimem: basta-lhe, para expiação, o remorso, o despenhamento do seu orgulho e as maldições, q. hão de acompanhal-o na sua ruina. Faze es-

(1) Sua filha M^a. Adelia, hoje Sra. Baptista Pereira.

(2) Maróquinha, f'ha de Jacobina, casou-se com o Dr. Cesar Rabello.

(3) Sua filha Francisca Ruy Barbosa Airoso.

crever a Ruysinho, tendo, porém, a cautéla de envolver a carta sobrescriptada com o endereço, que ante-hontem te indiquei, ao director do instituto.

Estou de accordo com o nosso bom parente (1) em q. não vás para a Tijuca. Nem eu queria que fosses, senão em companhia delle e dos seus.

Agradece a Carlito a sua carta e os sentimentos, q. nella me exprime. Convem mesmo q. elle não appareça. Dize-lhe q. não lhe escrevo, assim como ás meninas, p.^a não engrossar a correspondencia, q. por todos os motivos, numa situação como esta, não deve tomar grande corpo.

Recebi o bilhete do nosso bom primo (2), dando-lhe, depois de lê-lo, o destino, que elle recommendava. Tomei nota das suas suggestões, que agradeço muito, para o caso de poderem utilizar-se. Ainda mais obrigado lhe fico pelo offerecimento, que elle me faz. Do q. a esse respeito for occorrendo os informará o portador.

Affaga carinhosamente o nosso Joãosinho, e falla-lhe sempre em mim, para que elle não me esqueça. Dá-lhe, de vez em quando, alguns presentinho, algum brinquedo, em meu nome. Recommende-me ás primas e primos, ao bom amigo

(1) Jacobina.

(2) Idem.

Cazuza (1), ao Juca (2), ao Carlos (3), etc. Ahí vac mais uma encommendasinha, confiada aos teus cuidados. Ama-me sempre, minha Cota, como te ama o teu R.

10 set.

Minha Cota

Vejo ainda pela tua carta de hontem a afflicção, o desconsolo de teu espirito. Coragem e resignação, minha Maria Augusta. Não te entregues ao soffrimento, que trará consigo a doença e, portanto, para teu marido, o desanimo e o desespero. Meu conforto nestes longos dias insupportaveis, é pensar em ti, considerar que, ao menos, não te falta a saúde, a companhia dos filhinhos, a affeição de alguns amigos. Si adoeceeres, não me conterei: irci, a despeito de todos os perigos, estar a teu lado. Isso, infallivelmente. Já necessito de forças quasi sobre-humanas, para reprimir a minha impaciencia e a minha indignação, ao ver-me encerrado como criminoso, como suspeito, quando, (tu bem sabes, minha Maria Augusta) sou absolutamente estranho a este movimento, de que apenas tive, na vespera e no dia, communição por pessoas que receiavam ver-

(1) Dr. José Eustaquio Ferreira Jacobina, irmão do Dr. Antônio Jacobina.

(2) João Luiz Viana.

(3) Major Carlos Aguiar.

me injustamente colhido pelas vinganças do governo.

Dize a Dedelia e Chiquita que guardo, e releio de vez em quando, carinhosamente as cartinhas, com que ellas me visitam. Si não lhes respondo a cada uma, é porque não tenho bastante serenidade, para fazel-o. Si eu fosse culpado, facilmente me accomodaria á minha posição. Mas, innocente, como quem mais o for, em tudo isto, essa minha vivissima sensibilidade á injustiça, que me inflama na defesa dos outros, revolta-me agora contra essa miseravel condição, a que descemos, de ter a liberdade, a propriedade e a vida entregues nas mãos de um despota mais completamente do que os nossos antigos escravos, cujos dias, ao menos não corriam perigo, estavam entregues ao arbitrio dos senhores.

Dize a Dedelia que muito agradaveis me são os bons sentimentos para contigo, que a sua cartinha me revela. A de Joãozinho deu-me mt.^o prazer, e bem pôdes calcular com que ternura a li e a amimei. Parecia-me ter-lhe entre as mãos a cabecinha loura, e beijal-a, como eu fazia ainda ha pouco. Elles que me continuem a acompanhar com estes carinhos.

Estou te escrevendo, sem saber ainda quem te levará esta carta. O nosso portador assustou-se, e disse-nos hontem que não voltaria mais. Não havia razão nenhuma para esse medo. Mas seria

indelicadeza da minha parte insistir num caso destes. De agora em diante nem mais este consolo terei: o de estar com alguém que pouco antes tivesse estado contigo, com os nossos filhinhos, e me trouxesse alguma coisa do contacto teu e delles. Mais amarga, mais triste vae tornar-se a separação. Seja!

Aqui onde nos achamos qualquer pessoa de confiança, especialmente de noite, mas mesmo de dia, guardadas certas cautélas, poderia vir sem o mínimo risco. É uma tolice do nosso antigo mensageiro o ter se amedrontado, fazendo-me tamanho mal ao coração. O T. (1), está comigo.

Não sei se poderei tolerar por muito tempo o supplicio deste isolamento. Muito mais facil me seria soffrel-o, si me achasse longe.

Si tiver portador seguro, mandar-te-hei as chaves dos dois cofres, para, si julgares conveniente, mandares buscar as tuas joias. Faze-o, porém, si entenderes, com todas as precauções.

Acho bom guardares estas minhas cartas. Não as rasgues.

Agradece sempre por mim aos bons parentes, que com a sua companhia te mitigam o desgosto e recommenda-me aos amigos que não nos abandonaram neste transe. Acarinha e abençoa

(1) Tobias Monteiro, então secretário do "Jornal do Brasil".

os nossos filhinhos, e recebe, minha Cota, tu também, as benções e os carinhos do teu

R.

II *set.*

Minha Cota do coração.

Recebi hontem de noite a tua ultima carta, com as de nossas duas filhinhas e a do Juca.

Dize a este que não receie de minha parte a imprudencia, contra a qual elle me exorta. Não me exporei, comqtº. este verdadeiro supplicio de Tantaló, de estar tão perto dos meus, e não poder vel-os, me tenha feito soffrer em poucos dias mais do que tenho soffrido em minha vida inteira. Si eu tivesse alguma parte no que se está passando, supportaria conformado as consequencias do meu proceder. Mas ser innocente, absolutamente innocente, como sou, e ver-me confundido com os culpados, ver-me privado do que me é mais caro neste mundo, dos maiores bens que elle encerra para mim, — minha mulher e meus filhos — eu, que não tenho trabalhado, senão pº. fazer bem a todos, que tenho vivido a defender os direitos alheios, que preguei constantemente a paz, a lei e a benevolencia entre os brasileiros, — é uma iniquidade que excede os limites da paciencia humana, que se exgota a resignação, e que me afasta para sempre da politica. Não quero senão viver para os deveres in-

timos de minha casa, para ti. p.². os nossos, deixando aos que têm ambições, vaidades, ou coibiças essa luta de interesses e ambições cruéis, q. compõe toda a politica brasileira.

A proposito: sei que um pasquim official, aproveitando a m.². ausencia, renovou contra mim a calumnia da casa da rua das Laranjeiras, á que respondi com as certidões de compra e venda desse prédio, provando que elle nunca me pertenceu. O Joaquim Lucio anda procurando a folha, onde publiquei a minha defeza, para reproduzi-la; mas ainda não a encontrou (1). Carlito ha-de lembrar se disso. Elle que se entenda com o Amaral, e desencavem isso, hoje mesmo, si possivel fôr, para que além, de foragido e martyrisado, não me veja indefeso assim na minha honra.

Dize ao Joaquim Lucio (2) que não posso desaprovar o artificio, de que elle usou. Elle lá sabe os motivos, por que o fez, e devem ser ponderosos. Seria bom que elle te fosse fallar. Não ha mal nisso, uma vez que não estás escondida.

Vê se mandas indagar do Adolpho (3), e podes communicar-me noticia mais precisa acerca do tal telegramma, em que me fallas na tua carta de

(1) Carta ao redator d' "O Paiz" em 5 de Julho de 1892 — (in. "Correspondência" pub. por H. Pires, pg. 53).

(2) Gerente do "Jornal do Brasil".

(3) Comendador Adolfo Hasselman, guarda-mór da Alfandega, amigo e conterraneo de Ruy.

hontem. Tenho curiosidade, mt^o natural, em saber si isso é certo.

Não deixes de escrever, ou mandar escrever a Ruysinho. Eu não me acho capaz de fazel-o agora, emquanto não se liquidar esta minha situação. Por motivo semelhante não tenho escripto ainda as nossas filhinas. Suas cartas são um balsamo para mim. Mas creio q. não me seria possivel responder-lhes, sem augmentar a tristeza dellas, que eu desejaría mitigar. Meu temperamento foi feito para a lucta e para o perigo, não para a humilhação e para a fuga. Esta situação de asylado, sem culpa que a explique, acabrunha-me. Creio que estes poucos dias me têm envelhecido dez annos. Além do mais, sou enxovalhado covardemente pelas costas, sem poder defender-me, nem ter o direito de exigir que ninguem me defenda.

Manda agradecer ao Marinhas (1) o obsequio dos seus offercimentos.

Mandei-te hontem as chaves. Talvez seja conveniente remover as tuas joias p^a. a casa onde estás. Manda, porém fazer esse serviço por Carlito, ou Juca, e com as devidas precauções. Pede ao nosso intermediario q. te diga alguma coisa, que me lembro a esse respeito.

Não tem razão elle, repito, em receiar que

(1) Comendador Antônio Martins Marinhas.

os secretas lhe estejam seguindo a pista. Se elles andassem no encalço, acompanhál-o-hiam até aqui. Ora, tal coisa não se tem dado. Estudo constantemente este lugar, por traz das gelosias da nossa salla. E' um verdadeiro seio de Abrahão. Conheço já, uma por uma, todas as pessoas que aqui residem, ou que se demoram aqui em frente, e quasi todas as que por aqui passam. A mesma gente sempre, absolutamente a mesma. Não ha um militar, ou um desconhecido, nunca. E (coisa que tenho observado) a vizinhança, a poder de ver invariavelmente fechadas as janellas desta casa, *não olha nunca para ella*. Demais, temos aqui, no numero que hontem te indiquei, uma pensão; de modo que pode entrar, ou sair, quem quer que seja, sem despertar a minima suspeita. (1).

Agradece ao Casusa os seus sentimentos para comtigo, aos prunos e a sua bondosa amizade para contigo e os nossos filhinhos. Cobre-os de beijos por mim. Quanto não me têm feito chorar as idéas do Joãosinho a meu respeito, — de que eu estou doente, de que estou trabalhando no meu escriptorio, de que elle me prendeu alli, e vae-me soltar! Que distancia entre as phantasias deste innocentinho e a minha amarga situação!

Adeus, minha Cóta; vela pela tua saude a

(1) A Legação do Chile ficava então numa pensão á rua D. Luiza em St.^a Teresa.

todo custo, para que eu não perca esta ultima esperança, e possa descansar ao menos na suave consolação de tornar a abraçar-te como te deixei. Faz hoje já seis dias. Quantos terei de esperar ainda? Em summa, faça-se a vontade de Deus.

Mil beijos do teu

RUY

Lembro-me agora que aquelle estrangeiro, encarregado das nossas obras (1), poz á nossa disposição a gente de que carecessimos, em qualquer emergencia, para nossa defesa. Seria bom mandal-o chamar, e pedir-lhe alguém de confiança, p.^a. ajudar o J. L. (2) na guarda de nossa casa. Não achas?

11 set.

Minha Cota.

Acabo de receber pelo nosso bom amigo (3) a tua carta e as de nossas filhinhas. E' facil de imaginares a minha commoção, vendo-me com uma testemunha directa da tua situação e do teu estado.

Não mandes nossas filhinhas para o collegio.

(1) Comendador Januzzi.

(2) José Lucas, sertanejo no Rio Grande do Norte, havia algum tempo, ao serviço da casa e muito dedicado á familia. Foi prêso e d'ele nunca mais houve noticia.

(3) Jacobina.

Seria uma inutil e dolorosa crueldade, quer para com ellas, quer para contigo, quer para comigo mesmo, que na sua presença a teu lado vejo um allivio para ti e um motivo de tranquillidade relativa para nós. Ellas precisam agora de ti, e tu dellas.

Já q. os amigos estão certos da minha ida para o sul não entregues ao M. Cactano (1) a minha carta. Mas guarda a, com cuidado, para o que der e vier.

Acabo de perder a esperança que tinha, de collocar-me em posição mais segura. O nosso amigo dir-te-ha como (2). Só me resta agora esperar aqui a minha sorte, a não ser que algum amigo ahí possa imaginar um plano qualquer, para me tirar d'aqui, fazendo-me embarcar. No isolamento, em que me acho, eu não disponho de recursos, nem posso formar ou combinar idéa alguma.

Li com amor o que me escrevem nossas filhas. Ellas que continuem a ser boas assim com seu pae triste e perseguido injustamente.

Hoje não appareceu aqui o nosso mensageiro habitual. Deus me livre de n. ter ao menos,

(1) Manuel Cactano, deputado federal pela Bahia.

(2) Refere-se á tentativa fracassada, junto ao ministro inglês de passar para um vaso de guerra britannico até poder sair do porto do Rio — Ver narração na sua carta á *La Nation* (na "Correspondencia" cit. pg. 63).

cada dia, o consolo de uma visita, q. me traga noticias tuas. Aceita, meu anjo o coração de
teu R.

— Que quadro, para mim, o que me pintas do nosso Joãozinho, encantando-te e distrahindo-te na tua agonia. Cobre-o de beijos, e falla-lhe sempre de mim.

12 set.

Minha Cota, minha adorada Cota.

Espero que Deus me proteja, até á execução completa da combinação que já conheces e que o portador te acabará de communicar. Imagina como não vai despedaçado o meu coração. Não me queixo da Providencia; mas, si alguma coisa me pôde mitigar um pouco esta agonia, é o pensar que não me vejo nesta situação, por haver praticado mal, mas por ter querido o bem de meus semelhantes, defendendo os afflictos, os perseguidos, os desamparados. Politicamente, meu anjo, tenho feito o meu testamento. Não ha mais seduções, que me façam voltar a essa vida. Ella só é possível p^a. os homens de alma livre, nos países livres. Nós cahimos na maldicção do militarismo, e não sei quando sahiremos d'elle.

Se conseguir partir, voltarei logo ao primeiro telegramma, que me annuncie ser possível fazel-o sem perigo. Si, porém, esta situação se demorar mais uma semana, desejo que partas tam-

bem, e vás encontrar-te comigo. Nesse caso, leva o dinheiro necessario, combinando para isso o que for preciso com o Jacobina. Incluo nesta carta a chavinha daquella caixinha, que te confiei, e cujo valor bem sabes. As outras chaves vão num embrulho separado, que entrego ao portador, manda buscar aqui, depois da minha partida, os livros, que eu deixar.

Vou quasi sem roupa de panno. Se fosse possível, desejaria levar um daquelles meus fatos de casemira clara, para ter ao menos uma inuda. Mas, reflectindo bem, agora vejo que o melhor é não cuidar disto. Tenho a cabeça desorientada e o coração a estalar. Não sei o que diga.

Acabo de receber e ler tua carta, as de nossas filhinhas, e de João. Não tenho tempo de responder a nada.

Adeus, adeus, meu anjo. Lembra-te de mim e espera-me. Beija os nossos filhinhos; saudades a todos.

Recebe o coração do

teu R.

Prefiro q. vás para Campinas; por que assim estás mais perto de mim, e podes achar-te aqui logo que eu chegue (1).

(1) Em Campinas, "Fazenda do Rio das Pedras", residia seu primo Dr. Luiz Albino Barbosa de Oliveira.

BUENOS AIRES

1893

Buenos Aires, bordo do Magdalena, 19 de setembro, 93

Minha adorada Maria Augusta

Decididamente, minha Cota, não se morre de dor, desde que eu não morri ainda. Mas morrirei, ou enlouquecerei, se isto continúa, e eu não posso ir reunir-me contigo, ou tu comigo. Não sei, não sei como ainda vivo! Mas esta vida, que eu levo, é atroz, é desesperadora: mata-me a fogo lento, sem um consolo. Quando Deus me acudirá? As lagrymas não me deixam escrever-te. Beijo o teu retrato, beijo o de João, lembro-me de nossas filhas e de Ruysinho, e o pranto me suffoca. E estou-te escrevendo doente, de cama, num beliche de vapor, soffrendo de uma molestia insupportavel, que nunca padeci e que me apparece agora, em consequencia da vida de prisioneiro, da immobilidade, da alimentação irregular, do uso continuo da roupa de panno, que me envolve, desde a triste noite, em que te deixei. E sósinho minha Cota, porque não tenho quem me entenda, e com quem desafogue! Quando Deus me valerá? Que fiz eu, innocente, para merecer isto? Que fiz senão trabalhar pelo bem de meus

semelhantes, soccorrer os perseguidos, defender os desamparados?

Nem ao menos sei o que ali se passa, que caminho levam os acontecimentos no Rio, onde estás, si ali, si em S. Paulo... nada! O telegrapho está interrompido, vejo-me, sem remedio, condemnado a esta incommunicabilidade, que é, para mim, mais uma agonia mortal. Como estarás? E nossos filhinhos? E nossa casa? E os interesses de minha vida, aquillo que te confiei, que recomendei tanto aos teus cuidados e que representa o total dos nossos recursos neste mundo? Tenho sonhos terriveis. Passo por hallucinações. Vejo desastres em nossos filhos, doenças em ti e nelles. Tudo me parece, ás vezes irremediavel, perdido. As noites são-me de insomnia, os dias são interminaveis. Não leio, não faço nada. Já quatorze dias de separação. Quem me amparará, meu Deus?

E que separação! Nem ao menos um momento de despedida. Eu tinha supplicado que me deixassem, na passagem, saltar um momento na rua dos Invalidos, para te abraçar, e morrer depois, se preciso fosse. Acharam impossivel essa concessão. Tiveram razão talvez. Eu talvez não tivesse mais forças de deixar-te.

Seguímos até a casa onde tinha de asyilar-me (1), e onde nos foram encontrar os nossos dois bons amigos, por quem te mandei os meus ultimos re-

(1) Moinho Fluminense, de Carlos Gianelli.

cados. No caminho o carro teve de parar entre um batalhão de desfilava ao som da corneta. A noite, que tivemos, não te posso descrever. Em claro e em pé toda ella, com os dois companheiros que nos aguardavam, um dos quaes, o ex-secretario da legação chilena (nota bem: não o actual, mas o antigo secretario) (1) me acompanhou até a bordo do paquete, promettendo-me, na despedida, visitar-te, e levar-te noticias minhas. A cada passo trotavam á nossa porta patrulhas de cavallaria, e rumores suspeitos sobresaltavam o dono da casa. Uma vez tivemos annuncio de que a policia, com um piquete, procedia a uma busca em um trapiche visinho. Parecia fóra de duvida que nos tinham seguido a pista. Fomos apressadamente escondidos, num lugar indescriptivel, entre fardos de farinha e faréllo, onde aguardamos longo tempo o desenlace. Afinal podemos safar-nos do terrivel esconderijo, e continuamos a esperar o dia. Apenas este raiou, púzeram-se em campo os nossos dois sollicitos bemfeitores, e, a poder de engenho e astucia, multiplicados pela caridosa intenção que os animava levaram-nos a cabo a evasão. A's 6 ½ da manhã deixavamos a ponte, conduzidos por um bote de um remador, eu com o

(1) Alberto Yoakam; demitiu-se, com a quéda de Balmaceda. Muito mais tarde, voltou á carreira. Foi ministro na Bolivia e esteve por pouco tempo á frente da legação no Rio. O outro companheiro era o Dr. José E. Jacobina (Cazuza.)

disfarce de que tens idéa, á vista e ao alcance dos tiros das sentinélas. O catraiceiro certo de que iamós de passcio a Nitheroy, só em meio caminho teve noticia de que pretendessemos tocar no *Magdalena*, onde ainda assim não atinou que iamós ficar, senão depois que balcicamos para bordo a minha malinha e o meu sacco de viagem, cuja condução peço-te que agradeças ao bom Casusa, tão prestimoso e dedicado até o fim. Pouco tempo tivemos mais do que para embarcar: o vapor levantou ferro pouco depois, e, ao deixarmos a barra, ouviamos os primeiros tiros do bombardeio. Que tremendas emoções! Estavas tu a essa hora na Tijuca, minha aniga, meu anjo?

O vapor, minha Cota, era o mesmo, que, no começo deste anno, nos conduziu á Bahia, e o mesmo commandante, aquelle homem corpulento imberbe, de que te has de recordar. Elle perguntou-me por ti e por meus filhos. Podes imaginar que punhalada no meu coração. Que differença entre estas duas viagens, tão proximas. Na primeira eu levava comigo o meu paraizo. Nesta, si não fosse a esperança em Deus e o pensamento em ti, em nossos filhinhos, creio que já me teria suicidado. Deus me perdoe esta idéa criminosa. Como se póde deixar de crer em Deus, minha Maria Augusta? E, si não fôra elle, que seria dos infelizes? Eu confio em Deus, volto-me para elle, e acredito que elle nos ha de salvar.

Pessima viagem tivemos, meu amor. Encontrámos o pampeiro, ao sopro do qual o navio, de mais a mais, completamente descarregado, trambolhava insupportavelmente, não havendo quem se aguentasse em pé. Vencido o temporal, ficou-lhe *a cauda*, como lhe chamam os navegantes: a fluctuação interior das aguas, sob uma superficie aliás calma, produzindo oscillação continua, a que poucos estomagos resistem. Consequencias; um atrazo de doze horas na viagem, chegando nós em Montevideu no dia 16, ás 2 horas da tarde, quando deviamos ter madrugado naquelle porto. Não saltamos, porque havia quarentena. Na mesma noite seguimos para aqui, onde aportamos no dia 17, ás 8 horas da manhã. Nova decepção: fomos condemnados, sem o menor motivo, a uma quarentena de quatro dias, que terminará depois d'amanhã á mesma hora. Não desembarcaremos, pois, senão no dia 21 ao meio dia, e apenas terei tempo de correr ao correio, primeiro que tudo, para depôr esta carta, que seguirá no immediato. Mando-a por intermedio da legação, por me parecer o endereço mais seguro.

Figura, pois, os soffrimentos desta viagem. Tivesse eu, ao menos uma pessoa da família, para conversar a teu respeito! O estado moral é sobretudo o que me acabrunha. O meu estado physico tambem é miseravel. Basta dizer-te que tenho estado quasi sempre doente, acho-me desde hon-

tem de cama, e é deitado que te escrevo, com uma pasta sobre o joelho, e o cotovelo apoiado ao leito do beliche. Tenho junto o meu relógio, com o teu retrato e o de Joãozinho na marca do livro, que Dedelia teve a abençoada lembrança de mandar-me. Como vaes ella, a nossa boa filhinha? E Chiquita? Como vão? Como vão todos? Beija-as, acaricia-as, sacia-te dessa felicidade, que Deus te conserva, para allivio de tua afflicção. Eu estou só, só...

E Ruysinho? Escreveste-lhe? Eu não sei o que faça, como proceda. E' preciso narrares-lhe o que ha, mas de modo que elle se tranquillize. E que elle saiba bem bem da minha innocencia, que elle fique certo de que seu pae é um perseguido sem culpa, victima de maus inimigos. Receio ás vezes que cheguem da Europa as contas da despeza d'elle, e que, não estando eu ali, não haja quem as pague. Meu Deus, como ficarão todos os meus negocios? Quem os despachará no Rio? Não sei de ninguem. Onde está o Juca? Carlito estará contigo?

Si está, é preciso que com elle veja o que deixei na caixinha, que levaste no dia 5. Mandei-te a chave della, na penca com as outras, pelo sr. Orrego Luco, secretario da legação chilena. Elle ficou de entregal-as a ti mesmo. Se não, manda buscal-as. Em todo o caso, communica-me si as recebeste.

Verifica de Carlito se elle concluiu com o cunhado do Carlos os dois negocios meus, que são muito sérios: a questão da letra e a dos juros. Todos os meus papeis importantes estão nessa caixa. Carlito que liquide tambem com o Afonso (1) a ultima prestação do emprestimo que contrahi com esse amigo, para liquidarmos isso definitivamente.

Quanto á casa em concertos, não te parece que deveremos fazer suspender as obras, até que se resolva esta crise?

Voltando, porém, ao meu estado de saude... Vê a confusão em que labuta o meu espirito... Voltando a elle, ao meu estado de saúde... Acho-me creio que ameaçado de ter de fazer uma operação bem delicada, bem séria, talvez urgente. Mas aqui, em tua ausencia e com os médicos deste lugar, não ha forças que me obriguem a isso. Preferirei morrer. E é agora que me apparece esta necessidade! Vê como as pedras correm atraz dos apedrejados. Talvez, diante desta urgencia dolorosa, amigos nossos, como o Castro (2), me pudessem facilitar a volta mais breve ao Rio, principalmente depois de conhecida a resolução, que acabo de tomar de deixar a carreira politica.

Hoje, com effeito, acabei de escrever o meu manifesto, o qual será publicado, logo que eu

(1) Afonso Caminha.

(2) Dr. Francisco de Castro.

desembarcar. Nelle defino-me perante a revolução, mostrando, como bem sabes ser a pura verdade que nella não tive a menor ingerencia, e manifestando a minha deliberação de renunciar por uma vez á vida publica. Esta, no Brasil, de ora em diante, pertence aos violentos, aos ambiciosos e aos servís. Eu não quero pertencer mais senão a ti e a nossos filhos. E, fazendo a educação destes, terei servido a meu paiz do unico modo em que actualmente póde servir-o um homem convencido e desinteressado.

Estampado em Buenos Aires esse documento, remetel-o-hei logo a ti, aos nossos amigos, á imprensa do Rio e da Bahia. E assim as ambições ficarão certas de que já não sou obstaculo a ninguém. E, em consequencia, desde que eu lhes desobstruo o caminho, é natural que amainem os odios. Não póde haver mais rivalidades contra um homem morto para a politica. Creio que isso poderá ampliar efficazmente os nossos amigos, nos esforços que empregarem, para remover os embaraços á minha volta prompta ao Rio de Janeiro.

Mas não estou resolvido a esperar por isso. Minha questão é que decididamente não posso continuar a estar longe de ti. E' preciso, pois, que nos reunamos. Tractemos, portanto, deste ponto, que é, digamos assim, a minha preocupação exclusiva.

Como conseguil-o?

Si o telegrapho, abrindo-se de um momento para outro, nos annunciar a victoria da revolução, não tem duvida nenhuma, vôo de um momento para outro, no primeiro vapor, não a tomar parte nos festejos do triumpho, com o qual nada tenho, mas a cair nos teus braços.

Supponhamos, porém, uma de duas: ou que a lucta se prolongue, não sabemos até quando; ou que vença o governo, e que, nesse caso não convenha o meu regresso immediato á capital.

Temos dois recursos:

Ou vens, com os nossos filhinhos, para aqui, onde passaremos modestamente, numa pensão, um ou dois mezes, aguardando o ensejo da volta.

Ou vais com elles para a Bahia, e lá irei jurtar-me contigo. Ali, com effeito, estarei seguro, tanto mais quanto não havendo estado de sitio por lá, não posso, como senador, ser preso, e tanto menos possivel será que pensem nisso, quanto a publicação do meu manifesto, mostrando a minha irresponsabilidade na revolução, e divorciando-me da politica, terá esfriado as coleras, que o meu nome despertar nos circulos officiaes. Essa hypothese é a que eu prefiro.

Numa ou noutra hypothese, sabes onde te deverás munir de recursos para a despeza, assim como para custear a nossa estada, aqui, ou na Bahia.

Para a execução destas combinações, porém,

vejo uma grande difficuldade: a falta do telegrapho, enquanto elle continuar trancado pelo governo.

Para remediar a esse mal, o unico meio, que vejo é o seguinte. Si não sobrevier inconveniente, seguirei d'aqui com destino á Bahia, no paquete inglez, que d'aqui parte no dia 8: o mesmo que me trouxe. Estarás prompta, no dia 2 de outubro, si te for possivel, para tomar esse vapor na passagem, si eu estiver nelle, o que saberás, mandando alguém a bordo. Si, porém, as circumstancias me aconselharem a não ir nelle, o melhor será seguir para a Bahia no primeiro vapor seguinte.

E agora me acode um meio, para me avisares telegraphicamente de tua partida para aqui, ou para a Bahia. E' pedires ao ministro chileno que, em telegramma ao ministro chileno aqui, com quem me entenderei, mande dizer-lhe: "Partiu hoje Norte" (si fores para a Bahia), "Partiu hoje Sul" (si vieres para cá). Do mesmo modo espero combinar com o ministro chileno aqui um telegramma ao d'ahi, para te communicar, si puder, a minha partida nestes termos: "Familia chegará tal dia", que quererá dizer: "Ruy partirá tal dia".

Não sei si ambos elles annuirão a nos prestar este serviço de caridade. Mas tenho esperança. Para esse fim escreverei ao de lá, e fallarei ao de cá.

Agora um ponto mui importante. A hypo-

theca sobre a nossa casa vence-se em novembro. Não sei a quantos. E' necessario que Carlito tome esses papeis ao Amaral (1), e verifique a data. Nella temos de pagar os setenta contos da hypotheca. O Marinhas (2) offereceu-se-me, para arranjar no Banco Rural Hypothecario essa quantia. Manda faliar-lhe. Si elle não o fizer, Carlito sabe a que meio deverá recorrer.

Tornando ainda á combinação das nossas viagens, devo avisar-te de que não me esperes, se não receberes comunicação telegraphica minha, e tambem não partas, sem m'o communicares do mesmo modo, nos termos acima ajustados.

Naturalmente ali terão cogitado em que as tuas cartas para mim não devem trazer o meu endereço. Seriam violadas no correio. As que depois do recebimento desta me escreveres devem trazer, todas registradas, uma sobrecarta, por cima do envelope endereçado a mim, com este adresse

Illmo. Sr.

Ventura P. Gotusso — Buenos Aires
Reconquista 268.

Escritorio n. 13 y 14.

Ou entrão para a casa Rheinganz, cujo endereço o Jacobina conhece.

(1) Seu. solicitador, José Ant^o. do Amaral.

(2) Comendador Antônio Martins Marinhas.

As minhas serão dirigidas a este, ou á legação chilena.

Ia-me esquecendo uma encommenda em artigo de negocios.

Acho bom que tu e Carlito procedam a um inventario cuidadoso de tudo nosso, que naquelle logar se acha, e providenciem, para que tudo fique na mais absoluta segurança.

Olha, minha querida Cota: todos os planos, que acima tracei, para nos reunirmos mais de pressa, eu os deixo entregues á tua reflexão e aos conselhos de nossos amigos. Elles tem o espirito sereno, que me falta, e poderão deliberação melhor contigo. Eu me sujeito ao que resolverem. E, como não te moverás, sem me telegraphar, fico tranquillo de que não poderá occorrer algum qui-pro-quo, ou desencontro entre nós.

Manda fazer para ti um *pince-nez*, para não fatigares de todo a tua vista. O grau é *n. 5 vidro de hypermétrope*. Encommenda na casa Passos, Rio de Janeiro.

Ha cinco horas que te escrevo, e não tenho animo de acabar. Mas principia a escurecer no camarote. Vou esperar a noite, a solidão e o somno. Si Deus m'o der, que me traga sonho bom contigo e nossos filhinhos.

Lê a nossas filhas esta carta. E' tambem para ellas. E' ainda para os nossos amigos intimos, a

quem não tenho tempo agora de escrever. Abraça-me com todos elles, com a tia Elisa (1), Yayá (2), Ziu (3), Carlito (4), Juca (5), o Palma (6), o Amaral (7).

E Joãozinho? Cobre-o de beijos. Falla-lhe sempre de mim. Quem sabe si elle já não me esqueceu? Não tu não o deixarás. E tu, meu anjo, minha alma, minha, vida, podes crer que ainda outra mulher não foi mais seriamente amada por ninguem do que tu és
pelo teu Ruy.

*Porto de Buenos-Aires, vapor Magdalena,
20 de setembro, 1893, 8 h. da manhã.*

Minha Cota

Continúo a te escrever ditado. Passei mal a noite. Estou melhor agora. Mas não te entristeças com a minha molestia. E' afflictiva, dolorosa; mas não mata. O que me mata, é a ausencia, a incerteza, a ignorancia da tua situação, e as saudades,

(1) Elisa Vianna.

(2) Guilhermina Vianna casou-se com Carlos Vianna Bandeira.

(3) Escolástica Vianna Vasconcellos.

(4) Carlos Vianna Bandeira.

(5) João Luiz Vianna.

(6) Desembargador José Joaquim de Palma.

(7) José Antonio do Amaral.

saudades immensas, penosissimas, como nunca senti.

Até agora não sabemos absolutamente coisa nenhuma, do que se passa no Rio de Janeiro. Esta incommunicabilidade telegraphica, de que não ha exemplo no mundo, é uma das expressões mais pavorosas, que se podiam inventar do regimen do terror. Que se terá dado ali, meu Deus? Quantas desgraças? Como estarás tu? nossos filhinhos? nossos amigos? Quando sahiremos destas trevas?

Voltando ao que hontem te escrevi, sobre os projectos indicados para apressar o nosso encontro, devo repetir-te: todos elles ficam subordinados *ao possível*, que examinarás, ponderando as circumstancias de accordo com as reflexões dos amigos, com quem convier aconselhar-te. Em todo o caso, não faças nada, sem me avisares mediante o telegramma combinado, *expedido com antecedencia*, para evitar o desastre de um desencontro entre nós, vindo tú para cá, e seguindo eu, ao mesmo tempo, para lá.

Acho-me tanto mais perplexo a esse respeito, e vejo-me tanto mais embrulhado, em quantos calculos pretendo fazer, quanto não posso formar juizo seguro sobre si estarás no Rio ou em S. Paulo. Hoje já me parece que tu é que tinhas razão em preferir a Bahia. Mas, por outro lado, lá estavas mais longe de certos interesses nossos, a que é necessario prover.

Não imaginas quanto me tem preocupado, a proposito da ida para a Tijuca, a idéa das cobras, que se diz abundarem agora por alli, e o perigo de ser mordido por ellas algum de nossos filhinhos, especialmente João. Mas tua solidude e os extremos daquelles que te acompanham, certamente não o deixarão exposto a esses riscos.

Peço-te que mandes, por Carlito, ou Juca, pôr bastante naphthalina em todas as minhas estantes.

Espero que nossas filhinhas não se descuidem, em casa, dos seus estudos. E' um consolo, que me darão, nesta dura crise de minha vida.

El Diario, grande jornal de Buenos-Aires, publicou no dia 18, extenso artigo de fundo a meu respeito. Ahí vaç, cortado. Si estiveres no Rio, remette-o ao *Jornal do Brasil*, depois de lê-lo. Se não, guarda-o.

Amanhã ás 8 da manhã, devemos desembarcar em *La Plata*, grande cidade argentina, em cujo porto vaç fundear o *Magdalena*, depois de cumprida a quarentena. Ahí tomaremos logo o caminho de ferro, e ao meio dia estaremos em Buenos Aires, onde vou ficar.

Ainda não sei como vou arranjar-me, nem tenho dinheiro por emquanto. Mas o irmão do Gianelli, a quem elle escreveu, telegraphou logo

de Montevideo, ao seu correspondente aqui o Sr. Ventura Gotusso, e este já me escreveu de Buenos Aires, pondo-se á minha disposição. Também o Candriani (1), amigo do Jacobina, escreveu-me um cartão, offerecendo-me os seus serviços.

A bordo tenho sido obsequiado por um portuguez, argentino adoptivo, creado na Bahia, o Sr. Fernando Coelho, commissario em Buenos Aires, o qual se empenha para que eu, ao menos nos primeiros dias, me hospede em sua casa. E' provavel, porém, que eu não accite, e vá para uma pensão.

Minha occupação exclusiva será pensar na volta, e ruminar os meios de acceleral-a. Creio que não terci olhos, p.^a ver Buenos Aires, a não ser que isto se prolongue, o que será uma desgraça, e que venhas juntar-te a mim aqui, o que seria, nessa desgraça, uma bemaventurança.

Chama em roda de ti nossos filhinhos, meu anjo, e falla-lhes em mim, beijando-os por mim muitas, muitas vezes. E tu imagina que estou contigo, que te abraço, que desafogo em lagrymas, e que ponho bem, bem sobre o teu o coração do teu

RUY

P. S. Não te esqueças de enviar ao José Gonçalves (2) a carta, q. para elle te remetti.

(1) Ricardo Candriani, um dos directores de "La Nación".

(2) Dr. José Gonçalves da Silva, primeiro governador constitucional da Baía.

*Buenos Aires, bordo do Magdalena,
21 setembro 93*

Meu caro afilhado (1)

Apenas, a correr, duas linhas, para visitá-lo a V. e a Belinha, e rogar-lhe que na contingencia, em que estou, de ser violada no correio a minha correspondencia, si levar endereço de pessoa conhecida e relacionada comigo, — seja V. o intermediario das minhas cartas para Maria Augusta, as quais lhe mandarei sempre em envelope sobrescriptado ao Jacobina. Não me póde prestar mais precioso serviço, bem comprehendendo; e espero, que na afflictiva situação, em que me acho, me relevará o incommodo, que lhe imponho.

Recommendações a todos os seus, e creia-me
seu am.^o aff. e ob.

RUY

Buenos Aires, Magdalena, 21 setbr.^o, 93.

Minha Cota do C.

Vamos desembarcar d'aqui a pouco em *La Plata*. São 7 h. da manhã. Estou um pouco melhor. Tenho apenas tempo de fazer-te duas linhas, p.^a n. passar um dia sem te escrever.

Em vez do endereço, q. na minha primeira

(1) Domingos Lacombe; Ruy Barbosa foi padrinho de casamento deste com a filha mais velha de Jacobina, Isabel.

carta te dei, p.^a. me dirigires as tuas cartas, adopta-
rás o seguinte:

Illmo. Sr.

Fernando A. Coelho

Comisionista

Calle de Bolivar, n.º. 1588

Buenos Aires

Republica Argentina

Adeus meu anjo; lembra-te de mim.

Vê si tu, com os nossos amigos, podem abreviar-me este desterro, que me mata.

Saudades, immensas saudades, beijos e bençãos a nossos filhinhos, do teu

RUY

Buenos Aires, 23 de set. 1893

Minha Cota

Imagina o meu alvoroço, a minha felicidade, recebendo hontem, em resposta ao meu telegramma da vespera, este do Lacombe (1) "Familia boa". No mesmo dia (antehontem) pedira eu a um irmão do Gianelli o favor de endereçar tambem a elle um despacho telegraphico, indagando encobertamente noticias tuas. Da presteza, com que me chegou a resposta do Domingos (1), a quem te peço que agradeças, presumo que deverás estar no Rio, provavelmente na Tijuca. Era

(1) Domingos Lacombe, genro de Jacobina.

a minha primeira idéa, e creio que era a melhor. Deus permitta que ahi tenhas continuado, que as circumstancias não te forçassem, nem te forcem a procurar guarida longe dessa capital. Tua estada ahi, com effeito, além de ser uma condição de grande vantagem para o expediente dos nossos interesses ordinarios, facilita summamente qualquer combinação, destinada a apressar a minha volta. Apenas esta seja possivel, apenas nossos amigos verifiquem não haver nisso inconveniente (e p.^o este effeito mui util pode ser-te o Francisco de Castro), manda-me um telegramma, com endereço a "Monteiro" e esta palavra: "Vem". A assignatura deve ser de *João*. Entro em todos estes ajustes e artificios para evitar a tramoia de algum telegramma capcioso, de origem official, expedido com o fim de illudir-me.

Estou por emquanto, creio que até amanhã ou depois) em casa do companheiro de viagem, sobre que já te fallei nas minhas cartas de bordo. Accedi, porque as instancias quasi me constrangeram, e porque tambem me pareceu, não só que um circulo de familia me seria mais consolador na ausencia da minha, como que, no meu estado de doença, talvez essa situação me facilitasse certos cuidados, necessarios ao meu tratamento. A casa desse bom homem, verdadeiro bahiano na obsequiosidade, compõe-se delle, a mulher, uma senhora argentina mais que quarentona (um ty-

po da Mme. Guimarães), mui agasalhadora e chã, e uma criancinha, filha adoptiva, da idade do Joãozinho. Deu-me isso occasião a lhes mostrar o retratinho d'elle, collado por Dedelia naquelle marcador de livros, que não me sac da algibeira, perto da outra, onde se acha o teu retrato. Como era natural, a parecença entre a mãe e o filhinho proporcinou-me ensejo de mostrar-lhes egualmente a tua photographia, que encantou a todos, correndo de mão e mão, não só entre os donos da casa, como entre duas moças, que aqui jantaram ante hontem.

Não me tem deixado até agora, o tal incommodo, que tanto me fez soffrer no mar, e cujos afflictivos sofrimentos não dão indício de querer deixar-me. Ainda hontem passei todo o dia de cama. Hoje estou de pé, um pouco melhor, mas sem vantagem consideravel. Comprehendes a posição constrangida e quasi desesperadora de um doente em certas enfermidades, nas quaes só ás pessoas mais intimas se pôdem communicar certas exigencias, ás vezes essenciaes do tratamento. Mas, em summa, para todas estas penas vou procurando alento e arrimo no pensamento de que é preciso conservar-me para a nossa felicidade commun e na esperanza de regressar brevemente a teus braços.

Escuso dizer-te, minha Cota, que a minha impaciencia, a irritação do meu espirito crescem

dia a dia com a tardança dos acontecimentos. Quanto mais reflecto mas me parece que não haveria inconveniencia em que eu seguisse para a Bahia. Não havendo por lá revolução, nem estado de sitio, nem inimigos interessados no meu aniquilamento; tendo nós ali, por outro lado, familia, amigos, condições especiaes de segurança, acredito que alli poderíamos ir, desde, já passar um ou dois mezes, longe do centro da lucta e em situação perfeitamente segura. Estuda ahi com os amigos este assumpto, e, si me achares razão, manda-me um telegramma com o mesmo endereço e assignatura supra-indicados e estas palavras: "Sim, Bahia". Nesse caso partirei pelo primeiro paquete, e avisar-te-hei por telegramma de *Monteiro* a *Lacombe*. Naturalmente, o paquete, em que eu for tocará no Rio de Janeiro, e poderás preparar-te, com todas as cautélas (comprando até as passagens em nome de Carlito, ou Juca), para nos encontrarmos a bordo, e seguirmos juntos.

Agora, como as communicacões telegraphicas já se acham em parte restabelecidas, supponho que já não necessitaremos dos favores da legação chilena, que contigo combinara nas minhas cartas anteriores.

Foi publicada esta manhã (escrevo-te ás 10 e 1/2 della), na *Nacion*, uma das folhas mais importantes d'aqui, o meu *manifesto*, de que te remetto um exemplar incluso e outro em separado.

Pelo vapor de hontem remetti o original portuguez ao Joaquim Lucio, para ser estampado na imprensa d'ahi. A *Nacion* deu-lhe aqui o logar de honra, na sua primeira columna edictorial.

Creio que amanhã teremos malas, pelo *Duque de Galiera*. Mas não. Neste momento me dizem que elle não tocará no Rio. Talvez então só as haja pelo *Magdalena* a 28. Quem sabe si eu não poderei seguir com elle? Si esta esperanza se realizasse! . . .

Com quer que seja hei de escrever-te *diariamente* dando-te conta, passo por passo, de toda a minha vida aqui. O *Times of Argentina*, folha ingleza q. aqui se publica, annuncia hoje, segundo me acabam de dizer, que vae-me ser offerecido um banquete. Imagina . . . para um homem que não tem roupa, e que anda com a alma como eu!

Adeus, por hoje meu anjo. Beija e abençoa nossos filhinhos, lembra-me aos nossos amigos e recebe o coração do teu

RUY

B. Aires, 24 set. 1893.

Minha adorada Cota

Tive outra abençoada surpresa, recebendo o seguinte telegramma, que me veio particularmente pelo superintendente da "Companhia Telegraphica Rio da Prata":

“Dr. R. B. Carlos Yayá Elisa Ziu (1) seguiram hoje Tamar para Bahia. Continuam com saúde. Cota meninos Egas e todos mais parentes saudosos.”

Bemdito o amigo, que teve esta boa lembrança. Na minha situação actual não ha finezas, que me possam trazer mais felicidade. Quem seria a boa alma, que teve essa idéa? O barão (2)? É o que deprehendo, pelo nome de Egas envolvido no despacho. Vou tentar hoje responder-te pela mesma via.

Vejo que não foste para a Bahia. Muito estimarei (não havendo risco) que tenhas ficado no Rio; porquanto, com a tua ida para S. Paulo, muito se difficultaria qualquer arranjo para o nosso reencontro. Minha idéa fixa é voltar eu para a Bahia, e lá nos juntarmos. Desejaria que isso fosse possível pelo paquete *Magdalena*, que daqui parte a 28. Não me parece haver nisto perigo. Em todo caso não o farei sem resposta tua ao meu telegramma.

Meus soffrimentos continuam, comquanto um pouquinho melhorados, demandando urgentemente o concurso de medicos do meu paiz; na tua ausencia não teria coragem para qualquer

(1) Carlos, Guilhermina, Elisa e Escolástica Vianna, parentes de sua mulher.

(2) Barão Egas Moniz de Aragão — parente de sua mulher.

operação, que seja necessaria. Essa operação dependerá de chloroformisação, e não me sujeitarei aos riscos della, senão em minha terra e entre os meus.

Nada tenho feito por ora aqui, minha Cota. Nem farei; porque não me posso conformar ao pensamento de que este desterro se prolongue.

O meu manifesto, publicado hontem, como já te disse na *Nación*, produziu aqui grande e excellente impressão em todos os partidos. Governo e opposição todos o applaudem, vendo cada um dos lados nelle uma lição ao lado contrario. Vou remetter exemplares delle aos nossos principaes amigos e algumas folhas do Brasil.

A viagem de Carlito á Bahia deixou-me inquieto a certos respeito. Teria elle dado conta dos tres negocios meus confiados ao seu zelo?

E a questão da hypotheca com o Affonso (1), como terá ficado?

Has de notar a má letra, com que te escrevo. E' devida em parte ao meu estado nervoso, pelas dores que padeço, em parte ao frio muito vivo, que aqui faz presentemente, apesar de já estarmos na primavera, em cujo primeiro dia (21 de setembro) aqui desembarquei.

Interrompo aqui o goso de escrever-te, pela necessidade de expedir o telegramma, a que aci-

(1) Affonso Caminha.

ma alludi, e dar outros passos de urgencia. Meu tempo já está distribuido assim:

— Até ás 11 horas, telegrapho, correio, barba etc.

— A's 11 hs. uma conferencia com o redactor da *Prensa*, grande jornal radical que hontem me procurou

— Ao meio dia almoço.

— De 1 ás 3 uma conferencia importante com varios brasileiros.

— A's 6 hs. jantar em casa de um compatriota nosso, que disso fez questão.

Adeus, minha Cota, affaga o nosso João, a nossa Dedecia, a nossa Chiquita, e recebe as saudades, cada vez mais insupportaveis, os beijos e os carinhos do teu

RUY

Buenos Aires, 25 de setembro 1893

Minha Cota do Coração.

Faz já vinte dias hoje que te deixei quasi a correr, quasi sem despedida, como si nos separassemos apenas por algumas horas; e, entretanto, tinhamos de ficar longe um do outro tanto, tanto tempo, nas circumstancias mais tristes, mais desconsoladoras, mais terriveis. Cada manhã, em que acordo sósinho, cada noite em que me deito com o espirito absorvido em ti e em nossos fi-

lhos, aprofundam mais em mim a idéa, já quasi irresistivel, de partir d'aqui no dia 8, pelo *Magdalena*. Creio que darei um passo, e que farei bem, dando-o. Na Bahia estarei seguro, e desembarcarei seguro. Ao partir, ou antes de partir, buscarei dar-te aviso telegraphico. O Tobias (1) irá comigo e saltará, procurando-te immediatamente. Si for possível, si estiveres preparada, si for conveniente, embarcarás no mesmo paquete. Si não, partirás no immediato a me encontrar.

Tudo isto, contudo, são planos, que as noticias dali poderão, agourentar e destruir, de um momento para outro. Hoje tentarei ver si te telegrapho, consultando-me a este respeito, posto que, por mais que rumine, não me pareça haver riscos nesse projecto, não tendo o governo acção no porto do Rio de Janeiro, e não podendo, portanto, deter-me ali. Essa possibilidade proxima de ver-te não imaginas o alvoroço, a felicidade em que me põe. Parece-me que, em toda a minha vida, ainda não experimentara o contentamento, e que o sinto e que o vou sentir agora pela primeira vez.

Ainda não te disse uma palavra acerca de Buenos Aires, porque tenho estado quasi estranho ao que se passa em torno de mim. Apenas te posso afirmar que é uma cidade *infinitamen-*

(1) Tobias Monteiro.

ze superior ao Rio de Janeiro, e que não sei se esta, d'aqui a cincoenta annos, a egualará.

Ao deixar a legação chilena, entreguei á allemã dona da pensão, para te mandar, uma pequena mala, (propriedade do Francisco de Castro) contendo livros meus novos, que te recomendo muito especialmente, assim como um par de oculos meus e um pince-nez, que por esquecimento lá ficaram, e que espero terás guardado. Fóra da mala ficaram tambem, além de um pacote de papel almasso, ainda fechado, os dictionarios inglezes do Eduardo (1). Si não te houverem remettido esses objectos, fazes reclamá-los.

Como irão nossos filhinhos? Dedelia e Chiquita terão aproveitado alguma coisa durante estas ferias forçadas? e João? Como estará o nosso feiticeiro? o nosso anjinho?

Para ajuizares a situação do meu espirito, minha Maria Augusta, bastará saberes que, desde que deixei o Rio, ainda não abri um só livro. Mal leio os telegrammas dos jornaes, á cata de noticias do Rio, nas quaes aliás não podemos confiar, conhecendo os habitos officiaes de ageitar a verdade aos interesses do governo.

Mandei pedir ao Amaral (2) que se entenda

(1) Eduardo Jacobina, filho mais moço do Dr. Ant. Jacobina.

(2) Seu solicitador.

com a gente da *Frigorifica* (1), afim de não me tirarem a advocacia da questão, que me confiaram. Ella não pôde terminar senão depois de concluida a revolução, e eu, nesse tempo, poderei estar ahí, si Deus quizer, para continual-a.

São 9 horas da manhã, e vou sahir para o telegrapho. Penso que hoje deixarei a casa, onde estou, e accomodar-me-hei numa pensão. Aliás, a ter eu de partir para a Bahia no dia 28, bem vêz que isso pouco adianta.

Recommenda-me muito vivamente ao Jacobina, Chiquinha (2), Belinha (3), Lacombe (4) e toda a familia da rua dos Invalidos. Abençoa e acaricia nossos filhinhos (Ruysinho? Já lhe escreveste, ou fizeste escrever?) e recebe o coração todo teu do teu

RUY

-
- (1) Companhia Frigorifica e Pastoril Brasileira.
 - (2) D. Francisca Jacobina.
 - (3) Isabel Jacobina Lacombe.
 - (4) Domingos Lourenço Lacombe.

O EXÍLIO

Depois desta carta, os mais graves acontecimentos se passaram. Ruy partiu, com efeito, pelo *Magdalena*, com destino á Baía. A sua família que estava no Meyer, encontrar-se-ia com êle a bordo, no porto do Rio. Na véspera da entrada do paquete Jacobina já havia dado todas as providências para o embarque. Alta noite, porém, alguém bateu á porta da sua casa á rua dos Inválidos. Era Manuel Lopes de Carvalho, da confeitaria *Paschoal*, que estando no Palácio ouvira uma combinação contra a vida de Ruy que ali se tramava. Um conjurado tomaria o *Magdalena* no Rio, e agiria ao saltar na Baía.

A Jacobina cumpria prevenir ao amigo do perigo e convence-lo de que não poderia continuar a viagem. Compreendendo que talvez fosse impossível a êle, por demais conhecido chegar até o vapor, mandou antes dêle o seu filho Antônio, recém chegado de uma viagem de estudos á Europa. Na madrugada do dia seguinte, após uma série de peripécias aventurezas afim de burlar a vigilancia da policia, conseguiu este alcançar o *Magdalena* como tambem o primo Luiz Carlos Barbosa de Oliveira. Ruy concordou em voltar a Buenos

Aires. O *Galícia* deveria para lá partir dentro de quatro dias. Era forçoso esperar embarcado esse tempo. Foi então que se fez sinal para o *Aquidaban*, postado não longe d'ali. O Almirante Custódio de Mélo enviou imediatamente um escaler que transportou Ruy para aquêlê vaso de guerra, de que foi hóspede por tres dias.

Jacobina Filho, cumprida a sua missão, voltou a terra em companhia de Luiz Carlos Barbosa de Oliveira. Apenas pisaram o sóio, porém, foram presos e conduzidos para a casa de correção onde ficaram detidos longos meses. Ainda assim conseguiu Jacobina Junior salvar a carta ao redactor de "La Nación", que Ruy lhe confiára a bordo.

Tobias Monteiro seguiu até a Baía, onde foi preso e remetido para o Rio onde suportou cinco meses de detenção.

Ruy conseguiu ainda mandar um bilhete de bordo do *Aquidaban* á sua familia. O portador foi o Sr. Antônio da Costa Borlido, que para isso se disfarçou em carvoeiro. A 6 de Outubro passou Ruy finalmente para o *Galícia* onde foi ter sua família.

Jacobina foi prevenido por seu amigo Carrilho Viadeira, portuguez, republicano e florianista exaltado, de que a sua liberdade tambem estava em perigo. Obteve então asilo, juntamente com seu genro Domingos Lacombe, na Legação da Bolívia, onde o acolheu gentilmente o Plenipotenciário Isaac Tamayo. Em um bilhete para ali dirigido, sua mulher lhe narra o embarque da família Ruy Barbosa:

Rio, 6 de Outubro de 1893

Meu velho,

Nossos hospedes partirão. Só ás 8 h. da manhã nos chegou o *avizo* esperado. Cazuzza (1) *vôou* a dar as providencias e ás 11 h. aqui chegava o *Amigo* (o de hontem) (2) que acompanhou a familia.

Até agora, 1 h. da tarde, não temos certeza se com effeito embarcarão.

O Amigo ficou de mandar-nos noticias, mas de facto ainda não tarde.

Deus os leve a salvamento! Cazuzza foi quem comprou as passagens, tratou da bagagem e foi com o carro buscar o Amigo á casa d'elle, mas entendeu que não devia acompanhal-os nem até o cães. Almoçamos e estavamos justamente combinando o meio de te mandar as noticias (assim que ellas nos chegassem) quando chegou o Comendador; (3) elle se encarrega de fazer-te chegar esta ás mãos e diz-me que te posso escrever detalhadamente. De Totom (4) nem noticia! Cazuzza me promette dar por outro lado mais algum passo... mas eu tenho medo que elle tambem se comprometta! Valha-nos Deus!

(1) Dr. José Eustaquio Ferreira Jacobina, irmão do Dr. Antº. Jacobina.

(2) D. Maximo Ramon de Lira, ministro do Chile.

(3) Antº. Martins Marinhos (?).

(4) Antonio Ferreira Jacobina, filho do Dr. Jacobina.

E aqui ficamos... á olhar para o tempo e contar as horas... á espera do que mais virá. Do que estou rezolvidissima é a não saber mais de caza! agora não tenho mais responsabilidades. Deus nos ajudará!

E tu, meu velho, tem paciencia! e dá noticias tuas todas as vezes que puderes á

Tua Chiquinha.

Teus filhos te abração; fui obrigada a explicar-lhes a situação.

Recebendo, por dois amigos, altamente chegados ao govêrno, a garantia de que não seria perseguido, voltou Jacobina, dias depois, ás suas occupaões.

Em fins de Novembro dirigiu-lhe o Snr. Antônio Azeredo uma carta em que apciava para a sua honra afim de esclarecer alguns pontos relativos á fuga de Ruy Barbosa. A essa carta respondeu Jacobina com a que se segue, em que esclarece muitos fatos dêsse confuso período:

Rio, 26 de Novembro de 1893

Illmo. e Exmo. Snr. Ant. Azeredo.

Hontem recebi a sua carta de 20 do corrente mez, em que me dirige sete quesitos pedindo-me para responder a elles, tendo ao dizer de V. Ex., o Snr. Senador Ruy Barbosa em "publicação feita em Buenos-Aires, em favor de sua defeza, adul-

terado a conversação íntima que tivemos na noite de 11 de 7bro. p. p." adulteração que não conheço por não ter lido a publicação feita. Repetirei cada quesito e em seguida apresentarei a resposta.

1º. P. "Se não foi realmente na noite de 11 de Setembro que V. Ex. honrou-me com a sua presença em minha casa"?

R - Tendo recebido pelo telephone convite de V. Ex. para ir a sua casa na noite de 11 de Setembro, obedeci presuroso, como devia, á ordem de um amigo.

2º. "Se V. Ex. não disse-me durante o correr de nossa conversação, que havia recebido do Snr. Ruy Barbosa, no dia 6 de setembro um bilhete no qual declarava confiar-lhe sua Exma. familia?"

R - A familia do Snr. Ruy Barbosa veio para minha casa na noite de 5 de Setembro cerca das 9 horas da noite, tendo eu aviso prévio.

3º. "Si não procurei dissuadir a V. Ex. dos receios que demonstrou-me ter diante dos boatos e do que lhe havia dito um amigo, de conservar em sua casa a illustre familia do Snr. Dr. Ruy Barbosa, assegurando-lhe eu que o Marechal Floriano era uma garantia contra qualquer tentativa d'agressão, ao domicilio de V. Ex., por parte dos exaltados?"

R - Tendo-me V. Ex. mostrado receio de que exaltados tentassem *eliminar* ao Snr. Ruy Barbosa, e tendo eu ouvido boatos de se assenhorearem

das familias dos compromettidos como refens, quiz verificar o que haveria de exacto nesses boatos, apesar de não acreditar que pudesse ser desacatada a casa d'um velho republicano, que durante 30 annos vivera em opposição á monarchia e por ella posto em ostracismo; tanto mais quanto depois da victoria republicana eu me limitara a conversar com os velhos amigos republicanos, como o faria na desgraça, visto nada pretender do governo.

Com effeito V. Ex. me assegurou que o Snr. Marechal Floriano era uma garantia contra qualquer tentativa d'aggressão ao meu domicilio; e eu tanto acreditei que não tomei providencia alguma domestica afim de me acautelar.

4º. "Se alguma cousa lhe fallei que pudesse fazer suspeitar que, por parte do governo, alguma violencia se preparava contra o Sr. Ruy Barbosa e sua familia, ou contra a familia de quem quer que seja; e que, si ao contrario, não lhe assegurei ainda que o Sr. Vice-Presidente seria uma garantia contra qualquer manifestação de violencia, que os mais exaltados e desafectos pretendessem praticar contra a pessoa do Snr. Dr. Ruy Barbosa, apontado como um dos principaes responsaveis do movimento revolucionario".

R - Quanto a este 4º. quesito é todo elle exacto e eu transmiti á familia Ruy Barbosa as suas idéas, com tanta segurança, por achar cheio de

bom senso politico o proceder do Governo e do Snr. Marechal Floriano que talvez fosse isso a causa principal do Snr. Ruy Barbosa recolher-se ao Brasil por ir viver na Bahia com sua familia e foi ainda por acreditar nessa asseveração que consenti que meu filho Antonio que havia dois mezes chegara da Europa onde terminara a sua educação, fosse a bordo, dizer ao Snr. Dr. Ruy Barbosa, que a sua Snra., que tinha estado gravemente doente estava prompta, com approvação de seu medico não a acompanhá-lo, mas a partir no vapor seguinte para se reunir a elle na Bahia, ficando eu surpreendido ao saber que meu filho, ainda de menor idade, havia sido preso pelo facto de ter ido a bordo.

5.º “Si os meus receios então dos perigos que por ventura corria o Snr. Ruy Barbosa, não eram manifestados unicamente aos seus inimigos e partidarios do governo legal, que podiam deixar-se levar pelos odios e paixões de momento, não inquerindo da innocencia ou da culpabilidade do objecto que produzia semelhantes sentimentos”.

R - Este quesito está respondido pelo que disse do 3.º e 4.º e é em tudo verdadeiro.

6.º “Si V. Ex. não assegurou-me que eu podia ficar tranquillo que o Dr. Ruy Barbosa estava em lugar seguro e livre de perigo”.

R - É tão exato 6.º quesito, que pelo manifesto do Snr. Dr. Ruy Barbosa publicado por V.

Ex. se sabe que elle estava asilado em uma legação estrangeira.

7.º “Se durante o tempo em que a familia do Snr. Ruy Barbosa esteve em sua casa se passou V. Ex. ou ella por algum vexame por parte do governo de seus agentes ou mesmo de pessoas estranhas sobre as quaes podessem cahir suspeitas”?

R - Quanto a este quesito devo responder que a familia do Snr. Ruy Barbosa nada soffreu; tomando ella sempre as cautelas necessarias em tempos difficeis. Quanto a mim, tenho a dizer que si a prisão de meu filho e a condição de sua soltura por uma declaração minha de não ter sido perseguida a familia Ruy Barbosa se pódem considerar vexames, eu os tive. Esta declaração eu recusei fazel-a por julgar que ficava mal a mim e ao Governo em cujo nome m'a pedião. Entretanto assegurei que a faria livremente, depois de meu filho solto; quer ella me fosse pedida em carta particular, quer pela policia; evitando assim que se dissesse ter ella sido imposição indigna.

A este meu proceder leal e em que lembrava um passo prudente, recebi do intermediario aviso, que se tinha expedido ordem de prisão contra mim. Fui pedir asilo a uma legação porque no estado de doença em que me acho a minha prisão seria um assassinato sem desculpa; dali escrevi a amigos velhos companheiros de luta em tempos idos e ambos dedicados ao Snr. Marechal,

para saber se eu teria de emigrar ou se podia continuar a ganhar o pão quotidiano para a minha familia - Recebi delles a segurança de que podia sair de onde estava homisiado, o que fiz e só me resta lamentar a continuação da prisão do meu filho. Não sei se sou prudente em ser franco, mas como V. Ex. appellou para minha honra e lealdade para dizer a verdade, cil-a: esperando que por sua posição elevada junto ao governo me livre dos incommodos que me possão vir do uso, que V. Ex. fizer desta minha carta, e nestas condições V. Ex. pôde fazer o uso que lhe convier, e ficando certo de que sou sempre com toda a consideração

seu Adm. e amº. obrigº.

Jacobina.

Continuou, porein, Jacobina suspeito e vigiado. A 5 de Dezembro a policia invadiu-lhe a casa dando busca rigorosa em todos os seus papeis. Nada encontrando de interessante, a não ser a carta do Snr. Azeredo, que se conhece apenas pela minuta da resposta, deteve-o para averiguações. A familia encontrava-se então no Cosme Velho, para onde muita gente se havia retirado, fugindo ao perigo que representava o bombardeio frequente da esquadra. D'ahi enviou-lhe a mulher as ultimas cartas de Ruy, recebidas de Buenos Aires, afim de que pudesse êle justificar-se perante as autoridades. Realmente poucos dias depois era posto em liberdade.

As cartas, comtudo, nunca foram devolvidas. Ha portanto uma lacuna nesta nova série de Buenos Aires. Não se encontra a narração da chegada de Ruy com a família. A carta seguinte já é de Janeiro de 1894:

15 janº. 1894

Meu caro Jacobina

Depois da noticia da sua prisão por 14 horas e da de Carlito (1), que não sabemos quando terminou, nada mais soubemos d'ahi, e essa incerteza com todos os sustos e desalentos q. a acompanham, tem aggravado profundamente a nossa negra melancolia. Como vivemos ahi em espirito, sem cesar, no meio de poucos a quem estamos ligados pela fidelidade do affecto e pela solidariedade do soffrimento, a nossa existencia neste logar arrastase numa monotomia desesperadora, entrecortada apenas passageiramente por momentos de doce e fugitiva esperanza. As meninas tem alimentado a correspondencia, que meu espirito, muito acabrunhado, não pode entreter. Demais, como parece que as minhas relações e o meu contacto, nesta situação infernal, são uma especie de maldição para aquelles que sympathisam com a minha adversidade, creio que devo mesmo abster-me o mais possivel de communicações com os amigos

(1) Carlos Bandeira, seu cunhado.

e parentes. E' mais uma das iniquidades, a que me vejo codemnado, innocente das culpas que me attribuem, dos acontecimentos que assanham contra mim os meus inimigos.

Escrevi a Carlito, por seu intermedio, dando-lhe instruções acerca do que deve fazer com os meus negocios no Rio, e enviando-lhe a chave da lata que M^a. Augusta, ao sahir, confiou aos cuidados da Prima Chiquinha (1). Não tive communicação de que essa carta houvesse chegado ao seu destino; mas não posso crer que se extraviasse, uma vez que d'aqui foi inclusa naquella dirigida a V., que lhe tinha sido entregue na manhã da sua prisão.

Como quer que seja, porém, carecendo absolutamente de prover as minhas necessidades neste lugar onde tenho passado contrariedades e privações de todo o genero, deliberei aproveitar a ida do amigo que lhe leva esta carta, para tomar medidas definitivas sobre os meus interesses dependentes dos papeis conservados naquella caixinha. Eu commettera essa tarefa a Carlito, porque, sendo elle o meu procurador e agente em todos os meus negocios, possuia o fio de todos elles, e podia mais do que ninguem avial-os. Mas, uma vez que elle parece continuar a expiar o crime de ser

(1) D. Francisca Jacobina.

meu parente, sou forçado a incommodar o meu bom primo e compadre, rogando-lhe que accete mais este encargo, que, na minha situação, é de verdadeira caridade.

A chave dessa caixinha eu a remetti a Carlito na alludida carta, de onde V. poderá havel-a. Mas, se isso importar obstaculo ou demora, force a fechadura, para executar as providencias que lhe vou encomendar. Existe nella uma quantia em dinheiro e outra em lettras, vencidas, de um banco d'ahi. V. far-me-ha o favor de mandar cobrar as lettras, e, juntando á sua importancia, que representa não só propriedade minha como de Carlito e de um amigo interessado em negocios meus, a somma em dinheiro, remetter-me para aqui mediante um estabelecimento estrangeiro. Parece-me essa resolução a mais sensata, uma vez que a baixa actual do cambio, pela força da situação brasileira, deve considerar-se como estavel e crescente. A remessa deve ser feita em valor de soberanos.

Além desses papeis encontrará V. alli uma lettra do C. de A. (1), duas do Affonso (2), e creio que um recibo deste, concernente a uma hypotheca. Esses documentos peço-lhe que continue a conservar em logar seguro, e que m'os

(1) Carlos de Aguiar.

(2) Afonso Caminha.

mande pelo nosso amigo J. C. (1), portador desta, quando elle regressar.

Péço-lhe, se for possível, que me informe sobre o que se tem passado em relação á hypotheca da casa, a cujo respeito nem o Juca, nem o C. de A. me disseram mais uma palavra. Ella deve ter se vencido a 25 de dezembro. E depois que succedeu? que arranjaram?

Felicito-o pela sua promoção a avô, e péço-lhe que abraçe por mim, com a expressão do mais vivo affecto, a avó e os paes. Permitta Deus que esse ramo verde dos unicos affectos que dão valor a esta vida lhes tragam alguns momentos de paz e distração no amargor destes tempos.

Ao meu bom amigo Cazuzza, diga que não tome o meu silencio como effeito de sequeidão e esquecimento. Minhas cartas levam consigo o mau agoiro da suspeita e da perseguição. Devo, pois, reduzi-las ao essencialmente indispensavel, para não fazer mal aos que me querem bem. Elle póde ter a certeza de que, nesta casa, o seu nome é um dos objectos de mais viva saudade, um dos themas habituaes da conversa, um dos santos do nosso triste lar (se assim me posso exprimir), onde a familia Jacobina toda ella é amada com o mesmo sentimento com que amamos os irmãos e os filhos.

(1) Jayme Cibils.



Grupo tirado por ocasião de uma visita á Fabrica de Tecidos de Cascatinha, em Petrópolis e no qual figuram várias pessoas referidas nesta correspondência. Assim, na primeira fila, sentada de pecto, está D. Francisca Barbosa de Oliveira Jacobina. Á sua esquerda seguem-se: Ruy Barbosa (então Ministro da Fazenda), a Senhora Ruy Barbosa e a Senhora António Azeredo. O último da fila é o Comendador Custódio de Oliveira. Na segunda fila, de pé, a segunda é D. Adelaide Dobbert (Cunhada de Ruy). A seguir estão o Dr. José Estâquio Ferreira Jacobina, o Sr. Gomes Baudão o Guarda-Lavros da Fabrica, o Sr. Machado Guimarães, o Comendador Luiz Rodrigues de Oliveira e o Dr. Tobias Monteiro. Na terceira fila estão, o Dr. Luiz Leão de Oliveira, Sta. Helena Dobbert, Sr. Domingus Lacombe, Sta. Isabel Jacobina, Comendador Fernando Dobbert (o irmão de Ruy), Sta. Anita Dobbert, Dr. António Azeredo, Dr. Rocha Lima e Dr. Camilo de Andrade.

Li a sua carta ao A. (1). É obra prima. Publicada seria a minha mais completa defeza. Não podia, pois, agradar, como eu previa.

Si acaso, nas instrucções que acima errei, si omitti a'guma coisa, que lhe possa embaraçar os passos, fica V. auctorizado a supprir, com a sua discreção, as minhas lacunas, attendendo a tudo o que occorrer, e alterando até as minhas disposições, naquillo em que ellas lhe parecerem acaso inconvenientes.

Não cuide que deixasse de dar a devida importancia á sua indicação acerca de *Revue Scientifique*. Si não me utilizei della, é porque não me fo: possível encontrar aqui o numero designado.

Peço-lhe que nos recomende com a maior saudade á Prima e aos Primos, e que me creia sempre

seu verdrº. e grato amº.

R.

16 jan. 94

Meu caro Jacobina

Hontem ao entregar ao nosso amº. Sr. Cibils a carta que, nessa data, escrevi ao Primo, fez-me elle, em relação ao cambio, ponderações, ante as quaes mudei de proposito, quanto a remessa do dinheiro para aqui, concordando com elle no al-

(1) Azaredo. V. pag. 208.

vitre de converter-se a somma arrecadada em lettras ao portador de um banco qualquer estrangeiro, (ainda que sem juros).

Do dinheiro, porém, em especie existente na caixa peço-lhe que me envie logo 15:000\$000 para aqui; porque estou ha muito sem recursos, luctando com as mais desagradaveis difficuldades, e, entre outras coisas, tenho que pagar agora as contas do Ruysinho, que acabo de receber da Europa.

Ainda uma vez, as saudades de todos nós a todos os seus.

Seu primo e amigo do C.

R.

P. S. De ora em diante, péço-lhe que enderecem todas as cartas destinadas a mim para a casa do Sr. Jayme Cibils Buchareo

B. Aires, Chacabuco, 459

20 fevereiro 1894

Meu caro Primo

Temos recebido as suas cartas, de 8 e 28 de janeiro, a primeira com uma l. de £ 214 e a segunda com outra de £ 411. V. bem deve comprehender porque nos demoramos em accusal as. Além de que uma e outra chegaram aqui cerca de quinze dias após a sua data, isso por motivo obvio para nós, esperavamos, por nossa parte, occasião opportuna para a resposta, attentas as cir-

cunstanças. Recebi as importancias remetidas. Mas os dois estabelecimentos reclamam a outra via de ambas que V. deixou de enviar-nos naturalmente por precaução, mas que elles consideram como propriedade sua. Agora lhe péço que, tendo de mandar-nos outras remessas, prefira, sempre que possa, o South America, mais consciencioso que o outro nessas operações.

A primeira remessa foi na sua quasi totalidade absorvida por duas contas das despesas de meu filho. E, a proposito: escrevi para a Bahia, determinando que as contas posteriores sejam directamente endereçadas a V., que me fará o favor de saldal-as.

Não sei como lhe agradeça o zelo, a amizade, o carinho, com que tem velado ahi pelos interesses da minha vida particular, que via sossobra-rem todos, sem saber como lhes acudisse. Si algum consolo póde haver na minha situação, é esse de sentirmo-nos protegidos por uma affeição tão fiel, tão austera e, ao mesmo tempo, tão estre- mecida como a sua. Deus lhe compense o bem, que nos tem feito, e nos dê muitas occasiões de mostrar, no futuro, o nosso reconhecimento.

A noticia da volta do T. (1) ao seio de seus paes trouxe-nos, entre as nossas tristezas, um dia

(1) "Totom", Antônio Jacobina, filho de Jacobina preso até então na "Casa de Correção" - V. pg.

quasi de festa. Era grande o peso que me opprimia o coração, agora mais aliviado por esse lado. Ao menos tem V. agora a sua familia reintegrada, passando o amargo desgosto, que a trazia em tão immerecidas agonias. Abraccio-o e beije-o por mim carinhosamente. E oxalá que essa iniqua provação no começo da vida contribua para lhe formar character nos moldes severos de seu pae.

Recommende-me com a mais viva amizade ao nosso Cazusa. A adversidade sempre tem as suas compensações, quando nos põe em contacto com almas como a delle.

Saudades a Belinha e ao marido, com quem continuo a congratular-me pela prosperidade do recém-nascido.

Nossa vida deste logar continúa a ser a mais melancolica expressão da monotonia e do desconforto. Nem sequer temos aqui a vida barata, como a principio se me figurava: quasi tudo, pelo contrario, é mais caro e muito mais caro do que ahi.

Quando tornaremos a ver-nos? Creio que agora o termo desta separação se vae tornando menos indefinido. O fim está mais perto do que, ha algum tempo, poderíamos suppor. Ha aqui um *complot*, cuja origem não preciso indicar, contra a minha vida. Mas confio que elle, apesar do dinheiro que o alimenta, não vingará e que assim,

não muito longe, Deus me permittirá vel-o, abraça'-o, — beijal-o.

Seu primo am.

P. S. — Diga ao Juca (1) que elle devia ter-nos enviado a roupa com o endereço do Ricardo Candriani. O Ras friardino (?), a quem elle a endereçou, está longe d'aqui, de modo que não sabemos quando nos chegará.

Maria Augusta l'he escreverá brevemente. Ella o abraça, assim como a Prima Chiquinha, a quem todos nos recommendamos (2).

Ha falta de uma carta de despedida escripta em Buenos Aires. Dela diz a proxima carta que foi confiada a um portador. Provavelmente não foi entregue.

Lisboa, 18 abril, 94

Meu caro Primo e Compadre

Ao deixar a cidade, onde estivemos, tive o prazer amargo de escrever-lhe, dizendo-lhe adeus para ainda mais longe de nosso paiz. As poucas palavras (de proposito poucas), que então lhe di-

(1) João Luiz Vianna, primo de sua mulher.

(2) Não está assinada e além disso a letra está disfarçada. São precauções tomadas visivelmente com o intuito de evitar complicações, no caso da carta ser apreendida, note-se que tambem não empregou o nome do destinatario.

rigi, confici-as a um amigo, e espero q. elle terá desempenhado a incumbencia de remetter-lh'as.

Motivos de saude e até de economia actuaram sobre mim para a deliberação, que aqui nos trouxe. A esses accresceram outras considerações de não pouca importancia no meu espirito, quaes o desgosto pelo meo moral que me cercava, e o desejo de affastar-me do centro de um movimento, em que, sendo mero espectador, via-me attribuir pelos meus desaffectedos responsabilidades que realmente não me cabem. Posso-lhe, com effeito, assegurar, meu bom amigo, sob minha palavra de honra (e Deus é testemunha dessa verdade) que sobre os acontecimentos destes sete mezes nunca exercei a menor parcella de auctoridade, ou acção. A parte que nelles se me imputa, é uma invenção da iniquidade dos que me querem fazer mal a todo transe, como si para expiação dos meus peccados já não sobejasse o longo martyrio deste exilio, com as suas consequencias desastrosas para a tranquillidade, a saude e o futuro da minha pobre familia. A educação de minhas filhas foi cortada precisamente no seu periodo mais importante, não bastando para reparar esse damno os esforços que empreguei em B. Aires, onde, não me sendo possivel dar-lhes mestres, procurei eu mesmo continuar-lhes ao menos o ensino das linguas vivas, a despeito das preoccupações que me inutilizavam o espirito para qualquer

trabalho methodico e persistente. A saúde de Maria Augusta alterou-se profundamente, cahindo numa anemia tão profunda, que os medicos mais competentes d'aqui consideraram impossivel para ella continuar a viagem até Paris ou Londres, antes de quarenta dias de completo repouso e serio tractamento. As meninas, felizmente, por esse lado, vão bem, e o João prospera em crescimento e graça. De ordinario só a elle devemos o pouco riso que ha por esta casa.

No melindroso estado de Maria Augusta, bem pode V. calcular quão desagradavel não nos teriam sido os 19 dias de travessia directa desde o Prata até o Tejo. Ella soffreu continuamente, chegando aqui num estado de verdadeira extenuação.

E' nestas circumstancias que tenho de encarar o novo problema do meu futuro, posto fatalmente pelos acontecimentos. Não sei si Deus me dará tino e alento para resolvel-o, e peço para isso o auxilio, o conselho da sua generosa e fiel amizade. Que hei de fazer agora de mim? Não sei por quanto tempo a injustiça de paixões implacaveis me fechará as portas do meu paiz, do qual preciso para trabalhar, e ganhar a subsistencia. Tenho de fazel-o no estrangeiro. Mas como? Neste momento me inclino a ir abrir um escriptorio de advocacia em Londres, onde um amigo de importantes relações naquella cidade acredita que poderei fornar boa clientéla. No proposito de

estudar esta questão partirei para aquella cidade dentro de alguns dias, deixando por enquanto aqui a familia. Mas ainda não tenho confiança nem projecto. Como advogar longe de minha ferramenta, dos meus livros?

Como quer que seja, porém, necessito providenciar sobre o que tenho no Brasil. E essa necessidade traz-me perplexo. Eu quizera deixar isso principalmente ao seu criterio, se não receiasse abusar em demasia da sua bondade. Mas ella tem sido connosco inesgotavel. E depois a quem hei de eu recorrer, si ninguem me escreve, nem tenho meio de escrever a ninguem? Por outro lado, certas resoluções dependem absolutamente do conhecimento immediato das circumstancias no lugar onde tem de tomar-se. Como, portanto, fixal-as de tão longe? Appello, pois, para a sua experiencia e para o seu coração, como meu valedor neste transe.

Melhor do que eu saberá V. o melhor destino a dar ao que está em suas mãos. Além disso, porem, ha outras urgencias, a que accudir. Deverei eu continuar a ter alugada a casa da praia do Flamengo? Não convirá transferir todos os meus moveis ali existentes para S. Clemente? Mas, nessa hypothese, quem tomará sobre si a tremenda massada de transportar a minha bibliotheca, accomodal-a methodicamente na outra casa etc.?

Temos ainda a casa da Tijuca. Sobre essa

rogo-lhe o favor de entender-se com o Carlos (1). Logo que este a desocupe, o melhor si não me engano, será vender os moveis nella existentes.

Tenho tambem o negocio do *Jornal*, que naturalmente agora se terá de liquidar. A esse respeito V. se entenderá, si me puder prestar mais esse serviço, com o Joaquim Lucio e o Tobias (2), caso estejam livres. Nesse assumpto, além do interesse de salvar a minha parte alli (30:000\$000), tenho o de desobrigar a minha firma, empenhada em fiança do predio, pelo seu aluguer, para com o proprietario, á razão de Rs. 1:000\$ mensaes.

Não lhe fallei até agora no Carlito, de cuja volta á liberdade tivemos o grande prazer de saber, porque, não nos tendo elle, até hoje, escripto, quero deixar á sua escolha a occasião em que possa volver a ter comigo relações, sem receio de comprometter-se.

Estando com o Juca, peço-lhe o obsequio de communicar-lhe que, até a nossa sahida do Prata, não chegara alli a celebre malla de roupa, cuja remessa a Mimita (3) nos annunciou desde novembro. Convirá que não a envie mais, ou, si já a enviou, que providencie sobre a volta.

Parece-me conveniente que V. registre no telegrapho um endereço telegraphico, afim de

(1) Major Carlos Nunes de Aguiar.

(2) Tobias Monteiro.

(3) Elena Dobbert, sobrinha de sua mulher, casada com o Dr. Manuel Carvalho Leite.

que eu possa dirigir-me ao Primo por éssa via, e que m'ò communique. Conhecido elle, quando necessitarmos aqui de recursos para as nossas despesas, lhe telegrapharei uma palavra indifferente quaiquer. O numero de suas letras, elevado ao duplo será o de contos de que eu tiver precisão. Ella não tardará muito.

Deus permitta que cessem quanto antes as difficuldades ao movimento da correspondencia, ao menos para aquelles, como eu, que nunca escreveram para o Brasil, durante toda esta commoção, a não ser sobre assumptos puramente particulares. O meu manifesto de 23 de setembro era quasi um adeus á politica. Hoje esse adeus é completo e definitivo. Que me deixem trabalhar, estudar e educar meus filhos! Não voltarei a essa coisa hedionda.

Tenho-me abtido de escrever a amigos e parentes, para não n'os prejudicar. Elles indicarão, escrevendo-me, a oportunidade, em que me seja licito fazel-o, sem lhes acarretar sobresaltos. Nesse sentido peço-lhe que falle ao nosso bom Cazuzza, cuja lembrança é tão cara a todos os desta casa, e ao meu prestimoso compadre Castro (1), cujos serviços foram sempre daquelles por onde mais ao certo se mede a amizade. Si estiver com o Palma (2) e o Amaral (3), abrace-os vivamente.

(1) Dr. Francisco de Castro.

(2) Desembargador José Joaquim de Palma.

(3) José Ant.º do Amaral.

Desejarei vel-o quanto antes restituído á companhia dos seus. Queira recommendar-nos a todos elles com saudade, — diga á Prima Chiquinha (1) que, nesta casa, o seu nome é associado ao de nossas mães, ao Totom (2) que o consideramos hoje com um lugar muito maior em nossa affeição, a Belinha e ao Domingos (3), que lhes almejamos sinceramente a mesma felicidade que para nossos filhos.

A V., meu bom Primo, que direi? Sua amizade foi o nosso amparo, quasi o unico pedaço da patria cuja sombra ainda nos restou nesta phase terrivel de abandono e solidão moral. Deixe-me beijar-lhe as mãos com lagrymas, como beijaria as de meu Pae.

Seu primo
R.

Lisboa, junho 25, 94

Meu caro primo e am^o.

Partindo hoje p^a. Londres com a familia, mal tenho tempo de accusar e agradecer a sua carta de 28 do p. p., ha pouco reccebida. Envio-lhe a procuração, estranhando o procedimento do G., (4) que se comprometterá a concluir as obras por

(1) Francisca Jacobina.

(2) Ant^o. Jacobina Junior.

(3) Domingos Lacombe e Isabel Jacobina Lacombe.

(4) Gianuzzi, aliás Januzzi.

35 a 40 no maximo. Em todo caso, porém, quero parecer que qualquer acomodação será preferivel a um litigio, onde, nas circumstancias actuaes, por mais justiça que me assista, a solução não me pode ser favoravel. Deixo, entretanto, tudo ao seu criterio e amizade.

Visite por nós a Prima, a todos os primos, ao Domingos e ao Totom, por cuja boa situação actual o felicito. E receba um abraço saudosissimo do am^o.

R.

CARTAS DE INGLATERRA

1894

Teddington, 20 agosto, 94

Meu caro Jacobina

Reccebi, ha seis dias, a sua, como todas, presadissima de 29 jun-17 julho. Estou certo de que pouco depois da ultima destas datas lhe haviam de ter chegado ás mãos as minhas duas cartas, a que se refere, receioso de que se houvessem extraviado. Ambas foram registradas e com endereço ao mesmo nome seguro e fiel, que me tem garantido a entrega de todas (1). Apenas temo que, havendo-se elle ausentado, segundo aqui nos consta, por uma folha de Paris, possa d'ahi resultar algum atrazo. Mas, ao mm^o. tempo, devo suppor que, tão sollicito como sempre foi, não se esqueceria de prevenir o caso, deixando a alguém a incumbencia que tão regularmente desempenhava. Postas no correio, em Lisboa, uma e outra no dia 25 de Julho, mas depois de fechadas as malas para o paquete dessa data, só podiam ter seguido nos derradeiros dias deste mez, ou nos primeiros do immediato, e, portanto, calculo q.

(1) D. Maximo R. de Lira, ministro do Chile. — Ainda se conservam os envelopes com o seu nome.

Ihe hão de ter chegado ás mãos em 18 a 20 de julho, se não se retardaram em poder do intermediario.

Eis-me, afinal, meu bom amigo, nesta terra entre todas grande e singular, onde me sinto tão miseravel de ser brasileiro e tão soberbo de ser homem. Este é, a meu ver, com effeito, o paiz, d'entre todos, onde a humanidade tem a sua maior glorificação, porque é aquelle onde a liberdade é mais perfeita, onde o direito é mais seguro, onde o individuo é mais independente e onde, por isso mesmo, o homem é mais feliz. Verdade é que no esplendor radiante do seu disco se destaca a miseria, immensa mácula solar. Mas por esse contraste não são responsaveis as suas instituições. Elle desenvolve-se a despeito dellas, não sei si blasphemo dizendo como um mal necessario, como um derivativo incuravel da enfermidade humana, da nossa eterna insufficiencia, do nosso "peccado original", para me servir da formula religiosa, que tem o mérito de ser a mais expressiva, senão a melhor, na designação desse mysterio perennemente contraposto ás conquistas do nosso orgulho e ás maravilhas do nosso progresso. E, afinal, os que tanto declamam contra os horrores da indigencia ingleza, — que inventaram até hoje, para remedio contra o formidavel sofrimento? O socialismo, que systematiza o mal, repartindo a pobreza, como se repartiria o pão,

ou a fortuna, e o anarchismo, o nihilismo, que barbarizam o mundo contemporaneo, armando os despotas, e apparellhando esse eclipse geral da liberdade, que ameaça a tarde do nosso seculo e a manhã do vindouro. Quando esse melancolico phenomeno anoitecer o mundo, os paizes inglezes serão talvez a unica zona da civilização moderna, onde os principios liberaes não se terão apagado. E por ali é que ha de alvorecer o dia futuro. Na obra da civilização occidental não ha talvez, mais que tres papeis supremos: o da Judéa, berço do monotheismo e do Christo; o da Grecia, creadora das artes e da philosophia; o da Inglaterra, patria do governo representativo e mãe das nações livres. O solo onde ella pisa, reproduz-lhe espontaneamente as instituições. Os povos que saem de suas mãos, livres todos como ella, na America, na Australia, na Africa, são outros tantos renovadoiros da humanidade. Bemdita esta raça providencial.

Releve, meu caro amigo, este accesso de contemplação especulativa. Perverso scria quem nelle descobrisse a menor intenção allusiva, o mais leve pensamento de applicação. *Honni soit qui mal y pense*. São os ultimos sôpros do ideal num espirito desilludido onde morreu de todo a esperanza. Neste seu parente já não ha senão um resto de philosopho. O velho pratico d'aldeia, esse despediu a clientéla por uma vez, enterrou a sua

misera sciencia, o seu ridiculo arsenal de cirurgia barata, as suas velleidades de curandeiro. Agora, si algum dia puder voltar ao theatro de suas antigas tolices, não será mais, para montar a velha mula de médico. Irá explorar qualquer coisa, plantar batatas, e chocar a um canto a amarga velhice, eterna mestra do egoismo, unica lição efficaz das coisas desta vida, si Deus, creando a amizade, não a encarregasse de disputar áquella arida influencia as almas infelizes.

Em geral, os que vêm á Inglaterra, com especialidade os nossos compatriotas, se limitam a frequentar-lhe as grandes capitaes: Londres, Liverpool, Manchester, etc. E saem d'aqui, sem conhecer a Inglaterra, sem susceital-a sequer. E' necessario, para sentil-a um pouco, estar no campo inglez, percorrel-o, habitar as villas, ou as cidades de segunda, terceira, ou quarta ordem. Coube-me essa fortuna, vindo morar os primeiros mezes em Teddington, em pleno districto rural, posto que a uma meia hora de Londres, conforme o trem, e com comboios para alli e para toda a parte incessantemente. Em torno de mim, mais ou menos proximos em distancia e importancia a este, tenho um estendal de pequenas cidades, ou logarejos encantadores: Hampton Wick, Strawberry Hill, Kingston, Richmond, os immensos jardins de Kew Garden, onde se encontra em magnificos exemplares a flora do mundo inteiro, o

parque florido de Hampton Court, superior como jardinagem, tirante os bronzes e os marmores, ás Tulherias. Em vinte minutos, no maximo, posso encontrar-me em qualquer desses pontos. E depois, banhando Teddington e todos elles, o Tamisa, rio maravilhoso, cujas margens desdobram aos olhos do espectador um quadro continuo de *cottages*, de castellos, de primores rusticos, de amstras, variadas ao infinito, da mais risonha cultura, e cujas agoas em toda a parte coalliam-se de botes, de faluas, de canoas elegantes, de pequenos vapores de recreio, de lanchas electricas, de casas fluctuantes (*boat-houses*), litteralmente cobertas de flores como verdadeiros alegretes, ornadas e mobiladas com todos os caprichos do conforto britannico, onde toda uma população se diverte ao ar livre, conservando, entre a multidão, os habitos individualistas do *home*, os circulos de familia, doçuras do *tête-à-tête*. Atravessei varios paizes neste continente e no outro, mais ou menos bellos, mais ou menos adiantados. Só na Inglaterra encontrei esta continuidade ininterrupta na cultura e no movimento; esta physionomia geral de satisfação e de progresso. Nem um só povoado em abandono, nem uma casa em ruinas, nem uma choupana esboroadada. Aqui não se sente a decadencia em parte nenhuma: tudo se renova, medra e floresce. Deus deu, de mais a mais, a este povo, entre as suas qualidades fortes, um instin-

to incomparavel da natureza: o privilegio de amal-a intelligentemente, associando, em um grau admiravel, a mais delicada sensibilidade ás suas caricias com o gosto mais subtil de aproveitar-lhe e realçar-lhe as bellezas. Todo este paiz é uma alfombra de relvados, hortas, searas e jardins, sobre cujo xadrez se destaca um arvoredó poderoso e frondescente, como o genio da raça que o habita.

Infelizmente, meu Jacobina, mal me posso embeber neste meio tonificante, e gosar este espectáculo reparador, porque entre mim e elle se levanta, como uma nuvem de cinza, como um vidro esfumado, o meu estado moral, a minha entranhada hypocondria, a minha insanavel decepção. Não posso tirar os olhos da infinita injustiça, que se agita em tempestades furiosas de odios contra o meu nome, e pergunto a Deus que mal fiz eu, ao menos conscientemente, aos meus compatriotas, para merecer, em troco, esta agonia, menor ainda pelo que eu soffro do que pelo que vejo soffrer os que me são caros. Meu espirito vive sob esta pressão, de modo que os dias sombrios, ou nevoentos me acabrunham pela sua tristeza, os limpidos e azues como o de hoje pela sua propria alegria. Nuns me fere o contraste e a lembrança do ceu de minha terra; noutros, a correspondencia entre a natureza e a minha atmospheria interior, a imagem pesada e taciturna do exilio. Em consequencia, esta viagem, que podia ser

uma abertura de novos horizontes para a minha intelligencia e um reservatorio de novas forças para a minha saúde exausta, está condemnada á esterilidade para o espirito e para o corpo, ambos os quaes se me quebrantam agora e me envelhecem mais rapidamente do que nunca.

Fóra dos hoteis, o custo da vida na Inglaterra é mais barato do que em França e do que em quasi todos os paizes da Europa, excepto a Belgica, a Suissa e a Italia. Em Teddington, onde ella sae mais cara do que em Londres, uma excellente casa, perfectamente mobilada e guarnecida de tudo, com todos os requisitos do conforto inglez, custa-me £ 54 por trimestres, ou £ 18 libras por mez. Temos uma creada (*housemaid*), a 30 shillings por mez, e uma cosinheira por 48 s. Como vê, ainda carregando com todas as desvantagens do nosso cambio actual, tudo é muito mais modico do que no Brasil. Habito, influencia do meio, ou sentimento do dever, a gente de serviço distingue-se aqui por um espirito de exactidão e disciplina, que é preciso ter casa, como nós, para poder avaliar. A regularidade perfeita e a precisão silenciosa da acção dos creados na sua tarefa quotidiana dá ao regimen das casas a apparencia de uma mechanismo de relojearia. Cada coisa tem o seu lugar e a sua hora, predeterminados e invariaveis, como si uma machina automatica acudisse a cada necessidade com a sua satisfação immediata, sem

que os donos da casa encontrem a menor occasião de exercer a sua auctoridade. Especialmente para as senhoras brasileiras, isto é um mundo novo e inesperado, uma especie de revelação magica. Na casa, como na sociedade politica, não se sente quasi a necessidade do governo. A distribuição dos deveres (lei imposta, ou convencional, escripta, ou não escripta) actúa, por assim dizer, *da se*. O phenomeno desta disciplina moral, generalizada a todas as classes é, a meu ver, o aspecto mais notavel da civilização ingleza e o segredo do seu vigor.

Tenho casa paga aqui por um trimestre, que se vence exactamente de hoje a dois mezes. Mas não posso completal-os aqui, perdendo assim, si não achar sublocatario para o resto do quartei (aqui não se alugam casas por menos), porque a situação de sua prima reclama a nossa mudança para Londres, onde tenha a meu alcance facultativos de confiança, e possa contar com o auxilio de duas familias amigas, uma brasileira, outra ingleza, para a emergencia que se aproxima, e de que V. já sabe. Sabe Deus com que apprehensão a encaro. Pensamos até numa viagem della ao Brasil, onde entre parentes sollicitos e medicos amigos, ella podesse affrontar esse transe com mais serenidade. Eu sujeitava-me a esse sacrificio. Mas receiamos... não lhe preciso dizer porque. Ao menos, já que Deus quiz augmentar

deste modo o encargo de meus deveres, augmentando-me a familia no desterro, seja-me dado esperar que nos protejerá a todos no momento difficil.

Numa das duas cartas expedidas de Lisboa a 25 de junho terá encontrado a procuração, que não sei si foi em termos.

Tudo o que o meu bom amigo tem feito, ou venha a fazer em negocios meus, está e estará bem feito. Considere como implicita sempre a minha approvação. Não se incommode em pensar em contas. Sobre negocios meus sua prima é quem de ordinario lhe ha de escrever. Creio que será o melhor.

Não sei se terão feito a mudança. Tenham, ou não, recommendo-lhe com encarecimento particular os meus livros, entre os quaes lhe peço mande pôr naphthalina *em grande quantidade*. De outro modo não vale contra as traças.

No principio do mez vindouro irei á Suissa, reconduzir meu filho, que vac bem. As meninas, findas as férias (principio de outubro), entrarão para um collegio, caro, mas *efficaz* para recuperarem o tempo perdido, e habilitarem-se a mais velha em dois, a outra em tres annos, si eu puder conserval-as alli todo esse tempo, como pretendo, ainda voltando antes disso ao Brasil.

Sinto não lhe poder dizer alguma coisa, que eu desejaría. Mas não quero sahir do meu pro-

gramma, aliás facil, porque estou, como sempre estive, fóra de tudo, e não sei de nada senão como espectador.

Não sei por que inadvertencia deixei de fallar-lhe até hoje nas contas do meu filho. Póde mandar pagal-as sem reccio ao H., (1) que é homem sério, e me presta com o seu concurso um bom serviço.

Abracc-me ao Luiz (2) com effusão Ao outro, si já é visivel, abraçe e beije, com o affecto que eu lhe tenho (3). Si vir C. d'Ag. (4), diga-lhe que me escreva, e dê-lhe o meu endereço. Vivas saudades a Bijuca (5), a quem muito agradece-mos a amizade, com que tanto nos tem servido. Esqueceu-se de fallar-nos do Cazuzo, (6) amigo prestimoso e leal, de quem sempre nos recordamos constantemente quasi como de um irmão. Dê-me novas delle e dos seus negocios.

V. entristece-nos com as noticias que nos dá de sua saúde. Mas nós esperamos que Deus lhe ha-de prolongar ainda muito e muito os dias, desmentindo as suas apprehensões.

(1) Comendador Adolfo Hasselman.

(2) Dr. Luiz Carlos Barbosa de Oliveira.

(3) Ant^o. Jacobina Junior.

(4) Carlos d'Aguiar.

(5) João Luiz Vianna, primo de sua mulher.

(6) Dr. José Eustaquio Ferreira Jacobina.

Não sabemos nada do Alfredo (1) de quem não recebemos uma linha desde Março.

Hei-de mandar-lhe breve uma lista de livros, que me fará o favor de remetter, pedindo-os ao meu compadre, que não sei porque não me escreve. Ha meios de fazel-o sem risco de extravio.

Diga ao Bijuca que até hoje estamos fazendo cruces pelas taes mallas, esperadas desde o anno passado.

Resta-me agora pedir á Prima que nos creia cada vez mais seus amigos, mais seus devotos, mais seus captivos. O nome della é orago nesta casa. Lembre-nos sempre á afilhada, ao afilhado e aos primos, seus filhos, não se esqueça de nós, quando acariciar o neto e confie no coração deste seu amigo (2).

(1) Alfredo Bandeira.

(2) Não tem assinatura. O original, em nosso poder, não deixa dúvidas, contudo quanto á autenticidade. Trechos desta carta foram publicades por Jacobina no "Jornal do Comercio", de onde os transcreveu a "Revista de Lingua Portuguesa" sem indicação do destinatário. Consta na "Correspondência" organizada por Homero Pires, pg. 93 (V. carta de 26 de Dezembro de 1894, pg.274). Na "Correspondencia Intima" editada na Baía em 1933, pelo Dr. Affonso Ruy está ela transcrita, em parte, com a indicação errônea de ser dirigida ao dr. Francisco de Castro.

3 setembro 94

Meu caro Jacobina.

V. está, felizmente, em equívoco na communição que me fez, de não haver recebido as cartas que suppõe termos enviado “por mão particular”. Todas as nossas cartas a V. tem ido pelo correio, com o endereço ordinario. Nenhuma foi por mão particular. As ultimas cartas nossas que V. devia receber antes do 1.º de Agosto, data da sua ultima que hontem nos chegou ás mãos, são precisamente as que registrei no correio de Lisboa em 25 de junho, e d’alli deviam ter partido no começo de julho, visto haver-se perdido a mala do dia em que as franqueei. Ora, essas duas, ambas endereçadas ao amigo que foi-se embóra, vejo que lhe chegaram ás mãos; pois uma é a que continha a procuração jamais, accusada por V., (o envelope continha só esse documento), e, comquanto V. não falle expressamente da outra, vejo, pelo conteúdo da sua, que tambem a recebeu. Entretanto, no envoltorio dessa, se continha, além da minha, uma de M. Augusta á Prima Chiquinha, e supponho que outras, de minhas filhas ás suas (Verifico agora que as meninas não escreveram desta vez) Apesar de V. não tocar nisso, devo deprehender, pelo conhecimento que mostra da minha partida para Paris, e alguns topicos sobre a questão Januzzi, que essa carta foi

ter tambem ao seu destino. Aliás V. teria recebido apenas a procuração.

Infelizmente não me posso utilizar do intermediario, que V. me proporciona em Paris, porquanto já me acho no termo da minha viagem para o norte, como V. a estas horas deve saber pela carta de Dedelia em 20 de agosto á Prima Chiquinha. Depois dessa dita registrei para V., com o endereço commercial que ultimamente nos indicou as seguintes:

- 15 ag., carta de M. Augusta á Prima Chiquinha (enxoval creança etc);
- 16 ag., carta de M. Augusta a V. (remessa dinheiro para outubro. Nesta carta se encerrou outra de M. Augusta a D. Annicota Ag.) (1)
- 20 ag., longa carta minha a V;
- 21 ag., carta de M. Augusta, a V. (instrucções sobre o negocio da Geral.)

Alem dessas, seguiu, a 20 de agosto, uma de Dedelia a V., pedindo-lhe para setembro a quantia, que na carta de 16 desse mez se aprazava para outubro.

Agora não posso mais usar, para os meus pedidos de dinheiro, o mesmo meio que em Lisboa, porquanto não tenho aqui estabelecimento que me preste esse favor.

Vejo o que me annuncia acerca do caso do

(1) D. Anita Aguiar, mulher do Major Carlos Aguiar.

Januzzi. Toda a resolução sua tem o meu anticipado applauso. Muito lhe agradeço, a V. assim como aos amigos cujos nomes me declina, o trabalho que tiveram com a mudança. O que eu desejaria saber particularmente, é como se houveram com os meus livros, e como atravessaram elles *essa prova*. São amigos fieis, *avis rara*. Tenho por elles, pois, sempre o mesmo interesse, ainda que já não sei que serviços hoje mais me possam prestar. Sua preservação me é cara. V. não se esqueça, portanto, de recomendar-me a quem de direito o tractamento constante pela naphthalina, administrada em profusão.

Não participo da sua confiança no futuro da minha advocacia aqui. Essa idéa sempre me pareceu inexequível, para não dizer absurda. Aceitei-a por desengano de alma, a suggestões de outrem. Mas cada vez lhe reconheço mais ao vivo a impraticabilidade. Isto aqui é um mundo fechado a pedra e cal aos estranhos. Para lhe abrir brécha é mister muito tempo, muita paciencia, muito boas relações e circumstancias muito favoraveis. Dessas condições apenas uma dependerá de mim: a perseverança. Quanto ao tempo, é tarde para começar. Relações, não as tenho; porque a minha situação actual abriu derredor de mim o vazio. Todas as circumstancias, pois, me são avêssas. Esta cidade é um grande centro de negocios brasileiros, mas todos elles mais ou me-

nos sujeitos a dependencias para com a administração.

Para grangear clientes aqui, por conseguinte, o primeiro requisito é estar em bom cheiro perante ella. Logo . . .

Deus queira que V. tenha razão na sua expectativa de melhores dias para breve. Eu duvido. O nosso doente está muito mal. Mudará de medico? Eu tenho fundamentos de sciencia particular, para suppor que esse accidente não lhe aproveitará. O cirurgião, a quem o nosso enfermo se entregou, tal poder adquiriu sobre elle, que, ainda quando lhe tirem o posto de assistente, conservará, pela sua pratica, todos os meios de suscitar, no organismo decomposto de seu antigo cliente, transtornos tamanhos, que cada um dos facultativos chamados á cabeceira do padecente desanimará em poucos dias, e o celebre Galeno terá de ser chamado novamente como o unico recurso de salvação possível *in extremis*. Deus affaste de nossa familia essa desgraça.

Entre os meus papeis deixados na caixinha V. terá encontrado os conhecimentos de umas acções do Banco de Credito Popular. Não sei si algum está em nome do Carlito (1). Nesse caso V. me fará o favor de resolver com elle, escrevendo-lhe, qualquer embaraço; pois desejo que esses

(1) Carlos Bandeira.

titulos sejam vendidos logo. Com essa operação, dadas as cotações actuaes, obterei vantagem consideravel, attento o preço muito baixo, por que as comprei.

Insisto no negocio da geral (1), sobre que M^l. Aug^s. lhe escreveu a 21 de agosto. A transação vae agora aqui mais adeantada. Ha um signal, por onde V. ali mesmo, poderá chegar á certeza de que a transação vae ser firmada aqui: é o embarque para cá do marido (2) de uma das sobrinhas do professor (muito seu amigo) de mathematicas do collegio das meninas (3). Elle é o intermediario nesse negocio. Em todo o caso, porém, não compre nada, antes de receber o meu telegramma, conforme a combinação remettida.

Já não sei como ainda tenho coragem de mandar-lhe novas incumbencias. Como, porém, a sua amizade me anima a tudo, ali vae mais uma. É pedir ao meu compadre que me reúna, em um caixote, alguns exemplares (poucos) dos meus escriptos mais importantes, especialmente os ultimos, sem esquecer a tradução ingleza de um e o meu ensaio sobre o Swift, juntar a esses uma Consolidação Freitas, um Cod. Commec., um volume dos que contém a constituição reunida

(1) Companhia Geral das Estradas de Ferro do Brasil.

(2) Alcindo Guanabara.

(3) Dr. José Rodrigues de Azevedo Pinheiro, professor do Colégio Progresso e de vários outros estabelecimentos de ensino.

ás leis mais importantes da republica, outro da legislação Campos Salles, e mandar-me isso pela Mulla Real, com endereço no inglez, cuja indicação e *adresse* lhe remetti numa das nossas ultimas cartas. O meu compadre conhece esse inglez: é o que, em 1890, ou 91, esteve ahi no Rio com o finado Raymundinho (1).

Ando muito inquieto com o nascimento em perspectiva do meu inglez, pedindo a Deus que M^a. Augusta seja desta vez mais feliz. Por esse motivo terei mudado a minha residencia, nestes quinze dias, para a capital, onde ando escolhendo casa. Nesse meio tempo sou obrigado a dar um salto á Suissa, afin de reconduzir meu filho. Felizmente, durante a minha curta ausencia, Maria Augusta ficará bem acompanhada, graças a uma excellente familia brasileira que nos acompanha desde a America, gente muito digna e nossa companheira de soffrimentos (2).

Recommende-nos muito na rua Buarque (3). Diga ao amigo dalli que si precisar de mim para alguma coisa (para lhe comprar livros, por exemplo), aqui tem o mais grato de seus amigos e o mais prompto de seus creados.

(1) Raimundo Martins.

(2) Familia do Cmte. Carlos de Araújo Pinheiro.

(3) Casa do Dr. Francisco de Castro.

Abraços ao Casusa (1) e a todos os seus. Saudades á Prima.

Seu do C.

Londres, 30 nov. 94

Meu caro Domingos (2)

Permitta que nesta carta reuna as nossa felicitações pelo restabelecimento da Heleninha aos nossos agradecimentos pela sua carinhosa lembrança no dia 5, mais cara ainda pelo esmalte que lhe dá a lettra de Belinha, cujo cartão fica archivado entre as joias do exilio.

Ao mesmo tempo, nos juntamos eu e Maria Augusta, para lhes apresentar, fresquinha entre os agasalhos do inverno, a *baby* do dia 12, que se atavia — pobresita — entre os seu. sobrenomes, com o nome de uma rainha. Maria Luiza Victoria vem tarde, mas vem. E como “os ultimos serão os primeiros”, valha-nos isso, para não nos inquietarmos com o futuro dessa visita inesperada. Nasceu ás 5.20 da tarde. No Brasil seria dia. Aqui era noite cerrada. A essa hora devia nascer quem nascia entre tantos dissabores. Assim permitta que a estrellinha innocente allumie a manhã tão esperada pelos afflictos.

Rogo-lhe o favor de communicar, de nossa

(1) Dr. José Ferreira Jacobina.

(2) Domingos Lacombe.

parte, esse facto a sua Mãe (1), e seu Pai (2), a sua irmã (3) e ao Henrique (4).

Creia-me seu amigo obr^o.

R.

7 *Sinclair Gardens, W. Kensington, London.*

(*Meu adresse*)

30 nov. 94

Meu bom e caro Jacobina

No dia 12 do corrente, pela noite, deve ter chegado á rua dos Invalidos o seguinte telegramma, que lhe expedi ás 6 da tarde:

"Laconico — Rio.

Happy childbirth. Girl".

Certamente V. o comprehendeu, não obstante a falta de assignatura, que me pareceu escusada. Elle annunciava-lhe o nascimento de minha filhinha Maria Luiza Victoria, que viera ao mundo 40 minutos antes. Nosso primeiro pensamento após isso foi pela meia duzia de amigos e parentes, que nos tem sido fieis no infortunio; e, d'entre esses, o nome de Jacobina é o primeiro que nos devia acudir. Contamos que por elle saberiam os demais.

(1) D. M^a. Isabel de Mello Lacombe.

(2) Lourenço Luiz Lacombe.

(3) Marietta Lacombe.

(4) Dr. Henrique Lacombe, casado depois com outra filha de Jacobina, Francisca.

Eu devia ter-lhe escripto logo depois. Mas, confesso, descansei um pouco no meu telegramma; além de que estas duas semanas tem-me sido realmente absorvidas por uma serie de pequenos nada's, desses que se multiplicam em occasiões taes, principalmente para quem se vê entre gente, coisas e costumes de todo estranhos.

Mas, se o desenlace foi o melhor, com que Deus podia favorecer-nos, não pintavam assim os signaes precursores. Tive, pois, que me mudar precipitadamente de Teddington, em cujos especialistas não confiava bastante, isso com sacrificio da ultima parte do arrendamento pago de antemão, que alojar-me em Londres na vivenda onde estou (logar saudavel por excellencia nesta cidade), que tomar uma *nurse*, enfermeira graduada, mulher semi-medica, indicada pelo doutor, a qual vive connosco ha perto de cincoenta dias, que pôr a Maria Augusta nas mãos de um *midwife doctor* capaz, e que mandar buscar de Lisboa, para fazer companhia á irmã assustadissima, minha cunhada, (1) que acui tambem se acha ha quarenta dias, pois, em verdade, com a passagem das meninas para o internato, o regresso de Ruysinho para a Suissa e os dias sombrios do outomno, a nossa vida se convertera aqui numa solidão negra.

Eis ahí a situação, que explica esta longa in-

(1) D. Adelaide Dobbert.

terrupção de cartas minhas a V., e attenua o meu acanhamento ao accusar-lhe de uma assentada:

as suas cartas de 14, 23, 25 de setembro,
10 de outubro e 4 de novembro;

o seu telegramma ("Reordain") de 22
de setembro;

as suas remessas, uma de £ 400, outra
de £ 1.000;

a caixa de roupa da baby;

o caixão de livros do Amaral. (1) recebido
hontem, com a sua ultima e já
mencionada carta que abre a 4 e fe-
cha a 5 de novembro. (2)

A proposito começarei por agradecer aos pri-
mos as suas recordações nessa data e na de 23 de
outubro (3). Nesta ultima Cota mal poudo ir á
meza, na qual as saudades, tristes convivas e as
aprehensões acerca de Maria Augusta fizeram
dessa data um dia como os outros, talvez mais
melancolico. Nossos convidados foram Dedelia
e Chiquita, que, com permissão da directora,
vieram jantar em casa. No dia 5 M^{te}. Augusta
estava retida no quarto. Avalie a nossa festa.

Minha resposta a sua longa e festejada cor-
respondencia que outra poderia ser senão o mais
repetido e cordial agradecimento a desvelos tão

(1) José Antônio do Amaral, solicitador de seu escritório.

(2) Aniversário de Ruy.

(3) Aniversário de D. Maria Augusta Ruy Barbosa

generosos? Tudo o que se confia á sua discreção, á sua prudencia e á sua probidade, pode-se ter certeza previa de que será bem feito, mais que bem feito. Não tenho, pois, senão que lhe exprimir o meu reconhecimento pelos cuidados paternaes, com que a sua bondade nos tem mitigado os dissabores desta provação.

Quanto aos meus negocios, pouco tenho que acrescentar a minhas cartas anteriores. Uns estão resolvidos. Sobre os outros V. sabe o que eu quero, e tem carta branca para o imprevisto, com a minha acquiescencia antecipada aos seus actos.

A venda feita pelo Juca (1) foi muito satisfatoria. Os recursos que V. forneceu a Carlito (2) foram mt^o. bem fornecidos. Não se podiam esperar condições mais vantajosas para a alienação do *Jornal do Brasil*, do qual péço que reservem duas collecções. No tocante ás contas do Giannuzzi (3), a declaração escripta, dada por elle a Carlito, com surpresa minha, limita positivamente os direitos do empreiteiro, e reduz as suas exigencias a proporções de que não póde afastar-se.

Espero que por algum tempo, provavelmente muito, não precisarei de pedir-lhe novos recursos. O pedido extraordinario de £ 1 000 foi determinado pelo receio de que o cambio se despe-

(1) João Luiz Vianna, primo de sua mulher.

(2) Carlos Vianna Bandeira.

(3) Alís Januzzi.

nhasse ainda mais. Com effeito, aproveitamos a boa occasião, e eu em um negocio de cambio, que aqui fiz sobre esse dinheiro, ganhei £ 79. Temo que a baixa, augurada então, vá dar-se agora com o escovante da safra; porquanto desde o dia 15, ao contrario do que seria esperavel, si não houvesse factores inconfessaveis e manipulações officiaes, o cambio desce, e descem mais depressa os titulos brasileiros, — o que prova a intervenção do governo no mercado durante os ultimos tempos da ultima presidencia, para levantar a bem de interesses politicos e arranjos financeiros, a cotação aos fundos e ao papel-moeda.

No que tóca a este os desaforos da emissão clandestina chegaram ás proporções de verdadeira orgya. Sei pelo empregado mais respeitavel da delegacia do Thesouro aqui, por cujas mãos corriam os assumptos mais graves e toda a escripturação daquella casa, que a *American Bank Note* tinha a receber alli uma c/ de £ 30.000 (trinta mil), importancia de notas impressas para o governo durante o anno da revolta. A quanto não correspondem em papel impresso para dinheiro esses 700 contos?

O negocio da Geral (1) estacou (não sei porque), e creio que abortará, si o Prudente não espousar as combinações quasi definitivas, sob o seu an-

(1) A Comp^a. Geral das Estradas de Ferro do Brasil, tentava um grande emprestimo em Londres.

tecessor. Com ellas não tinha nada, como ahi se suppõe, o Cunha Junior (2), que veio aqui apenas tractar do seu cancro, e voltou desenganado. Havia um syndicato, cujo corrector, nesta praça, era o Hargreaves e, no Rio de Janeiro, o Alcindo, o qual estava assentado que viria, com os precisos poderes, para firmar o contracto. O governo, sedento de recursos, tinha accitado as condições; mas fazia questão de que o negocio fosse concluido no Rio mediante procurador d'aqui enviado. Quando os financeiros de cá se deliberaram a convir nesta exigencia, auctorizaram para esse fim o Maroson. Mas já era tarde. O Floriano dexava o poder, e o ovo, já empochado, gorará, ao que eu supponho, si não se verificarem os prognosticos do Hargreaves, que annuncia, como segredo do paço, a deposição do Prudente em trinta dias e a do Victorino em sessenta a noventa. Olhe que estas informações são absolutamente authenticas. Tenho-as de um dos seus associados. Mais do que isso: vi, com os meus olhos e tive em minhas mãos a carta-contracto, que dèvia ser assignada pelos interessados. O emprestimo era de £ 15.000.000, agenciado por Morton Rose, cujo advogado ahi é o Ferreira Vianna. Dessa importancia, £ 7.250.000 se destinavam ao resgate das debentures da Geral e outras vias ferreas, £ . . .

(2) Francisco Manuel da Cunha Junior, Senador pelo Maranhão.

4.000.000 á empresa do Porto do Rio de Janeiro, e, £ 3 250 a conversões de empréstimos, etc. Dos £ 4.000.000, consignados ao negocio do porto do Rio, deviam sahir £ 1.250.000 para commissão dos banqueiros, correctores e seus associados politicos na Capital do Brasil. O Alcindo (1), ali seria *magna pars*, — digna recompensa de tantos serviços, á qual se ajuntava ainda a direcção do *Jornal do Commercio*, annunciada por elle, como coisa já sua, em carta ao Hargreaves, para d'ahi a sessenta dias. . .

E tudo isso chegou ao meu conhecimento sem que eu desse um passo. Informações e papeis foram-me communicados espontaneamente por um dos interessados, que não me pedia segredo senão acerca de sua pessoa, que, como vê, não descubro.

Eis ali a *curée*, a que está entregue o Brasil. Eis o character dos homens que, em francez emprestado, escrevem na Europa, livros de aggressão a mim, em apologia da moralidade nas finanças brasileiras. Essas vestaes têm alcova aqui na Europa.

Não tenha V. cuidado sobre o meu regresso ao Brasil antes de tempo. Não o farei, senão quando tiver a certeza de encontrar o caminho livre das violencias e o ar puro das paixões ainda

(1) Alcindo Guanabara.

inflammadas. Quando amigos do Presidente fingem considerar-me parte e parte capital na revolta, não é porque elles seriamente o creiam. Não cabe, numa cabeça onde haja um dedo de senso commum, a hypothese de que pudesse realmente ser chefe, num movimento desses, o homem, que de publico o condemnou, como eu o fiz, na primeira carta em Buenos Aires. Entretanto, mandaram prender-me, pensaram em liquidar-me, enviaram, até assassinos, com esse fim, ao Rio da Prata, onde a minha casa foi, durante mezes, guardada por secretas da policia argentina, para atalhar os botes ao A. Cisneiro, criminoso evadido de Loanda, que, em Buenos Aires, a legação brasileira acolhia, apresentando-o a compatriotas nossos como "o negociante Magalhães". Isso depois que perderam a esperança do meu fuzilamento, dado como coisa mais ou menos certa pelo *Tempo*, nos dias em que me achei nas aguas do Rio de Janeiro entre as minhas duas viagens ao sul. Ainda que os meus soffrimentos sejam os mais amargos, e que com elles se me vá a saúde do corpo e do espirito, ainda que me sinta numa phase, que espero será permanente, de nausea á vida publica em nossa terra, não quero, portanto, voltar a ella, enquanto ahi não se restabelecer o direito de pensar e exprimir o pensamento.

Para lhe dar amostra das picardias, com que a propagação transatlantica do regimen do terror

me tem perseguido de todos os modos, bastará, creio eu, contar-lhe que, necessitando para Ruysinho um passaporte (a Suíça liberrima e republicanicissima ainda tem destas impertinencias policiaes, que a Inglaterra monarchica não conhece), o consulado brasileiro em Londres recusou-se a dar-m'o antes de consultada a legação. Esta, depois de muito dormir, teve afinal a magnanimidade de não negar a meu filho, menor e estudante, aquillo a que só não tem direito os réos de policia. Isto quer dizer que, para os que no meu caso se acham, não existe sequer a sombra da bandeira de seu paiz. Somos cães sem senhor, que os governos estrangeiros fariam muito favor ao nosso si tangessem de fronteira a fronteira. Ha baixezas neste aviltamento, que não se imaginam. O ministro brasileiro em Londres (1), por exemplo, mandou-me dizer pelo Eduardo Prado que sabia "dever exclusivamente a mim a sua collocação neste posto" (e essa é a verdade); mas, accrescentou o intermediario rindo, "que não me visitava, porque é preciso guardar, nestas coisas, ao menos uma *apparencia de seriedade*". Entende V. esta algaravia typica? Pois nem eu. O certo é, porém, que essas são, estereotypadas, as palavras da amavel mensagem. O delegado do Thesouro aqui, (2) que eu conservei, contra o que outros dese-

(1) Cons.^o. José Antônio Corrêa.

(2) Cons.^o. Azevedo Castro.

javam, finge não conhecer-me. O barão do Rosário, (1) que eu aposentei nas melhores condições (2), e q. d'aqui sahio annunciando ainda a volta do Affonso, enfiado de ver-se obrigado a me apertar a mão, por esbarrar commigo no armazem do Whiteley, fugiu logo após, dando uma carreira, que fez rir aos circunstantes.

Tode o mundo official brasileiro corre de mim, em toda a parte, como de um réprobo. Os proprios não ligados ao mundo official têm medo ao meu contacto. Não se contentam com isso: si a imprensa estrangeira se occupa com os desmandos politicos do Brasil, não tem que ver, o auctor desses escriptos sou sempre eu. E' o que, ainda ha pouco, se dizia aqui, na legação brasileira, a proposito de um edictorial do *Financial News* sobre as finanças da "Legalidade"; quando aliás essa folha, um dos oraculos, hoje, de alta finança neste paiz, nunca cessou de perseguir o defuncto governo brasileiro, desde o principio da revolução, com a mais incansavel hostilidade, e quando eu, requestado aqui por esse jornal com empenho, e possuindo até cartas dos seus redactores nesse sentido, tenho-me escusado irreductivelmente, só para não ter de confirmar com o meu testemunho no estrangeiro, a verdade espantosa das emissões clandestinas de notas do thesouro republicano e notas

(1) João José do Rosário, Barão do Rosário.

(2) Como director do Tesouro Nacional.

do thesouro imperial lançadas promiscuamente em circulação durante a revolta, assim como das execuções em massa, que o governo brasileiro mandou fazer em Santa Catharina, e desmentir na Europa.

Essa perseguição da calumnia, infatigavel no meu encaço, e essa especie de *boycottagem* moral (releve-me o barbaro neologismo) tem-me tornado o exilio duplicadamente acerbo. Ha ainda, porém, um elemento, que lhe augmenta o travo: é o merecido ridiculo, o justo desprezo, que, hoje, em todo o mundo cilizado, acompanha, como a sombra ao corpo, o nome brasileiro. Nunca a nossa respeitabilidade no estrangeiro decahiu tanto, como sob esta situação militar, que, por consequencia, tem sido contraproducente até naquillo que devia constituir o objecto da sua função especifica. O estrangeiro vê que a nação brasileira está completamente fóra do governo do Brasil, mas que se resigna a essa situação com uma docilidade de abdicataria satisfeita; e isso, junto á mediocridade notoria das influencias que exercem essa tutella, faz de nós, actualmente, o alvo de uma irrisão, a que só não são sensiveis, fóra de nossa terra os papa-commissões do governo. Ainda ha pouco, um dos mais famosos diarios londrinos, em artigos escriptos com o brilho de um vivo talento, se fallava de nós como de *materia vilis* annexavel, aconselhando á Inglaterra a occu-

pação da America do Sul, de accôrdo com os Estados Unidos, a troco das Indias, abandonadas á ambição de outras potencias.

O *Jornal do Commercio*, cuja victoria foi para mim objecto de intenso regosijo, pediu, em telegramma ao Powell, redactor do *Financial News* que eu "o honre" quinzenalmente com a minha contribuição. Tenho muito boa vontade; mas me sinto com poucas forças. Entretanto esse convite suscitou-me uma lembrança q. tem tido sobre o meu espirito um effeito singular: a de escrever um livro sobre a Inglaterra, extrahindo principalmente della a lição juridica, o exemplo legal, constitucional, liberal. Esse livro, si eu o pudesse escrever, seria o fóco de luz de uma antithese offuscadora sobre a nossa decadencia, seria uma exhortação aos bons elementos conservadores e reorganizadores, aos quaes pertence o nosso futuro (a haver futuro para nós). Sob a influencia sedativa e confortante desse pensamento eu me tenho sentido melhor no corpo e na alma, diminuindo-me estes ultimos cinco dias a molestia, o abatimento, como si as minhas forças interiores não necessitassem mais que desse derivativo, do recolhimento dessa contemplação, da substancia desse parto intellectual, para acordarem pouco a pouco, como as de um convalescente, - de modo que quem ler esta carta e a que ha dias, escrevi ao Francisco de Castro julgará descobrir nellas

dois homens diferentes. Será verdade, com effeito, que eu ainda não esteja morto? morto ao menos na fé? . . . Como quer que seja, tarde me accudiu essa idéa. Para a levar a effeito, eu precisaria de mais uns seis, ou oito mezes de immersão na vida ingleza, afim de fazer a minha provisão de factos, de observações pessoaes, de documentos palpitantes. E, repito, já é tarde. Comtudo, si eu puder escrever alguma coisa para o J. do Commercio, buscarei, evitando sempre a politica, fazer trabalho, que depois se possa reunir, ainda que desconnexamente, sob o fecho de um volume consagrado a este paiz, minha patria espiritual.

E basta, meu Jacobina! Que massada?! Mas V. n'á perdoa, não? Estou cansado e affligido de frieiras na mão.

Maria Augusta agradece-lhe a fineza de sua carta de 14 de setembro. Não ha mais que fazer quanto ao objecto della, attento o que V. agora fica sabendo.

Ella pede-me tambem que accuse á Prima o seu favor de 29 de setembro - 12 de outubro, ao qual responderá, logo que tenha forças, ou possa, num domingo destes, dictar á sua secretaria.

Ainda não consegui descobrir aqui a existencia de um curso de actuarios. Creio que o não ha. Mas amanhã espero saber de fonte definitiva, e, havendo, lhe communicarei, por este mesmo vapor, via Lisboa. Entretanto, elle lhe levará o cata-

logo da livraria especialmente consagrada aqui a trabalhos sobre esse ramo das mathematicas e suas applicações usuaes. Escolha nelle os livros e revistas, que lhe convierem, e aponte-m'os, que immediatamente lh'os mandarei.

Saudades, saudades e saudades a todos e de todos.

Seu primo e am^o. do C.

R.

7. *Sinclair Gardens*

W. Kensington, Lond.

1 dezembro. 94.

Meu caro Jacobina

Creio que esta ainda apanhará em Lisboa, o *Magdalena*. Aproveito-o, para lhe mandar as informações colhidas em relação a actuarios. Curso de ensino propriamente, não ha. Nas sessões do Instituto, a que só tem acesso os *fellows*, leem-se *papers*, estudos avulsos, que não obedecem a programma. Quero ver si obtenho os estatutos, ou coisa que o valla, dessa associação. Entretanto, desde já lhe remetto o ultimo numero, sahido a lume agora mesmo, do *Journal*. E' trimestral. Não lhe envio logo livros sobre o assumpto, porque receio desacertar na selecção, ou cahir em duplicatas, visto V. possuir já obras importantes sobre estas materias.

Si esta seguir pelo *Magdalena*, por elle rece-

berá o primo *cinco* envoltorios contendo cartas minhas, — duas (com esta) para V., as demais para amigos e parentes, a quem rogo a fineza de encaminhal-as. Releve-me a sua paciência mais esta.

Leia o incluso impresso, faça-o ler por quantos possa. E' muito significativo. A origem não pôde ser melhor. Os taes agentes andam, com effeito, por aqui, muito, agitados e entonados, e o hymno do Rotschild ao Floriano ao meu ver, tem muito alcance. Pelo proximo vapor pretendo remetter a jornaes e particulares abi, sem assignatura minha, exemplares dessa curiosa publicação.

Seu primo e am.

R.

P. S. — Das cartas remettidas com endereço ao Primo, 4 (inclusive esta) vão por intermédio do Laemmert a outra pelo da Prima D. Isabel, q. espero me perdoará esta liberdade.

Faça mostrar isto ao Jornal do Commercio etc. (1)

7. *Sinclair Gardens*

W. Kensington, Lond.

8 dezembro 94

Meu bom Jacobina

Um longo e estreito abraço meu e de todos os desta casa pelo dia de hoje. Que Deus lhe troque em saúde, em felicidade e em annos de vida

(1) Perdeu-se o impresso a que se refere esta carta.

a amizade generosa e estremeçada, com que nos tem mitigado a dureza destes maus tempos. A data vaé ter aqui celebração especial; porque Maria Augusta pela primeira vez, de trinta e tantos dias para cá, desce de seu quarto, e vaé sentar-se conosco á meza onde já se me reclama um copo de champagne (é sabbado, e as meninas estão em casa), para brindar ao amigo ausente e á dona da casa restituída ao seu logar.

Na minha ultima carta esqueceu-me fallar nos dois casamentos por V. annunciados: o do Aberto (1) e o de Amelia (2). Nossos votos são pela felicidade de ambos.

E agora não repare que eu feche esta carta com uma palavra sobre assumpto *commercial*. Apesar de viver aqui isolado, poderei, por certas relações, para que tenho meios excellentes, ser util aqui como intermediario em assumptos financeiros, de qualquer importancia entre o Brasil e esta praça: emprestimo de provincias, bancos, vias ferreas ou companhias. Si V. pela sua posição mercantil e bancaria, tiver em mão, ou vier a ter, negocios dessa ordem, é o caso de trabalharmos assim licitamente com vantagens consideraveis.

Seu amigo do C.

RUY

(1) Alberto, filho de Jacobina, casou-se com D. Marieta Pizarro, filha do Dr. João Joaquim Pizarro, professor da Faculdade de Medicina.

(2) Amelia de Rezende, filha dos Barões Geraldo de Rezende, casou-se com o dr. João de Assis Lopes Martins.

7 Sinclair Gardens, W. Kensington, London

10 dezbr^o. 96

Meu bom Jacobina

Sua carta de 19 de novembro, hontem recebida, foi lida entre nós com o interesse e a avidez, que em nós despertam sempre á simples inspecção da sua lettra, reconhecida logo no sobrescripto.

Que se consolide no Brasil a paz, e que essa paz se faça constitucional é o meu voto. E nunca ninguem, nesse paiz, teve mais ardente empenho do que eu. Mas é preciso que não esqueçam o *Sul*. Lá a questão está de pé, tão vigorosa talvez como nunca, eu o sei. E, si o novo governo deixar-se illudir, ou quizer illudir a nação, atenuando a importancia desse problema, em vez de tractar de resolvê-lo, alijando a carga ensanguentada e abominavel do castillismo, as antigas difficuldades subsistirão. Posso assegurar-lhe que ahi se continúa a adulterar escandalosamente a verdade, nas visões depreciativas, de origem official, que circulam, relativamente ao valor dos elementos revolucionarios no Rio Grande. E, a este respeito, devo dizer-lhe que os primeiros signaes da nova politica não são bons; pois a nomeação do Abott (1) para a legação brasilei-

(1) Fernando Abott, foi ministro plenipotenciário em Buenos Aires, de 1894 a 1897.

ra em Buenos Aires sôa como um novo desafio á opinião rio-grandense opprimida e um novo reforço á dictadura que a opprime.

Sentimo-nos muito contentes, com as boas novas que nos dá da noiva do Alberto; pelo que lhe peço que felicite por nós á Prima Chiquinha. No dia 8 escrevi-lhe, e registrei a carta com endereço ao Primo mesmo. Esqueceu-me, porém, designar na sobrecarta o numero de sua casa. Se d'ahi resultar, pois, demora na entrega, fica o Primo avisado, para reclamar.

Agradeço-lhe as informações que me communica no tocante ao Joaquim Lucio e ao Afonso (1).

Applaudi muito a nomeação do chefe de policia, si recahiu, como supponho, no dr. André Cavalcanti, um dos homens mais respeitaveis e competentes que eu conheço. Felicite-o por mim.

Ainda não tive *nervo*, para encetar as minhas cartas ao *Jornal do Commercio*. E não sei si terei. Ellas poderão parecer um meio de fazer-me lembrar, e eu quizera fazer-me esquecer completamente. Depois, o meu estado de espirito continúa a ser doentio.

Adeus, meu caro amigo. Obrigado pela bondade que teve em roubar, no dia do casamento do seu filho, ás legitimas emoções de seu cora-

(1) Affonso Caminha.

ção o tempo que empregou em me escrever. Todos cá o abraçam.

Seu am^o. do C.

R.

1) Numa das minhas cartas remetidas pelo vapor de 30 p. p. sobrescriptada á prima Isabel e registrada, commetti o erro de pôr *Maria Isabel*, ou *M. Isabel*, em vez de Isabel Barbosa de Oliveira.

Essa carta include em um envelope a V. uma carta ao J. Lucio, uma ao Amaral, uma ao D. Lacombe e uma ao Casusa (Jacobina).

Faço este aviso para que o erro do nome não dê lugar a que fique a carta no correio.

7. *Sinclair Gardens, W. Kensington, Lond.*

11 dezembro 94

Meu caro Jacobina

Já lhe tinha escripto, quando, hontem, á noite, recebi o "Jornal dos Debates" de ante-hontem, em cuja secção telegraphica encontro isto:

JOURNAL DES DÉBATS

NOUVELLES DE L'ÉTRANGER

BRÉSIL

Nous recevons la communication suivante:

"La situation au Brésil n'est pas encore très nette. Le Maréchal Peixoto, qui reste le chef du parti militaire, semble boudier son successeur à la

Présidence, M. Prudente de Moraes: il ne lui a pas rendu de visite, il ne lui a pas même envoyé de représentant à son arrivée. Le lendemain de la transmission des pouvoirs, quelques journaux ayant dit que le maréchal s'était fait excuser de son absence auprès de M. de Moraes, M. Peixoto a démenti le fait. D'autre part M. de Moraes semble assez ému de l'attitude du parti militaire; il paraît vouloir lui faire des avances; dans un discours prononcé le 15 novembre, après une allusion très claire aux "brillantes épées qui ont fondé la République" il déclara que le nom de "l'héroïque maréchal Peixoto qui a défendu cette République contre toutes les attaques, appartient non seulement à l'Amérique, mais encore à l'humanité".

De là une inquiétude vague, répandue dans le public et dont la presse indépendante se fait l'écho. Le *Jornal do Commercio*, dont on connaît la vigoureuse campagne contre le Maréchal Peixoto, dit que, si le nouveau président est tenté de s'écarter de la légalité constitutionnelle, "on doit s'attendre au naufrage de la République".

Les libéraux se montrent découragés et un peu effrayés de cette situation: ils croient y voir la continuation du régime militaire; et le change, vrai thermomètre de la confiance publique, est tombé, depuis le 15 novembre, de 12 1/4 à 10 7/8.

Estas noticias dansaram-me deante dos olhos, durante toda a noite, sob todas as fórmãs, e não me deixaram dormir. Apenas me levantei, sinto necessidade de desafogar com um amigo. Pobre Prudente e misero Brasil! Como dizer que defendeu a Republica o oppressor que não defendeu senão o absolutismo de sua vontade e a terrivel responsabilidade dos seus attentados? Como inculcar que pertence *á humanidade* o soldado cruel, cujos crimes de sangue, inuteis, innumeros e innominaveis, sera termo de comparação na historia do Brasil, não tem paraliçio senão na chronica dos despotas paraguayos? Dir-se-ha que essas lisonjas blasphemias são um sacrificio, dolorosamente sentido por aquelle mesmo que o fez, ao supremo interesse da paz numa situação semeada de perigos. Mas agora o medo lhe impõe o sacrificio da verdade. E si amanhã lhe impuzer o da lei, para saciar as paixões insaciaveis do elemento cujas boas graças se requestam? Si elle fizer o segundo com a mesma facilidade com que fez o primeiro, terá perdido com isso o segredo exclusivo da sua força, terá cahido no laço fatal. E' o que eu temo com profunda anciedade. A permanencia do ex-dictador ali, quando era corrente que a sua saúde lhe aconselhava uma viagem, e talvez não menos do que a sua saúde a sua tranquillidade, faz-me pensar no crocodilo in-

quieto e vigilante. De olho fito nos ovos, á beira do rio, enquanto empolham ao sol.

Deus fruste os meus maus presentimentos.

Seu am^o. do C.

R.

Jacobina

Diga-me se isto é real.

14 dezembro 94

PALL MALL GAZETTE (1)

AILING AND CONVALESCENT

Lady Colin Campbell — Not so well this morning

Madame de Navarro — Making satisfactory progress

Lord Justice Kay — Much worse

Mr. Justice Chitty — Has not recovered sufficiently to resume his duties

Sir Joseph Barnby — Gradually gaining strength

Sir F. Seager Hunt, M. P. — Recovering from his recent chill

President Peixoto — Seriously ill; suffering from ataxia (2).

(1) Recorte de jornal.

(2) Presidente Peixoto — Sériamente enfermo; sofrendo de ataxia.

*M. Hanotaux — Seriously ill from influenza
Captain and Mrs. Naylor Leyland — Pro-
gressing favourably*

Leia, meu amigo. Veja o que ha de ficar valendo aqui o credito do Brasil e a honra do seu governo.

THE FINANCIAL NEWS

December 20 - 1894

GREAT NORTHERN OF BRAZIL —

*The correspondence between the Company,
the Rothschilds and the government (1).*

26 dezembro 94, Londres.

Meu caro Jacobina.

Em vespuras de natal (dia que foi para mim de uma tristeza acabrunhadora) me veio ás mãos a sua carta de 4 do corrente.

Ella me confirma nos meus receios sobre a permanencia do dominio do ex-dictador, apesar da sua substituição official. Os animos continuam opprimidos ali sob o temor da restauração desse regimem, com o qual o novo presidente solememente se declara solidario. Era a occasião de tirar o véu aos crimes dessa tyrannia, para im-

(1) "Correspondencia entre a Companhia (Great Northern of Brazil), os Rothschilds e o govêrno". São várias columnas do "Financial News" com vários trechos assinalados.

pedir a sua volta triumphal. Longe disso, procuramos cobrir com glorificações posthumas, inspiradas e explicadas unicamente pelo medo, um governo que ha de ser por largos annos o pesadelo da nação. Deus se compadeça de nós. Já não me admira o desprezo a que desceinos no estrangeiro. Elle chegou ao ponto de fallar-se hoje desembaraçadamente nessa parte do mundo como de uma região retalhavel e annexavel. Lá iremos ter, talvez, pelo caminho em que vamos.

Já lhe dei a minha opinião, noutra carta, sobre o manifesto do Prudente. E' a mesma do jornal platino, a que extractei os inclusos excerptos. O novo presidente não podia agoirar peor a sua administração.

Attribue-se-me ali, no *Jornal do Commercio* o qualificativo de "bastante bom", applicado ao ministerio actual. E' absolutamente falso. Não dei juizo nenhum, favoravel, ou desfavoravel a seu respeito. Apenas me limitei a informações *personaes* sobre dois dos ministros; porque os outros, a que me referi, indigitados aqui pelo telegrapho como membros do novo governo, (Ubaldino, Rosa e Silva e Abreu) (1) não entraram no gabinete. A só communicação que tive com o correspondente daquella folha em Londres é um

(1) Ubaldino do Amaral, cons^o. Francisco de Assis Rosa e Silva e Ant^o. Paulino Limpo de Abreu.

telegramma, cujo original possúo, e onde nada mais se contém. O epilogo, pois, nas palavras que me imputam como conceito colectivo acerca do ministerio, não me pertence.

A' sua pergunta a respeito do mercado londrino, quanto a emprezas boas, respondo affirmativamente. Emprezas boas, realmente taes, podem encontrar aqui favoravel collocação. (Creio que a este respeito, já lhe disse alguma coisa numa das minhas ultimas cartas.) Si V. tiver negocios desse genero, eu creio estar aqui em condições de poder encaminhar-lhes o lançamento, em termos vantajosos aos interessados. Assim se nos offereça uma boa occasião dessas.

Do negocio da Geral já lhe dei noticias. Julgo-o provavelmente compromettido, a não ser que as mesmas influencias continuem a privar com os actuaes donos da terra.

E' exacto que fui nomeado membro vitalicio, não do instituto dos advogados, que aqui não existe, mas do *Imperial Instituto*, grande instituição britanica, presidida pelo principe de Galles e destinada a representar o *imperio* inglez em seus varios ramos nos cinco continentes. Essa criação é uma das que honram o poder do espirito de associação neste grande paiz.

Não tenho resolução definitiva, quanto á minha advocacia aqui. Nisto, como em tudo mais, oscillo numa indecisão continua. Meu espirito re-

sente-se gravemente do deploravel estado do meu systema nervoso e da desnutrição profunda em que cahi. Sou hoje uma creatura decadente e infeliz.

Li o trecho da minha carta, que V. fez publicar. Temo a malignidade da nossa gente. Não supporão que eu escrevi *ad hoc* essas confidencias segredadas na mais intima amizade? Saberão respeitar a emoção dessas expansões entre dois amigos? Não verão nella um appello á piedade dos proprietarios do governo do Brasil? Emfim, V. ahi está, e póde ajuizar melhor do que eu.

Creio que não encetarci as cartas ao *Jornal do Commercio*. Isso por varios motivos. — 1.º Elle não se dirigiu directamente a mim, como devia fazer, si tivesse empenho na minha collaboração. — 2.º Receio que a minha apparição periodica na imprensa pareça um meio de recommendar-me á memoria dos meus compatriotas, tão satisfeitos com a minha ausencia. — 3.º Não desejaria que se visse nisso uma diversão, procurada por mim para arredar a attenção publica das *minhas culpas*, com as quaes a minha consciencia continúa a estar perfeitamente bem, considerando-as como honra e brasão. — 4.º Não confio produzir coisa com as qualidades de attenção precisas. — 5.º Temo que me falte a perseverança, para levar o compromisso a cabo. — 6.º Tenho medo que essa tarefa, com

os estudos que me importava, viesse a agravar a minha pessima saúde.

Não temos sido em Londres tão felizes como em Teddington. A casa que tomei ás pressas, atemorizado com a doença de M. Augusta, não nos serve. Tenho de mudar-me por estes quinze dias. Estou em procura de outra. Perdi a excellente *housemaid*, que lá tinha, e que não nos poudé acompanhar. As que lhe succederam, tem sido imprestaveis. A ama secca que tomei para a recém-nascida, tive de despedil-a da noite para o dia, por hysteria etc, perdendo com isso o salario do mez e alguma quebra mais. Ultimamente mandei buscar a Portugal uma ama *de leite*. Tem varias vantagens isso, para á saúde da creança e a nossa commodidade.

Tive muito prazer com o accesso do Totom.
(1) Dê-lhe um abraço.

As meninas e Ruysinho estão em casa, de férias. Creio já lhe ter dicto que estou mui contente com o collegio escoccez, onde as tenho, e as mestras fallam, dellas, especialmente de Dedele (2), com os maiores elogios. O João continúa a divertir-nos com as brejeirices e com a lingua que falla: um mixto de hespanhol, portuguez, inglez, francez e joanez.

(1) Antônio Jacobina Junior.

(2) M^l. Adelia, atualmente Senhora Baptista Pereira.

Pelo que aqui se tem sabido telegraphicamente, presumo haverem cessado ali as ameaças de colera. Aqui annunciaram varios telegrammas, publicados em folhas acreditadas estar soffrendo de ataxia locomotora o ex-senhor do Brasil (Ex-?) Não sei o que crer desse rumor.

Vou continuar a mandar-lhe a minha correspondencia pelo Laemmert. Ninguem pôde contar com o tempo, nestes tempos. Uma carta remetida d'aqui com céu claro pôde chegar lá em dias turvos. Contou-me o Grant (1) haver-lhe declarado o correio inglez que o do Brasil, desejava saber quem são os remetentes das cartas tão a miude endereçadas a elle. Como era natural, o interrogado recusou-se a qualquer inconfidencia, em que aliás não insistiram com elle. Miseravel condição a nossa! Fique sabendo mais esta do veneravel Demosthenes. Esqueceu-me de perguntar ao meu amigo si esse facto é anterior ou posterior ao advento do Moraes (Prudente). Hei de saber-o.

Desejamos a V. á Prima e a todos os primos anno melhor que o passado e que os precedentes.

Quando os poderemos ver e abraçar? Já la vão *dezeseis* mezes de exilio, com indiziveis torturas para o coração e prejuizos de todo o genero na saúde, na bolsa, no futuro e na vida. Vae a-brir-se outro anno como este, obscuro, hostile, en-

(1) Grant Laemmert, da casa Laemmert e Cia.

cetado no desterro e destinado talvez a se encerrar nelle, como o que finda. Tenho recebido generosamente da republica o premio da minha jornada. Depois disso não ha remedio senão confessar que ganhamos muito com ella.

Estou doido por achar o meio de despir convenientemente o meu mandato de senador, e entregal-o ao *compadre* da Bahia (1) na mesma trouxa em que o Peixoto enfiavelou para elle as minhas dragonas de general. A politica brasileira actualmente é demasiado *emetica* para o meu estomago. Muito feliz me considerarei, si as dózes já absorvidas me deixarem escapo.

Um abraço do

primo e am^o. do C.

R.

EL MANIFIESTO DE MORAES (2)

“

No solo acepta el sucesor de Floriano la solidaridad mas completa con el regimen pasado, que lo elegió quando el fragor de las armas impedia al pais manifestar libremente su opinión, sino que glorifica la dictadura, condemnando la revolucion de setiembre y presenta el vice-presiden-

(1) Dr. José Gonçalves da Silva, antigo correligionário e amigo de Ruy, padrinho de um de seus filhos.

(2) Está anexo á carta, copiado pela letra de Ruy.

te de la republica en ejercicio de la presidencia como el salvador de los principios republicanos.

“Está ya bien elocuentemente hecho el proceso del vencedor de Rio de Janeiro. Las atrocidades e crímenes ordenados desde el palacio de Itamaraty durante un año entero, que merecieron hasta la propia protesta de la prensa oficial, el derroche sin control de los dineros públicos, la militarización de una ignominiosa y complaciente mayoría parlamentaria, la usurpación de las libertades electorales han sido bien pregonadas y comprobadas para que nos detengamos a catalogarlas una vez más en este momento.

“Es con un pasado semejante que el doctor Prudente de Moraes se declara vinculado por la simpatía, y así le anuncia a los propios estranos, á los brasileros aterrados en su suelo por la influencia peixotista y a los emigrados que han abandonado la patria, para conservar la dignidad ó la vida.

“Lo impolitico y torpe de este documento salta a la vista. Moraes queda por el filiado moralmente para el criterio del espectador imparcial. Ha querido sacar de dudas a los que disimulando-se el vicioso origen de su investidura, pensaban que rompería en las aras de la concordia brasilerá los lazos que le atan á la tiranía pasada, y entraría, si nó a reparar francamente los males causadas por Floriano, á inaugurar un gobierno au-

tonomo y tendente a facilitar una generosa evolucion civica.

"El manifiesto es una provocación, — una provocación a la continuacion de la lucha. Asi lo han entendido los hombres politicos del Brasil, que vivem accidentalmente em Buenos Aires, arrojados por la ola de la derrota. No podian elles ciertamente, ni podian pedir, que el Dr. Prudente de Moraes, hijo de la coaccion oficial que reinó en las elecciones pasadas, sancionase su causa; pero debian si suponer que, llegado a la cumbre de las dignidades, en el caso de dirigir la palabra al pais, lo hiciera con largas perspectivas de olvido y con un criterio liberal que cicatrizará todas las heridas abiertas por tres años de anarquia.

Su primer paso es un fracaso".

(*"El Diario", de Buenos Aires. 16 nov. 1894*)

CARTAS DE INGLATERRA

1895

Londres, 10 de janeiro, 95

Meu caro Jacobina

Que este anno lhe tenha principiado e venha a findar muito melhor do que os ultimos é o meu vivo desejo; é o de todos os meus.

Estamos anciosos pela malla de hoje, ou amanhã; porque esperamos que ella nos traga lettras suas.

Afinal, depois de infinitas irresoluções, escrevi para o *Jornal do Commercio*, a inclusa carta, que lhe rogo o favor de entregar, si, lendo-a entender que convem ou vale a pena publical-a. (1) Fui seduzido e fascinado pelo assumpto, que inopinadamente se me offereceu, e que me vibrou profundamente no coração a corda da justiça, ainda não morta, apczar da dura lição que agora mesmo me está custando. Caso tenha de sahir a publico esse escripto, espero que algum amigo habituado a esses trabalhos e versado na decifração da minha letra, como, por exemplo, o Tobias, (2) tome a si o incommodo de rever as provas.

(1) E' a primeira "Carta de Inglaterra" - sobre o "caso Dreyfus".

(2) Tobias Monteiro.

Nessa hypothese, peço-lhe que me diga, pelo telegrapho, a palavra "Publicado", afim de que eu saiba si devo persistir, e escrever outras cartas. Mando-a anonyma, por entender que não devo apparecer na imprensa de meu paiz, onde o meu nome não tem sequer o direito de figurar no sobrescripto de uma carta. Mas pôdem assignalarse assim convier.

Não escrevo directamente ao Rodrigues (1), porque elle tambem se dirigiu a mim por interposta pessoa. Ignoro si elle, como me parece justo, terá em mente remunerar o novo correspondente, como creio que remunerára os outros. Seria bemvindo esse subsidio, si viesse, porque os sacrificios tem-me avultado muito.

Remetto-lhe incluso o edictorial do *Financial News* de hoje sobre o recente emprestimo brasileiro. O governo de nossa terra, que vive de cegueira e prevenções, servido no estrangeiro por agentes incapazes nestes assumptos, como o bronco do nosso ministro em Londres, suppõe não precisar de mais nada, unicamente porque o Rothschild lhe abre a custo a algibeira neste e noutros apuros. Entretanto, o que o Rothschild acabou de fazer agora, como noutros casos, não é mais do que assegurar recursos, para se pagar a si e aos seus, pondo-se cada vez mais fóra do alcance dos

(1) José Carlos Rodrigues, director do "J. do Comércio".

nossos desastres. Basta vêr o juro de 7% oiro, que, para titulos do thesoiro, é assaz judaico. Entretanto o nosso credito aqui está *nullificado*. Sua situação de dia para dia peiora, como aqui se tem dicto na imprensa, com a politica, *mais florinista que a do proprio Floriano*, seguida pelo governo do Prudente em relação ao Rio Grande. Elle vae ter com isso decepções, de que duvido que se salve, si não recuar. É pena que se illudam com estes favores leoninos do nosso *Shylock*. Estas manipulações não adiantam em nada o nosso nome no estrangeiro, de dia em dia mais desconceituado, e com fundamento. Haja vista o caso da *Northern Railway*, que aqui continúa a echoar com escandalo. Nesse meio tempo a administração brasileira, que converte em inimigos os elementos capazes de auxiliar-a utilmente, continúa a sangrar o thesoiro com propinas a certos órgãos da imprensa absolutamente sem auctoridade em Londres, como o *South American Journal*, que, sei de sciencia certa, recebe mensalmente £ 200, para cansar os prélos com panegyricos enjoativos, que ninguem lê na Europa ao Floriano e ao Prudente, enfeixados pelo mercenario como continuação um do outro. Sua alma, sua palma.

Hontem recebi do redactor do *Financial News* este telegramma:

"Will you kindly wire me your opinion new

issue brazilian treasure bills by Rothschild two million pounds.

Powell, Financial News" (1).

Respondi assim:

"The subject of brazilian finances is getting so complicate every day, and so contradictory are proving the reports about it, that I feel obliged not to hazard any opinion on the particular matter of your question, expecting you will excuse my reticence" (2).

Estes e outros factos poderiam mostrar quanto se enganam os que suppõem inutilizar-me condemnando-me revoltantemente a um banimento, que não ousam confessar, mas que nem por isso é menos real, attentas as condições em que moralmente me collocaram. Mas (ainda bem ou ainda mal) aquelle que mereceu a honra egregia de ser insultado num decreto especial como difamador da patria, tem como sempre teve, mais

(1) "Queira por gentileza telegrafar-me sua opinião nova emissão notas tesouro brasileiro sôbre dois milhões libras Rothschild". — Powell, "Financial News".

(2) "A questão das finanças brasileiras está se tornando tão complicada dia a dia, e tão contraditórias se mostram os relatórios sobre ella, que sou obrigado a não avançar nenhuma opinião sôbre o assunto especial de sua consulta, esperando me perdôe a reserva.

caracter do que o enxame desses inimigos, para não se utilizar da sua posição contra os verdadeiros interesses de seu paiz. Por isso me calei hontem. Mas não posso continuar indefinidamente a roer calado os erros dos governos da minha terra, aguentando no exilio com o desprezo que delles reverte, no estrangeiro, sobre os cumpridos da politica implantada pelo soldado ignorante e mau, que acaba de deixar o poder.

Perdoe-me, meu Jacobina, este desabafo, e esqueça-o.

Peço que me mande discriminadamente, as medidas das paredes da casa, para se comprar aqui o papel, assim como as dimensões da área das tres salas da frente. Saudades á Prima Chiquinha de todos nós, e abraços a V. delles e do seu am^o. do C.

R.

7. Sinclair Gardens, Kensington, L.

19 jan. 1895

Meu caro J.

Sem cartas suas, a que responder, escrevo-lhe apenas para ter o prazer de communicar-me com V. Tenho-lhe escripto as seguintes cartas, ainda não accusadas, cuja data rememoro para sua sciencia e governo.

29 nov. 30. nov. 1 de dezembro. 7 dezembro
26 dez. 1^o. jan.

Em 11 e 12 de jan. e, não sei em que outra data, remetti-lhe um exemplar do "Tempo" (portuguez), um do *J. des Débats* e um do *Financial News*. Tenho enviado sempre as minhas cartas com registro.

Em 29 de nov., ainda enderecei-lhe, com sobrecartas ao Laemmert uma carta para o Carlos de Aguiar e outra para o Carlito (1). Em 30 do dicto mez dirigi-lhe, sob envelope á Prima D. Isabel, em outra sobrecarta a V., uma carta ao Joaquim Lucio, uma ao Amaral, (2) uma ao Domingos Lacombe e uma ao Cazuzza Jacobina. Em 1 de dezembro sobreescriptei-lhe, registrado, o Jornal do Instituto de Actuários, a cujo respeito lhe dei as informações pedidas, na minha carta de 1 de dezembro, supra mencionada.. Além disso ainda lhe mandei novos incommodos nas seguintes datas:

- em 11 de dezembro, 1 carta para Maricota, (3) 1 para Alfredo (4), 1 para Wandenk. (5);
- em 14 uma para Carlito. (6) 1 para o Palma. (7)
- em 7 uma ao Carlito.

-
- (1) Carlos Vianna Bandeira.
 - (2) José Ant^o. do Amaral.
 - (3) Baronesa Geraldo de Rezende.
 - (4) Alfredo Bandeira.
 - (5) Almirante Eduardo Wandenkolk.
 - (6) Carlos Vianna Bandeira.
 - (7) Des. José Joaquim da Palma.

Já é abusar da sua bondade! Só de recordar esse rol de impertinencias me espanto da minha propria em acabrunhal-o com essa fieira de aborrecimentos. Si os relembro, porém, agora, é porque vivo tremendo sempre da infidelidade do correio brasileiro, comquanto eu tenha observado invariavelmente a precaução de usar do registro, e de sobrescriptar as minhas cartas com endereços discretos ao Lacombe e á Prima D. Isabel. Como tenho escripto a *todos* os amigos (além dos supranomeados, ao Tobias (1), Bijuca (2), Aguiar (3), Castro (4) e nenhum me respondeu, os meus receios tem crescido com isso. Sobre-tudo não comprehendo o silencio do Carlito, de cuja chegada ahí soubemos pela carta de Prima Chiquinha (em 19 de Dezembro) a Maria Augusta e por outra, posterior, de Mimita (5) a Adelaide (6). Peço-lhe o favor de dar-lhe este recado, si tiver occasião. Inclúo uma das rarissimas noticias, sempre más, que por aqui se publicam ácerca do Brasil. Foi estampada no *Times* de 18 do corrente, sahindo, ao mesmo tempo, no *J. des Débats* e noutras folhas européas. E' mais

(1) Tobias Monteiro.

(2) João Luiz Vianna.

(3) Major Carlos de Aguiar.

(4) Dr. Francisco de Castro.

(5) Elena Dobbert, sobrinha da Sra. Ruy Barbosa, casada com o Dr. Manuel Carvalho Leite.

(6) D. Adelaide Dobbert, irmã da sra. Ruy Barbosa.

um passo dado pelo governo brasileiro para o des-
 crédito do paiz. Além do que é um absurdo cons-
 titucional. Um tribunal não tem outras attribui-
 ções mais que as expressamente consignadas em
 lei. Por que carga d'agua então vae o poder execu-
 tivo investir o Supremo Tribunal Federal na mis-
 são de arbitro sobre as reclamações estrangeiras
 pendentes? Por outro lado o Supremo Tribunal no
 Brasil não é nenhuma corporação illustre, como o
 dos Estados Unidos, perante cuja venerabilidade
 o mundo inteiro se curva. O que o mundo intei-
 ro sabe é que elle tem sido, entre nós, um instru-
 mento nimiamente flexivel nas mãos do governo,
 que, sob a ultima dictadura, praticou, em face del-
 le e com a sancção d'elle, os mais criminosos atten-
 tados. O que o estrangeiro, pois, vê nessa invenção
 é simplesmente um artificio, para illudir as nossas
 responsabilidades, e faltar aos nossos deveres.
 Mas... tudo vae optimamente; porque o Pruden-
 te e o R. Alves contam *com o Figueredo* (1) e
o Banco dos Paizes Baixos!

Adeus, meu caro Jacobina. Dê-me noticias suas
 e de todos os seus. Traga-me, se for possivel, com
 as suas cartas, alguma esperança ao espirito cada
 vez mais desconfortado. Estou hoje muito nervo-
 so, e a minha lettra está se resentindo disso.

Seu do C.

R.

(1) Conde de Figueredo.

Lond, jan. 24, 95

Meu caro Jacobina

Ante-hontem expedi-lhe um telegramma, pedindo-lhe remessa telegraphica de 1.000 £. Estou um pouco inquieto, visto que não recebi resposta até agora; pelo que vou provavelmente telegraphar-lhe de novo. Reccio que V., com a docntia estação que parece reinar ali, se ausentasse para o campo. Não supponha que tudo isso são despesas. Para a minha subsistencia tenho ainda meios aqui durante quatro mezes, pelo menos. Tenho, porém, um negocio excellente, em que empregar aquella quantia, e no qual espero, pelo menos, triplicar-a em algumas semanas. Não quero perder essa occasião de resarcir os meus lucros cessantes e danos emergentes nestes dezeseite mezes.

Enviei-lhe pelo ultimo vapor uma enumeração das cartas que nestes dois mezes lhe tenho dirigido (isto é, desde fim de novembro). Como creio que ella não foi clara, mando-lhe agora uma lista especificada e chronologicamente feita. Daquella época para cá tenho escripto copiosamente ahi a todo o mundo, e, comtudo, não recebo carta de ninguem. Esse silencio geral tem-me impressionado. Vivo tão mal de espirito!

Ruysinho está de novo na Suissa desde o dia 4 do corrente, e as meninas regressam hoje para o

collegio. Peço-lhe o favor de dizer ao Amaral (1) que me mande sem demora o livro do Didimo (2) e o do Lourenço de Sá acerca de *sociedades anonymas*, bem como o mais que de publicações brasileiras houver sobre o assumpto.

Como vae o Eduardo (3) com os seus estudos? e o Totom (4) com a sua directoria? e os recém-nascidos, com a vida n'ova? Maria Augusta abraça o Primo e a Prima, a quem muito me recommendo.

Seu de C.

R.

Londres, janeiro 29, 1895

Meu caro Jacobina

A boa Prima Chiquinha escrevendo a M. Augusta em 19 de dezembro p. p. dizia: "Jacobina recebeu longa e interessante carta do primo, a que vae responder." Por essa declaração devia eu concluir, como concluo, que o Primo recebeu a minha carta de 29 de novembro, não interessante, mas muito extensa. Com effeito, só duas cartas minhas lhe podiam ter chegado ás mãos naquella data: a de 29 de nov. e a de 1.º de dezembro, a primeira

(1) José Antônio do Amaral, solicitador de seu escritório.

(2) Didimo Agapito da Veiga.

(3) Filho mais moço de Jacobina.

(4) Antônio, filho mais velho de Jacobina, nessa época um dos directores da "Companhia Industrial de Calçado".

das quaes punha termo ao periodo de silencio, que se abriu na minha correspondencia com o Primo durante cerca de cincoenta dias, assignalados pela minha mudança de Teddington, soffrimentos de Maria Augusta e nascimento de Baby (é por este nome que aqui tratamos a Maria Luiza). A Prima, raciocinava eu (e ainda estou na mesma idéa), não podia alludir á minha carta de 1.º de dezembro, porque essa era insignificante e brevissima, occupando-se exclusivamente (ou pouco mais) com a informação, que lhe dei, sobre coisas de actuarios. A minha carta de 29 de novembro, cujo recibo de registro inclúo, era a *farta* compensação da lacuna, que já os traria ahí inquietos. Nella, em dez ou doze paginas, lhe fiz meúdo relatorio da minha vida, nesse espaço de tempo, narrei-lhe a vinda a luz de minha filhinha, espraiei-me por assumptos politicos, fallei-lhe nos manejos do florianismo contra a minha vida em Buenos Aires, contei-lhe as misérias do consulado brasileiro aqui por occasião do passaporte de Ruysinho, e dei-lhe relação da entrada das meninas para o collegio, etc. Aguardava eu, portanto, sua resposta a essa carta, quando recebo hontem as suas de 9 e 10 do corrente, a primeira das quaes abre com estas palavras: "Respondendo á sua carta de 1 de dezembro p. p.". E nem uma palavra sobre a de 29 de novembro. Isso tem-me posto tonto. A carta de 29 de Novembro foi ligeira, levou o mesmo endereço á casa

Laemmert & C., e a referencia da Prima em 19 de dezembro não podia ser senão a ella. Na impossibilidade, que subsiste ante essas considerações, de accèitar a hypothese de seu extravio, não posso resolver o enigma senão pelo descaminho de uma carta suaz qualquer escripta entre 19 de dezembro (data da carta da Prima) e 1 de Janeiro (data da primeira das suas ora recebidas). É essa explicação tanto mais me calla no espirito, quanto o Primo, até hoje não me faz a menor referencia ao meu telegramma de *14 de dezembro*, concernente a Carlito, cuja obstinada mudez, deixando-me, ha oito vapores, sem uma carta, ainda me vem augmentar o enleio. A minha conclusão, insisto, não póde claudicar: ha uma carta do Primo retida, ou perdida. Onde? No correio de Londres? Impossivel. Aqui circulam os cheques de £ 1 000 em cartas sem registro, cujo uso, neste paiz, é quasi nullo, tão absoluta confiança ha na probidade, na infallibilidade do correio. Cabe ao primo deslindar a meada. Noto que as suas duas agora recebidas, juntas a uma do Tobias (1) em enveloppe que me parece sobrescriptado pelo Domingos, não vieram pelo Grant (2). Creio que o intermediario foi a casa Kuhn & Co, de quem, ao chegar do paquete anterior, reccebi, com uma so-

(1) Tobias Monteiro.

(2) Grant Laemmert, da casa Laemmert e Cia.

brecarta contendo cartões de Domingos e Belinha (1), uma nota, assignada pela firma, desculpando-se do engano do caixeiro, que inadvertidamente abrira o envelope. Ter-se-ia, por alguma dessa inadvertencias, desencaminhado, a carta sua, cuja existencia suspeito?

Diz-me o Primo que não se recebeu ahi a carta enviada a Prima D. Isabel com engano de nome, contendo outra para o Domingos. O engano foi insignificante; visto que consiste apenas na inicial *M.*, anteposta a *Isabel*. E cẽmais estava supprido pelo numero da casa: 112. R. dos Invalidos. Essa carta deve estar certamente no correio do Rio. Para que o Primo a reclame, inclúo o certificado do correio de Londres, que particulariza todas as indicações, e dá ao portador, evidentemente, o direito de exigir a entrega. Tenho interesse em que essa carta não se perca, porque ella continha *quatro*: para Belinha (ou Domingos), Cazuzza Jacobina, Amaral e Joaquim Lucio, as duas ultimas extensas e cheias de particularidades, que não me permitem ser indifferente ao seu extravio.

Muito sentimos a molestia do Manuel Ferreira (2), de quem a minha gente muito se lembra, citando-lhe muitas vezes o nome nas conversas de familia. Espero que a idade triumphc da doen-

(1) Domingos Lacombe e Isabel Jacobina Lacombe.

(2) Manuel Ferreira Jacobina, sobrinho de Jacobina.

ça, como triumphou em mim ha dezeseite annos. Bem dolorosa nos foi a noticia da morte do Amarral. Como terá deixado a familia, com a sua ninhada de crianças? Eu e M^l. Augusta somos padrinhos de uma, de cuja educação espero que Deus me dará meios de encarregar-mos.

O negocio em que me falla, dá-me ares de muito bom. Boas estradas de ferro brasileiras são excellente chamariz para o capital inglez. Actualmente ha uma actividade febril no mercado londrino em materia de companhias. Os escriptorios dos correctores trabalham, dia e noite, e tem-se triplicado os vencimentos dos empregados. Venha, pois, o negocio, convenientemente preparado, e tenho lisongeiras esperanças de que nos sahiremos satisfeitos.

O que vae de mal a peor no mercado inglez, é o credito da nação brasileira. Não quero fallar nos seus creditos Moraes, hoje de todo arruinados. O caso infame da barca de Nitheroy deu brados aqui. Fomos rebaixados ao nivel infecto da China. Refiro-me, porém, com especialidade ao credito financeira do nosso governo. A decisão do Floriano na questão da "Great Northern Railway" foi um golpe formidavel em nossa honra. Espero que o Prudente emende a mão, reagindo contra esse acto deshonesto. Folhas de primeira ordem, como a *Truth*, a *St. James Gazette*, o *Standard*, o *Statist* exprimiram-se, a esse propo-

to, em relação a nós, com um desprezo de fazer rebentar o sangue ás faces. Chegou a se escrever, em titulo de artigo edictorial, a phrase sinistra de "*Brazilian Repudiation*". O *Financial News*, especialmente, tomou o assumpto a seu cuidado, tem feito d'elle bigorna, e o seu edictor, com quem conversei largamente sobre a materia, assegurou-me que durante *quinze annos*, si fôr preciso, malhará ella, trancando nos com o descredito d'ahi resultante, as portas do mercado britannico. E, é preciso dizer-lhe, o *Financial* tem auctoridade para isso. Esse diario é hoje, d'entre todas as congencres, inclusive o *Economist*, a primeira potencia commercial na praça de Londres. Tenho relações particulares com o seu edictor e proprietario, Mr. Marx, e o seu immediato, Mr. Powell, correspondente do *Jornal do Commercio* aqui, comquanto absolutamente não tenha collaborado nem como escriptor, nem como inspirador, na critica severa e quasi sempre justa de que nessa folha é constantemente objecto o Brasil. Si o Primo pudesse contribuir, para que o actual presidente da republica, attendendo á reclamação formulada pelo *Foreign Office*, que está decidido a leval-a ao extremo da pressão, concedesse o arbitramento solicitado, creio que faria aos interesses do novo governo, para não fallar nos da nação, um grande serviço. O *Financial* trocaria a sua acrimonia em homenagens ao bom espirito

da administração brasileira, ás suas disposições reparadoras, e é bem provavel que aproveitasse a occasião, para estabelecer o contraste entre a dictadura militar e o regimen paisano. Elle vac publicar uma *interview* minha sobre a questão, onde, reconhecendo o direito ineluctavel da pretensão ingleza, distingo, com força, entre o governo brasileiro e a usurpação florianista, enunciando a convicção de que a presidencia actual, personificada num jurista, e acompanhada por um ministerio de juristas em sua maioria, saberá reconhecer a justiça e desmentir a imputação de repudio dos compromissos nacionaes. Fallo-lhe com esta animação, porque estou aqui, e sinto a importancia destas coisas, como si ellas me estivessem gyrando nas veias. Quando o Benjamin Constant, honesto sempre, mas sempre visionario, me perguntou uma vez si não poderiamos transferir a nossa freguezia financeira de Londres para Nova York, respondi-lhe que isso, era, e seria sempre, a mais infantil das loucuras. Agora, porém, eu comprehendo, mais do que nunca como Londres, financeiramente legisla para o universo. Aqui é que é preciso consolidarmos e zelarmos com desvelo, "con amore" o credito brasileiro. Ora, o credito, em materia de finanças, aqui, faz-se especialmente pela imprensa, cuja honestidade está em brilhante contraste com a franceza, e, na imprensa, pelos grandes órgãos techni-

cos do mercado, onde o *Financial* tem uma posição quasi oracular. O credito de 3 milhões aberto pelo Banco Nacional ao governo brasileiro tem feito encolher os hombros aqui aos competentes. Toda a gente conhece aqui o Figueredo (1), sabe como elle arranja estas coisas, e ri dos seus jogos de scena. Olhe, o congresso brasileiro acaba de auctorizar o governo para um emprestimo, creio que de seis milhões. Pois venham bater aqui, e hão de sahir-se mal, emquanto pairarem sobre a nossa lisua increpações, como a que vae tomando corpo com a resistencia aos direitos da "Great Northern". Estudei essa questão como jurisconsulto, e posso assegurar-lhe que não ha nada mais liquido neste mundo. Não será melhor ceder á influencia dos argumentos do que correr ante as ameaças da força? A Inglaterra é o grande reservatorio do credito para o mundo inteiro. Directa ou indirectamente, todas as outras nações vêm haurir aqui. Agora mesmo os interesses francezes, sobresaltados com a turva situação que se desenha naquelle paiz, affuiram em ondas para aquem do canal, determinando, em boa parte, essa febre do mercado Londrino, a que eu, ha pouco me referia. Os homens de estado brasileiro deviam todos, se fosse possivel, passar por um tirocinio obrigatorio de observação pessoal na Europa, afim

(1) Conde de Figueredo.

de se embeberem no sentimento da importancia suprema do bom nome do paiz no estrangeiro. O Japão comprehendeu isso admiravelmente, e endereçou toda a sua cultura a sua politica, toda a sua administração, toda a sua cultura moral neste sentido. D'ahi o seu advento prodigioso, que está assombrando a Europa, que o publicistas europeus qualificam como o facto mais maravilhoso destes tempos, e que tem obrigado o orgulho occidental a confessar, pela bocca da imprensa européa, a apparição inesperada e quasi magica de uma potencia civilizada *de primeira ordem* no extremo oriente ao lado da barbara, invertebrada e quasi amorpha China. O nosso *chauvinismo* faz verdadeiro dó a quem está vendo as coisas de longe e daqui. Arredonda as bochechas com a nossa punctualidade no pagamento dos compromissos da nossa divida nacional. Em primeiro lugar, aqui se sabe, melhor até do que lá, quanto nos custa hoje essa punctualidade, obtida graças a novos e cada vez maiores sacrificios, que necessariamente hão de acabar por compromettel-a. Haja vista o recente emprestimo Rothschild (£ 2.000.000), especie de transacção de enforcado, que, com a comissão do judeu, nos vae sahir, pelo menos a 10% no primeiro anno. Digo *no primeiro*, porque a obrigação de pagalo em doze mezes é inexequível: é um accrescimo de divida, que se perpetuará pelo expediente da con-

solidação. Depois a reputação de um paiz, financeiramente, não se faz só com esse elemento. Si elle paga as dividas formaes do Thesouro, mas falta a outras responsabilidades pecuniarias, como as que se contraem, lesando a direitos particulares, e escusando-se ás reparações inevitaveis, a deshonorra vem tão fatal e arruinadora por ahi como pelas moratorias nacionaes, em que tem cahido a Republica Argentina e outras ainda mais desgraçadas expressões desse regimen no continente americano.

Lamento que não seja possivel demover o governo das suas intenções bellicosas no Sul. Vejo por ahi que a loucura é o nosso estado normal. Não será isso devido principalmente á influencia *quintinista*? Diz-me o Primo que eu poderia muito neste assumpto com o Prudente. Acho que está de todo em erro. O Prudente quer-me mal. Foi com seu concurso que se concluiu, no Senado, a conspiração que me desfeiteou pondo-me fóra de todas as commissões, e atirando-me com o Victorino á cara, á guisa de gato morto, na commissão de finanças. Entretanto foi a minha proposta, na reunião que se celebrou em minha casa, o que o fez presidente do Senado, contra o voto do Quintino, que muito se irritou, e me exprobou essa idéa como um desafio ao Deodoro.

Já ganhei 500 libras com as 1.000, que outro dia lhe pedi por telegramma. Talvez ganhe ainda,

no mesmo negocio, cinco ou seis mil. Tracta-se de uma esplendida mina de oiro na Australia (5 onças de oiro por tonelada de quartz). Eu entrei com as 1 000 para a organização e lançamento da companhia, cujos resultados se espera sejam brilhantes. Recebi em troco 500 libras de lucro em dinheiro, um cheque de 1 500, e um compromisso de 6.500 acções de uma libra cada uma. Si subirem ao par (contam que vão além) as mil libras empregadas subirão a oito mil. Em todo o caso o lucro é certo, por pouco que seja, e o perigo impossivel. Nestes dez dias teremos o resultado. Já vê que não dissipo o meu dinheiro, e que vou adquirindo um pouco do bom contagio inglez. A Inglaterra é um organismo com tres sentidos: a politica, a religião e o commercio. Veja se approva a definição.

Não tenho tempo de escrever-lhe desta vez sobre o meu regresso ao Brasil. Desejo-o mais do que nunca. Necessito vivamente delle, porque a minha saúde vae mal, apesar de já me ter affeito ao inverno, cujos rigores temos atravessado muito bem, comquanto ultimamente nos tenha experimentado com uma temperatura de 4 grãos centigrados abaixo de zero ao meio dia, neve, *frost*, e o diacho. Mas quero esperar que as brasas do periodo jacobino acabem de apagar-se. E demais tenho agora algumas perspectivas de interesse, que devo aproveitar. Não lhe parece? Ainda que eu resigne o mandato (a sua opinião abalou-me muito), não ha

grande vantagem em envolver-me na lucta parlamentar este anno. Sua palavra a respeito da minha attitude nas coisas politicas me convem muito ás minhas disposições de espirito. Mas onde vou eu agora buscar mais um jornal?

Fico sciente do que me communica no tocante aos arranjos com o architecto. Quaes quer que sejam, o Primo tem carta branca, e as suas deliberações encontrarão sempre o meu mais completo assentimento. Como quer que seja, o que desejo é encontrar removida essa questão, ainda que á custa de algum sacrificio á avidez do italiano. Quanto aos papeis, eu aguardava as dimensões, que o Primo me ficara de enviar. E ainda as aguardo. Si, porém, por algum qui-pro-quo, isso já está confiado ao Januzzi, não se incomode. Em todo o caso, peço-lhe que me mande a planta da area e paredes do salão da bibliotheca, com as dimensões precisas de tudo, afim de que eu possa mandar fazer aqui um jogo completo de estantes para a minha livrallhada, que vai crescendo, si as traças ahi não a tiverem desfalcado. (Naphtalina e mais naphthalina é o que lhe peço recommende ao Juca e Carlito).

Agradeço-lhe o *Apostolo*, que vou ler com summa curiosidade. Está prestando relevantes serviços. Eu, da imprensa brasileira apenas leio o *Jornal do Brasil*, isso mesmo mal, e uma ou outra coisa que ás vezes me trazem. Sei mais do Brasil

por jornaes platinos e portuguezes. Reduzi-me a essa dieta por motivos hygienicos, para evitar o encontro com as violencias e os insultos, com que ali fui açoitado.

Já lhe mandei a 1.^a carta para o *Jornal do Commercio* (11 de dezbro.) Mas ainda n. escrevi segunda, e arrependo-me de ter encetado a tarefa. Sinto-me em extremo debilitado. Estou neurasthenico (anemico por neurasthenia, ou neurasthenico por anemia), e soffrendo ultimamente de um zumbido de quinino constante nos ouvidos, que me irrita e acabrunha. Si estiver com o meu bom Francisco de Castro, falle-lhe nisto, e peça-lhe que me aconselhe alguma coisa, tendo em consideração, ao mesmo tempo, o mau estado do meu estomago.

Deu-me muita satisfação a entrada do Tobias (1) para o *Jornal*. Vou escrever-lhe breve.

Já estou cansado, e os dedos meio gelados, apesar do fogão, não me ajudam a escrever. As meninas vão muito bem no collegio. Dedele já falla correctamente o inglez, e escreve-o de modo satisfactorio. O collegio é excellente, comquanto caro, ou por isso mesmo; as duas meninas custam-me alli £ 210 por anno, sem contar extraordinarios, que certamente elevarão o total a cerca de £ 300. Mas é bem feito o sacrificio, e estou resolvido a fazel-o por dois annos.

(1) Tobias Monteiro, entrou para a direcção do "Jornal do Commercio".

Maria Augusta pede ao Primo e á Prima que não meçam a sua amisade pelas suas cartas. Mais devotado amigo do que ella é de ambos estou certo de que os Primos não o tem.

Vou mandar-lhes para a nossa correspondência telegraphica, o código *At*, porque o *ABC* é muito falho.

Tamanho é o prazer de escrever-lhe, que consagrei a elle esta manhã inteira. Adeus, meu bom Jacobina. Creia que é todo seu e dos seus o seu amigo

R.

L. 5 de fev., 95

Meu caro Jacobina

Recebemos com viva impressão de pezar a noticia da morte do M. Ferreira (1), cujo restabelecimento eu augurara na minha carta anterior. Comprehando, em presença desse facto, reunido a tantas outras circumstancias da situação actual, a tristeza e o desalento que se revelam na sua carta de 16 de janeiro. Os seus auto-prognosticos de fim breve e certo não têm outra origem. Eu, pelo contrario, quando o vejo doente, penso sempre em sua velha mãe, e convenço-me de que o filho, apesar de seus padecimentos, ha de participar da longevidade materna (2).

(1) Manuel Ferreira Jacobina.

(2) D. Maria Mascarenhas Jacobina, mãe do dr. Jacobina, faleceu com 102 anos.

Fico inteirado de quanto me expõe sobre o emprego de dinheiro, pagamentos, etc. Não tenho senão que lhe agradecer e tornar a agradecer tantos e tamanhos serviços. Achei excellente, no pé em que se achava o assumpto, a solução adoptada por Carlito e pelo Primo.

Carlito escreve-me sobre um negocio (limpeza da cidade), que realmente considero esplendida applicação de capital. Elle é muito seguro e tem tino. Acho que faço bem em concordar na proposta que me faz de nos associarmos a essa empresa, da qual um dos socios é o Manuel do Paschoal (1), prestando os fundos precisos para o deposito. Peço-lhe, pois, que entregue ao Carlito a quantia que elle pediu. Não lhe parece bem?

De politica não lhe escrevo hoje, para não perder a malla, que fecha ás 8 da manhã para Lisboa. (Estou escrevendo ás 7 ½). Estamos impressionados com a noticia telegraphica de uma tentativa de insurreição da Praia Vermelha e outros movimentos militares. Aquillo é o ninho das víboras... Peço-lhe que me assigne a *Gazeta da Tarde*, e que me envie os artigos importantes a que allude na sua de 16 de janeiro, assim como quaesquer outras folhas, que contenham coisa notavel sobre a nossa situação.

Espero que o Primo poderá haver ás mãos a

(1) Manuel Lopes de Carvalho.

carta minha endereçada para ali á Prima D. Isabel, e de que lhe mandei o documento na minha anterior. Tenho especial interesse nisso por causa da minha carta (longa carta) ao Joaquim Lucio, que nella se encerrava, com outras, e que tractava de materia para mim interessante.

Aguardo as suas ordens sobre o assumpto, a cujo respeito contava escrever-me depois de 15 de janeiro. E' intensa aqui a febre das empresas, e eu estou a espera, ansioso e cada vez mais confiado, o resultado do lançamento da mina australiana em que empreguei o dinheiro ultimamente mandado pelo Primo.

Muitas e muitas saudades de todos nós á boa e querida Prima Chiquinha e a todos os seus.

Seu do C.

R.

L. fev., 9, 1895

Meu caro Jacobina

Recebi, em 5 do corrente, o seu telegramma, annunciando-me a publicação da minha carta. Infelizmente já muito arrependido estou de haver principiado a série. Creio que terei de interrompê-la; ou, si continuar, será irregularmente, ao menos enquanto a minha saúde não melhorar. Acho-me soffrendo agora, com effeito, de uma profunda anemia, consequencia dos graves incommodos e desgostos que curto ha anno e meio.

Estamos aqui agora, como se diz nesta terra, *in the grip of the frost*. O inverno que no começo admirava pela sua insolita benignidade, de quinze dias para cá espantou pela sua quasi inaudita aspereza. O *Times* qualifica-o como quasi sem precedentes: "*of an almost unprecedented severity*". O thermometro desceu a 35 graus de gelo na escala Fahrenheit; o que corresponde a quasi 21 graus centigrados abaixo de zero. E continúa a baixar. Os meteorologistas carecem de recuar quarenta e tantos a cincoenta annos para encontrar termo de comparação. Estamos com a agua gelada em todo o encanamento da casa, de modo que para o indispensavel do serviço domestico é preciso mandal-a buscar na rua, e a comida faz-se em fogareiros, porque o fogão da cozinha não se accende, para evitar a explosão certa. Em muitos pontos da Inglaterra não ha memoria, *em todo este seculo* de tão extraordinario frio. Felizmente em Londres, a cidade mais salubre das grandes capitães da Europa, não tem havido vento, nem humidade... Graças a isso, vamos atravessando esta tremenda intemperie, sem deixar de sahir á rua, nem soffrer doença alguma na familia. Em Vienna ha quarenta graus de frio, e morre-se fulminado nas ruas por effeito delle. Em Paris a baixa thermometrica tem sido muito mais seria do que aqui, e isso com um terrivel cortejo de chuvas e ventanias. Ha quatro ou cinco dias, em um

dos cemiterios daquelle cidade, cahiu fulminado por uma congestão cerebral *a frigore* um padre, que officiaava num enterro. Sob esta inclemencia o que é ainda peor do que ella é o espectáculo das agonias da miseria, não obstante as *dezenas de milhões* que a caridade publica e particular despense magnificamente em Londres todo anno para allivial-a. Estava-me reservado ter, neste assumpto, a experiencia dos extremos, assistindo em Buenos Aires, a um verão de que não havia exemplo *ha meio seculo*, um verão que seccou até os lagos, e que matava o gado ás centenas de milhares de cabeças, e contemplando aqui o *white frost* em toda a sua plenitude. Hoje pelas ruas as pessoas que passam, têm agulhas de gelo nas barbas.

Adeus, meu bom Primo. Tenho a mão direita quasi invalida pelas friciras, que são um verdadeiro soffrimento. Felizmente os pés, incolumes até hoje, transportam-me bem, sob a minha couraça de lãs, nos meus longos passeios atravez da metropole gelada, onde as casas estão agora brancas e até os wagons das vias ferreas ostentam os seus sobretejadilhos de neve, enquanto o gelo, que se desdenha em ramos de flores nas vidraças, não se desdenha de debuxar em phantasias caprichosas a pelle dos cavallos no trafico incessante das ruas.

São 8 horas da manhã, meu Primo. V. prova-

velmente levanta-se agora da cama, já queixoso do calor, enquanto nós accendemos o carvão em todos os fogões e o gaz em todos os bicos.

Todos d'aqui se abraçam saudosos ao Primo, á Prima e a todos os seus.

Seu do C.

R.

L. 17 fev. 95

Meu caro Jacobina

Escrevo-lhe hoje, para me junctar, com todos os meus, ao Primo e á Prima e a todos os da rua dos Invalidos na celebração do anniversario de Belinha (1), a quem desejamos, eu e Maria Augusta a mesma felicidade que a nossas filhas.

Para lhe dar idéa de como vamos por aqui ultimamente bastaria dizer-lhe que estão doentes, nesta casa:

Maria Augusta	(influenza)
Adelaide (2)	(")
Annita (3)	(")
Baby	(constipação)
Chiquita	(")
A ama portugueza	(")

Felizmente a influenza não foi das graves,

(1) Isabel Jacobina Lacombe.

(2) D. Adelaide Dobbert, irmã da Sra. Ruy Barbosa.

(3) Anita Dobbert, filha da precedente.

comquanto deixasse M. Augusta muito mais balda de forças do que o nascimento da creança. Ao mesmo tempo, Ruysinho me annuncia da Suissa que todos os seus companheiros de pensão estão de cama com graves ataques de influencia. Elle mesmo, ainda não acommettido, está seriamente constipado. Imagine como ando. A casa é um hospital. Mal tenho onde trabalhe; porque o meu escriptorio está sendo enfermaria de Chiquita. Receio que Dedelia tambem caia, porque anda rouca. Esta minha fillinha cada vez nos dá mais provas de uma bondade extraordinaria, que me faz ao mesmo tempo muito feliz e muito triste. Será bom ser bom, neste mundo? Releve-me a blasphemia. E' um pensamento mau que passou.

Os inclusos extractos de jornaes dar-lhe-hão pallida amostra da crueza deste inverno excepcional. Entretanto, Paris está ainda peor do que Londres. Aqui, na penultima semana, a mortalidade foi de 1.700 obitos, sobre uma população de 6.000.000 de almas. Na mesma semana Paris, com menos de 3.000.000, contou 1.400 mortes. Em Vienna os lobos tem despedaçado gente até nos suburbios das cidades. Londres não estava preparada para estes frios. A construcção ordinaria de suas casas não estava calculada para invernos tão duros. D'ahi a congelação de agua nos encanamentos, o que é um flagello, pois inhiibe até de acender as cozinhas, a ameaça de congelação do

proprio gaz, e terriveis soffrimentos para a população pobre. Na Russia o proprio camponcz, a gente mais pobre, o *moujik* soffrem commumente 50 a 70 graus de frio, porque o miseravel tem, pelo menos, as suas pelles de carneiro, a edificação das casas é appropriada, o systema de calorificação mais efficaz, e as vidraças duplas, podendo fechar-se hermeticamente. Na Allemanha succede o mesmo. Estamos já com 28 dias de *frost* duro, profundo, tenaz. Quando acabará? Os observatorios ainda não ousam prognosticar. Hoje, entretanto, me parece descobrir alguns signaes de melhora. Em seguida teremos de atravessar Março, o mez aqui dos grandes ventos.

O meu negocio das minas vae muito bem. A companhia, lançada no sabbado, teve no mesmo dia agio consideravel sobre as suas acções. Espero tirar d'ahi, si continuar bem, com que resarcir as minhas despezas no estrangeiro durante estes dezoito mezes e os mais que ainda tenho de ficar. Aguardo com impaciencia cartas suas sobre o assumpto, a cujo respeito o Primo esperava escrever-me depois de 15 de janeiro.

Um abraço do amigo do C.

RUY

L. 22 fev. 1895

Meu bom Jacobina

Recebi, ha dias, as suas duas de 27 do p.p., que foram lidas aqui com a costumada avidez.

Agradeço as noticias que me dá sobre o movimento politico. Seus juízos me habilitam a alguma orientação, que por mim mesmo, na ausencia de certas informações, me é difficil estabelecer. Apenas leio aqui o *J. do Brasil*. (E, a proposito, peço que me assigne a *G. da Tarde* e a *de Noticias e o Apostolo*). Infelizmente até esta data não me chegaram ás mãos os jornaes que o Primo em sua carta diz enviar-me. A falta é certamente do correio d'ahi. Senti-me do logro, porque o seu aviso despertou-me curiosidade.

A' "pergunta commum dos amigos — quando volta— ?" ainda não sei responder. A consultar o meu coração, fal-o-ia immediatamente. Mas detenho-me deante de algumas considerações. Parece-me aconselhavel, principalmente, aguardar que a opinião esteja mais desopprimida dos ultimos terrores, e que se faça mais completa justiça ás victimas. Depois, tenho aqui agora certos interesses, que devo ver se abortam ou fructificam. Entretanto, não se admire (qualquer circumstancia pode-me determinar a isso), si de um momento para outro receber telegramma d'aqui, annunciando-lhe a minha partida, bem que eu esteja de casa alugada até 18 de junho.

A proposito: de 18 de março em deante o meu endereço aqui passa a ser 17, *Holland Park Gardens, West Kensington*, indicação da nova casa para onde me vou mudar o mez que vem.

Sei quanto o primo é sollicito e desvelado comnosco. Si, pois, lhe expedi, o mez passado, dois telegrammas quasi successivos sobre o dinheiro, não foi para actual-o, mas pelo reccio, que me causou o aviso, que do telegrapho recebi, de interrupção numa das partes da linha (entre Cadix e Teneriffe). Eu tinha-me compromettido a entrar numa transação urgente, de cujos resultados breve lhe darei conta definitiva, e tinha impaciencia pela sua resposta, unicamente para saber si o despacho lhe fora ter ás mãos.

A minha lista de doentes cresceu. Agora é Joãozinho quem cahiu doente. A influencia poupou-lhe os orgãos respiratorios, e atacou-lhe o apparelho digestivo, — especie mais benigna apesar da febre. Estou agora com cinco enfermarias em casa, uma das quaes é a *salla de visitas*. Felizmente nenhum dos casos foi grave, comquanto quasi todos tenham produzido grande extenuação nos doentes. Mas passei por muitos sustos, inclusive o de diphtheria, que me levou a mandar vir apressadamente de Paris (por telegramma) o serum anti-diphtherico, de que agora estou munido. O inverno agora principia a dar ligeiros indicios de despedida. Entretanto, ainda não se póde confiar, emquanto o degelo não começar seriamente.

Hontem recebi do Rio um telegramma *anónimo* nestes termos: "Victoria. Juiz. seccional re-

formas militares. Hurrah maior campeão liberdades civis militares tempo legalidade". Quer isto dizer que o juiz federal sentenciou a favor dos meus clientes na famosa questão? E' um triumpho, que eu não esperava, descrente como estou das qualidades moraes da nossa magistratura.

Imaginamos o desgosto de Belinha com a morte da sua ama, especialmente nas circumstancias barbaras que a envolveram.

Saudades á Prima e a todos.

Seu pr. do C.

R.

L., 5 de Março de 1895

Meu caro Jacobina

Mal tenho tempo de responder, correndo, á sua carta de 9 de fevereiro, que reccebi ha quatro dias. De outro modo não ganharei a malla suplementar, via Lisboa. Não pude fazel-o antes, porque tambem paguci o meu tributo ao formidavel inverno, soffrendo um resfriado muscular, que bastante me martyrisou. Por felicidade não durou mais de tres dias. Os meus doentes estão todos curados, e as meninas voltam hoje ao collegio. Baby é quem não está de todo boa, tanto mais quanto agora assoma a época da primeira denticão — Entretanto a invernia persiste com uma tenacidade singular.

Sei quanto o primo é sollicito na sua ami-

sade, e vejo a que ponto tem chegado para comigo. Si, portanto, lhe expedi segundo telegramma, antes de dar tempo a que o primeiro pudesse ter resposta, não foi para actual-a. Julguei necessaria a insistencia, porque, depois de enviado o primeiro, tive aviso de que a linha soffrera uma interrupção entre Cadix e Teneriffe.

Ahi vac segunda missiva para o *J. do Comercio* (1). Pêço-lhe que inste com o Tobias (2) por cuidado na revisão. A primeira sahiu bastante inçada de erros. Bem sei que entre nós isso é quasi impossivel de evitar. Mas ao menos convem reduzi-os ao minimo, desde que se tracta de trabalhos de character litterario. Tenho achado tão mediocre tudo o que me sae da penna, que o desleixo typographico não deixará afinal nesses escriptos coisa alguma aproveitavel.

Agradeço as informações politicas, que tão pacientemente me escreve, assim como as folhas, que depois de algum atrazo, tenho recebido agora regularmente.

Vejo a sua opinião sobre a minha renuncia. Tenho oscillado muito entre os dois alvitres contrarios, e o que o Primo diz parece-me judicioso. Mas vejo difficuldades muito sérias á minha continuação na cadeira de senador, onde já não te-

(1) "As Bases da Fé" — *O Livro de Mr. Balfour.*

(2) Tobias Monteiro.

não as sympathias dos que me elegeram. Como poderei eu continuar alli, lado a lado com essa gente, que assistiu impassivel, na Bahia, á tentativa escandalosa de prisão contra mim, e não teve sequer uma palavra, com que protestar depois contra ella na tribuna, ou na imprensa ?...

Não creia que os seus conselhos me magoam, eu que eu tenha mimos de moça bonita, para não ouvi-los com reconhecimento e proveito. Póde estar certo de que a sua amizade não tem, para mim, expressão mais significativa, e que aprecio tão sensivelmente a sua franqueza como sua bondade. Não vejo mesmo na primeira senão um effeito da segunda.

Vejo que venci a questão dos generaes e lentes demittidos, perante a justiça federal. E' um triumpho, que me surprehendeu, attenta a desmoralização geral do paiz. Noutra terra esse arresto seria recebido como a primeira conquista séria para a liberdade constitucional. No Brasil não sei si elle terá merecido as honras do commentario.

Espero o negocio, em que me tem fallado. Calculo que, com o recibo postal, que lhe mandei, terá apparecido a carta retida pelo correio. Faço nisso muito empenho. Contando com isso, não escrevi segunda ao Joaquim Lucio. A primeira era tão longa e cheia de assumptos, que não poderia suppril-a de memoria noutra edição.

Abraçamos á Prima e ás Primas. Saudades ao meu martyr Totom (1).

Seu do C.

R.

L. 10 de abril de 1895

Meu caro Jacobina

Hoje, para não perder o correio, apenas posso escrever-lhe quatro palavras, para lhe agradecer muitissimo as suas duas cartas de 14 e 19 do passado, e tranquillizar-o quanto á entrega dos jornaes, que tem sido regular. Não me posso queixar do correio brasileiro. Tenho até recebido varias cartas com endereço directo a mim. O *Jornal do Commercio* vem assim, e não ha motivo para que o *Jornal do Brasil* não seja remetido do mesmo modo.

Pelo proximo paquete lhe escreverei extensamente sobre tudo — Agora apenas lhe direi que se achar necessaria a minha presença ahi, se entender que me fica mal a ausencia, si a opinião reclamar o meu comparecimento, mande-me um telegramma, dizendo-me quando começarão os debates; porque então só não acudirei, si estiver doente.

O cartapacio incluso mostrar-lhe-ha que não

(1) Antônio Jacobina Junior; refere-se á prisão narrada á pag. 206.

estou vadio (1). Péço-lhe que recomende a revisão ao Tobias (2), dando-lhe lembranças minhas, e dizendo-lhe que tambem pelo primeiro vapor lhe escreverei. E' um trabalho sério o que agora lhe envio. Tractei do assumpto *con amore*. Ainda não sei si terá sido publicada, nem mesmo si lhe chegou ás mãos a minha segunda, concernente ao livro de Balfour.

Adeus, meu bom Jacobina. Muito me alegrou o firme procedimento do governo. Porque não seguirem coherentemente esse caminho ?

Saudades e abraços á Prima e a todos.

Seu do C.

R.

P. S. Como é demasiado extensa essa carta, convirá provavelmente dividil-a em duas ou 4 partes. Eu marquei a lapis vermelho 4 divisões convenientes.

L., 9 de maio, 95

Meu caro Jacobina

Estrevo-lhe apenas duas palavras, para não deixar partir a carta do *Jornal do Commercio*, que hontem foi posta no correio, sem lhe dar noticias nossas. Aquella carta estava prompta desde 2 do

(1) E' a terceira "Carta de Inglaterra": "*Lição do Extremo Oriente*", sobre o problema naval.

(2) Tobias Monteiro.

corrente. Mas era preciso revel-a, e eu, de cama, como ainda estou, não n'ò poderia fazer. Afinal me resolvi, e peiorei com o esforço. Afinal lá vai mais esse *opusculo* (1) (não é uma carta) V. julgará se isso são trabalhos para se retribuirem pela tarifa usual. Eu pretendo absolutamente não aceitar nada, porque o que parece me querem offerecer é irrisorio. 5 ou 7 libras tenho eu por qualquer parecer forense, e as minhas cartas custam-me, não horas, mas dias de trabalho. Nem por isso, entretanto, deixarei de continuar a escrever alguma coisa, si a minha saúde, *sempre declinante*, m'ò permittir.

Ella acaba, com effeito, de obstar a minha partida para o Brasil no dia 5, como era minha idéa. Mas não só o meu estado geral se tem aggravado consideravelmente, senão que ainda me sobreveio molestia aguda, que ha dias me traz confinado ao quarto. Apanhei uma angina, com febre violenta, que só hontem me passou de todo. Acho-me com isso mui enfraquecido. Demais, é grande o desgosto, por que tenho passado com o mallogro da minha ida. Eu ia fazer o sacrificio de deixar a familia por algum tempo, visto como agora me era impossivel levar-a. Apesar da opinião divergente de alguns amigos, eu acreditava

(1) É a quarta "Carta de Inglaterra"; "*Doas glórias da humanidade*".

que o meu dever me chamava ao congresso, e a decepção, que soffro, vendo-me impossibilitado de cumpril-o, tem-me acabrunhado o espirito, piorando me muito a saúde. Aliás ella hoje é tão má, que eu não sei se poderei com a lucta. Demais, vejo que ahí a minha repatriação é indifferente ainda áquelles, como os membros opposicionistas do senado, que deviam ter muito interesse na minha volta. Recebi, é verdade, o seu telegramma, dizendo-me que "os companheiros esperam". É tão tibia, porém, essa maneira de se manifestarem! Não seria natural que aquelles de quem eu passava por chefe, me chamassem directamente, animando-me assim a regressar, e dando ao meu regresso outra expressão ?

O meu plano agora é voltar em junho com a familia, para o que começo a providenciar. Quero ver se levo uma boa *governess*, para concluir a educação das meninas. Sae-me muito mais barato, e livra-me do sacrificio, muito difficil, de deixal-as aqui.

Hontem mandei-lhe pedir por telegramma 500 £, porque estou com £ 1.200 empatadas em um negocio.

Tenho recebido todas as cartas, que o Primo com tamanha bondade me tem escripto, e cujas datas não posso accusar agora, por estar escrevendo da cama, como já disse, e com muito esforço.

Quanto á politica do Brasil, agradecendo-lhe as suas informações, que tanto me têm esclarecido, apenas lhe posso dizer que me sinto muito triste, deante da debilidade do governo. Aqui passamos ás vezes trinta e quarenta dias sem telegrammas do Brasil na imprensa. Mas ultimamente despachos publicados em varios jornaes annunciaram mais um motim militar e a reunião dos generaes, em que se deliberou apoiar o Prudente. Quando os soldados deliberam e protegem o governo, a que deviam simplesmente obedecer, mal vae elle. Depois, a linguagem do Presidente da Republica na mensagem acerca do Rio Grande é de uma infelicidade inxcedivel. Diz que aquelle movimento obedece a "elementos suspeitos, que podem ameaçar as instituições republicanas". Isto, além de ser uma fabula tola, revela da parte do governo as disposições menos conciliadoras.

Acceite, meu bom Primo, os nossos parabens pelo nascimento da sua ultima netinha. Elles se dirigem tambem á Prima: e espero que um e outro nos façam o favor de transmittil-os a Belinha e ao Domingos, enquanto lhes não escrevo.

Adeus, meu caro J. Cria-me cada vez mais seu amigo do C.

R.

P. S. Tenho recebido o *J. do Com.* irregularmente. Da minha segunda carta, por exemplo, apenas me chegaram ás mãos as duas primeiras par-

tes, de sorte que nem sei em quantos numeros sahiu á luz, nem se sahiu toda. O que sei é que a revisão se mostra cada vez peor; o que me desgosta em extremo, porque em trabalhos de capricho litterario esses borrões desanimam o escriptor, e acabam por obrigar-o a deixar a penna. Não seria possivel, além dos jornaes que me enviam inteiros, remetterem-me em carta, cortados, os meus artigos? Desejo reunil-os depois em folheto, e preciso revel-os para esse fim.

L., 11 maio, 95

Meu caro e bom J.

Com a manhã de hoje o "Financial News" traz-me esta noticia:

ALLEGED CONSPIRACIES IN BRAZIL

RIO DE JANEIRO, April 23 — *Despite assurances of the Government that Brazil is in a peaceful state, it is known that an extensive conspiracy exists against the Moraes administration. The States of Parana, San Paulo, Santa Catharina, and Rio Grande favour the restoration of the Peixoto régime. The Minister of Marine has visited the warships to make inquiries with a view to removing various officers known to favour the Opposition. (1)*

(1) "Faladas conspirações no Brasil. — RIO DE JANEIRO, 23 de Abril. Apesar das afirmações do Governo de

Bem vejo que ha engano quanto a adhesão dos estados á restauração florianista. St^a. Catharina, Paraná, São Paulo e Rio Grande querem dizer Moreira Cezar, Castilho *et reliqua*. O governo continúa, pois, á mercê do elemento militar, ou melhor do elemento florianista, e, como não ousa ter juízo em relação ao Rio Grande, indispõe, ao mm^o. tempo, contra si o elemento oposto. Seria difficil ser mais supinamente infeliz e desasado.

Essa noticia vem explicar-me a baixa do cambio a 9 1/16 e a quêda violenta dos titulos brasileiros. Medido por esse thermometro, estamos, portanto, como nos maus dias do dictador. E o proprio governo aggrava singularmente a situação, declarando, na sua mensagem, que a revolução rio-grandense ameaça a estabilidade da Republica! Uma revolução vencida e estrangulada, ha tantos annos, pelas declarações officiaes no paiz e estrangeiro? De que credito pôde gosar um tal paiz? E' preciso estar aqui, meu J., para sentir a immensidade do desprezo europeu por nós!

que o Brasil está em situação pacífica, é sabido que uma extensa conspiração existe contra a administração Moraes. Os Estados de Paraná, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul são favoraveis á restauração do Governo Peixoto. O Ministro da Marinha visitou os navios de guerra para fazer inquéritos afim de transferir vários officiaes conhecidos como favoraveis á opposição".

Ainda ante-hontem, a proposito da baixa dos titulos brasileiros, dizia o *Financial News*: "Os que comprarem taes papeis, só de si poderão queixar-se; pois esta folha todos os dias está a aconselhar o publico a que não faça transação alguma sobre titulos brasileiros" ! E aqui está o que lucra o governo do Itamaraty em ter armada permanentemente contra nós a hostilidade de uma potencia financeira como esse jornal. Mas, emfim, quem tem no Ministerio o Carlos de Carvalho (1) e na imprensa o José Carlos (2), não precisa de outros auxiliares...

É a intervenção italiana ?

É o caso de Nicaragua ? Ainda ha poucos dias toda a imprensa ingleza declarava que o procedimento do governo britânico nesse negocio era apenas uma amostra do processo de execução que este paiz está resolvido a empregar na cobrança das suas dividas sul-americanas.

Meu caro Jacobina, estas linhas foram provocadas pelo telegramma da poderosa folha da City. Ainda não estou capaz de grande esforço, bem que já de pé.

Accete e transmitta á Prima e a todos os seus as nossas mais vivas saudades, que estas e ou-

(1) Carlos Augusto de Carvalho, ministro das Relações Exteriores de 1894 a 1896.

(2) José Carlos Rodrigues, director do "Jornal do Comercio".

tras noticias continuam a mixturar de tanta tristeza.

Seu do C.

RUY

P. S. Leia a minha carta sobre as duas "glorias da humanidade". Se não gostou, ou achou inconveniente, não publique. V. tem carta branca para isso e tudo o mais, no que me disser respeito.

L. 23 de maio, 95

Meu caro Jacobina

Inclúo a resposta a uma aggressão do Affonso Celso F^o., de que me enviaram de S. Paulo um exemplar. (1) Escrevi-a esta noite a correr, e sofrendo, porque a minha cabeça com a sua continua zoada e outros phenomenos, creio que de anemia, não cessa de flagellar-me, e entretem-me constantemente um estado de excitação nervosa, que me inhabilita para o trabalho. Eu destino esse escripto para o *Jornal do Commercio* (bem que não como parte da minha serie), si V. o julgar digno de publicação, e si a elucidação do ponto valer a pena, como me parece. Creio que, sendo o incidente provocado pelas minhas *Cartas de Inglaterra*, cujo trabalho é gratuito, tenho di-

(1) Está publicada no final das "Cartas de Inglaterra" sob o título: MINHAS CONVERSÕES.

reito á inserção na parte edictorial. Caso assim não seja, porém, rogo-lhe o favor de pagar a publicação em entrelinhado. Quero ver si pelo vapor de 30 envio a minha carta, cujo assumpto, si eu tiver saúde, para mais este ensaio, consistirá na annullação do *Income Tax Act*, nos Estados Unidos, por sentença proferida pelo Supremo Tribunal Federal ha tres dias. Esse estudo será uma resposta aos que, no Brasil, esquecendo as attribuições da justiça no regimen americano, julgam que a absolvição do congresso tem força juridica para subtrahir á acção futura dos tribunaes os crimes da dictadura.

O José Carlos (1) ainda não appareceu por aqui. Estou ancioso por colher de uma testemunha como elle informações vivas sobre a nossa situação. Creio que ella peiora, isto é, que o governo actual se sente cada vez mais fraco, pois se annuncia o addiamento da pacificação, a linguagem da imprensa, que a advogava, arrefece, e, ha dias, o *World* publicou um telegramma do Rio noticiando que, no Congresso, se pretendia decretar a guerra ao Estado Oriental como remedio heroico para extinguir a lucta. Da actual legislatura não ha imbecilidade, que se não deva esperar. Essa seria, não o termino da guerra civil, mas o

(1) José Carlos Rodrigues, director do "Jornal do Comércio."

começo do desmembramento da patria decretado pelos depositarios officiaes da sua integridade. A debilidade do Prudente sente-se de um modo muito notavel na conservação dos empregados florianistas e no provimento dos empregos vagos em florianistas dos mais conhecidos. O florianismo accentua-se em toda a nossa representação no exterior. O Assis Brasil (1) recebeu com a sua nomeação para Lisboa o premio dos serviços prestados na legação de Buenos Aires. O consul brasileiro em Londres é famoso pelo seu florianismo (2). Esse celebre sujeito encarregou, outro dia, o chanceller, com quem me dou, de "*ver na Constituição* si o dia 25 de março é feriado". Na delegacia do thesouro umas expansões de adhesão ao governo civil, que a principio tinham apparecido, cessaram de todo com a crença crescente nas probalidades favoraveis ao D. Sebastião de Alagoas. Em Paris um official revolucionario, amigo meu, batia-se, a semana passada, contra o pessoal official, abertamente contrario ao governo actual. O Alcindo (3) vem conferenciar com o St.^a Anna Nery, segundo este annuncia. Na praça de Londres falla-se correntemente na volta do Floriano. E eis ali o horisonte, conforme se pinta por aqui. Que me diz de lá o Primo ?

(1) Dr. Joaquim Francisco de Assis Brasil, ministro na Argentina de 1890 a 92, foi transferido para Portugal em 1895.

(2) Dr. Joaquim Carneiro de Menezes Junior.

(3) Alcindo Guanabara.

Adeus, meu caro Jacobina. Todos aqui se recommendam com o mais sincero affecto a V, á Prima Chiquinha e a todos os da rua dos Invalidos.

Seu do C.

R.

L., 31 de maio, 95

Meu caro Jacobina

O seu telegramma de hontem veio dissipar algumas illusões, já bem mal seguras, que eu ainda entretinha sobre a situação brasileira. Quando lhe perguntei, na vespera, pelo, fio, a ultima data admissivel para a minha partida em tempo de encontrar ainda os debates sobre a dictadura, é porque estava deliberado, apesar da minha falta de saúde e abatimento de espirito, a seguir, pelo vapor de hoje, pelo de 5, ou pelo de 14, conforme a sua indicação, afim de contribuir com a minha parte de esforço, conquanto sem esperanza de resultado. As minhas malas estavam promptas. E o seu telegramma anterior muito concorrera para me animar, com a noticia de que "friends meet to welcome you", o que eu tomei como indicio de que os espiritos mais independentes começavam a mover-se no proposito de oppor-se á victoria do florianismo no congresso. Mas a preterição da amnistia pelo projecto absolutorio da dictadura veio mostrar-me que os interessa-

dos nesta levam immensa vantagem aos interessados naquella, isto é, que o grupo do marechal continúa a cavalgar a nação. Aliás, devo dizer-lhe, meu Primo: a tal amnistia, nos termos em que fôra posta pelo barão de Ladario, me inspirava antes indignação do que confiança. Que pediu elle ? Esquecimento da culpa, quanto aos paizanos; castigo inexoravel dos militares. Esta amnistia parcial, com exclusão da classe em relação á qual ella seria mais politica e mais util, a mim se me affigura, si as minhas prevenções não me enganam, uma desforra do antigo ministro da marinha de sua magestade, ferido por um tenente, ás portas do quartel general, em 15 de novembro, contra a marinha, que naquella occasião o abandonou. E essa apparencia tanto mais evidente se me desenha, quanto elle, ao mesmo tempo, declara que teria accedido com prazer, como official general, o mando da esquadra peixotista contra a rebelde. O Gonçalves (1) roubou-lhe a oportunidade do seu despique contra o Custodio, (2) e d'ahi (ou eu muito, me illudo) as suas aggressões contra aquella indigna creatura. Sollicitando a punição implacavel dos seus companheiros, em nome de uma falsa disciplina, que para ser séria,

(1) Almirante Jerônimo Francisco Gonçalves, comandante da esquadra florianista.

(2) Almirante Custodio José de Mello, chefe da esquadra revolucionaria.

devia começar pelo respeito do governo militar ás leis do paiz, elle circunscreveu a clemencia aos paizanos, para os quaes a amnistia se fizera por si mesma, desde que estamos vendo o Americo Brasiliense (1) no Supremo Tripunal, o José Mariano na Camara (2) e o Demetrio (3), embaixador e agente financeiro da revolução, nas ruas da capital. Para os civis os unicos actos praticos da amnistia presentemente, seriam a eliminação do Castilho, (4), do Moreira Cesar (5) e do Barbosa Lima (6). Si, portanto, reduzida ao caracter anodyno que lhe deu o iniciador do projecto no senado, nem assim ella agrada aos arbitros da situação, é porque estes se sentem com força para recusar tudo. E disso me parece termos a prova concludente na mensagem inaugural da sessão legislativa, onde a linguagem do presidente da republica respira guerra até o exterminio dos revolucionarios. A formula — pacificação depois de depostas as armas pelos insurgentes — não é uma formula de paz, é uma formula de guerra, envolvida numa ironia, ou numa asneira. Ou então todas as declarações de

(1) Americo Brasiliense de Almeida Mello.

(2) José Mariano Carneiro da Cunha.

(3) Demetrio Ribeiro.

(4) Julio de Castilho.

(5) Coronel Moreira Cesar.

(6) Alexandre José Barbosa Lima, governador de Pernambuco.

guerra são propostas de paz; por que todas envolvem, por parte de um dos combatentes, o pensamento de paz subsequente á capitulação do outro belligerante.

Li numa folha que o primeiro topico da mensagem era totalmente diverso, mas fóra substituido pelo que se vê graças a influencias mais poderosas do que o chefe do estado. Essa transformação deve ligar-se provavelmente á viagem do Bismarck de Campinas ao Rio de Janeiro e ao seu interesse em justificar pela linguagem do Prudente o asserito que o identifica á politica Florianista. Ao mesmo tempo, vi, por uma carta ao José Carlos Rodrigues, do seu representante no *Jornal do Commercio*, que houvera realmente, em S. Paulo, qualquer trama em favor do Marechal. De tudo isso deprehendo que o Prudente foi victima de uma verdadeira cilada. Entregaram-n'o *moralmente* ao elemento *restaurador*, isolando-o das sympathias que o consideravam como um recurso contra esse elemento funesto. Dest'arte não ganhou elle as boas graças do florianismo, que continúa a ser o seu inimigo, o candidato á sua successão por um meio extra-legal qualquer; mas perdeu de todo as daquelles que aspiram ver emancipado o paiz do dominio militar. A conspiração não podia ser mais perversa; e o *dupe* não podia ser mais ingenuo. Vejamos agora si elle completará as arrhas de alliança, fazendo eleger

pelo Rio de Janeiro o marechal para a vaga senatoria do Saldanha (pobre Sadanha) (1)!, porque só o governo teria força para esbofetear a nossa honra com essa eleição.

Ora, meu caro Jacobina, eu não quero fazer opposição ao presidente actual, porque não quero carregar com a minima parcela de responsabilidade na sua queda, cujos despojos reintegrariam no poder o odioso pretendente. Mas, por outro lado, estando no congresso, não poderia resistir aos meus impulsos contra a attitude inepta e cruel deste governo. Assim o melhor me parece que é demorar ainda o meu comparecimento, em explicação do qual lhe peço o favor de apresentar ao senado o officio incluso. O José Carlos Rodrigues entende que eu deveria ir, mas *abstendo-me do debate*. Tal procedimento, porém, seria, a meu ver, injustificavel. Em todo o caso eu não me sinto com forças para essa impassibilidade, que, estou certo, de mais a mais, as provocações adversas não me permittiriam manter.

Péço-lhe entretanto, meu caro Primo, que rectifique as minhas impressões, onde erroncas, e me esclareça com os seus conselhos, aos quaes obedecerei; porque é muito difficil julgar á distancia uma situação tão embrulhada como a nossa.

(1) Cons.^o. Joaquim Saldanha Maranhão, senador pelo Distrito Federal.

Aqui é corrente a idéa da restauração florianista. Todo o elemento official, em Londres e Paris, — consulados, legações, delegacia do Thezouro, — festeja disfarçadamente a imminencia do acontecimento, que é, para essa gente, a volta das vaccas gordas. O José Carlos Rodrigues não considera nada segura, ao que me disse, a ordem actual de coisas. D'ahi me tinham dito que elle regressaria em julho. Mas elle principiou por me fallar em agosto, ou setembro, e acabou dizendo-me que se iria deixando ficar por aqui. Essa perspectiva me aterra; porque eu decididamente não poderia recommençar nova estadia no estrangeiro, sangrando como já me acho. Mas o horizonte me parece mui escuro. O governo que para aqui manda pregoar, a toque de trombeta, a reposição do Traipú (1), de cuja queda, em Alagoas, ninguem, na Europa, dera fé, eterniza ao mesmo tempo, a revolução riograndense, unico facto brasileiro com que sériamente se occupam os capitães europeus, sabendo-se que ella consome 4.000 contos, termo médio, mensalmente, e que o estado não dispõe de meios, para debital-as, por mais que o contrario affirmem as declarações officiaes, que aqui proverbialmente passam, por mentirosas. Muito receio que as velleidades de guerra ao Estado Oriental, enunciadas no congresso e auctorizadas pela lin-

(1) Manuel Gomes Ribeiro, Barão de Traipú, governador de Alagoas.

guagem imprudente do Prudente, nos venham a levantar complicações no Prata onde os argentinos dispõem de uma esquadra que, se encontrar bons officiaes nos dará bordoada até o céu da boca, uma vez que a nossa marinha desfalcada da sua melhor gente, não vale hoje um caracol.

Ao mesmo tempo, temo também que a revolução, levada ao desespero pelo castilhismo do governo actual, acabe por um movimento separatista, encontrando avidas allianças entre os nossos vizinhos. Incapaz e poltrão, o governo actual terá sido o principal responsavel de taes desgraças, que Deus affaste de nós.

Já lhe fallei no José Carlos Rodrigues. Elle veio procurar-me, apenas chegou, e esteve commigo desde as 11 da manhã até as 2 da tarde, jantando em nossa casa, pois era domingo e, aos domingos, segundo o costume inglez, o jantar é a 1 hora. Mas não me deu uma palavra sobre as minhas cartas ao *Jornal do Commercio*. Que me diz a isto? Não se me poderia dar maior signal de despreço por ellas e declarar-me mais sensivelmente que não se quer que eu as continúe. A isso, portanto estou resolvido, guardando mais esta lição, tanto mais quanto, pela demóra havida na publicação da 3.^a carta, me parece que ellas principiam, com effeito, a não ser gratas ao edictor da folha. Entretanto ainda lhe envio a 5.^a (1) (já se terá imprimido a 4.^a?, por já estar prompta ha dias,

(1) "O Congresso e a Justiça no Regimen Federal".

e me parecer muito opportuna. Ella remata, pois, a série, que eu talvez reuna em folheto, mandando-o tirar em Lisboa, e do qual lhe péço que me pergunte ao Laemmert si quer tomar a si a venda.

Li o que me diz em relação ao negocio do caminho de ferro. Para a construção de boas vias ferreas considero muito provavel a obtenção facil de recursos aqui. Péço-lhe, pois que me dê do assumpto e sua situação noticia mais particularizada, afim de que eu possa expor com clareza a materia, e sondar os meios de leval-a a effeito.

Permitta-me ficar aqui, por hoje, meu Primo. Não tenho animo de parar, quando começo a escrever. Mas estou cansado, em consequencia da fraqueza e excitação nervosa, que me dominam, e de que V. verá os signaes no proprio aspecto da minha letra. Estou ancioso por tornar a vel-o. Não creia que a estada na Europa tenha presentemente seducções para mim. Vivo muito infeliz. Cada dia que passa é um sacrificio.

Entre a minha gente não ha novidade. Toda ella se recommenda commigo á Prima, ao Primo e a todos os seus. Sempre, meu bom Jacobina, seu do C.

R.

L., 18 junho, 1895

Meu caro Jacobina

Ha muito que não temos aqui cartas de ninguem. Bera que o facto, para mim, esteja explica-

do pelas noticias do meu regresso este mez, grande é sempre a nossa impressão de tristeza, quando aqui se succedem os vapores sem letras dos amigos. Felizmente isso vae cessar com a minha volta, que agora se acha fixada p.^o o dia 12 de julho, vapor *Magdalena*. Estou de passagens encommendadas nesse navio, o mesmo que, em setembro de 1893, me conduzio do Rio a Buenos Aires e, oito dias depois, de Buenos Aires ao Rio. Vae comigo todo o meu rancho, mais o appendice da ama de Baby e uma *governess*. Afinal me vejo obrigado a não deixar as meninas; porque a saúde de Dedele, que ia optimamente, começou estes ultimos mezes, a desandar, e eu não me atrevo a deixal-a assim entregue exclusivamente a cuidados estranhos. Veremos o q. ahi se poderá fazer, para continuar a educação della aliás bem adiantada, como a da outra. Não se admire se receber novo telegramma, pedindo-lhe mais dinheiro, de que necessito para extraordinarios, a que a viagem me forçará.

Entreí com um emprestimo de 1.000 £ em uma companhia de minas de ouro australianas, sobre cujo futuro ha todas as razões de confiar, pois a importancia das jazidas auríferas se acha certificada por declarações dos profissionaes mais competentes attestando poder contar-se alli com uma proporção de 2 ½ a 5 onças do precioso metal por tonelada de quartzo. Estão-se assentando as ma-

chinas para o trabalho, q. os primeiros donos, (dois simples operarios) executarem a braço, já com excellentes resultados. Espera-se, pois que, dentro em breve, os titulos dessa associação estejam ao par, e se elevem acima delle. Ora, eu tenho nella, além das £ 1 000, que então me serão restituidas, *seis mil e quinhentas acções integralizadas de £ 1*, que representam o meu lucro. Ao par que seja, ellas correspondem a £ 6.500, que, realizadas, compensarão, com grandes vantagens, todos os meus sacrificios durante o exilio.

O José Carlos (1), afinal lembrou-se de agradecer-me as minhas cartas, e, comquanto me procurasse excusar-me, obrigou-me a acceitar por ellas remuneração em um cheque de £ 60. Já devem estar publicadas ali a 4.^a e 5.^a cartas, com que terminei a série. Que effeito terão produzido, bom, ou máu? Tinha muita curiosidade em sabel-o particularmente no tocante ás tres finaes, concernentes á marinha, á apologia do nosso Francia e aos actos inconstitucionaes do congresso.

Está me parecendo que o *Jornal do Brasil* até hoje não se desempenhou dos seus compromissos para comnosco, que, se me não engano, deviam vencer-se em março, ou abril. Sou levado a esse conjectura pelo seu silencio a respeito. E, a proposito: vejo que esse folha annuncia, ha muito, a publicação de uma carta minha ao Lorena. Essa

(1) José Carlos Rodrigues.

carta, em mãos de juizes de boa fé, seria para mim um documento de defeza, pois mostra como eu era alheio a revolução, quando o Floriano me obrigava a expatriar-me, e a minha adhesão posterior a ella, com a disposição de prestar-lhe todos os serviços ao meu alcance, é a que assumi descobertamente na imprensa do Prata e de Lisboa. Mas interpretada pela malicia dos meus inimigos, poderia dar ensejo a especulações aggressivas contra mim. Não sei, pois como o Joaquim Lucio deixa explorar-se essa *réclame* á minha custa. Não comprehendendo sequer, o procedimento desse jornal, que, avesso, como se mostra, á dictadura, está comtudo proporcionando elementos á perseguição, com a divulgação do archivo revolucionario, antes de celebrada a paz (1).

D'aqui lhe telegrapharei antes da partida com estas simples palavras "leave" (e a data).

Acho ocioso fallar-lhe mais em politica. Breve conversaremos sobre o assumpto, em que aliás tão de accordo estão as nossas impressões. Provavelmente esta será a minha ultima carta antes da partida.

Não sei si me terá escapado algum ponto, em que conviesse tocar. Agora não pensamos se-

(1) Na *Correspondência* publicada por Homéro Pires figura (pg. 73) uma carta de Ruy ao Comandante Frederico Guilherme Lorena, datada de Buenos Aires, 20 de outubro de 1893, com a indicação porém de ser inédita.

não no prazer de vel-os e abraçal-os quanto antes. Até lá accete á Prima, o Primo e os seus as mais saudosas lembranças de todos os daqui.

Seu do C.

R.

Caso eu não obtenha aqui boa *governess* para as meninas, poderia ter a fortuna de encontrar uma ali ?

Paris, 28 junho, 95

Meu caro Jacobina

Aqui, onde me acho em preparos para a minha volta ao Brasil, que está fixada para o dia 12 de julho vindouro no *Magdalena*, acabo de ser surprehendido com uma carta do Banco do Brasil, convidando-me a ir entender-me com elle sobre a liquidação do *meu debito* no Banco de Credito Real.

Não lhe posso exprimir o meu espanto diante dessa communicação, pois como o Primo verá da inclusa carta, que lhe peço o favor de entregar, esclarecendo logo o assumpto com a directoria do Banco do Brasil, com quem lhe rogo o obsequio de conversar sobre o caso, *nunca, absolutamente nunca*, devi um vintem ao Banco de Credito Real, com o qual *jamaiz* entrei em transacção de natureza alguma.

Deve haver *qui-pro-quo* neste negocio, ou,

si por accaso, existe algum titulo, é, sob juramento o declaro, falso e criminoso. Só me faltavam aborrecimentos desta ordem, para coroar a minha felicidade.

Sem cartas suas ha mezes, aguardo, para me desferrar o nosso proximo encontro. Saudades de todos á Prima e a todos os seus.

Sempre do C.

RUY

Devo acrescentar: nunca me metti em jogo da bolsa, negocios de praça, ou compra e venda de titulos etc.

Depois de concluida esta carta, volto ao assumpto; porque de momento em momento cresce o meu espanto com essa novidade inexplicavel. O Primo sabe como sou meticoloso em questões de compromissos pecuniarios. Nunca, nem nos meus tempos de maiores difficuldades, tive uma divida não paga no vencimento. Desde que resido no Rio de Janeiro nunca contrahi o menor debito em banco algum, a não ser o de 10 contos (dez contos), ha annos, no B. do Brasil, debito em que o meu nome figurou, mas cuja importancia se destinava ao Rodolpho Dantas, que a recebeu toda. Firmei, como presidente do Banco Impulsor *expressamente*, uma transação creio que no Banco de Crédito Real. Mas a divida não foi con-

trahida por mim e sim pelo presidente do Banco Impulsor. Esse cargo passou, depois, legalmente, da minha pessoa para a do Affonso (1), afinal, o Impulsor liquidou-se, e fundiu-se noutras associações, sempre com observancia de todas as formalidades legais. Carlito podel-o-ha informar, miudamente de tudo isto.

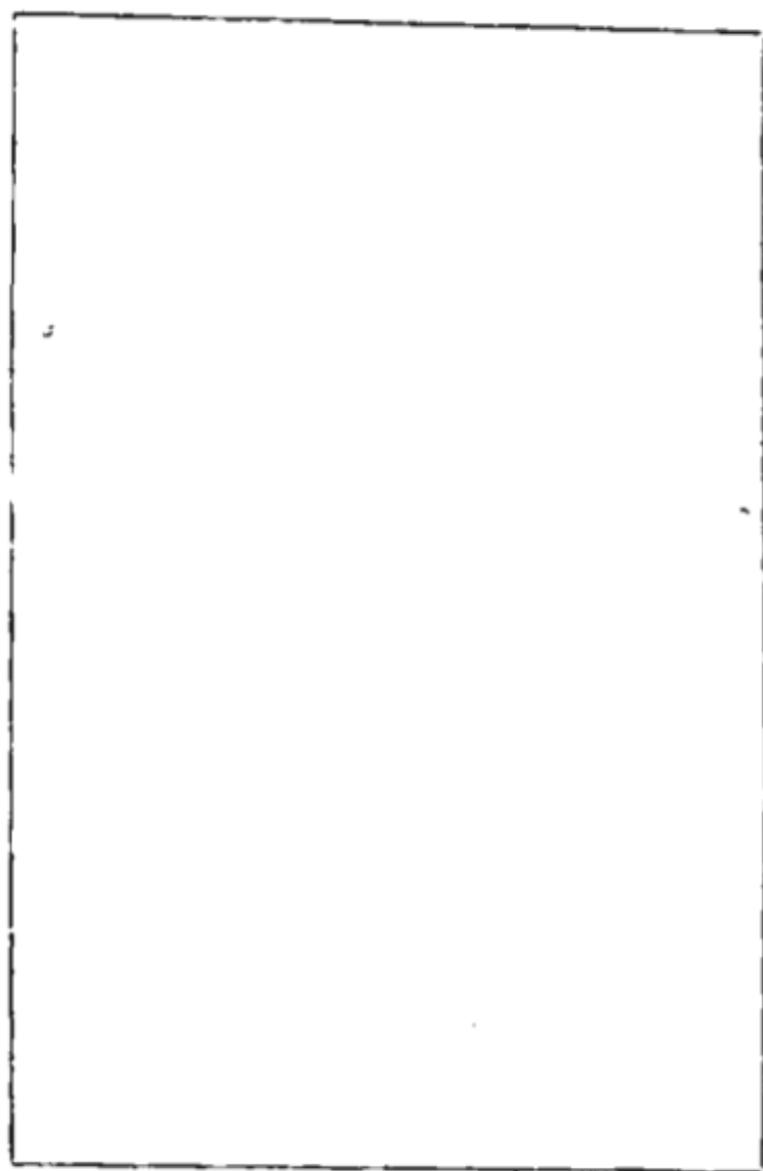
A que vem, pois, agora este destampatorio do Banco do Brasil ?

Estou aqui ha seis dias, e regresso amanhã para Londres.

Depois da volta ao Brasil, cessa a correspondência com o Dr. Jacobina. Os encontros frequentes, e principalmente o telefone, fizeram com que não restasse sinal de suas palestras. Pouco tempo tiveram para matar as saudades. Em 1 de Novembro de 1896, faleceu repentinamente Jacobina, cuja saúde se enfraquecia cada vez mais, como se vê pela correspondência.

Com o Dr. José Eustaquio Jacobina, (Cazuza) irmão do Dr. Antônio Jacobina, manteve também Ruy estreita amizade. Durante o período do exílio e principalmente por ocasião do embarque de sua família, demonstrara êle enorme dedicação. Foi o padrinho da ultima filha de Ruy. A êle se dirigem as seguintes cartas, datadas de Friburgo:

(1) Afonso Caminha.



DR. JOSÉ EUSTAQUIO FERREIRA JACOBINA

Friburgo, 2 de abril, 98

Jacobina, meu bom amigo

Acabo de receber as suas duas cartas de hontem e ante-hontem. Os seus sentimentos correspondem em tudo aos meus; e, se entre elles houvesse divergencia, fique certo de que eu me inclinaria ao seu criterio, á sua calma, á sua rectidão de animo, seguro de acertar melhor do que deixando-me levar pelos impulsos de um coração magoado e de uma alma transbordante de indignação. Nunca senti pelas vilanias humanas mais enjoos e pela sorte de nossa terra mais desanimo. Felizmente a fé em Deus se me vae accendendo, á medida que se me apaga a confiança nos homens. No incio de tantos desconfortos e iniquidades tenho-me entregado estes dias exclusivamente á leitura do Evangelho, a eterna consolação dos malferidos nos grandes naufragios. Uma excellente edição, que eu trouxera commigo, do livro divino, permittiu-me este recurso reanimador, graças ao qual me sinto, em certos momentos, como que resuscitar, capaz de ainda servir para alguma cousa aos meus semelhantes.

Afinal resolveu-se o governo a nomear o C. Soares (1) e o Guillobel. (2) Grande admiração

(1) Coronel Carlos Soares, comandante da Força Policial.

(2) José Candido Guillobel, Ajudante General da Armada.

para mim, que ha mais de um anno pregava em vão esses nomes !

E' inexacto que o meu telegramma a V. não levasse endereço. Levou o completo. A minha explicação ao Palm (1), pela qual muito obrigado lhe fico, tinha apenas por fim dissipar no espirito delle qualquer resentimento, que as circumstancias lhe pudessem inspirar.

Péço-lhe o favor de agradecer ao Ulysses (2) os seus serviços no negocio do Velloso a quem vou escrever.

Os nossos votos pela saúde sua, de sua boa Mãe (3) e de D. Marócas (4).

Seu compadre e am.^o do C.

RUY

Friburgo, 13 de abril, 1898

Meu caro Jacobina.

Péço-lhe o favor de fazer entregar ao Dr. Bartholomeu Portela, da *Revista de Jurisprudencia*, estes originaes impressos do meu discurso, dizendo-lhe que eu estimaria ver a prova de pagina, e que, se o admittirem, me proponho a escrever um pequeno prefacio, analysando o *accordam*. Por mais esta fineza, muito obrigado.

(1) Frederico Palm, consul geral da Hollanda.

(2) Dr. Ulysses Brandão, advogado, seu companheiro de escritório.

(3) D. Maria Mascarenhas Jacobina.

(4) D.^o Maria Jacobina, irmã do Dr. José Eustaquio.

Saudades e muitas saudações de todos.
Seu compadre e amigo.

RUY

Frib. 28 abril 1898

Meu bom compadre

Por adoentado não desço hoje a abraçá-lo, como lhe promettia no meu telegramma de hontem. Irei segunda feira, empregando estes dias em concluir trabalhos.

Muito obrigado pela sua carta de 23 e pelo que fez na questão Blom.

Todos aqui se recomenadam com viva amizade a V., a sua boa velha, a D. Marócas e a prima Chiquinha, que talvez ainda ali esteja.

E até breve, meu caro amigo.

Seu do C.

RUY

Faleceu em 1898 o Dr. José Eustaquio Ferreira Jacobina. Cessam aí as cartas longas de Ruy. Daí por diante sómente cartões e recados dirigidos a várias pessoas da família, não apresentam mais outro interêsse senão o de reliquias de uma grande amizade nunca interrompida.

Eis o que consta do "dossier" Ruy Barbosa do arquivo de minha família.

RIO, Natal de 1933.

INDICE DOS NOMES

- Abbot (Fernando) — 265
Abranches (Dunshee de) — 152
Abreu (Antônio Paulino Limpo de) — 272
Alonso Celso (Conde de) — 11, 324
Aguiar (D. Anita) — 243
Aguiar (Major Carlos Nunes de) — 153, 162, 165, 183, 188,
216, 217, 226, 240, 286, 287
Airosa (D. Francisca Ruy Barbosa) — 163, 166, 182, 201,
203, 251, 308, 309
Almeida (Dr. Caetano Vicente d') — 26, 38
Almeida (Cons. Caetano Vicente d') — 26
Amaral (Braz do) — 24, 26
Amaral (José Antônio do) — 146, 159, 169, 187, 189, 203
227, 251, 267, 286, 290, 293, 294
Amaral (João Carneiro do) — 110, 112
Amaral (Ualdino do) — 272
Andrada e Silva (José Bonifácio de) — 25
Andrada e Silva (José Bonifácio de) — O MOÇO — 70
Aragão (Barão Egas Moniz de) — 199
Assis Brasil (Dr. Joaquim Francisco de) — 326
Assis de Figueiredo (Afonso Celso de) — 94
Ataliba Nogueira (Barão de) — 69
Azeredo (Antônio) — 208, 213, 218
Baiense (Felipe Carlos) — 28
Balfour — 314, 317
Balmaceda — 178
Pandeira (Alfredo) — 98, 107, 110, 136, 137, 241, 286

- Bandeira (Carlos Viana) — 137, 147, 159, 161, 153, 169, 170, 182, 183, 187, 188, 189, 191, 197, 202, 214, 215, 216, 226, 245, 252, 286, 287, 292, 301, 304, 340
- Bandeira (Francisco) — 136
- Bandeira (D. Maria Luiza) — 137
- Baptista Pereira — 29, 36, 72, 75
- Baptista Pereira (D. Maria Adéila Ruy Barbosa) — 92, 109, 139, 165, 166, 182, 196, 201, 203, 243, 251, 285, 302, 309, 335
- Barbosa (D. Brites) — 45, 55, 56, 60, 65, 82
- Barbosa (Duarte) — 20
- Barbosa de Almeida (Chefe de Div. Hermenegildo) 26
- Barbosa de Almeida (D. Leopoldina) — 47
- Barbosa de Almeida (Luiz Antônio) — 26, 71, 91, 125
- Barbosa Lima (Gl. Alexandre José) — 329
- Barbosa de Oliveira (Cons. Albino José) — 7, 19, 21, 28, 33, 75, 91, 111, 117, 119, 124, 125, 128, 129, 130
- Barbosa de Oliveira (Albino José) — 61, 69, 80, 86
- Barbosa de Oliveira (Dr. Américo Leonides) — 54
- Barbosa de Oliveira (Antônio) — 20, 21
- Barbosa de Oliveira (Antônio 2.º) — 21, 25
- Barbosa de Oliveira (Antônio 3.º) — 26
- Barbosa de Oliveira (Antônio Américo) — 54
- Barbosa de Oliveira (Eng. Eugênio) — 57, 69, 72, 86
- Barbosa de Oliveira (Ildefonso) — 26
- Barbosa de Oliveira (D. Isabel Augusta de Souza Queiroz) — 32, 52, 55, 56, 66, 67, 68, 74, 80, 86, 93, 111, 120, 127, 141, 263, 267, 286, 287, 293, 305
- Barbosa de Oliveira (João) — 20
- Barbosa de Oliveira (Dr. João José) — 7, 26, 27, 36, 45
- Barbosa de Oliveira (Dr. José) — 21, 22, 24, 26
- Barbosa de Oliveira (Dr. José 2.º) — 40, 52, 56, 58, 69, 72, 74
- Barbosa de Oliveira (Dr. José Felix) — 54
- Barbosa de Oliveira (Dr. Luiz Albino) — 61, 69, 80, 175
- Barbosa de Oliveira (Cons. Luiz Antônio) — 21, 23, 24, 26,

- Barbosa de Oliveira (Dr. Luiz Carlos) — 54, 205, 206, 240
 Barbosa de Oliveira (D. Luiza) — 26
 Barbosa de Oliveira (D. Maria Adélia) — 26, 27, 31, 39, 45
 Barbosa de Oliveira (D. Maria Amélia) — 46
 Barbosa de Oliveira (D. Maria Leonor) — 48
 Barbosa de Oliveira (D. Maria Luiza) — 40
 Barbosa de Oliveira (Rodrigo Antônio) — 21, 26, 36
 Barbosa da Silva (Cons. Paulo) — 44
 Barros Leite (D. Genebra) — 32
 Barros Pertado — 32
 Barros Pimentel (Dr. José de) — 153
 Barroso (Sen. José Liberato) — 94
 Bassor — 130
 Belens — 57
 Benjamin Constant — 296
 Bocaiuva (Quintino) — 155, 299
 Blom — 343
 Bom Retiro (Visc. do) — 39
 Borges (Pero) — 14
 Borlido (Antônio da Costa) — 206
 Brandão (Manuel Francisco d'Almeida) — 63
 Brandão (Ulysses de Carvalho Soares) — 341
 Brasiliense de Almeida Mello (Dr. Américo) — 329
 Brasília — 64
 Buarque de Macedo (Cons.) — 128
 Buisson — 141
 Bulhões Ribeiro (D. Luiza B.) — 61, 72, 80, 86, 93, 120
 Bulhões Ribeiro (Dr. Oscar Adolfo) — 72, 127
 Cabo Frio (Visc. de) — 112
 Caetano (Manuel) — 173
 Caminha (Afonso) — 200, 216, 266, 340
 Campos (Manuel Jorge Xavier de) — 95
 Campos (Cons. Martinho) — 94, 111, 128, 129, 130, 149
 Campos Salles — 151, 247
 Candriani (Ricardo) — 192, 222

- Cardoso (Augusto de Assis) — 103
 Carneiro da Cunha (José Mariano) — 329
 Carneiro Leão (Honório H.) — 30
 Carneiro de Mendonça Júnior (Dr. Joaquim) — 326
 Carvalho (Carlos Augusto de) — 323
 Carvalho (Manuel Lopes de) — 205, 304
 Carvalho Leite (Dr. Manuel) — 226, 287
 Castilho (Júlio de) — 322, 329
 Castro (Cons. Azevedo) — 257
 Castro (Dr. Francisco de) — 157, 183, 195, 203, 227, 241,
 247, 260, 287, 302
 Castro Filho (Francisco de) — 158
 Cavalcanti (Dr. André) — 266
 Cibils (Buchareo Jayme) — 217, 218, 219
 Cisneiro (A.) — 256
 Coelho (Fernando) — 192, 194
 Calkins — 114, 115, 117, 121
 Conceição (Padre Antônio da) — 28
 Corrêa (Cons. José Antônio de Souza) — 257
 Costa Carvalho (José da) — 32
 Couto (Cons. José Luiz de Almeida) — 97
 Couto Ferraz (Luiz Pedreira) — 39, 40
 Cunha Junior (Sen. Francisco Manuel da) — 253
 Dantas (Dr. João) — 104
 Dantas (Cons. Manuel Pinto de Souza) — 65, 70, 97, 101,
 102, 129, 135, 148, 149
 Dantas (Manuel) — 120, 136, 144
 Dantas (Rodolfo) — 116, 117, 120, 123, 128, 129, 131, 136,
 137, 140, 142, 339
 Desbeaux (Émile) — 122
 Deus (João de) — 96
 Dobbert (D. Adelaide) — 250, 287, 308
 Dobbert (D. Anita) — 308
 Dobbert Carvalho Leite (D. Elena) — 226, 287
 Dobbert (Fernando) — 147

- Dobbert (D. Helena) — 147
 Dreyfus — 281
 Falcão (Anibal) — 160
 Feijó (P. Diogo Antônio) — 29
 Feijó (Dr. Luiz) Filho — 104
 Felipe II (Dom) — 14
 Fernandes (Manuel) — 110
 Ferreira Jacobina (Manuel) — 293, 303
 Ferreira (D. Maria Rosemunda de Matos) — 25
 Ferreira Viana — 254
 Figueiredo (Conde de) — 288, 297
 Fiske — 15
 Fomni — 38
 Fonseca (Marechal Deodoro) — 152, 299
 Freitas (Teixeira de) — 226
 Galles (Príncipe de) — 273
 Gavião Peixoto — 94
 Gianelli (Carlos) — 178, 191, 194
 Glicério (Francisco) — 151
 Godoy — 126
 Gonçalves de Almeida (Ant. Euzébio) — 71
 Gonçalves (Almte. Jerônimo Francisco) — 328
 Gonçalves da Silva (Dr. José) — 192, 277
 Gorceix (Dr. Luiz) — 148
 Gotusso (Ventura P.) — 187, 192
 Gouvêa (Velasco de) — 13
 Gravata (Antônio Gonçalves) — 56, 57
 Guai (Barão de) — 126
 Guanabara (Alcindo) — 246, 254, 255, 326
 Guillobel (Almte. José Cândido) — 341
 Hargreaves — 254, 255
 Hasselman (Ad.) — 169, 240
 Hentz (Mrs. Eleanor Leslie) — 122, 143
 Homem de Mello (Barão de) — 101, 126
 Inhomirim (Visc. de) — 57

- Jacobina (Alberto) — 139, 264, 266
- Jacobina (Dr. Ant.º d'Araujo Ferreira) — 7, 43, 45, 66, 89, 91
94, 96, 109, 112, 122, 124, 126, 130, 135, 148, 151, 153,
161, 164, 172, 175, 187, 192, 193, 204, 205, 208, 213, 236,
241, 249, 261, 285, 288, 290, 303, 317, 322, 323, 331, 334,
340
- Jacobina (A. A. F.) - Júnior — 124, 128, 136, 205, 206, 207
211, 220, 228, 229, 240, 275, 290, 316
- Jacobina (Eduardo) — 293, 290
- Jacobina (D. Francisca Ilídia Barbosa de Oliveira) — 45, 51,
61, 65, 70, 80, 86, 109, 111, 118, 119, 120, 126, 127, 139,
142, 153, 161, 204, 208, 215, 222, 223, 242, 243, 266, 287,
287, 290, 305, 343
- Jacobina (Dr. José Eustáquio Ferreira) — 103, 161, 165, 171,
179, 180, 207, 217, 221, 227, 240, 248, 267, 286, 293, 340,
343
- Jacobina (Manuel Ferreira) — 293, 303
- Jacobina (D. Maria) — 95, 111, 120, 136, 137, 161, 342, 343
- Jacobina (D. Maria Mascarenhas) — 303, 342
- Jacobina (D. Marietta Pizarro) — 264
- Januzzi (Comendador) — 172, 228, 242, 244, 252, 301
- Joana Angélica (Madre) — 21
- João IV (Dom) — 13
- Kuhn & Cia. — 292
- La'iche — 100
- Lacombe (Domingos Lourenço) — 156, 193, 194, 197, 204, 206,
221, 228, 229, 243, 267, 286, 287, 293, 320
- Lacombe (Henrique) — 249
- Lacombe (D. Isabel Jacobina) — 119, 122, 123, 155, 193, 204,
221, 228, 248, 293, 308, 313, 320
- Lacombe (Lourenço Luiz) — 249
- Lacombe (D. Maria Isabel de Mello) — 249
- Lacombe (D. Marietta) — 249
- Ladário (Barão de) — 328
- Laemmert — 134, 140, 263, 276, 286, 292, 334

- Lachmert (Grant) — 276, 292
 Leão Veloso (Senador) — 65, 111, 140
 Leite (Dr. Manuel de Carvalho) — 147
 Lemoine (John) — 100
 Limeira (Barão de) — 33
 Lira (D. Máximo Ramon de) — 157, 207, 231
 Lorena (Comte. Frederico Guilherme) — 336, 337
 Lúcio (Joaquim) — 169, 198, 226, 267, 286, 293, 305
 315, 337
 Luco (Orrego) — 182
 Macedo Costa (D. Antônio de) — 35
 Madeira (Felipe Carlos) — 28
 Madeira (General) — 26
 Madureira (Justiniano) — 67
 Manuel I (Dom) — 14
 Maroson — 254
 Maria I (D.) — 21
 Marinhos (Antônio Martins) — 170, 187, 207
 Marinho (Joaquim Saldanha) — 67
 Marques (Dr. Cesar Augusto) — 101
 Martins (D. Amélia de Rezende) — 264
 Martins (Francisco Gonçalves) — 54, 67
 Martins (Dr. João de Assis Lopes) — 264
 Martins (Raimundo) — 247
 Marx — 295
 Massow (Gustavo) — 140
 Medeiros (Sen. João Ernesto Viriato de) — 94
 Melo (Almte. Custódio) — 206, 328
 Meira e Vasconcelos (Sen.) — 111
 Mendes (Dr. João) — 94
 Monte Alegre (Marq. de) — 32
 Monteiro (Tobias) — 149, 167, 195, 197, 202, 206, 226, 281,
 287, 292, 302, 314, 317
 Moraes (D. Felícia M.^a da Penha de França de) — 23
 Moraes (José Maria de) — 23

- Moraes (Prudente de) — 253, 254, 268, 269, 272, 276, 277,
 278, 279, 283, 288, 294, 299, 321, 326, 330, 332
 Moreira Cesar (Coronel) — 322, 329
 Mucuri (Barão de) — 26
 Oliveira Viana — 17
 Ouro Preto (Visc. de) — 94
 Oliveira (D. Maria de) — 20
 Paes de Barros — 33
 Palm (Frederico) — 342
 Palma (Des. José Joaquim de) — 189, 227, 286
 Paranaguá (Marq. de) — 111, 125, 130, 132, 139
 Paula Souza — 33
 Pedro II (Dom) — 108
 Peixoto (Marechal Floriano) — 209, 210, 211, 213, 254, 263,
 267, 268, 270, 277, 278, 283, 294, 322, 326, 330, 337
 Penna (Afonso) — 134
 Pentado — 33
 Pereira (José Clemente) — 23
 Pereira (Cons. Lafayette Rodrigues) — 105
 Pereira (Manuel Vitorino) — 254, 299
 Pereira de Souza (Pedro Luiz) — 126
 Pinheiro (Comte. Carlos de Araujo) — 247
 Pinheiro (Dr. José de Azevedo) — 246
 Pinto Lima (Barão de) — 92, 93
 Pinto de Mendonça — 90
 Pires Ferreira — 130
 Pires (Homero) — 53, 169, 241, 337
 Pizarro (Dr. João Joaquim) — 254
 Pomba! (Marq. de) — 22, 131
 Pontes (Rodrigo de Souza Silva) — 31
 Portella (Dr. Bartolomeu) — 342
 Powell — 269, 284, 295
 Prado — 33
 Prado (Eduardo) — 257
 Queiroz (Euzébio de) — 33

- Rabello (Cesar) — 163
 Rabello (D. Maroquinha Jacobina) — 163
 Ramirez (Angelo) — 153
 Ramos de Queiroz — 98
 Rasfriardino — 222
 Regras (João das) — 13
 Reparaz (G. de) — 20
 Rezende (Barão Geraldo de) — 46, 72, 154, 264
 Rezende (Baronesa Geraldo de) — 61, 72, 80, 86, 144, 264, 286
 Rheingantz — 187
 Ribeiro (Candido) — 41
 Ribeiro (Demétrio) — 152, 329
 Ribeiro (Manuel Gomes) — 332
 Rodrigues Alves — 288
 Rodrigues (José Carlos) — 282, 323, 325, 330, 331, 332, 333, 336
 Rodrigues Silva (Sen. Firmino) — 44
 Romero (Silvio) — 153
 Rosa (Sen. Francisco Octaviano de Almeida) — 44, 67, 91, 125
 Rosa e Silva (Cons. Francisco de Assis) — 272
 Rosário (Barão do) — 257
 Rose (Morton) — 254
 Rotschild — 263, 291, 282, 284, 298
 Ruy (Afonso) — 241
 Ruy Barbosa (Alfredo) — 109, 159, 164, 170, 177, 182, 204, 219, 250, 256, 275, 289, 291, 309
 Ruy Barbosa (João) — 158, 161, 164, 166, 171, 175, 177, 182, 189, 191, 196, 201, 203, 224, 275, 312
 Ruy Barbosa (D. Maria Augusta Viana Bandeira) — 90, 92, 93, 96, 97, 104, 109, 111, 118, 128, 129, 136, 137, 138, 141, 142, 144, 145, 147, 149, 157, 160, 162, 165, 168, 171, 174, 177, 180, 189, 193, 196, 198, 199, 201, 203, 211, 215, 222, 224, 242, 243, 246, 247, 248, 250, 251, 261, 264, 275, 287, 290, 291, 294, 302, 308
 Ruy Barbosa (D. Maria Luiza Vitória) — 248, 249, 291, 308, 313, 335

- Sá (Lourenço de) — 290
 Sá de Miranda — 44
 Sacy (Silvestre de) — 100
 Saldanha Marinho (Cons. Joaquim) — 331
 Sanches de Baena (Visc. de) — 20
 Sant'Ana Nery (Barão de) 326
 Santa Escolástica (D. Fr. José de) — 24
 São Francisco (Barão de) — 57
 São José (Dom Rodrigo de) — 21
 São Lourenço (Visc. de) — 54, 67
 Sarava (Cons. José Antônio) — 95, 99, 108, 111, 148, 149
 Seixas (Domingos Rodrigues) — 41
 Serpa (D. Inácia Soares) — 26
 Silva Rego (Dr. João Carneiro) — 23, 30
 Silveira Martins (Cons. Gaspar da) — 35
 Silveira (Mousinho da) — 14
 Simas (José) — 172
 Simas (D. Maria Luiza Soares) — 27, 36
 Siqueira Queiroz (João de) — 57
 Swift — 246
 Soares (Coronel Carlos) — 341
 Sodré Pereira (Jerônimo) — 119
 Souza Barros (Luiz Antônio de) — 33
 Souza e Castro (Manuel de) — 21
 Souza (Brig.^o Luiz Antônio de) — 32
 Souza Queiroz (Barão de) — 33
 Souza Queiroz (Coronel Francisco Inácio de) — 32
 Tarrayo (Isaac) — 206
 Torres Homem (Cons. Francisco de Sales) — 57
 Traipú (Barão de) — 332
 Valença (Marq. de) — 31, 32
 Valença (Marquesa de) — 33
 Varnhagen — 15
 Veiga (Dídimo Agapito da) — 290
 Vergueiro — 33

- Viana (D. Elisa) — 189, 199
Viana (D. Escolástica) — 189, 199
Viana (D. Guilhermina) — 189, 199
Viana (João Luiz) — 160, 165, 168, 170, 182, 189, 191, 197,
217, 222, 226, 240, 241, 252, 287, 301
Vidreira (José Carrilho) — 206
Vicira (Pe. Antônio) — 16, 18
Wandenkolk (Almte. Eduardo) — 286
Whitaker — 33
Whiteley — 258
Yoakam (Alberto) — 179
Zama (Cesar) — 88

ALGUMAS DAS EDIÇÕES

DA

COMP. EDITORA NACIONAL

SÃO PAULO - RIO - BAHIA - RECIFE - LISBOA

André Maurois:	Vol. Br.
A VIDA DE DISRAELI — Trad. de Godofredo Rangel	7\$000
Giovanni Pappini:	
HISTORIA DE CHRISTO Trad. de Godofredo Rangel	8\$000
A VIDA DE SANTO AGOSTINHO — Trad. de Godofredo Rangel	6\$000
Rudyard Kipling:	
MOWGLI, O MENINO LOBO — Trad. de Monteiro Lobato (Vol. I da Collecção "Terramarear")	3\$000
JACALA, O CROCODILO — Trad. de Monteiro Lobato (Vol. XV da Collecção "Terramarear")	3\$000
KIM — Trad. de Baptista Pereira (Vol. II das "Obras Primas Universaes")	8\$000

Mahatma Gandhi

O GUIA DA SAUDE — Trad. de Godofredo Rangel (Vol. II de "Obras Educativas") 5\$000

Jack London:

CANINOS BRANCOS — Trad. de Monteiro Lobato (Vol. XII da Col. "Terramarcar") 3\$000

O LOBO DO MAR — Trad. de Monteiro Lobato (Vol. I das "Obras Primas Universaes"). 7\$000

Mark Twain:

O PRINCIPE E O POBRE — Trad. de Paulo de Freitas (Vol. XIII da Collecção "Terramarcar") 2\$000

AS AVENTURAS DE HUCK — Trad. de Monteiro Lobato (Vol. XIX da Collecção "Terramarcar") 8\$000

Erle Cox:

A ESPHERA DE OURO — Trad. de Agrippino Grieco (da Col. "Para Todos") . 6\$000

Edgar Rice Burroughs:

AS FÉRAS DE TARZAN — Trad. de Medeiros e Albuquerque (Vol. XII da Collecção "Terramarcar") 3\$000

O FILHO DE TARZAN — Trad. de Godofredo Rangel (da Col. "Terramarcar") . 3\$000

H. G. Wells:

O HOMEM INVISIVEL — Trad. de Monteiro Lobato (da Collecção "Para Todos") 5\$000

Robert-Louis Stevenson

A ILHA DO TESOURO — Trad. de Alvaro Eston (Vol. VIII da Collecção "Terramarear") 2\$000

O CLUBE DOS SUICIDAS — Trad. de Godofredo Rangel (Vol. da Collecção "Para Todos") 5\$000

Gustavo Le Rouge:

O NAUFRAGO DO ESPAÇO 3\$000

E
O ASTRO DO TERROR — Trad. de Adriano de Abreu (Vols. XIV e XXII da Collecção "Terramarear") 3\$000

ALGUNS VOLUMES DA
A NOVA BIBLIOTHECA DAS MOÇAS

Volume br. 3\$000 — Enc. 5\$000

Eleanor H. Porter — POLLYANNA — Tradução de Monteiro Lobato.

POLLYANNA, MOÇA — Trad. de Monteiro Lobato

Elinor Glyn — O "IT" — Tradução de Godofredo Rangel.

Oliver Sandys — A PEQUENA DA CASA SLO-
PER — Tradução de Paulo de Freitas.

Jeanne Perdriel-Vaissiere — O BOSQUE EN-
CANTADO. — Tradução de Gustavo Barroso.

Kate Douglas Wiggin — SONHO DE MOÇA —
Tradução de Agrippino Grieco.

Berta Ruck — AMOR SUBCONCIENTE — Tra-
dução de Adriano de Abreu.

May Christie — ALEGRIA DE VIVER — Tradução
de Livio Xavier.

Pierre de Coulevain — NOBREZA AMERICANA
— Tradução de Moacyr Deabreu.

OUTRAS BOAS TRADUÇÕES

Elinor Glyn — SEU UNICO AMOR, A CEGUEIRA
DE AMOR.

M. Dolly — VENCIDO!, REI DE KIDJI, ELFRIDA,
MAGALI, FREIRINHA, FIM DE UMA WAL-
KYRIA, ENTRE DUAS ALMAS.

T. Trilby — UMA MOÇA DE HOJE, SONHO DE
AMOR.

Concordia Merril — CASADA POR DINHEIRO,
ADÃO E ALGUMAS EVAS CASAMENTO
POR VINGANÇA, A MALTRAF. A, O HO-
MEM SEM PIEDADE.